

KATE BATEMAN

ESPIÕES & SEGREDOS

Um Coração Falsificado



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

KATE BATEMAN

ESPIÕES & SEGREDOS

Um Coração
Falsificado



Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Epígrafe
5. Capítulo1
6. Capítulo2
7. Capítulo3
8. Capítulo4
9. Capítulo5
10. Capítulo6
11. Capítulo7
12. Capítulo8
13. Capítulo9
14. Capítulo10
15. Capítulo11
16. Capítulo12
17. Capítulo13
18. Capítulo14
19. Capítulo15
20. Capítulo16
21. Capítulo17
22. Capítulo18
23. Capítulo19
24. Capítulo20
25. Capítulo21
26. Capítulo22
27. Capítulo23
28. Capítulo24
29. Capítulo25
30. Capítulo26
31. Capítulo27
32. Capítulo28
33. Capítulo29
34. Capítulo30
35. Capítulo31
36. Capítulo32
37. Capítulo33
38. Capítulo34
39. Capítulo35
40. Capítulo36

41. [Capítulo37](#)
42. [Capítulo38](#)
43. [Capítulo39](#)
44. [Capítulo40](#)
45. [Capítulo41](#)
46. [Capítulo42](#)
47. [Capítulo43](#)
48. [Capítulo44](#)
49. [Capítulo45](#)
50. [Capítulo46](#)
51. [Capítulo47](#)
52. [Capítulo48](#)
53. [Capítulo49](#)
54. [Capítulo50](#)
55. [Capítulo51](#)
56. [Capítulo52](#)
57. [Capítulo53](#)
58. [Capítulo54](#)
59. [Capítulo55](#)
60. [Capítulo56](#)
61. [Capítulo57](#)
62. [Capítulo58](#)
63. [Capítulo59](#)
64. [Capítulo60](#)
65. [Capítulo61](#)
66. [Capítulo62](#)
67. [Epílogo](#)
68. [Mais da Série](#)
69. [Sobre a Autora](#)
70. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

Um Coração Falsificado

KATE BATEMAN



1ª Edição



Ribeirão Preto/SP



Título Original A Counterfeit Heart
Secrets and Spies Series
Copyright © 2020 Kate Bateman
Copyright da tradução©2022 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Marcos AD Barros
Revisão: D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

B329lbe

Bateman, Kate

Título: Um Coração falsificado (recurso eletrônico) © 2022 Leabhar
Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP-

Tradução de: A Counterfeit Heart ©2020 Kate Bateman

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-011-0

1. Romance de Época. 2.Americano. 3. Barros, Marcos AD. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de Setembro, 1851 coj.1
CEP: 14025-200 - RP/SP – Brasil.
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com
www.leabharbooks.com



“Me ame ou me odeie. Ambos estão a meu favor... Se me ama, sempre estarei em seu coração... Se me odeia, sempre estarei em sua mente.”

Anônimo.

CAPÍTULO I

Bois de Vincennes, Paris, 16 de abril de 1816.

Não demorou muito para queimar uma fortuna.

— Não jogue assim! Ventile o papel. Precisa deixar o ar chegar até ele.

Sabine de la Tour enviou a seu melhor amigo, Anton Carnaud, um olhar exasperado e jogou outro maço de notas no fogo. Ardeu, então pegou com um clarão brilhante, enrolando e carbonizando em um instante.

— Esses são todos os francos. Passe-me alguns rublos.

Outro chumaço de gordura juntou-se à conflagração. Pequenos jorros de verde e azul saltaram, enquanto as chamas consumiam a tinta. A intensidade do fogo aqueceu suas bochechas, então deu um passo para trás e inclinou a cabeça, para ver as brasas flutuando no céu noturno. Foi um final adequado, realmente. Quase como uma pira funerária, a prova mais contundente de Philippe Lacorte, notório falsificador francês, virando fumaça. Sabine reprimiu a mais leve pontada de arrependimento.

Olhou para Anton. — É estranho, não acha? — Fazer a coisa certa uma vez.

Ele balançou a cabeça taciturnamente — Parece errado. — depois enfiou uma pilha de *gülden* austríacos no fogo, com um pedaço de pau — Quem, em sã consciência, queima dinheiro? É como levar um canivete a um Rembrandt.

Sabine cutucou seu ombro, bem acostumada com seus resmungos.

— Sabe que estou certa. Se o gastarmos, não seremos melhores do que Napoleão. Esta é nossa chance de virar uma nova página.

Anton adicionou outro maço de notas ao fogo, com uma expressão de dor.

— Acontece que gosto de ser criminoso. — resmungou. — Além disso, nós ganhamos todo esse dinheiro. Parece justo que devamos gastá-lo. Ninguém saberia. Suas falsificações são tão boas, que ninguém consegue notar a diferença. O que são alguns milhões de francos no grande esquema das coisas?

— Nós saberíamos. — Sabine franziu a testa para ele. — A verdade é a coisa mais elevada que o homem pode guardar.

Anton revirou os olhos — Não comece a citar gregos mortos para mim.

— Esse é um inglês morto. — ela sorriu ironicamente. — Geoffrey Chaucer.

Anton fungou, impressionado por qualquer coisa que viesse do lado oposto do canal e, portanto, para ele, errado. Espalhou um punhado de *assignats* nas chamas.

— Aprecia a ironia de tentar ser um falsificador honesto, não é?

Foi a vez de Sabine revirar os olhos.

Anton olhou-a, de maneira provocadora e compassiva.

— É porque é meio-inglesa. Todo mundo sabe que os ingleses são loucos. A sua metade francesa sabe o quanto poderíamos nos divertir. Pense nisso, chérie, vestidos de baile, diamantes, banquetes! — seus olhos adquiriram um brilho distante e sonhador — Mulheres, vinho, música! — Deu um magnífico encolher de ombros gaulês. — *Mais, non.* Ouve a metade inglesa. A metade que é chata e maçante e...

— Respeitadora da lei? — Sabine sugeriu asperamente. — Sensível? A metade que quer manter meu pescoço firmemente preso aos ombros, em vez de em uma cesta na frente da guilhotina?

Mordeu o lábio, quando uma onda de culpa a assaltou. Anton corria o risco de perder a cabeça por causa dela. Por anos, ele protegeu sua identidade, agindo como representante público de Philippe Lacorte. Lidou com todos os personagens desagradáveis, que queriam suas habilidades de falsificador, enquanto ela permanecia felizmente anônima. Até mesmo o homem que supervisionou a operação de falsificação do próprio imperador, o general Jean Malet, não sabia o nome real do evasivo falsificador que empregou. Nunca vira Sabine, como algo mais do que uma assistente atraente, na gráfica da Rue du Pélican.

Agora, com Napoleão exilado na ilha de Santa Helena e Savary, seu temido chefe da polícia secreta, também banido, o general Malet era o único que sabia da existência da fortuna falsa, que o imperador reunira para encher seus cofres.

A fortuna que Sabine acabara de liberar.

Anton franziu a testa para as chamas. O brilho rosa destacou seus traços esculpido e Sabine o estudou desapaixonadamente. Conhecia-o muito bem, para nutrir qualquer sentimento romântico por ele, mas não havia dúvida de que ele tinha um perfil muito bonito. Infelizmente, era um perfil que o General Malet podia reconhecer facilmente.

Como se estivesse lendo sua mente, Anton disse:

— Por falar em guilhotinas, Malet ficaria feliz em me ver em um *tumbrel*. Está em busca de sangue. E sou seu principal suspeito.

— É por isso que o estamos tirando daqui — disse Sabine. — O barco para a Inglaterra parte ao amanhecer. Temos dinheiro suficiente para nos levar até Londres.

Anton bufou frustrado e apontou para o fogo — Caso não tenha notado, temos uma pilha de dinheiro certo...

Fez-lhe uma carranca de advertência. — Não. Não estamos usando falsificações. É hora de começarmos a fazer as coisas legalmente. Este senhor inglês está tentando contratar os serviços de Lacorte há meses. Um trabalho para ele e poderemos pagar sua passagem para Boston. Estará a salvo de Malet para sempre.

— Pode ser uma armadilha. — Anton murmurou sombriamente. — Este Lovell diz que quer empregar Lacorte, mas estivemos em lados opostos da guerra nos últimos dez anos. Os ingleses não são confiáveis.

Sabine soltou um suspiro fraco e frustrado. Era um risco entregar-se nos braços do inimigo, procurar o único homem que ela passara meses evitando. Seu coração batia na garganta ao pensar nele. Richard Hampden, Visconde Lovell. Ela o tinha visto apenas uma vez, semanas atrás, mas a memória estava gravada no cérebro.

Ele, mais que qualquer pessoa, esteve mais perto de desmascará-la. Seguiu a trilha de Lacorte até a porta dela, como um cão de caça atrás de uma raposa. Anton reconheceu seu perseguidor e sibilou um aviso; Sabine mal teve tempo de se esconder atrás da porta dos fundos e apertar o olho, em uma abertura na madeira, antes que o sino acima da entrada tilintasse e ele entrasse na gráfica.

Estava quase escuro lá fora; os lampiões tremeluzentes lançaram longas sombras ao longo da Rue du Pélican. Sabine apertou os olhos, tentando distinguir suas feições, mas tudo o que podia ver era que era alto; ele se abaixou para entrar pela porta baixa. Ela ergueu as sobranceiras. Portanto, este era o implacável Lorde Lovell.

Não pela primeira vez, amaldiçoou sua miopia. Muitas horas de trabalho apertado significavam que qualquer coisa, a mais de três metros de distância, estava frustrantemente embaçada. Ele se aproximou, mais para dentro da loja - enfraqueceu seus joelhos, revirou o estômago.

Sabine prendeu a respiração. Todas as informações que ela reuniu sobre seu inimigo das vagas tentativas de descrição tipicamente masculinas de Anton não a prepararam de forma alguma para a realidade visceral de parar o coração.

Tecnicamente, Anton estava correto. Richard Hampden tinha mais de um metro e oitenta de altura e cabelos castanhos médios. Mas esses fatos básicos não conseguiram transmitir a presença magnética absoluta de sua estrutura esguia e de ombros largos. Não havia gordura sobressalente em torno de seus quadris, nenhuma palidez prejudicial à saúde em sua pele. Movia-se como água, com uma graça líquida, que sugeria poder silenciosamente contido, um animal no auge de sua forma física.

Anton calculou sua idade entre 28 e 35 anos. Certamente, Hampden não era um cachorrinho; seu rosto apresentava as linhas duras e os ângulos agudos da experiência, em vez da aparência arredondada da infância.

Sabine estudou a severidade elegante de seu casaco azul escuro, as calças de joelho claras, delineando pernas longas e musculosas. Não havia nada de notável nas próprias roupas para fazê-lo se destacar na multidão, mas havia algo nele que chamava atenção. Isso a atraiu e manteve-se firme.

Sua vida, muitas vezes, dependia da capacidade de identificar corretamente homens perigosos. Todos os sentidos que possuía lhe diziam que o homem falando com Anton era muito perigoso, de fato.

Sabine pressionou a testa nas tábuas ásperas e praguejou baixinho. O inglês se virou, quase como se a sentisse espreitando atrás da porta, e tudo dentro dela se acalmou. Algo - um instante de consciência, quase de

reconhecimento - disparou por ela, quando viu seu rosto por completo. De todas as coisas para as quais estava preparada, não imaginara isso: o visconde Lovell era magnífico.

E então ele voltou sua atenção para Anton, e ela soltou um suspiro trêmulo de alívio.

Sonhava com ele desde então. Sonhos perturbadores e confusos em que ela estava sempre correndo, ele a perseguindo. Acordava no mesmo instante em que era capturada, seu coração batendo forte, em uma curiosa mistura de pânico e desejo intrincado.

Sabine balançou a cabeça em sua própria tolice. Que sorte conceber uma atração instantânea, pelo homem menos adequado da Europa. A ideia de encará-lo novamente a fez estremecer com partes iguais de antecipação e medo, mas ele era a resposta óbvia para seu dilema atual. Tinha dinheiro; ela precisava de fundos. *Voilà tout*.

Pelo menos, agora, estava preparada. Afinal, um dos princípios básicos da guerra era — conheça o seu inimigo.

Sabine puxou sua capa com mais segurança ao redor dos ombros e observou Anton colocar o resto do dinheiro nas chamas. As brasas voaram para cima, como uma nuvem de borboletas brilhantes.

Quando tudo isso acabasse, seria como uma fênix. Philippe Lacorte desapareceria e Sabine de la Tour emergiria das cinzas, para recuperar a identidade que havia abandonado há oito anos. Viveria uma vida normal. Mas ainda não. Havia ainda muito que fazer.

Sabine escovou as saias e pegou a bolsa que fizera para viajar. Havia algo bastante patético no fato de que toda sua vida coubesse em uma única valise. Endireitou os ombros e olhou para Anton — Venha, vamos. Antes que alguém veja a fumaça e decida investigar.

Não podiam ir para casa, para a gráfica na Rue du Pélican. Seu coração apertou quando se lembrou da cena que os saudara anteriormente. Malet já havia destruído o lugar, procurando por “seu” dinheiro. Seu estômago deu uma guinada nauseante quando sofreu a carnificina. Livros retirados das prateleiras, pinturas arrancadas das paredes, telas rasgadas. Mapas antigos destruídos, gavetas puxadas para fora e derrubadas. A casa deles, seu santuário, nos últimos oito anos, foi totalmente saqueada.

Mas houve triunfo em meio à perda. Malet não encontrou Anton nem o dinheiro. E se Sabine tivesse algo a ver com isso, ele nunca teria.

Anton ergueu os dois sacos de notas inglesas, que haviam sido poupadas das chamas, enquanto Sabine dava as costas a Paris. Pela primeira vez, em oito longos anos, estava livre.

Era hora de rastrear Lorde Lovell.

Três dias depois, Londres, 22h45min.

Sabine pressionou a mão contra o estômago, em uma tentativa vã de acalmar seus nervos. Não podia desistir agora; viera para esta casa imponente com o único propósito de fazer uma proposta ao homem. Endireitou os ombros e respirou fundo para se acalmar. Era a maior falsificadora da Europa. Poderia fingir qualquer coisa. Mesmo uma confiança, que estava longe de sentir.

A *Upper Brook Street*, número cinco, ficava no enclave exclusivo e aristocrático de *Mayfair*. À leste, erguiam-se as grades arborizadas de *Grosvenor Square*. Para o oeste, carruagens passavam ruidosamente pela *Park Lane* e, além dela, ficava a escuridão expansiva do *Hyde Park*.

Mesmo a essa hora tardia, as ruas estavam movimentadas. *Link-boys* com tochas acesas, de piche e reboque, corriam ao lado de poltronas transportando as pessoas de e para os entretenimentos noturnos, ou seguiam os pedestres para iluminar o caminho de casa, em troca de um centavo.

Sabine subiu o lance de escada raso em frente à casa. A aldrava era tão brilhante que podia ver seu próprio rosto refletido; o nariz do leão rosnando distorceu suas feições, para que não parecesse mais do que um borrão de cabelo escuro e olhos escuros. O metal pesado caiu contra a madeira preta, com um estalo que soou como um tiro de arma de fogo.

Um servo idoso atendeu, vestido com libré escura. Se ficou surpreso ao ver uma mulher sozinha na porta de seu mestre, quase onze horas da noite, não deu nenhum sinal. Claramente era bem treinado e discreto. Ou talvez não fosse uma ocorrência tão incomum, Sabine pensou ironicamente.

Ergueu espessas sobrelanceiras cinzentas.

— Posso ajudá-la, senhora?

Sabine reprimiu um sorriso. Aparentemente, vinte e quatro anos era muito, para ainda ser chamada de ‘mademoiselle’. Esforçou-se para lembrar o tom educado e inglês de sua mãe.

— Sim, pode. Estou aqui para ver o visconde Lovell.

— E a quem devo anunciar? — O semblante impassível do mordomo não revelou coisa alguma.

Sabine inclinou a cabeça.

— Alguém cujo conhecimento ele vem procurando há muito tempo. Por favor, dê-lhe isso. — tirou de sua capa a carta que havia preparado.

O mordomo a pegou e ela esperou para ver se a levaria para dentro ou a faria esperar na porta. Talvez ele a mandasse pelos fundos, para a entrada dos criados. Por algum motivo, o pensamento a fez sorrir.

Em vez disso, ele abriu a porta e indicou que ela entrasse.

— Se quiser esperar aqui, senhora, informarei ao *milorde* de sua visita.

Sabine deu um aceno imperioso, como se não fosse mais do que ela esperava.

— Por favor, faça-o. Tenho certeza de que ele vai querer me ver.

Olhou ao redor do corredor, enquanto o mordomo se afastava. Era adequadamente grandioso, para a residência de um visconde, com piso de ladrilhos preto e branco e uma imponente escadaria, curvando-se em direção aos níveis superiores. As portas de mogno escuro que davam para o corredor estavam todas fechadas. Não havia estado em lugar tão elegante em anos, mas não se intimidaria. Havia morado em uma casa tão grande quanto esta, uma vez.

Um laçao magricela, saindo de baixo da escada, a olhou com desconfiança, como se ela pudesse estar pensando em roubar alguma coisa. Sabine parou divertidamente, enquanto ele observava sua aparência, avaliando silenciosamente seu valor líquido e posição social com um olhar.

A curva desdenhosa de seu lábio disse a ela sua conclusão. Sem dúvida, seu sotaque a pronunciava como uma das odiadas francesas, e ele, claramente, supôs que era uma amante do sexo feminino, uma fêmea de canalha. Os olhos dele desviaram-se insultuosamente para o estômago dela e ela reprimiu outro sorriso. Supôs que ela estaria grávida? Veio informar sua senhoria de sua delicada condição? Ah! Sabine chamou sua atenção e devolveu seu olhar insolente com o dela.

Ele baixou os olhos primeiro.



— O senhor tem visita, milorde.

Richard Hampden, visconde de Lovell, olhou para o relógio dourado ornamentado sobre a lareira e ergueu uma sobranceira escura para seu mordomo.

— Nesta hora? — O relógio marcava cinco minutos para as onze. Ele e Raven só pararam na biblioteca, para um copo de conhaque, antes de irem para o *White's*.

O servo idoso fez uma reverência. — Uma mulher, milorde.

Richard estreitou os olhos para a estudada falta de entonação de seu mordomo — e escolha cuidadosa do substantivo.

— Que tipo de mulher? Uma dama? Ou uma mulher? Porque é uma distinção importante, como bem sabe.

O mordomo se endireitou, seu semblante impassível desmentido pelo brilho divertido em seus olhos.

— Não cabe a mim dizer, senhor. Não me atreveria a ser tão ousado, a ponto de arriscar uma opinião. Basta dizer que ela está desacompanhada.

Um sorriso contraiu os lábios de Richard.

— Hodges, é o modelo da diplomacia. Castlereagh poderia tê-lo dispensado no Congresso de Viena. Não diga mais. Nenhuma senhora visitaria a casa de um cavalheiro sozinha — o que a torna ainda mais interessante.

Seu melhor amigo, William Ravenwood, Marquês de Ormonde, franziu

a testa.

— Se está esperando uma mulher, Richard, estou fora.

— Não estou esperando ninguém. — Richard deu um gole em seu excelente conhaque.

— Terminei com Caro Williams há quinze dias. E mesmo se não tivesse, nunca recebo minhas amantes aqui.

Hodges ainda estava vagando pela porta. Pigarreou e ofereceu uma missiva dobrada.

— Ela parecia confiante de que o senhor a veria. Pediu-me que lhe desse isto.

Richard largou o copo e pegou o papel, quando Hodges falava novamente.

— E embora fale inglês, milorde, seu sotaque é decididamente francês.

Raven ergueu as sobrancelhas para o tom de desaprovação do mordomo.

— Francesa, hein? E inclinou-se para frente, tentando ler por cima do ombro de Richard.

— O que está escrito? É uma carta de amor?

Richard abriu a mensagem e congelou.

— O que é? — Perguntou Raven.

Richard deu uma risada incrédula.

— É um convite. Para vir aqui esta noite, às onze horas. Escrito por mim mesmo, aparentemente.

Ele virou o papel para que Raven pudesse inspecionar a cópia perfeita da própria assinatura de Richard no final da página.

Raven sorriu.

— Quão empreendedor. Vou dizer uma coisa, Richard, é extraordinário até onde as mulheres chegam para chamar sua atenção.

Richard meio riu, meio gemeu. O assunto de sua popularidade com o belo sexo era algo que achava alternadamente divertido e desagradável.

— Suponho que já se espalharam notícias sobre ter dado um fim à relação com Caro. Raven riu, com toda a satisfação presunçosa, de um homem casado e feliz, não perseguido por um imenso regimento de mulheres.

Richard fez uma careta.

— Tive de fazê-lo - conhece minhas regras. Três meses, não mais. Sem virgens. Sem esposas. Sem exceções.

Como sistema, tem funcionado excepcionalmente bem nos últimos anos. Nenhuma das mulheres com quem conviveu nutria qualquer falsa expectativa de casamento. Ambos os lados entraram no namoro, sabendo que era baseado em exclusividade e prazer mútuos, e ao acabar, separação amigável. Nunca conhecera uma mulher da qual não pudesse se afastar.

O único problema era que, sempre que ele terminava com uma mulher, havia uma corrida louca e indigna, para ser a próxima da fila. As coisas ficaram ainda piores, desde que seu pai herdou o condado. Richard fora elevado a visconde de Lovell, herdeiro do conde de Lindsey, e as mulheres se

tornaram ainda mais atenciosas. A falta de um desafio decente era totalmente deprimente. E, apesar de suas preferências expressas publicamente, cada uma delas parecia convencida de que seria a exceção com a qual se casaria.

Olhou para Raven. — Essa é sua ideia de piada?

Raven ergueu as mãos. — Nada a ver comigo, juro. Não tenho ideia de quem ela é.

Richard estudou a caligrafia de perto. Se não soubesse, teria jurado que, realmente, era sua própria assinatura. Quem, diabos, teria a audácia de apresentá-lo com o que era, obviamente, uma nota falsa? E onde, diabos, conseguiriam uma cópia de sua assinatura, em primeiro lugar?

Seu pulso acelerou em antecipação. Nada como um novo desafio para animar as coisas.

Hodges ainda estava pairando, esperando instruções.

— Ela disse mais alguma coisa? — Richard perguntou.

— Não disse, senhor.

Richard se levantou com um sorriso. Estava tão entediado recentemente. Talvez sua convidada misteriosa pudesse curar seu atual estado de tédio.

— Bem, então. É melhor vermos o que ela quer.

CAPÍTULO 3

O servo desaprovador pegou o manto de Sabine com todas as evidências de desgosto, como se sua precariedade fosse ofensiva. Ou contagiosa. Tentou aliviá-la de sua bolsa de viagem também, mas ela a manteve firmemente apertada na alça e fez uma careta. Ele, obviamente, decidiu que uma luta pela posse estava abaixo de sua dignidade e deixou que ela portasse sua própria bolsa.

A porta à sua direita se abriu. Dois homens estavam parados na porta, ambos igualmente bonitos, mas ela dispensou o de cabelo preto, quase imediatamente. Foi o segundo rosto que chamou sua atenção. O rosto que havia assombrado seus sonhos por semanas.

O olhar interrogativo de Richard Hampden encontrou o dela, que murmurou uma frase mais adequada para as sarjetas de Paris, do que uma elegante casa de Londres. Seu pulso acelerou, latejando na garganta, e, pela primeira vez, entendeu o que Anton quisera dizer quando mencionou que Lorde Lovell tinha — *olhos de lobo*. — A cor marrom âmbar incomum era de tirar o fôlego. E extremamente enervante.

Na viagem da França, convenceu-se de que havia exagerado seu magnetismo físico. Ele não poderia ser tão bonito e intimidador quanto ela se lembrava. Construiu-o em sua mente, como um semideus incomparável, e esperava que a realidade fosse totalmente decepcionante.

Não havia exagerado. Se esquecera qualquer coisa, fora talvez o efeito total daquele corpo longo e esguio, aquele ar automático de comando. Seu corpo inteiro formigou de alarme.

O homem de cabelos escuros a avaliou em um olhar longo e especulativo e executou uma reverência graciosa.

— *Madame*. — passou por ela e aceitou o casaco do servo insolente, com um murmúrio de agradecimento.

— Vou desejar-lhes boa noite. Richard. Aproveite o resto de sua noite.

Sua voz continha risos, mas Sabine mal o ouviu. Estava enraizada no lugar, incapaz de desviar o olhar do homem alto, emoldurado na porta.

A porta da frente se fechou com um clique. Em algum lugar, um relógio bateu onze horas.

As sobranceiras escuras de Richard Hampden se ergueram. Ele a estudou com um sorriso preguiçoso e ergueu o convite que ela trouxera entre dois dedos longos.

— Parabéns, madame. Tem toda a minha atenção. — Recostou-se no batente da porta e indicou que ela o precedesse para dentro da sala, com um movimento de braço. — Entre.

A pulsação de Sabine martelou em seu peito, mas ela apertou os punhos e deu um passo à frente. Ela era Philippe Lacorte. Prosperava no perigo. Isso não era nada.

Ele não se moveu para o lado quando ela se aproximou. Passou por ele, determinada a não vacilar, e seu braço direito fez um contato breve e formigante com o dele. Ela ignorou a sensação enervante e caminhou, propositalmente, para o centro da sala. Uma breve olhada em seus arredores - uma biblioteca, com estantes altas e cadeiras e mesas variadas espalhadas - foi tudo o que conseguiu notar, antes que a porta se fechasse.

Ela se virou para encarar seu alvo e imediatamente recuou. Não o ouviu se mover, mas, de repente, ele estava bem na sua frente; seu peito largo e ombros bloquearam sua saída. Teve que inclinar a cabeça para trás, para ver seu rosto. Seu estômago vibrou, uma leveza estranha de pânico, e ela deu outro passo para trás, então se conteve. A retirada foi ruim. Homens como este, como Savary e Malet, governaram sua vida por muito tempo. Estava aqui para assumir o controle de seu destino.



A garota - não, mulher, corrigiu Richard; estava mais perto dos vinte e cinco do que dos dezesseis - olhou para cima e encontrou seu olhar e, por um breve e desagradável momento, seu cérebro parou completamente de funcionar.

Felizmente, a sensação durou apenas um momento. Uma pontada afiada de familiaridade a substituiu, como um soco no estômago, e seu corpo aqueceu em puro reconhecimento visceral. Ele a conhecia. E, ainda assim, nunca a tinha visto antes em sua vida. Nunca teria esquecido aquele rosto.

Suas feições eram delicadas, de aparência jovem. Sobrancelhas negras se destacavam contra a palidez de sua pele e os cílios fuliginosos faziam seus olhos parecerem quase marinhos. Seu cabelo estava preso na nuca, mas alguns fios brilhavam, com um brilho prateado de névoa, de fora. Os lábios dela o fizeram pensar em lençóis quentes e suados. Talvez ela parecesse familiar, por que a conjurou em suas fantasias mais eróticas?

Pegue-a. Fique com ela. Minha.

Richard suprimiu uma carranca. Seus instintos já o havia salvado de mais situações, de arrepiar os cabelos, do que ele gostaria de contar, mas, neste caso, algo deu muito errado.

Experimentou uma pontada aguda de decepção. Ela *teria* que ser uma vadia, vindo aqui sozinha a esta hora. Há quanto tempo ela está no comércio? Não muito, adivinhou. Não tinha a aparência cansada, que caracterizava a maioria das prostitutas que ele conhecia. Ou isso ou ela era uma atriz excelente. Talvez fosse esse o seu talento: fazer todo homem pensar que foi o primeiro a tocar aquela pele perfeita, a saborear aquela boca rosa suave.

Jamais se envolveu em ligações com o *demimonde*. Nunca precisou. As viúvas mais alegres e cortesãs mais talentosas de Londres acorriam a ele - quer ele quisesse ou não. Ainda assim, sentia-se tentado por esta. Era linda, mas não da maneira comum. Havia algo de duende em sua aparência, quase fada; levando-o a ter o pensamento repentino e bizarro de que, se ele se movesse muito rápido, ela simplesmente desapareceria no ar.

Sua roupa era modesta para uma cortesã, no entanto. Nada extravagante no vestido azul escuro, sem babados ou rendas espumosos. Não conseguia ver se ela usava algum anel - uma mão pequena agarrada à alça de uma valise, a outra escondida nas dobras de suas saias - mas não usava colar ou brincos. Nenhum tipo de adorno, na verdade.

Richard franziu a testa. Ela se exibia com muito orgulho para ser uma serva. Não havia deferência na maneira como ela encontrava seu olhar, apenas uma vigilância cautelosa. Seu interesse aumentou. Um enigma.

Ela ainda não havia dito uma palavra. Estava ciente do efeito que tinha sobre ele? Ou esperava que ele comesse a gaguejar como um imbecil? Não, não ele. Tinha quinze anos desde a última vez que a beleza de uma mulher o deixou sem palavras.

Ela o encarou de frente e ergueu o queixo. — É Richard Hampden? Lorde Lovell?

Seu sotaque era francês, como Hodges havia dito. Sua voz baixa e rouca, com uma leve inflexão musical. Um calafrio percorreu sua espinha com a maneira como disse seu nome. Não a pronúncia inglesa, com suas sílabas precisas e cortadas, mas a maneira francesa. Mais suave, mais líquido; *Ampden Ree-shard*. A maneira como saiu de sua língua foi uma carícia em si mesma.

Já era hora dele assumir o controle dessa situação. Ergueu uma sobrancelha, de uma maneira que sua irmã mais nova, Heloise, uma vez garantira ser irritante e altamente condescendente.

— De fato, sou. Mas não acredito ter tido o prazer, senhorita...

Ela dobrou os joelhos e colocou a valise no chão.

— De la Tour. — disse rapidamente. — Sabine de la Tour.

— Bem, senhorita de la Tour. Dado o seu estado desacompanhado e o adiantado da hora, suponho que está aqui para me fazer uma proposta. -

Ele esperou para ver como ela reagiria a esse pronunciamento ultrajante.

Suas sobrancelhas se ergueram e os cantos dos lábios se ergueram.

— É de se supor que assim seja.

Ele encolheu os ombros.

— Fui abençoado com uma combinação de rosto, forma, título e fortuna que parece irresistível. E não tenho certeza de que outra conclusão devo tirar. Acha aconselhável visitar o alojamento de um solteiro sozinho a esta hora da noite?

Ela inclinou a cabeça e ele foi momentaneamente distraído pelo brilho de diversão em seus olhos azul-marinho.

— Sua preocupação com meu bem-estar é comovente. Mas garanto que sou perfeitamente capaz de me defender, caso haja necessidade. Tenho uma pistola no bolso e não hesitarei em usá-la se, porventura, algo que fizer me alarmar.

Richard olhou para baixo. Uma de suas pequenas mãos estava realmente escondida em suas saias. — Bem, bem. — sentiu uma onda de raiva e

diversão. Ela foi tola em confiar em tal defesa. Poderia desarmá-la muito antes que ela disparasse, se quisesse. Mas permitiria que ela mantivesse a fantasia de segurança. Por enquanto.

— Lamento, teve uma jornada perdida. Não estou no mercado para uma amante. E mesmo se eu fosse, prefiro fazer a perseguição sozinho.

Ela sorriu, como se fosse uma piada particular.

— Não duvido. Parece-me um homem implacável em sua perseguição.

Examinou-o com um olhar de provocação e avaliação, e, pela primeira vez, ele entendeu o agudo desconforto que as jovens senhoras no Almack's devem sentir quando os homens as submetem a uma inspeção vagarosa, através de seus óculos interrogativos. Seu olhar quase inocente deslizou sobre seus ombros e peito e seu corpo aqueceu em resposta. Seus olhos baixaram. Longe de se esquivar da frente de suas calças, ela calmamente o contemplou por inteiro, até alcançar o brilho do espelho de suas botas. Uma onda quente de desgosto subiu por sua nuca. Insolente.

Trouxe seu olhar de volta para o dele, e havia uma risada zombeteira em sua voz.

— Estou tentada... mas estou aqui por um motivo totalmente diferente.

— E qual é?

— Estava parcialmente correto em sua avaliação. Quero seu dinheiro. Mas não em troca do meu corpo. Tenho algo que quer muito mais.

Ele duvidou disso. Seu corpo estúpido não conseguia pensar em nada que quisesse mais do que o dela enrolado em torno dele, suas mãos em toda aquela pele sedosa, sua boca nela...

Engoliu em seco para limpar a garganta. Ela ainda estava falando.

— Não sou uma prostituta. Ou pelo menos não no sentido convencional. Certamente tenho habilidades, pelas quais os homens pagam um bom dinheiro, mas meus talentos particulares atraem apenas uma, muito pequena, minoria.

O sorrisinho secreto no canto dos lábios dela o provocou. Ele se imaginou colocando sua própria boca ali, para limpá-lo. A que, diabos, tipo de talento ela estava se referindo?

O sorriso se aprofundou maliciosamente.

— Arriscaria dizer, Lorde Lovell, que, talvez, seja um dos dez homens em toda a Inglaterra que poderiam realmente apreciar minhas habilidades. E pagar em conformidade.

Ela inclinou a cabeça e ele tentou ignorar a linha suave de sua garganta que o movimento expôs. Realmente precisava contratar uma nova amante logo. Esta noite, de preferência. O celibato de quinze dias o estava transformando em um imbecil.

Estreitou os olhos.

— E quais são essas habilidades?

Ela ignorou a pergunta.

— Estou aqui porque está procurando um certo Philippe Lacorte.

CAPÍTULO 4

Richard se acalmou, sacudido de sua leitura erótica da boca de Sabine.

— Como sabe disso?

— Por que quer Lacorte? — ela rebateu.

Ele ergueu as sobrancelhas, em seu tom exigente.

— Pelo mesmo motivo que compro minhas botas na Hoby e meus casacos na Weston. Só emprego os melhores.

Suas camisas eram do mais fino linho. Pagou a extorsiva soma de dez guinéus por cada uma de suas gravatas. E Philippe Lacorte era, sem dúvida, o melhor falsificador da Europa.

— Que bom para o senhor Lacorte. — disse ela secamente.

— Tenho certeza de que ficaria lisonjeado com sua opinião elevada.

—Eu diria a ele na cara, mas ele é um homem muito evasivo.

Ela ergueu o ombro com elegância. — Talvez ele não quisesse ser encontrado. Especialmente pelo serviço secreto britânico.

Richard suprimiu outra sacudida de choque. Apenas uns poucos escolhidos sabiam que ele trabalhava como agente da coroa. Como ela soube? Era uma agente francesa? Jamais ouvira falar de uma operativa feminina, que correspondesse à descrição dela, mas isso não queria dizer que era impossível. O que mais ela sabia?

—Lacorte é o maior falsificador da França. Ou da Europa, por falar nisso. — disse ele com cuidado. —Tem sido um espinho em nosso lado por anos.

—Ah. Então, talvez esteja tentando encontrá-lo para matá-lo?

Ele franziu a testa.

— Não! Não queremos que ele seja prejudicado. Longe disso. O homem é um artista. Suas habilidades são valiosas demais, para serem desperdiçadas por eliminação. Queremos que ele trabalhe para nós.

As sobrancelhas escuras se ergueram.

— De fato? E o que o faz pensar que ele trabalharia para o senhor, monsieur? É - ou, pelo menos, era, até alguns meses atrás - o inimigo. Nossos países estão em guerra, caso não tenha notado, nos últimos dez anos.

Ela indicou com a mão que não estava em sua saia, para englobar o luxo inegável do ambiente. Seu lábio se curvou um pouco com desdém.

— Talvez não tenha notado, morando em um lugar assim.

Richard sentiu sua mandíbula apertar com a acusação dela.

— Percebi. Acredite em mim, *madame*, nenhum de nós deixou de ser afetado pela guerra.

Deu-lhe um olhar incrédulo, mas deixou passar.

Ele se acomodou na beirada da mesa e tentou não parecer ameaçador. Queria que ela relaxasse, para baixar a guarda.

— Lacorte não tem lealdade política particular, pelo que sei. Forneceu

tantas falsificações para Napoleão quanto para os emigrados que fugiam do país. Sabemos que criou passaportes e documentos de viagem falsos.

— Isso é verdade. *Monsieur* Lacorte trabalhou para monarquistas e bonapartistas, jacobinos e chouanos. Faz o que deve para sobreviver. -

Richard cruzou os braços sobre o peito. — Então me parece que o senhor Lacorte pode ser comprado.

Ela sorriu.

— De fato. Cada homem tem seu preço. Ou mulher, por falar nisso.

Richard franziu a testa, com a suave insinuação dela. Afinal, ela era uma prostituta? A metade inferior de sua anatomia o incentivava a pagar o preço que ela pedisse. Seu cérebro o lembrou de ignorar qualquer sugestão, feita por sua virilha estúpida.

— Por que quer saber do Lacorte? Ele mandou você?

— Digamos que estou em sua confiança. Conte-me mais sobre o trabalho que deseja que ele faça. E por quê? A Grã-Bretanha não tem seus próprios falsificadores, perfeitamente competentes?

— Duas razões. Em primeiro lugar, se Lacorte estiver trabalhando para nós, então não está lá fora, trabalhando para outra pessoa.

Seu sorriso era uma distração.

— Ah. A velha tática de “manter seus amigos por perto e seus inimigos por mais perto”. Quer ficar de olho em *Monsieur* Lacorte.

— Sim, nós fazemos. A segunda razão é que sabemos que ele já falsificou cartas de Napoleão. Quero que ele faça isso de novo.

Isso a surpreendeu. Uma ligeira ruga se formou entre aquelas sobrancelhas escuras.

— Cartas do imperador? Por que precisa delas? Ele está trancado em Santa Helena agora.

— Mas seus apoiadores ainda espalham lixo na Europa. A rede de espões, que ele montou aqui, ainda está ativa, trabalhando com traidores britânicos, que desejam promover sua própria revolução. — Richard balançou a cabeça. — Estive rastreando um grupo de antimonarquistas, aqui em Londres. Quero as falsificações de Lacorte para atraí-los.

— Hmm.

Deu-lhe um olhar calculista.

— Deve significar muito para Lacorte se ele confia em você para ser sua embaixadora.

Olhou-o com cautela. — Talvez.

— Então o que me impede de te deter? — ele perguntou suavemente. — Assim ele seria forçado a vir pessoalmente.

Seus olhos brilharam.

— Quer dizer além da minha pistola?

— Além disso.

Ela parecia irritantemente imperturbável por sua ameaça implícita. Seus olhos, escuros como uma tempestade, fixaram-se nos dele sem medo, mesmo

com uma pitada de desafio.

— Pode me manter como refém se quiser, milorde, mas garanto-lhe, se me prender, Lacorte nunca virá.

— Não se importa contigo? — incitou. — O que é para ele? A esposa? Uma amante?

Ela deu um pequeno bufo elegante.

— Não sou esposa de nenhum homem, *monsieur*. Mas pode-se dizer que Monsieur Lacorte e eu nos conhecemos intimamente.

Richard reprimiu um grunhido com a resposta deliberadamente obtusa dela. Havia sido amante de Lacorte no passado, então? Ignorou a pequena melhora em seu humor, com o pensamento de que ela poderia estar disponível agora. Virilha estúpida. Ele teve que...

— Eu sou Philippe Lacorte.

Richard piscou.

— Desculpa, o que disse?

Ela franziu os lábios. — Disse que sou quem está procurando. Eu sou Philippe Lacorte.



O diabo arrogante ergueu as sobrancelhas, em evidente descrença. Aqueles olhos de tigre cravados nos dela.

— Você? — falou lentamente. — Philippe Lacorte? Sério?

Ele puxou a última palavra em toda a sua extensão e Sabine suprimiu um bufo frustrado.

— Essa atitude é justamente o motivo pelo qual escolhi trabalhar com um nome falso. Pela simples razão de que os homens não concebem uma simples mulher sendo suficientemente habilidosa?

Resistiu ao impulso de revirar os olhos. Enfrentara tamanha idiotice por anos. Provava seu valor, uma e outra vez, em Paris.

Hampden se acomodou mais confortavelmente contra a mesa, como se estivesse se preparando para ouvir uma ficção divertida.

— Perdoe meu ceticismo, mas deve admitir que parece improvável. Em toda a história da falsificação, não consigo pensar em uma única mulher digna de nota.

Ela respirou fundo, para controlar seu temperamento fervente. Idiota condescendente.

— Claro que não pode. — disse docemente. — Só se ouve falar das falhas dos que são processados. Homens. As mulheres são boas demais para serem apanhadas. — encarou-o com um olhar rebelde, apenas desafiando-o a contradizê-la.

Ele inclinou a cabeça, muito divertido.

— Tudo bem, vou jogar. Suponhamos, por um segundo, que seja Lacorte. Explique isso. — Ergueu o convite forjado e acenou para ela.

— Se for responsável por isso, de onde conseguiu minha assinatura para

copiar?

— Há três meses, deixou um recado para Lacorte em Paris, numa gráfica da Rue du Pélican. Os assinou.

Seus olhos se estreitaram. — Era você? Aquela noite? Na sala dos fundos?

O calor floresceu sob sua pele, mas ela ergueu o queixo.

— Poderia ter sido.

Ele murmurou algo que soou como uma maldição.

— Bem, por mais que me doa contradizer uma senhora, — o tom de sua voz traiu aquela falsidade — não acredito em você. — recruzou as pernas compridas e ela tentou ignorar a distração do jogo dos músculos sob suas calças justas. — Disse-me que é Lacorte. Eu digo, prove.

Sabine inclinou a cabeça.

— Achei que precisaria de provas, é claro.

Ela hesitou. Precisava afrouxar o aperto da pistola em seu bolso, se quisesse prosseguir, mas estava cautelosa em renunciar a sua vantagem. A postura relaxada de Hampden contra a mesa fez pouco para diminuir sua presença física intimidante. Mas que outra opção teria? Forçou seus dedos a soltar a coronha e deixou a arma cair no fundo do bolso que havia costurado em suas saias. Seu leve peso retesava o tecido. Não tinha dúvidas de que Hampden teria notado. Ele notaria tudo.

Retirou as duas notas que havia preparado.

Hampden descruzou os braços e se levantou. Sabine ficou tensa, mas ele apenas se afastou para lhe dar espaço para usar a mesa. Aproximou-se dele com cautela, desdobrou as notas e as colocou lado a lado na parte superior de couro verde escuro, perfeitamente ciente de seu grande corpo e ombro duro ao lado do dela quando ele se virou.

Sentiu o cheiro dele, algo masculino e sutil, uma nota de base musgosa, revestida de couro, grama e calor. Seus joelhos viraram água. Tomou pequenos goles de ar pela boca, quando o que realmente queria fazer era enterrar o nariz no tecido do casaco dele e encher os pulmões com aquele cheiro delicioso.

Mordeu o interior da boca. *Concentre-se nas notas, idiota!* Tinha que fazê-lo aceitar que ela era Lacorte.

— À primeira vista, essas duas notas parecem idênticas, não? — conseguiu dizer.

Hampden olhou para baixo e ela roubou a oportunidade para estudar seu perfil. Nariz reto. Uma pequena linha branca intrigante de uma cicatriz, logo abaixo de sua orelha esquerda. O grão fino e limpo de sua pele. Ele se inclinou para frente, apoiando o peso nas mãos. Mãos fortes, grandes e de aparência capaz. Envolveriam sua cintura se ele... Não. Ela não se distrairia.

Ele tomou o tempo necessário, estudando ambas as notas com intenso escrutínio.

— Elas têm a mesma aparência. — admitiu.

— Exceto que uma é real e a outra é falsa.

Sabine observou, com diversão crescente, enquanto ele pegava ambas as notas e fazia outra inspeção completa. Testou o papel e esfregou o desenho impresso, para ver se alguma tinta saía em suas mãos. Segurou as duas contra a luz, para verificar a marca d'água no papel. Cheirou-as, embora ela não tivesse ideia do que ele esperava determinar com isso, a menos que estivesse tentando detectar o cheiro de tinta fresca.

Sabine reprimiu um suspiro. Realmente a achava tão amadora? Incluira, deliberadamente, uma nota mais vincada do que a outra. Ele seria influenciado

por esse fator?

Depois de dois minutos inteiros, ele deu um passo para trás e se virou para ela.

— Elas ainda me parecem idênticas. — ele, finalmente, admitiu. — Pode notar a diferença? — Ela deu uma risada divertida.

— Claro! É como perguntar a uma mãe se ela consegue reconhecer seus próprios filhos na multidão. — puxou a nota da mão direita em sua direção e bateu com o dedo.

— Esta aqui é falsa.

Ele ergueu uma sobrancelha condescendente, pegou-a e estudou-a novamente.

— Como pode ter certeza?

— Admita, — disse com segurança. — Não há nada que o alertaria, certo?

Ele estreitou os olhos.

— Como posso saber que não são reais?

Ela sorriu com a suspeita dele. — Nenhum agente do governo britânico seria um tolo.

— Tão cínico. — ela repreendeu.

— Eles não são.

— Eu mesma fiz a falsa. Tem uma lupa?

— Sim.

Ele circulou a mesa e ela deu um suspiro de alívio, quando colocou um pouco de distância entre eles. Abriu uma gaveta, tirou uma pequena lente com cabo de latão e entregou a ela. Tomou cuidado para não tocar os dedos dele ao pegá-la.

— Então agora vou te contar um segredo. Esta nota contém um erro. Um erro deliberado, devo acrescentar. Quando gravei as chapas de impressão, acrescentei um detalhe que diferenciaria minhas falsificações das notas reais. — sorriu.

— Os cartógrafos fazem a mesma coisa para proteger seu trabalho. Inserem uma estrada completamente imaginada — às vezes um pequeno beco, às vezes uma cidade inteira — em seu mapa, como uma salvaguarda para provar quando foram copiados. '*Cidades de papel*', como as chamam.

Ele contornou a mesa novamente e ela tentou ignorar a sensação de falta de ar gerada por ficar tão perto dele.

— Fez a mesma coisa com uma nota de banco?

Ela apontou para a pequena vinheta que formava um canto do desenho com tinta.

— Ali, perto da base daquela árvore. Vê as iniciais? Escondidas nas raízes. P.L., significando Philippe Lacorte?

Ele se abaixou e olhou pela lente de aumento, em seguida, puxou a segunda nota para verificar o canto correspondente.

— Não vai encontrar iniciais nesse aqui. — disse com segurança.

Ele pousou a lente e se endireitou. O olhar em seu rosto era difícil de definir e seu estômago se apertou de pavor. Ficou surpreso? Indignado? Prestes a algemá-la?

— Isso é talvez a coisa mais arrogante que eu já vi. — afirmou friamente.

Seu ânimo despencou.

E então os cantos de seus lábios se inclinaram para cima. Uma bochecha se enrugou, formando uma covinha de menino, que fez o coração dela bater mais forte.

— Estou impressionado.

Sabine inclinou a cabeça quando o alívio correu sobre ela, em uma onda inebriante. — A menos que saiba procurar essas cartas, não há como diferenciar minhas notas da verdadeira.

Virou-se para encará-la totalmente e ela teve que inclinar a cabeça para olhar para o rosto dele novamente. O peito dele estava a apenas alguns centímetros do dela, mas não ousou dar um passo para trás. Fazer isso seria um indício de fraqueza.

— Isso ainda não prova que é Lacorte. — disse. — Só mostra que sabe o que procurar em uma de suas falsificações. Poderia ser um *'cerca'*, isto é, um intermediário, que conseguiu uma nota falsa e descobriu como detectar a diferença. — Seu olhar se concentrou em seu rosto e ela quase pausou a respiração.

— Não acredito em crer nas coisas pela bela aparência de rosto. — seus olhos se estreitaram acusadoramente. — Por mais encantador que esse rosto possa ser.

Seus lábios se separaram em espanto e ela sentiu um rubor indesejado subir em seu peito. — Meu Deus, isso é um elogio? — recuou, aumentando a distância entre eles. A fraqueza que se dane. Precisava respirar.

— O que mais posso fazer para provar minha identidade? -

— Mostre-me como forjou minha assinatura. — estendeu o braço por cima da mesa e puxou o tinteiro, a caneta-tinteiro e uma folha de papel creme para ela.

— Ótimo. — Deu-lhe um olhar que indicava seu descontentamento com o ceticismo dele, e posicionou a nota original, que havia lhe enviado para que tivesse algo para copiar.

Percebendo que ele observava cada movimento seu, pegou a elegante caneta de cano prateado, mergulhou a ponta na tinta e limpou-a na lateral do tinteiro de vidro, para remover o excesso de líquido.

— Já que estou copiando uma assinatura que já é, por si só, uma falsificação, vai me dar um pouco de margem de manobra — disse. — É sempre melhor falsificar de uma fonte primária. A menos que queira me dar um exemplo de sua assinatura novamente?

Ele balançou sua cabeça negativamente.

— Copie essa e pare de inventar desculpas. A menos que não possa

fazer isso.

Ela mordeu o lábio e suprimiu um lampejo de irritação com seu desafio gentilmente zombeteiro. Fez questão de mover a caneta rapidamente, mas não muito rápido, imitando o estilo forte e ousado do original. Não ficou completamente satisfeita com o resultado, mas considerando a pressão sob a qual estava, era aceitável.

Olhou para cima e ficou satisfeita, ao ver uma expressão de consternação no belo rosto dele. Bom. Isso deve dar ao *Tomé desconfiado* algo em que pensar. Hora de lembrá-lo, exatamente, de quanto poder ela exercia. Deu-lhe um olhar malicioso.

— Não posso dizer *monsieur*, como se sentiu tentado a me escrever um belo e gordo '*draft*' bancário.

Ele se acalmou. Ela piscou os cílios.

— Digo isso apenas para lembrar o que eu poderia ter feito com minhas habilidades, se não tivesse sido tão honesta. Um gesto de boa vontade, se quiser.

Sua expressão se tornou sardônica.

— Agradeço não ter me defraudado, *madame*. — disse secamente, mas havia uma ponta de irritação em sua voz.

Bom. Precisava levá-la a sério.

— Sim. Tenho sido excessivamente bem comportada, acho.

Ele mudou de posição.

— Tudo bem. Aceito que seja o falsificador Philippe Lacorte.

Ela inclinou a cabeça, em sincero reconhecimento.

— Excelente. Nós progredimos.

Seus olhos a percorreram, avaliando-a de uma maneira nova e extremamente perturbadora.

— Bem, bem. Sinto como se estivesse encontrando uma criatura mitológica. Uma utopia. Tem bastante reputação no submundo do crime. Quase se pode chamar de lendária.

Seus olhos brilhavam de zombaria. Ela fingiu um encolher de ombros descuidado.

— Peço desculpas se sou uma decepção, *monsieur*. Como vê, a realidade é muito mais prosaica.

Aquela covinha brilhou novamente e suas entranhas se movimentaram.

— Ah, não te chamaria assim. — seu sorriso de lobo a fez perceber, abruptamente, que estavam sozinhos. O sangue correu para o rosto dela enquanto o olhar dele passava de seus olhos para os lábios e de volta para ela.

— Longe disso. Srta. De la Tour, superou todas as minhas expectativas.

Richard manteve sua expressão neutra, mas seu pulso disparou, como se tivesse lutado boxe ou esgrima por horas. Inacreditável! Philippe Lacorte era uma mulher!

O maior falsificador da França, o flagelo do serviço secreto britânico, era uma mulher hábil e confusa. Não era qualquer mulher, mas também

irritantemente bonita. O destino realmente era um perverso sacana.

Seus olhos azuis brilharam com malícia e um leve sorriso apareceu nos cantos de sua boca. Richard sentiu um puxão correspondente na virilha. Que pequena tentadora era, parada ali, tão fria, ao brincar com ele. Desfrutando imensamente do momento, sem dúvida.

Sentiu o cheiro dela ao se mover, uma fragrância muito diferente dos florais inebriantes e enjoativos, usados pela maioria das mulheres que conhecia. A combinação incomum de limões e tinta fez cócegas em seu nariz e apertou seu estômago.

Balançou a cabeça. De todas as vezes que ele imaginou encontrar o tal infame falsificador — sonhou com a eventual captura muitas, muitas vezes — MAS nunca imaginara algo assim.

Ele estreitou os olhos para a delicada figura de Sabine.

— Então o que quer?

CAPÍTULO 6

Sabine foi até uma pequena mesa lateral e passou os dedos pela caixa de bugangas e uma pilha de livros que ela continha, tentando parecer relaxada.

— Um acordo, de vantagem mútua.

Ele ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa e autocrática.

— Preciso de dinheiro — disse.

— Para que?

Deu-lhe um sorriso de repreensão.

— Não acredito que tenha qualquer obrigação de responder a isso, Lorde Lovell. — acariciou a borda de um livro com capa de couro. — Mas acredito que nossos interesses estão muito alinhados. Deseja contratar Lacorte. Eu desejo ser empregado.

— Ah. — seus lábios se curvaram.

— O governo britânico deve pagar por sua entusiástica cooperação. Tem uma figura quantitativa em mente, talvez?

Ela ergueu o queixo em seu tom seco.

— Sim. Dez mil libras.

Se ficou chocado com a proposta ultrajante, escondeu-a bem.

— Isso é bastante caro.

Seu rosto permaneceu impassível. Não tinha ideia do que ele estava pensando, por trás daqueles olhos âmbar inquietantes. Fez uma nota mental para nunca jogar cartas com ele. — Gosto de pensar que tenho um valor melhor - e certamente mais exclusivo - do que uma cortesã.

Seus lábios se curvaram em um sorriso, que ela desconfiou instantaneamente.

— O que te faz pensar que planejávamos pagar o Lacorte?

Seu coração despencou, mas ela conseguiu dar um bufo digno de crédito.

— Achou que eu trabalharia de graça?

— Não. — disse suavemente. — Jamais pensei isso.

Sua súbita imobilidade predatória enviou uma gota fria de medo por ela.

— Não estou certo de que tem a medida correta da vulnerabilidade de sua posição atual, Srta. De la Tour. — ele disse lentamente. — Deixe-me explicar. Colocou-se inteiramente em meu poder. — o olhar dele permaneceu no rosto dela e ele sorriu. Seus dentes eram brancos e retos. — Com um estalar de dedos, poderia prendê-la como apoiadora napoleônica e inimiga da Inglaterra.

Deu-lhe um olhar que, provavelmente, reduziu os homens adultos a montes trêmulos. Foi extremamente eficaz. Suas próprias pernas viraram água.

— Não tem provas.

Ele abanou com a mão.

— Um tecnicismo. Tenho certeza de que posso inventar algo. É incrível o que as pessoas confessam. Com um pouco de persuasão.

Um frisson de medo percorreu sua espinha. Estudou a linha dura de sua mandíbula. Este não era um homem para se ter como inimigo. Seria implacável. Totalmente sem misericórdia.

Ele inspecionou uma unha perfeitamente limpa.

— De acordo com a lei inglesa, a contrafação é um dos piores crimes que uma pessoa pode cometer. Um ataque direto à pessoa do rei. É alta traição, punível com a morte. — pegou a caneta-tinteiro e a girou entre os dedos. — Sorte sua, queimar na fogueira foi abolido há alguns anos.

Ela sentiu o sangue sair de seu rosto, mas conseguiu um tom petulante.

— Vivemos em tempos tão iluminados e misericordiosos.

— Simplesmente seria enforcada, puxada e esquartejada — terminou suavemente.

Ela suspirou.

— E chama os franceses de bárbaros. Pelo menos a guilhotina é rápida.

Seu sonolento olhar âmbar permaneceu em sua garganta.

— Tem um pescoço lindo. Pena vê-lo estendido na forca.

Sabine pressionou a palma da mão no peito e fingiu despreocupação.

— Ah. Nada faz o coração de uma mulher bater mais rápido do que um homem detalhando todas as formas terríveis que gostaria de vê-la morrer.

Sua covinha reapareceu com seu desprezo. Deu de ombros, nem mesmo fingindo estar se desculpando.

— Pode ser enforcada por traição, ou trabalhar comigo. Sua escolha.

— Que conjunto de opções delicioso. — ela murmurou. — Mas parece um pouco duro. Afinal, a falsificação não é pior do que a espionagem. Não sou mais culpada do que você.

— Isso pode ser verdade, mas está do lado errado do canal, para esse argumento. Não há ninguém para protegê-la aqui. Savary e Napoleão estão no exílio.

Sabine enfiou a mão nas saias, em busca da presença reconfortante de sua pequena pistola.

— De fato, é uma situação triste. Homens, antes aclamados como heróis, agora não são bem-vindos em sua terra natal.

Ele ergueu o queixo.

— Então me diga de novo, o que me impede de prendê-la e arrastá-la para a masmorra mais próxima para aguardar o julgamento?

Ele estava tão confiante, tão controlado. Sabine invejava seu sangue frio. Tentou igualar. — Eu havia considerado essa possibilidade, é claro. Não sou uma tola. Uma coisa que deve saber sobre mim, Monsieur Hampden: sempre tenho um plano.

— Posso perguntar o que é? Porque nós dois sabemos que eu poderia dominá-la em um piscar de olhos. Com pistola ou sem pistola.

Ele mal se moveu. Tudo o que fez foi descruzar as pernas, uma

panturrilha com a bota escorregando negligentemente para o chão, e ainda assim, de alguma forma, conseguiu transmitir um ar de ameaça com muita eficácia. Isso foi tudo que precisou para concentrar toda a sua consciência na ondulação dos músculos sob as calças claras, a força em suas coxas. Sua postura preguiçosa e relaxada só serviu para acentuar seu poder. Sem dúvida, este era, realmente, um homem perigoso.

Ela engatilhou o martelo de sua arma. Seu pulso estava acelerado, seu coração batendo como uma tatuagem assustada contra suas costelas, mas, externamente, podia ficar calma. —Eu li um livro chinês traduzido, sobre guerra. Dizia que "a suprema arte da guerra é subjugar o inimigo sem lutar".

Ele pareceu momentaneamente abalado com a mudança de assunto. — Eu li. Esse é um homem chamado Sun Tzu.

Ela assentiu, sem surpresa por ele saber a fonte. — Usar a força é uma solução muito deselegante. Lorde Lovell, é um homem elegante. Não acho que vai me torturar.

Mas ela não tinha certeza. Ele a estava olhando com um olhar calculista que era, ao mesmo tempo, avaliador e aterrorizante. Ainda brincava com a caneta-tinteiro, enfiando-a entre seus longos dedos, de uma forma que era estranhamente hipnotizante.

— Leu muitos livros sobre guerra? — perguntou.

Ela encolheu os ombros. — Entre outras coisas. O teatro de guerra tem sido meu meio nos últimos anos. Um pequeno estudo parecia prudente.

— Então talvez tenha lido Maquiavel? Ele diz que 'nunca tente ganhar pela força o que pode ser ganho pelo engano'.

— Concordo. — disse docemente.

— Ameaça-me com violência. Eu me oponho à fraude.

Ele largou a caneta, bateu os dedos nas coxas apoiadas e sorriu, aparentemente gostando de sua luta verbal.

— Não esperaria mais nada de um falsificador.

Sabine suspirou, inexplicavelmente triste, por ter chegado a esse ponto, mas ela se recusou a se sentir culpada. Ele a estava usando tanto quanto ela.

— Espero que lembre-se de que dei-lhe a chance de jogar — e pagar — de forma justa. Não quis recorrer a medidas tão desagradáveis, mas não me deixa escolha.

Ele ergueu as sobranceiras zombeteiramente, desafiando-a a fazer o pior.

— Vai me pagar dez mil libras — disse ela calmamente.

Ele riu abertamente.

— Acha? E o que te dá tanta certeza?

— Porque tenho algo que quer, ainda mais do que Philippe Lacorte. Um milhão de libras britânicas, em notas de banco falsificadas.

CAPÍTULO 7

Hampden se acalmou, o que foi uma resposta gratificante, mas se recuperou com rapidez suficiente.

— E como ficou de posse de uma soma tão principesca?

Sabine abriu as saias e sentou-se sem esperar um convite.

— Há cinco anos, fiz notas falsas, sob instruções diretas do próprio Napoleão. Planejou usá-las para desestabilizar sua economia.

Seu olhar âmbar se estreitou.

— Mas agora percebeu o erro de seus métodos e passou a entregar essa fortuna ao governo britânico, pela bondade de seu coração?

Seu tom era mais seco do que o Saara e ela não pôde evitar um sorriso irônico.

— Infelizmente para você, não. Se não me pagar o que eu peço, serei forçada a colocar o plano do imperador em ação.

Um músculo tremeu em sua mandíbula.

— O que você propõe é chantagem.

— Não, são negócios. Dez mil libras é uma soma irrisória, para poupar seu país da ruína.

Ele a estudou por um momento, sem fôlego. Por fora, ela manteve o rosto composto, mas por dentro estava tremendo. Era como um jogo de cartas: *não mostre nada, nem por um piscar de olhos*. Se mostrasse fraqueza, ele atacaria para matar.

— Onde está essa fortuna falsa agora? — perguntou suavemente. — Aqui em Londres?

— Em algum lugar seguro. Tenho amigos que irão lançá-lo, se não tiverem notícias minhas, em menos de vinte e quatro horas.

Ele inclinou a cabeça.

— Por que, simplesmente, não gasta sozinha?

Sabine apertou os lábios.

— Não desejo punir milhares de cidadãos inocentes.

Deu-lhe um olhar incrédulo.

— Uma criminosa com código de honra?

Ela encolheu os ombros e se forçou a sustentar o olhar dele para ter certeza de que entendia sua determinação.

— Não quero arruinar sua economia, monsieur, mas farei isso, se me obrigar. — Largou a pistola e cruzou os braços, refletindo sua postura agressiva.

— Vou trabalhar pelo dinheiro. Mas o valor não é negociável. Esses são os meus termos.

Ele se endireitou na mesa.

— Parece que não tenho outra opção a não ser aceitar.

Descrença e euforia zumbiam em seus ouvidos.

— Tenho alguns pedidos adicionais — disse rapidamente, antes que perdesse a coragem.

— Quer dizer demandas.

Ela ignorou aquela pequena escavação.

— Precisamos estabelecer algumas regras básicas.

Ele assentiu com a mão aérea.

— Ah, concordo. — Acredito firmemente no estabelecimento de regras de combate de forma muito clara. Quer seja em negócios ou prazer.

A maneira como enrolou a língua em torno da palavra prazer, provocou coisas estranhas em seu interior. Ela limpou a garganta e tentou soar profissional.

— Por quanto tempo esperava contratar os serviços de Lacorte?

— Seis meses. Talvez mais.

Ela balançou a cabeça. — Impossível. Não planejava ficar em Londres por mais do que algumas semanas.

— Três meses, então.

— Três semanas.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela negociar. — Seis semanas.

— Um mês.

Seguiu-se um pequeno silêncio tenso, uma batalha de vontades. Ela se recusou a baixar o olhar. Uma onda de alívio a arrepiou quando ele, finalmente, inclinou a cabeça.

— Um mês então. Até meados de maio.

Ela expirou — Muito bem. Vou emprestar minhas consideráveis habilidades para ajudá-lo a derrotar sua rede de espões. Vai me pagar dez mil libras. Além disso, me fornecerá alojamento, comida e roupas decentes.

— Algo mais? — ele perguntou asperamente. — Talvez queira chocolates e flores entregues diariamente em seus quartos? Um elefante branco? As joias da coroa?

Seus lábios se contraíram com o sarcasmo. Oh, ele estava furioso, sob aquele exterior frio. Nenhum homem gosta de ser manipulado. Especialmente não um homem como este, cuja existência inteira se baseava em rastrear e encurralar sua presa.

Ela combinou com seu tom seco.

— Isso não será necessário. Minha intenção não é levá-lo à falência, Lorde Lovell. Embora eu imagine que seriam necessários mais do que alguns bolos e bugigangas para fazer isso. Dificilmente parece à beira da penúria.

Lançou outro breve olhar ao redor da sala suntuosa. Estava cheia de ouro, belas artes e livros. Até cheirava a dinheiro: papel e tinta, gerações de riqueza e privilégios.

Ele sorriu, reconhecendo o golpe.

— Continue.

— Serei livre para ir e vir sem restrições.

— Isto é Londres. Não é seguro para uma mulher ir a qualquer lugar

desacompanhada.

— Há anos me saio perfeitamente bem em Paris. — disse docemente.

—Terá uma criada que a acompanhará.

Ela assentiu, para admitir o ponto.

— Não serei maltratada ou prejudicada fisicamente. — Esperou que ele assentisse.

— E eu quero imunidade de acusação. Não vou deixar me prender, assim que nosso acordo terminar. Quero sua palavra de que serei livre para deixar o país sem ser molestada.

—Tão suspeito. — ele repreendeu suavemente. —Mas tudo bem. Tem minha palavra.

Ela umedeceu o lábio com a língua.

— Será uma relação de trabalho. Puramente profissional.

Os olhos dele vagaram sobre ela, uma varredura arrogante e desdenhosa, que descartou qualquer outra possibilidade. — Se diz.

Sabine sentiu uma pequena pontada de ressentimento.

Ele se inclinou para frente.

— Tenho alguns termos próprios.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— O mundo da espionagem nunca dorme. Estará à minha disposição a qualquer hora, do dia e da noite. Fará tudo o que eu pedir, sem questionar. Nas próximas quatro semanas, obedecerá às minhas regras. Isso está entendido?

Ela engoliu um pedaço de medo, na ameaça de aço em seu tom.

Ele assentiu, aparentemente satisfeito. — E uma última coisa. Antes de deixar a Inglaterra, me entregará a fortuna falsa.

Suspirou, mas não foi mais do que ela esperava. Concordou.

— Bom. Devemos colocar nosso acordo por escrito?

Ela olhou para a carta falsificada na mesa, com um sorriso irônico.

— Eu não dou muita importância a documentos oficiais. — levantou-se e estendeu a mão em sua direção.

— Podemos mexer nisso, se quiser. Um acordo de cavalheiros.

Ele se aproximou, pairando sobre ela.

— Apertar a mão é tão formal. — a pele dela formigou, quando os dedos dele envolveram os dela. — Vamos selar da maneira tradicional. Com um beijo.

Sabine recuou, mas ele segurou a mão dela com firmeza. Seu olhar voou para seus lábios e seu coração bateu dolorosamente.

— Acho que não. — ela gaguejou.

O sorriso dele dizia que ele sabia exatamente a direção que os pensamentos dela haviam tomado. Ele se curvou e executou uma reverência irônica, como se estivessem a encontrar-se em algum elegante salão de baile da sociedade. Seus lábios quentes roçaram as costas de seus dedos.

Um choque de consciência percorreu sua pele. Ela puxou a mão para

trás e ele a soltou com um sorriso preguiçoso e conhecedor.

— Senhorita de la Tour, estou ansioso para trabalharmos juntos.



Richard reprimiu sua irritação por ser manipulado por uma garota tão escorregadia. Ela parecia tão inocente, com aquele leve rubor nas bochechas, como se a manteiga não fosse derreter em sua boca. Teve que parar de pensar em sua boca — era uma pequena vigarista chantagista.

Claro, ela poderia estar mentindo sobre ter uma fortuna escondida, mas a ideia de que Napoleão pudesse ter planejado inundar a Grã-Bretanha com moeda falsa era muito plausível. O déspota já havia usado a tática na Rússia e na Áustria, antes de sua abdicação, e os colegas de Richard, no Ministério das Relações Exteriores, há muito desconfiavam que tentasse algo semelhante na Grã-Bretanha.

Sua não convidada resumiu a situação política com uma precisão incrível. A economia estava de joelhos, após uma década de guerra. Juntamente com algumas colheitas ruins, a saúde debilitada do rei e os excessos flagrantes do Príncipe Regente, as coisas eram extremamente voláteis. A falsificação era levada muito a sério pelo governo, precisamente porque era muito perigosa. Se todo esse dinheiro fosse solto, poderia levar à queda do governo. Ou da própria monarquia.

A pequena mulher o encurralara cuidadosamente a um canto, e sabia disso. A peculiaridade satisfeita em seus lábios fez a pressão arterial de Richard disparar, e ele não tinha certeza se era de desejo, irritação ou admiração relutante.

Ela não faria tudo do seu jeito, no entanto. Ah não. Agora que estava aqui, em seu reino, não iria deixá-la fora de sua vista. Ela não teria chance de desaparecer, até que ele descobrisse todos os seus segredos.

Richard foi até a parede e puxou a campainha. Com força.

Hodges apareceu tão rápido, que devia estar vadiando do lado de fora da porta. Richard deu-lhe um olhar divertido e censurador.

— Ah, Hodges. Deixe-me apresentá-lo à Srta. Sabine de la Tour.

O mordomo curvou-se formalmente.

— Ela vai ser nossa convidada. Pelo próximo mês.

Ele ouviu o leve suspiro dela atrás dele, e ficou satisfeito em ignorá-lo.

— Por favor, prepare a sala verde para ela.

— Claro senhor.

Virou-se para ele, assim que a porta se fechou atrás de Hodges. — O que está dizendo? Não posso ficar aqui!

— E eu não posso deixá-la sair. — respondeu suavemente. — Certamente entende isso?

Ela afundou de volta na cadeira que acabara de desocupar, como se toda a força a tivesse abandonado. — Meus amigos...

— Vai enviar-lhes uma nota pela manhã, para que saibam que está

segura. —interrompeu. — Não vai sair desta casa esta noite.

Seus ombros magros cederam, como se ela percebesse que não tinha escolha. — Muito bem.

Ele gostou do jeito que ela engoliu nervosamente. Bom. Deixe que ela compreenda o quão apertado é o laço em que se meteu. Ela era dele agora.

Olhou para a pequena valise que ela estava relutante em entregar ao laçao.

— Podemos mandar trazer o resto de suas coisas amanhã de manhã.

Ela inclinou o queixo em um gesto desafiador que ele achou estranhamente atraente.

— Não tenho mais nada.

Seu espanto foi apenas parcialmente fingido.

— Só tem uma mala? Uma? Nunca conheci uma mulher que pudesse viajar com nada menos do que dois baús quinze malas, caixas de chapéus, caixas de bandas, caixas de sapatos e vários animais de estimação.

Ela fez uma careta.

Hodges o salvou de uma repreensão, com uma batida discreta na porta, e Richard deu um passo para o lado, para que ela pudesse sair.

— Hodges irá mostrar seu quarto.

Levantou-se e ele curvou-se novamente, zombando dela, como se fosse, de fato, sua convidada de honra, em vez de uma prisioneira semi-disposta. Oh, isso seria divertido.

—Boa noite, senhorita de la Tour. Bons sonhos.

CAPÍTULO 8

Bons sonhos, de fato. Ha!

O coração de Sabine bateu forte, enquanto seguia o servo escada acima e entrava em um quarto palaciano.

Hampden havia feito um negócio difícil, mas ela esperava pior. Não podia baixar a guarda agora, no entanto. Seu adversário podia ser ridiculamente bonito, mas ela tinha bons motivos para desconfiar das coisas bonitas. Suas falsificações eram lindas, mas ainda eram mentiras. Nada além de ar e promessas.

Sabine estremeceu ao recordar a luz do desafio que se acendeu naqueles olhos âmbar sonolentos. Ela havia vencido a primeira escaramuça, mas ele parecia preocupantemente confiante de que poderia vencer a guerra.

Enfiou a mão nas saias e pousou a pistola suavemente na mesa, ao lado da cama. Comprara a pistola há três anos, depois que o garoto musculoso do açougueiro da rua a encurralou, no beco dos fundos. Ele apertou sua boca sobre a dela, todo molhado e babado, como um cavalo, cheirando a cerveja velha e sangue seco. Sabine lutou, mas ele a segurou com uma facilidade obscena.

Justamente quando tinha certeza de que seria estuprada, Anton saiu correndo pela porta dos fundos da loja, como um touro enfurecido. Empurrou Guillaume contra a parede, jogou-o no chão e a conduziu para dentro, abalada e totalmente nauseada. No dia seguinte, foi a um armeiro na Rue de Rivoli e comprou a pistola.

Com alguma sorte, não precisaria usá-la no homem lá embaixo.

Sabine se recostou e estudou o quarto que lhe foi dado. Tanto luxo! Que contraste com seu quarto acima da loja, na Rue du Pélican. Um som de arranhar e fungar na porta chamou sua atenção e ela se acalmou, com medo de que fosse seu anfitrião, mas então veio o clique e o arranhar de garras no assoalho de madeira e um ganido canino animado.

Foi até a porta e a abriu, apenas alguns centímetros. Um nariz preto úmido e um focinho peludo abriram caminho. Abriu mais a porta, deu um passo para trás e permitiu que o animal entrasse.

Não sabia muito sobre cães. Este tinha um rosto longo e aristocrático, um casaco cinza-prateado desgrehado, pernas esguias e olhos negros comoventes. Suas sobranceiras engraçadas com tufos davam-lhe uma aparência cômica e seu pelo crespo se destacava de seu corpo em tufos aleatórios, como se tivesse sido atingido por um raio.

Parecia bastante amigável. Ele saltou para dentro do quarto, empinou em um círculo, então se chocou contra suas pernas. Ela estendeu a mão hesitantemente. O cachorro cheirou e depois lambeu os dedos.

Sabine riu. —Bem, o que um vira-lata desalinhado como você está fazendo em uma casa tão aristocrática, hmm?

O cachorro choramingou com um “não tenho ideia”.

—Tenho certeza de que seu mestre desaprovava sua associação com o inimigo. — ela murmurou, acariciando as orelhas tortas do cão.

O cachorro parecia decididamente impressionado.

Coçou o queixo e ele fechou os olhos, com uma expressão que só poderia ser descrita como êxtase canino. Sua cauda ossuda bateu dolorosamente contra suas saias.

— Foi enviado para me proteger?

Sua senhoria teria dado ordens para impedi-la de partir, tinha certeza. Sem dúvida, havia um laçao ou carregador no andar de baixo, com ordens de permanecer vigilante a noite toda. Poderia ter dito a ele para não se incomodar. Ela não estava indo a lugar nenhum.

O cachorro deu um suspiro, girou em um círculo fechado e desabou no chão, em uma pilha desajeitada. Não parecia que ia a lugar nenhum também, então Sabine lavou o rosto com água de uma jarra no lavatório, tirou a camisa de algodão e se arrastou para a enorme cama de dossel.

Seu estômago roncou. A última coisa que ela comeu foi uma torta de carne quente, de qualidade duvidosa, de um vendedor de rua perto da estalagem, esta manhã. Ainda assim, também estava com fome em Paris. Pelo menos aqui a cama era tão macia que era como cair em um barril de chantilly.

Rezou para que Anton estivesse igualmente confortável. Concordaram que ele encontraria alguns alojamentos baratos não muito longe, mas duvidava que ele fosse capaz de pagar por algo tão luxuoso. Soltou um suspiro profundo e satisfeito. Ah, o salário do pecado.

Sem dúvida, deveria estar se sentindo mais apreensiva, por dormir sob o teto de seu inimigo, mas sentia-se estranhamente protegida do mundo exterior. Pelo menos dentro dessas paredes imponentes, a única coisa com a qual precisava ser cautelosa era seu anfitrião.

Puxou sua valise para cima da cama e a arrumou ao seu lado, sob as cobertas. Acordaria, se alguém tentasse removê-la durante a noite.

Sabine fechou os olhos. Foi surpreendentemente fácil voltar a falar inglês, a língua nativa de sua mãe. Seu peito doeu. Lembrava-se de sua mãe mais como um perfume e uma sensação geral de felicidade nutridora, do que por suas feições, agora. O sabonete de pétalas de rosa que ela preferia, a maneira como afastava o cabelo de Sabine do rosto e cantarolava canções de ninar inglesas, enquanto ela adormecia.

Uma de suas frases favoritas em inglês surgiu em sua cabeça. *‘Sai da frigideira e vai para o fogo.’* Sabine enviou uma prece sonolenta, para que não fosse profético.



Richard serviu-se de outro generoso conhaque e afundou em sua poltrona de couro favorita.

Por que sempre imaginava que estava perseguindo um homem? Estava

cercado por mulheres brilhantes. Inferno, sua própria família estava cheia delas. Sua irmã Heloise era uma talentosa decifradora de códigos, e a esposa de seu irmão Nic, Marianne, havia sido acrobata e espiã. Este era exatamente o tipo de coisa que podia imaginá-la fazendo. Passou uma mão distraída pelos cabelos e balançou a cabeça.

Philippe Lacorte estava lá em cima, em seu quarto de hóspedes.

Tomou consciência de uma exaltação feroz e selvagem. Estava caçando o falsificador por quase dezoito meses. Rastreá-lo tinha sido a melhor sedução: uma perseguição longa e provocadora, alternadamente excitante, frustrante, tentadora e enfurecedora.

Admirava a habilidade de Lacorte há anos. A evasão do falsificador tinha sido um desafio, atraindo-o; um insulto que parecia não conseguir abandonar. Adorou seu joguinho de gato e rato. E se alguém lhe dissesse que Philippe Lacorte, simplesmente, entraria em seu escritório e se anunciaria, teria rido da cara deles.

E agora ele era ela.

Provavelmente deveria estar desapontado por ela ter se rendido, mas Richard não teve uma sensação de anticlímax. Pelo contrário. Seu batimento cardíaco acelerou em antecipação. Este não foi o fim da perseguição; foi o início de um jogo totalmente novo. Sabine de la Tour era um enigma fascinante. Ela ter vindo para ele foi incrivelmente arriscado; era muito corajosa ou muito estúpida, e ele tinha certeza de que não era a última opção.

Não confiava nem um centímetro nela. Entrou no acampamento do inimigo, mas com que objetivo? Suas profissões de pureza moral eram altamente suspeitas. Poderia estar tentando entrar na vida dele para roubar informações, mas para quem? Ambos os grandes espiões da França, Fouché e Savary, foram expulsos, desde a derrota de Napoleão.

Ainda assim, era difícil não aplaudir sua audácia, a bravata que deve ter levado para enfrentá-lo em seu próprio escritório e chantageá-lo. Richard tomou outro gole lento de conhaque. Diabinha astuta. Provavelmente teria feito a mesma coisa, dadas as circunstâncias. Foi um pouco desconcertante encontrar alguém tão bom quanto ele, como seus colegas agentes, Raven, Nic e Kit. Conheceu mulheres lindas e mulheres inteligentes, mas nunca com tantos dos dois atributos ao mesmo tempo. A combinação significava problemas, especialmente considerando sua reação física a ela.

Richard estreitou os olhos. Ele a subestimou esta noite. Não cometeria o mesmo erro novamente.

CAPÍTULO 9

Não havia sinal de seu vestido azul, quando Sabine acordou. Em vez disso, um vestido matinal lilás estava nas costas de uma cadeira, perto da porta, junto com uma anágua, meias de seda, uma jaqueta *Spencer* combinando e um par de luvas de couro.

A visão a irritou, apesar de ter perdido roupas novas. Vesti-las e curvar-se à vontade de Hampden, seria uma capitulação pequena, embora significativa, pois não conseguiria andar o dia todo em seu robe.

Agarrou o vestido, determinada a jogá-lo pela cabeça e acabar com isso, mas a maciez do tecido a enganou. Suavizou seus movimentos, com um suspiro apreciativo. Não usara um material tão fino desde antes da morte de seu pai. Seria grosseiro rasgá-lo com irritação.

Enquanto fechava os últimos botões, confortavelmente sobre o peito, refletiu que Richard Hampden era, claramente, um homem bem versado em avaliar a forma feminina. A besta tinha medido suas dimensões com precisão incrível. A saia era um pouco longa, mas não significativamente, e a cor combinava com sua pele pálida e cabelo escuro, com perfeição. Perguntou-se se ele havia especificado o matiz.

Não havia nenhum lugar para esconder sua pistola, então escondeu-a debaixo do colchão. Teve um prazer brutal em calçar suas botas pretas de atadura até o tornozelo sob o vestido requintado, embora a rebelião mesquinha fosse frustrada pela bainha excessivamente longa, que as ocultava de vista.

Com um suspiro resignado, Sabine pegou as luvas de couro macio e se dirigiu para a porta, mas um barulho de fora impediu sua saída. Uma criada entrou com uma bandeja.

— Bom dia, madame. Sou Jocelyn. Pode me chamar de Josie. Sua senhoria achou que gostaria de tomar o café da manhã em seu quarto. — a garota colocou a bandeja em uma mesinha lateral e fez uma reverência.

— Ele pede que o procure na biblioteca o mais rápido possível.

Pedidos? Exigências, mais adequado.

Sabine sorriu serenamente.

— Obrigada, Josie.

— Sim, senhora. — a garota fez outra reverência e saiu.

Odores incrivelmente deliciosos fluíam por baixo da cúpula de prata. Sabine a ergueu com um floreio, como um mágico, e deu um profundo suspiro de contentamento. Ovos escalfados, equilibrados em uma fatia grossa de presunto, e uma estranha espécie de pão circular. Sabine cutucou com um garfo. Isso deve ser o que sua mãe uma vez descreveu como um *muffin* inglês. Nunca tinha experimentado, mas o cheiro era divino. Torradas, manteiga e potes de geleia completavam o banquete matinal.

Bufou de decepção, quando descobriu que o bule de líquido fumegante era chá, e não o café preto forte, que preferia, então riu de si mesma por

reclamar. Era como a pobre Maria Antonieta, agonizando, pensando no bolo delicioso para morder primeiro, enquanto o resto de Paris morria de fome. Atacou a refeição com gosto.

Quando terminou, se arrumou o melhor que pôde, usando o pente de prata e o espelho de mão combinando que haviam sido colocados na penteadeira. Sabine fez uma careta para seu reflexo no vidro. Seu cabelo estava desganhado, seus olhos muito abertos. Seu pai costumava brincar com ela por causa de sua aparência de duende, chamando-a de sua pequena duende.

A memória a lembrou. Foi até a cama, abriu a valise e tirou dois pequenos retratos a óleo de seus pais. Colocou-os cuidadosamente sobre a lareira.

Não havia sinal de seu companheiro canino. Ela teria apreciado seu apoio firme. Um servo de rosto impassível a encaminhou para a mesma sala de antes. Hampden estava sentado à mesa, a imagem da masculinidade relaxada. Levantou-se quando ela entrou.

Estava vestido tão formalmente quanto na noite anterior, com uma camisa branca imaculada, calça amarela e uma jaqueta verde escura. Sem dúvida, o conjunto custara uma pequena fortuna. A luz da manhã capturou o ângulo de sua mandíbula e aqueles incríveis olhos, de tigre sonolento. Sabine amaldiçoou a forma como seu estômago deu um pequeno salto nervoso quando encontrou seus olhos. Seu olhar viajou por toda a extensão dela. Sentiu sua face esquentar com uma combinação de raiva e vergonha.

— Ah, o vestido serve. Mande uma criada comprá-lo pronto, em uma das modistas da Bond Street e tive que adivinhar suas dimensões. — Seus olhos vagaram por ela de uma maneira que fez sua pele formigar.

— Será o suficiente até que possamos medi-la adequadamente. — Indicou o assento à sua frente, como se fosse entrevistá-la para uma posição, e retomou seu assento.

— Acredito que tenha dormido bem?

Sabine se sentou.

— Sim, obrigada.

— O sono tranquilo dos inocentes, sem dúvida. — Sua voz era agradável, bem modulada, com um mero toque de riso, por baixo do tom preguiçoso e zombeteiro.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Que provérbio é esse?

— Ah sim. ‘Quem tem casa de vidro não deve atirar pedras.’

— Pode dizer honestamente que nunca confundiu a linha entre o que é legal e o que é necessário a serviço de seu país, Lorde Hampden?

Ele inclinou a cabeça em reconhecimento irônico.

— Talvez.

— A única diferença entre nós é que suas atividades ilegais são atualmente sancionadas pelo seu governo. — fungou. — As minhas também,

até recentemente. É muito difícil estar do lado perdedor.

Seus lábios se curvaram.

— Tem minhas sinceras condolências. — olhou-a com uma intensidade desconfortável. — É um enigma, senhorita de la Tour. Uma falsária que não quer ser uma criminosa.

— Nada há de intrigante nisso — disse. — Fiz o que as circunstâncias exigiam que eu fizesse para sobreviver. Acredite em mim, se não fosse pela guerra, teria, felizmente, me tornado uma pintora de retratos como meu avô, ou uma curadora de museu como meu pai.

Hampden empurrou uma folha de papel em branco e o tinteiro em sua direção, aparentemente desinteressado em sua genealogia.

— Negócios primeiro.

— Escreva para seus amigos e diga-lhes que está em segurança.

Sabine deu-lhe um olhar de desdém.

— Acha que sou tão estúpida para lhe dar seus nomes e endereços, de modo que possa enviar alguém para prendê-los? Acho que não. Às dez horas vou caminhar até o final da rua, em direção ao parque. Meu amigo observará para ver se estou ilesa. Não o verá — ela avisou rapidamente — então não pense em enviar seus homens para interceptá-lo. Ele é extremamente bom em ficar fora de vista.

Olhou para o relógio *ormolu* na lareira. Eram nove e dez.

Hampden recostou-se na cadeira e estendeu as longas pernas. Justo.

— Isso nos deixa um pouco de tempo para conversar.

Seu estômago se apertou. Que delícia. Um interrogatório educado.

— Quantos anos tem?

— Vinte e quatro. — disse ela friamente. — Quantos anos o *senhor* tem?

Parecia divertido com seu ataque direto. Juntou os dedos na frente da boca, mas ela percebeu a contração reveladora de seus lábios.

— Trinta e dois. Diga-me o que fez em Paris. Deve ter trabalhado em Vincennes.

Então, ele sabia sobre a operação de falsificação de Napoleão. Parecia saber muitas coisas que não deveria. O serviço de inteligência britânico estava bem-informado. Ela ergueu o ombro.

— Entre outros lugares.

— O que falsificou?

Ela olhou incisivamente para o relógio novamente e ergueu as sobrancelhas.

— Precisa de uma história completa?

Ele assentiu.

— Muito bem. Meu primeiro trabalho foi forjar cédulas austríacas. Meus colegas e eu ganhamos mais de cem milhões de francos, que foram colocados em circulação, para enfraquecer a economia.

Hampden ergueu as sobrancelhas.

Sabine deu uma risadinha.

— Isso criou uma situação bastante embaraçosa para o imperador, alguns anos depois, quando se casou com a princesa austríaca Marie-Louise. Foi forçado a proibir publicamente a impressão de notas falsas, mas então já era tarde demais.

— Mencionou colegas... — Hampden disse suavemente. — Quem mais estava no seu alegre bando de falsificadores?

Sabine mordeu o lábio. A equipe havia se dissolvido meses atrás, todos seguiram caminhos separados, quando a derrota de Napoleão ficou clara, mas ela não queria trazer problemas para suas portas. Encolheu os ombros.

— Ah, um bando de personagens interessantes. Artistas, gravadores, joalheiros, cartunistas satíricos.

— E quem é o amigo que a espera no parque? — Hampden perguntou gentilmente.

— Aquele que vai liberar suas notas falsas, se não aparecer esta manhã?

O pulso de Sabine acelerou.

— Não precisa saber o nome dele.

Ele não a pressionou, como ela esperava. Parecia contente em assistir e esperar que ela escorregasse, como uma aranha em sua teia. Paciente. Implacável. Sabine remexeu-se na cadeira.

Hampden se levantou.

— Está quase na hora de ir.

Ela ergueu os olhos.

— Não há necessidade de me acompanhar.

— Não está em posição de discutir.

Ela estreitou os olhos. — Se precisar de escolta, irei caminhar com um dos criados.

— Não. Vai caminhar comigo. Será um prazer.

CAPÍTULO 10

Sabine murmurou baixinho, mas o seguiu para o corredor xadrez. Ele deu um assobio estridente, uma convocação que foi respondida imediatamente pelo som de patas caninas. Seu desalinhado companheiro da noite anterior irrompeu de baixo da escada.

Hampden curvou-se para saudar as boas-vindas entusiásticas do animal, aparentemente despreocupado com suas calças imaculadas, enquanto pulava e colocava suas enormes patas dianteiras em suas coxas musculosas. Não que ela estivesse notando suas coxas, é claro.

— Qual a raça do cão?

Sua covinha unilateral apareceu e suas vísceras se liquefizeram em resposta.

— Não tenho certeza. Ele foi um presente de um dos meus arrendatários. Alegou que o filhote era galgo cruzado com um Bedlington terrier, mas havia um mestiço em algum lugar lá também. Ele arrepiou o pelo do animal com carinho.

— Qual o nome dele?

— Argos.

O animal olhou para seu dono com adoração, balançando a língua e a cauda. Sabine não conseguia desviar o olhar da forma como os longos dedos de Hampden se enroscaram em seu pelo. Argos deixou seu mestre e pressionou contra as pernas dela. Ela acariciou sua cabeça desalinhada distraidamente.

Hampden ergueu uma sobrancelha.

— Ele gosta de você. E ele geralmente é um bom juiz de caráter.

Ela estreitou os olhos, mas não havia malícia em sua provocação.

— Talvez eu o tenha subornado com um pouco de presunto no café da manhã. — disse despreocupadamente.

Sua expressão endureceu.

— Não me surpreenderia. A chantagem é o seu modo de negócios preferido, não é?

O prazer dela desapareceu com essa farpa, mas ele não lhe deu uma chance de responder.

— Vamos, hora dessa caminhada.

Argos conhecia essa palavra. Suas orelhas se levantaram. Ele saltou para a porta e voltou com um grito animado. Hampden tirou uma coleira e uma guia de couro de um gancho perto da porta e prendeu no cachorro. Então, segurou seu cotovelo com firmeza.

Para qualquer outra pessoa, pareceria que ele a estava escoltando educadamente pelos degraus da frente. Só ela podia sentir a força em seus dedos, a advertência implícita em seu aperto.

Viraram à direita, em direção ao Hyde Park, e Sabine respirou fundo. O

ar da manhã estava fresco. Pequenas nuvens bloqueavam o sol, mas algumas manchas azuis apareciam. Londres cheirava melhor do que Paris — mais fresca, menos enfumaçada. Ou talvez fosse apenas nos arredores rarefeitos de Mayfair.

As ruas também eram mais largas, a pedra clara das casas de um branco cintilante. Hampden acenou educadamente para a criada que escovava os degraus da casa ao lado, e cumprimentou o menino na esquina, que estava varrendo o cruzamento, com uma vassoura de graveto.

— Nem pense em tentar correr. — disse casualmente — Não terei nenhum problema em te pegar.

Caminharam em silêncio até chegarem à esquina de Park Lane. Sabine não pôde deixar de notar os olhares de soslaio e admiração que ele recebia das mulheres por quem passavam, os bonés deferentes dos homens.

— Aí, chegou ao fim da rua.

Sabine semicerrou os olhos para ver Anton, do outro lado do caminho, mas não conseguiu vê-lo entre as árvores densas do Hyde Park. Foi um lampejo de roupa perto da grade? Em uma das áreas mais densas de vegetação?

Ela suspirou, odiando sua visão defeituosa. Se estivesse sozinha, teria puxado a lente de aumento que usava em uma corrente, em volta do pescoço, mas a ideia de vasculhar seu decote com Richard Hampden tão terrivelmente perto não era algo que queria contemplar.

Simplemente esperava que Anton os tivesse visto. Ele disse que encontraria uma maneira de libertá-la das garras de Hampden, se ela parecesse estar em perigo, mas não conseguia imaginar o que ele poderia fazer. Hampden não era um homem de quem pudesse escapar facilmente. Colou um sorriso no rosto para tranquilizar Anton, se ele estivesse assistindo.

— Agora voltaremos para casa.

Hampden soltou o braço dela apenas para circundá-la, transferir a coleira de Argos para a mão direita e retomar o outro cotovelo, colocando-se automaticamente no lado mais próximo do tráfego, protegendo-a dos respingos de lama e das rodas potencialmente perigosas das carruagens.

Sabine franziu a testa. Ele, provavelmente, nem sabia que estava fazendo isso. Ela duvidava que a considerasse uma senhora digna de tais atenções cavalheirescas. Essas coisas estavam, sem dúvida, arraigadas em lordes e viscondes, tão naturais quanto respirar. Uma onda traidora de prazer aqueceu seu peito de qualquer maneira. Suspirou. As coisas seriam muito mais simples se ele fosse um bastardo completo.

CAPÍTULO II

Richard controlou seu temperamento, enquanto escoltava a pequena francesa traíçoeira ao longo da rua. Ela se manteve rígida, costas retas, cabeça erguida, evitando contato corporal com ele tanto quanto possível. Sua teimosa indiferença o fez querer empurrá-la contra a lateral da casa e fazer algo totalmente incivilizado, como beijar aquele olhar arrogante direto, daquela boca formalmente franzida.

Ele apertou a mandíbula. Deus, a mulher teve o efeito mais ridículo sobre ele. Deu um suspiro de alívio, quando a carruagem de Ravenwood dobrou a esquina e parou do lado de fora da casa. Raven saltou e ergueu uma sobranceira negra, ao vê-lo de braço dado com a visitante da noite anterior. Seu olhar era divertido, curioso, mas se curvou educadamente para Sabine e juntos subiram os degraus.

— Preciso de uma palavra. — murmurou ao ouvido de Richard.

Hodges abriu a porta, seu tempo perfeito como sempre, e Richard se virou para Sabine.

— Vá me esperar na biblioteca.

Ela ressentiu o tom peremptório, mas não discutiu.

— Como quiser.

Richard reprimiu um sorriso. Não se deixou enganar por sua aquiescência repentina. Ela odiava receber ordens dele, mas, claramente, aceitara a necessidade de acalmá-lo, pelo menos por agora. Observou suas costas retas como uma vareta, enquanto Hodges a escoltava para a biblioteca. Em seguida, indicou para que Raven passasse pela porta oposta, em seu escritório.

— O que é? — perguntou, sentando-se em uma das poltronas de couro escuro perto do fogo.

Os lábios de Raven se contraíram em diversão.

— Ah não. Não vou dizer nada até me contar o que aconteceu ontem à noite. E por que cheguei aqui esta manhã, para encontrar sua misteriosa visitante ainda aqui, e vestindo uma roupa completamente diferente.

Richard reprimiu uma maldição. Raven notaria esse pequeno detalhe. Era perspicaz. Aqueles olhos verde-esmeralda não perdiam nada.

Os olhos de Raven brilharam de interesse.

— Quem é ela?

Richard o informou.

Raven deixou escapar um longo assobio e recostou-se na cadeira.

— Ah, isso não tem preço. O grande Lorde Lovell, derrotado por uma duende francesa. — balançou a cabeça com uma risada alegre. — Sabe quanto tempo orei para que conhecesse seu par? Anos, meu amigo. Anos.

Richard considerou brevemente jogar seu amigo pela janela. Infelizmente, a experiência anterior disse a ele que mesmo a defenestração

não seria o suficiente para desviar Raven.

— Para quem acha que ela está trabalhando? — Raven perguntou.

Richard encolheu os ombros.

— Não sei. Decazes sucedeu Fouché como ministro da polícia, mas ele já tem o suficiente em seu prato agora, lidando com insurreições ultramonarquistas. Ele não tem tempo para criar problemas aqui.

— E por que enviar um dos melhores ativos da França para nós? Não faz sentido. Ele gostaria de mantê-la em Paris trabalhando para ele. — franziu a testa. — Acho que ela viu a chance de sair com o dinheiro e aproveitou.

— Acha que ela está agindo por conta própria? — Raven parecia cético.

— Não. Afirmo ter amigos que inundarão o mercado com dinheiro falso se for prejudicada. Não acho que ela está blefando. -

—Precisamos encontrá-los, então.

Richard assentiu.

— Vou manter alguém a seguindo.

Raven lhe lançou um sorriso malicioso.

— Ou talvez consiga convencê-la a dizer onde está o dinheiro. Use aqueles famosos *looks* bonitos, pelo menos uma vez.

O estômago de Richard apertou com a ideia de tirar a informações de sua convidada. Não seria exatamente uma dificuldade. Poderia ser virgem; ela era muito equilibrada, muito descarada, muito segura de si. E por sua própria admissão, não era esposa ou amante de nenhum homem. Apresentou-se em sua porta, se colocou em suas garras. Certamente isso significava que ela jogava limpo?

—Então o que vai fazer com ela? — A pergunta de Raven interrompeu os pensamentos aquecidos de Richard.

— Usá-la, claro. Pode começar a falsificar documentos imediatamente.

Raven ergueu as sobrancelhas.

— Está mantendo-a aqui? Não vai colocá-la em uma casa segura?

Richard tamborilou com os dedos no apoio de braço.

— Não quero que ela corra. Preciso dela perto.

Raven deu-lhe um olhar sardônico.

— Certamente no interesse da segurança nacional, é claro. — disse, impassível. — Pobre Richard, obrigado a suportar a companhia de uma linda traidora, dia após dia. Noite após noite. Meu coração sangra por sua causa. — balançou a cabeça com um sorriso. — Vi o jeito que a olhava. A proximidade imposta vai ser a única coisa para manter um controle sobre toda essa atração latente.

Richard estreitou os olhos para o amigo. Não fora o único afetado por uma mulher minúscula e irritante.

— Por que está aqui tão cedo, afinal? — Não é típico de Heloise deixá-lo fora de perigo.

Raven se casara com a irmã mais nova de Richard, Heloise, há alguns meses. Por escolha. Richard ainda não conseguia entender. Ainda assim,

pareciam nauseantemente felizes juntos. Reprimiu uma pontada de inveja pelo contentamento deles.

A expressão de Raven ficou séria.

— Vim porque tenho novidades. Visconti está aqui em Londres.

Richard se endireitou na cadeira, todas as provocações esquecidas.

— Visconti? Tem certeza?

Raven assentiu.

— Castlereagh o está rastreando desde o Congresso de Viena. Deve ter ficado sem gente para assassinar no continente. Nenhum avistamento confirmado ainda, mas ouvi sussurros o suficiente, para acreditar que é verdade. Ele está aqui.

— Duvido que tenha vindo para desfrutar da poluição atmosférica ou da cozinha. — Richard terminou sombriamente.

— Deve estar aqui para um trabalho. — Raven se recostou na cadeira.

— Exatamente. Então, tudo o que temos que fazer é descobrir quem é seu alvo e quem o contratou. Infelizmente, com o país no estado em que se encontra, há inúmeros candidatos. O primeiro-ministro. O gabinete. Toda a família real. Qualquer pessoa sob os olhos do público.

Este pronunciamento sombrio foi interrompido por uma discreta batida na porta. Hodges entrou.

— Fiz uma busca no quarto de nossa hóspede, conforme suas ordens, senhor.

— E?

— Parece que ela trouxe muito pouco, milorde. Três vestidos. Algumas roupas íntimas úteis, um par de luvas, um chapéu. Uma pequena caixa de materiais de artista: caderno, tintas, pastéis, pincéis. E alguns papéis de viagem, em nome de Marie Lambert.

Richard franziu a testa.

— Sem joias? Moedas? Pacotes de dinheiro? Nada costurado em suas roupas ou no forro da valise?

— Não senhor. Seus bolsos continham apenas um lenço e um canhoto da passagem de coche, de Dover para Londres.

— É isso? Sem perfume? Pó? Rouge?

— Não, milorde. Nada disso. Há dois pequenos retratos emoldurados, que suponho serem de seus pais, sobre a lareira, e uma pistola de bolso, escondida sob o colchão.

Então, ela não estava mentindo sobre a pistola.

Richard sentiu uma leve pontada na região do plexo solar. Tão pouco, para começar uma nova vida. Balançou a cabeça. Não sentiria pena de sua prisioneira. Ela escolheu vir aqui. E, como a pistola evidenciava, é mais do que capaz de cuidar de si mesma. Ergueu os olhos.

— Obrigado, Hodges. Isso é tudo.

Quando o servo fez uma reverência e se retirou, Richard se voltou para Raven.

— Quero uma atualização sobre o paradeiro de Visconti assim que tivermos.

Raven assentiu.

— Tem minha palavra. Deus sabe, eu gostaria de colocar uma bala no desgraçado, mas todos nós sabemos que tem uma reivindicação anterior. Vamos pegá-lo dessa vez, Richard, juro.

Richard assentiu severamente.

CAPÍTULO 12

Sabine estudou a biblioteca com calma.

Escadas altas de madeira sobre rodas de latão permitiam o acesso às prateleiras mais altas das estantes do chão ao teto. Um par de globos terrestres em pés abertos flanqueava uma mesa de jogo de mogno, o topo com um círculo de baeta verde e pequenos recortes para os contadores de madrepérola dos jogadores.

Era um comodo decididamente masculino, projetado para deixar o habitante à vontade. Um par de poltronas verdes tinha sido agrupado ao redor do fogo. O couro dos braços era de uma cor mais escura, polido para um alto brilho com o tempo e o uso constante. Queria se enrolar em um e ler o dia inteiro.

O cheiro era familiar também, o mesmo aroma da gráfica de Jacques — uma reconfortante mistura bolorenta de encadernações de couro, papel e cera de abelha.

Sabine examinou as prateleiras. Ostentavam uma impressionante variedade de títulos, desde os antigos gregos a uma variedade de periódicos modernos. Mas o mais surpreendente foi a grande seção em francês. Inclinou a cabeça para ler as lombadas. Descartes, Balzac, Molière. Uma tragédia de Racine, o divertido *Cândido* de Voltaire. Até viu alguns de seus favoritos, incluindo *Manon Lescaut* do Abbé Prevost e *Les Liaisons Dangereuses* de Laclos.

Suas sobrancelhas se ergueram ao ver uma cópia do romance erótico *Justine*, do Marquês de Sade. Não admira que Hampden manteve a seção francesa tão elevada. Olhou mais para cima. Se de Sade estava apenas na metade do caminho, o que, diabos, mantinha nas prateleiras de cima? Subiu alguns degraus da escada e forçou os olhos, mas, infelizmente, era muito difícil de ver.

Seu olhar pousou nas obras coletadas de Roger de Bussy-Rabutin. Ele escreveu uma de suas citações favoritas: “*A ausência é para o amor o que o vento é para o fogo; extingue o pequeno e inflama o grande.*” — Sabine fez uma careta. Já havia feito bastante fogueiras recentemente.

Desceu de volta.

O que Hampden estava falando com seu amigo no escritório ao lado? Dela, provavelmente.

Seus olhos foram para as fotos nas paredes. Pode-se dizer muito sobre um homem, pelas fotos que ele escolhe para pendurar em sua casa, as coisas que ele escolhe ver todos os dias.

Na França, os novos ricos, que prosperaram sob o imperador, correram para leiloar e compraram todos os retratos de família de *aristocratas* exilados e guilhotinados. *Voilà*. Ancestrais instantâneos, para falsificar uma longa e ilustre herança familiar. A hipocrisia a deixou doente. A burguesia, que tanto

detestava as classes altas, agora parecia determinada a imitá-las, da forma mais ostensiva possível. Eles tinham todo o dinheiro e nenhum *élan*.

Os retratos de família de Richard Hampden, provavelmente pendurados em alguma galeria interminável de imagens em sua casa ancestral, sem dúvida, complementados por sombrias naturezas mortas holandesas e as cenas de caça sangrentas, pelas quais os ingleses pareciam tão apaixonados, com a pobre raposa perseguida por cães latindo e caçadores de casacos vermelhos em montarias reluzentes.

Sabine virou a cabeça e sua boca abriu em choque. Bom Deus. Aquilo era um Rembrandt van Rijn? Correu para olhar mais de perto.

Estudara as obras de Rembrandt no Louvre, copiou-o em muitas ocasiões, mas nunca ficou satisfeita com os resultados. Este retrato era de uma mulher com um chapéu vermelho. Sabine suspeitou que fosse a esposa de Rembrandt, Saskia. O artista a usava frequentemente como modelo, e ela parecia vagamente familiar.

Aproximou-se. A mulher não era bonita, por nenhum esforço da imaginação. Seu rosto era rechonchudo, com traços pastosos e a sugestão de um queixo duplo, mas sua expressão era gentil. Havia amor em cada pincelada, um calor na forma como o artista a retratou, que a tornava luminosa, apesar de suas falhas.

Sabine engoliu um aperto inesperado na garganta. Sorte da Saskia, por ser tão amada.

A porta clicou e ela se virou assustada.

— Admirando meu Rembrandt? — Hampden falou lentamente.

Não se preocupou em esconder sua apreciação.

— Estou. É maravilhoso.

— Espero que não esteja pensando em roubá-lo.

Deu-lhe um olhar irritado.

— Sou uma falsificadora, não uma ladra.

Ele sorriu, aparentemente satisfeito por tê-la cutucado.

— Como artista, sem dúvida, conhece muito melhor a habilidade dele do que um filisteu como eu. Sei que gosto, mas não posso explicar o que o torna tão extraordinário. — aproximou-se e ela respirou fundo.

— Me diga, o que vê?

Ele parecia genuinamente interessado, então Sabine decidiu agradá-lo. Voltou para a pintura, evitando olhar para ele.

— É uma pintura aparentemente simples. Rembrandt está usando uma série de técnicas complexas para manipular o espectador.

As sobrancelhas de Hampden se ergueram.

— Mesmo? As pinturas podem enganar?

— Qualquer coisa pode ser enganosa. — disse ela rapidamente.

— Algumas pinturas são pura propaganda. Ora, o pintor da corte de Napoleão, Davi, retratou o imperador liderando suas tropas pelos Alpes em um corcel cor de fogo empinado. Na verdade, cavalgava um asno.

Os lábios de Hampden se contraíram em um sorriso.

Apontou para o colar de Saskia. — Observe como algumas partes estão mais em foco do que outras? Isso é deliberado. As áreas menos importantes ficam borradas e vagas. As áreas mais nítidas chamam a atenção. É uma orientação errada, como a forma como um mágico de rua nos ilude, ao fazer um truque.

Ela gesticulou para o rosto da mulher.

— Os olhos são a parte mais importante, então ele os pinta com mais detalhes do que o resto. É aí que nos concentramos.

Sabine, resolutamente, manteve seu olhar na pintura, determinada a não sucumbir à tentação de estudar os olhos extraordinários de Hampden. Eram da cor mais incomum. Não conseguia decidir quais tintas precisaria para replicá-los; Siena queimada, talvez? Manchado de carvão e âmbar.

Ela pigarreou.

— O uso da cor também é magistral. As pessoas que nunca pintaram sempre acham que a carne humana é um único tom, mas para pintar bem a pele, precisa de toda uma gama de cores.

Ela se inclinou para frente. Ao lado dela, Hampden fez o mesmo, sem tocá-la, mas sua presença sólida era uma perturbação no ar, impossível ignorar. Sentiu o mais leve cheiro de seu perfume masculino e limpo. Seu estômago deu um nó.

— Se olhar de perto, pode ver manchas vermelhas, azuis e amarelas no rosto. Azul nas áreas sombreadas, vermelho no nariz, bochecha e sobrancelha e amarelo nas áreas que ele queria clarear.

— Fascinante! — murmurou Hampden. Embora não houvesse virado a cabeça, tinha a suspeita enervante de que ele a estava estudando, e não à pintura. Deu um passo para trás e pigarreou. — Essa é uma de suas últimas obras, imagino.

— Como sabe?

— Mais tarde na carreira a pincelada é mais solta. Menos detalhada, mas mais confiante.

Ela se afastou, ciente do fato de que estavam a sós. Às vezes, o recuo era a melhor parte da coragem. Deu um passo para o lado, até a estante de livros, e correu os dedos pela prateleira mais baixa.

— Tem uma excelente seleção de livros franceses.

Ele encolheu os ombros.

— Minha mãe me fez ler muito na língua nativa dela.

— Ah. Minha mãe me fez ler muito em inglês. Shakespeare, Marlowe, Chaucer...

Ele apontou para a grande mesa, com tampo de couro, à qual ela se sentara e puxou a cadeira para ela, outro gesto automático.

— Sinta-se à vontade para pegar algo emprestado em outra hora. Agora sente-se. É hora de trabalhar.

Sabine se acomodou na cadeira que ele indicou, do outro lado da mesa.

— O que quer que eu faça? -

— Como eu disse ontem à noite, quero pegar um grupo dissidente que está conspirando contra o governo. Identificamos a maioria dos membros, mas foram cuidadosos para não serem pegos atraindo-se. Queria que Lacorte falsificasse alguns papéis incriminadores, que os colocariam em luta entre si. Provas de um caso, talvez, ou de traição, para separar a gangue.

Ele sorriu, um olhar astuto, que a deixou imediatamente nervosa. Parecia uma raposa contemplando uma lacuna na cerca do galinheiro.

— Mas agora percebo que podemos fazer algo muito melhor. Sua fortuna falsa me deu uma ideia. Vamos encorajar os conspiradores a concluir o trabalho inacabado de Napoleão e arruinar a economia, distribuindo seu dinheiro falso.

Sabine franziu a testa.

— Como irá fazer? Certamente não está com meu dinheiro. Eu não vou te dizer onde está.

Deu-lhe um olhar condescendente.

— Não preciso de suas falsificações para atraí-los. Tudo que exijo é que eles se incriminem, concordando com o plano. Quando o fizerem, vamos prendê-los por tramar traição.

— Então, o que quer de mim?

— Uma carta de Napoleão, detalhando suas intenções.

— Como chegará aos conspiradores, sem levantar suspeitas? Recebem ordens da França?

— Não. Eles são ingleses. Mas têm as mesmas ideias revolucionárias e estúpidas de seus amados compatriotas. — seu tom era docemente zombeteiro.

— E a carta vai vir de alguém que conhece intimamente o esquema de falsificação. Alguém com acesso plausível ao dinheiro falso e comprovada lealdade ao imperador.

Sabine ergueu as sobrancelhas, já suspeitando de suas próximas palavras.

— E esse seria?

— Philippe Lacorte. — Hampden recostou-se na cadeira e juntou os dedos.

Ela estreitou os olhos.

— Vai ter alguém se passando por Lacorte? — Uma onda de raiva aqueceu seu peito, ao pensar em algum estranho tentando imitar sua competência profissional.

— Esses homens não se preocupam com uma armadilha? Certamente vão testar quem é enviado?

Hampden assentiu placidamente.

— Sem dúvida, vão. Se suspeitarem que quem quer que estejam encontrando não seja realmente Lacorte, provavelmente o matarão.

A garganta de Sabine se fechou de pavor. Era uma vida humana da qual

ele estava falando tão casualmente.

— Então se esses homens souberem de alguma coisa sobre os detalhes técnicos da falsificação, o que, como criminosos, tenho certeza de que saberão, percebendo, então, que seu homem não é Lacorte, em questão de minutos.

— Concordo. — Hampden disse suavemente.

Sabine franziu a testa. Sua calma imperturbável era extremamente irritante. Como poderia arriscar um de seus homens dessa maneira? Ela colocou as mãos sobre a mesa e tentou fazê-lo ver sentido.

— É arrogância e estupidez mandar alguém que não sabe falsificar para lidar com eles. Estaria enviando seu homem para a morte.

— Eu concordo. — Hampden disse novamente, e seu tom divertido penetrou na ira dela. — Duvido que algum dos meus agentes consiga enganar. Como eu disse, vou enviar alguém que tenho certeza de que será convincente.

Sabine curvou o lábio.

— Você mesmo, presumo?

O sorriso parou o coração dela por uma fração de segundo.

— Sua confiança é reconfortante. — ele zombou. — Mas, não. — seus olhos nunca se desviando dos dela fizeram embrulhar seu estômago desagradavelmente. — Eu iria mandar o verdadeiro Philippe Lacorte.

Seu coração bateu forte e parou.

— Agora, espere um minuto. Acabou de dizer que aqueles homens vão matar qualquer um suspeito de ser um espião ou um impostor!

Seu sorriso se alargou.

— É melhor ser convincente, então.

Sua cabeça girou. Quando decidiu oferecer seus serviços a Hampden, pensou que seria um caso simples de falsificar alguns documentos, receber o pagamento e sair de Londres. Agora, a cada passo estava se tornando cada vez mais envolvida em seu mundo. Um mundo assustador e perigoso.

Ela cruzou os braços. E desejou ter trazido sua pistola.

— Não foi com isso que eu concordei.

Seus olhos âmbar cravados nos dela, sem piscar. — Veio a mim. Concordou em trabalhar para mim. Foi sua escolha. Vai me escrever essa carta. E, então, vai oferecer aos traidores as falsificações, para que eles possam realizar os desejos de Napoleão.

— Sou uma falsária, não um agente secreto, ou uma espiã, ou o que quer que chame a si mesmo.

Seus ombros largos se ergueram, em um elegante encolher de ombros.

Ela procurou por obstáculos ao plano.

— Como Philippe Lacorte saberia da existência de um bando de dissidentes ingleses?

— Deixe isso comigo. O submundo do crime é um lugar muito pequeno. Alguns sussurros nos ouvidos certos e os conspiradores irão te procurar.

— Oh, que maravilha! — ela murmurou sombriamente.

Hampden se espreguiçou como um gato preguiçoso.

— Então, primeiro as primeiras coisas. Vamos escrever essa carta, certo?

CAPÍTULO 13

Hampden recostou-se e abriu a gaveta central da enorme escrivaninha.

— Já falsificou a letra do imperador antes. — fez uma declaração, não uma pergunta.

— Eu poderia ter feito isso. — Sabine se esquivou.

Ele retirou um maço de documentos.

— Vamos agora, não precisa ser modesta. Castlereagh enviou alguns exemplos de seu trabalho. — abriu um arquivo e pegou o primeiro pedaço de papel.

— Como este. Um passaporte para o Conde de Noailles. Nós o recuperamos no mês passado, durante uma invasão em Seven Dials.

Sabine estreitou os olhos.

— O que te faz pensar que este é um dos meus?

Ele sorriu com o tom defensivo dela.

— Nenhuma falha técnica, garanto. Acontece que o conde de Noailles foi guilhotinado em '94. Estranho, então, que tivesse navegado para Portsmouth há seis semanas. — seus lábios se contraíram nos cantos.

Ela olhou para o papel, como se nunca o tivesse visto antes, mas não conseguiu evitar o pequeno sorriso de orgulho que apareceu em seus lábios. — Essa foi uma das últimas que fiz antes de sair de Paris.

— Para quem fez isso?

— Não faço ideia. Aqueles que usavam Lacorte raramente revelavam seus nomes. E nunca conheci os clientes. Sempre foi um... — Mordeu o lábio antes de trair o nome de Anton. — Um sócio meu, — emendou rapidamente, esperando que Hampden não tivesse notado o deslize — que lidava com os clientes.

Ele folheou mais algumas páginas.

Ela não tinha necessidade de defender suas ações para este homem, e, ainda assim, sentiu o desejo de se explicar. Só isso a deixou com raiva.

— Além da moeda falsa — que fui obrigada a fazer — só produzi documentos que ajudassem as pessoas — disse.

— Documentos de viagem, recibos de hospitais, certificados de residência para emigrados que retornavam e precisavam provar que não haviam realmente deixado o país. Outros falsificadores menos escrupulosos falsificaram "*atos de doação*" para que herdeiros ilegítimos pudessem reivindicar uma propriedade de forma fraudulenta ou falsificar testamentos para dar às pessoas uma herança à qual não tinham direito. Nunca fiz nada parecido.

Uma covinha apareceu no rosto dele.

— Sim, temos sorte de ser uma criminosa tão honesta. — disse devagar. — Uma autêntica santa.

Ela se endireitou com uma dignidade ofendida.

— O que é legal e o que é certo, às vezes, não são a mesma coisa. Posso ser uma criminoso, mas me considero uma pessoa altamente amoral.

— Agora, eis o melhor da lógica feminina.

Deu-lhe um olhar duro.

— Estou ciente da contradição. No entanto, é verdade.

Ele parecia pouco inclinado a discutir o assunto.

— Então, do que precisa para falsificar uma carta de Napoleão?

— Além de papel e tinta, vários exemplos autênticos de sua caligrafia para copiar.

Ele assentiu e abriu uma segunda pasta.

— Eu esperava isso. — deslizou-a sobre a mesa. Sabine sentiu um leve cheiro de verbena de limão e o cheiro de amido puro de sua gravata. Seu estômago vibrou de forma traiçoeira.

— É uma correspondência dele, que interceptamos. Como pode ver, existem todos os tipos. Despachos. Papéis pessoais. Até várias cartas que escreveu para Josefina do Egito. O conteúdo daquelas foi publicado em nossos jornais nacionais da época, para humilhá-lo. Enquanto ele escrevia ofegantes cartas de amor, a imperatriz estava tendo um caso com um tenente da cavalaria chamado *Hippolyte Charles*.

Sabine estudou o primeiro documento e franziu a testa para as linhas rabiscadas.

— Há a caligrafia de duas pessoas diferentes aqui. Esta seção foi escrita por seu secretário particular. — puxou o dedo para baixo.

— Esta é a própria mão de Napoleão. Ele é míope e escreve muito rapidamente. Isso afeta sua caligrafia.

Hampden balançou a cabeça.

— Tais complexidades.

Ela assentiu, distraidamente.

— Aprender a copiar algo é como aprender um idioma. Precisa repetir várias vezes, até que seja fluente o suficiente para conversar em um nível decente.

— Precisa de algum tipo especial de papel?

— Na verdade, o imperador nunca usou pergaminho ou velino. O papel só precisa ser de alta qualidade. — arqueou uma sobrancelha, incapaz de resistir a uma brincadeira astuta — Exatamente o tipo de papel que um aristocrata mimado teria na escrivaninha, imagino.

Ele abriu uma gaveta e deslizou várias folhas imaculadas de papel, sem dúvida, caros, pela mesa. Sabine ergueu um para a luz e acenou para a evidência das linhas translúcidas, que mostravam que o papel havia sido seco em uma grade.

Puxou para si o pote de tinta e a caneta-tinteiro, do outro lado da mesa.

— Quanto à tinta a ser usada, isso bastará. Ao contrário da tinta de desenho, que descolora com o tempo porque contém ferro, a tinta de escrever ainda é feita de acordo com a antiga fórmula grega, que consiste em um

carbono, como a fuligem, mais goma arábica e água. Não desaparece.

Hampden bateu um dedo longo nos lábios.

— Me ocorre que falsificadores devem ser muitas coisas. Químicos, para entender a composição das tintas, além de artistas e desenhistas.

— De fato. — murmurou, animada com o elogio e o fato de que ele parecia apreciar sua profundidade de conhecimento.

— Então, o que quer que esta carta diga? -

— Use esta como base. — folheou a pasta e passou para ela uma página manuscrita. Era uma carta de Napoleão, com instruções sobre como montar a operação de falsificação de Vincennes.

Sabine escondeu seu choque. Então foi assim que ele soube disso. Há quanto tempo os britânicos tinham essa informação?

— Essa carta é de 1809, mas faça a sua depois, do início do ano passado.

Sabine, obedientemente, escreveu janeiro de 1815 no topo da página.

A carta dizia:

Ao conde Fouché, Ministro da Polícia, Schonbrunn, 23 de setembro de 1809.

“Maret está enviando o que pede. Repito que, seja na paz ou na guerra, atribuo a maior importância em ter cem ou duzentos milhões de notas. Esta é uma operação política. Assim que a casa da Áustria for despojada de seu papel-moeda, não poderá mais fazer guerra contra mim. Pode montar as oficinas onde quiser — no castelo de Vincennes, por exemplo, de onde as tropas seriam retiradas e ninguém teria permissão para entrar. A regra rigorosa seria explicada pela presença de prisioneiros estaduais. Ou pode colocá-los em qualquer outro lugar de sua escolha. Mas é urgente e importante que a sua atenção deva ser dada a este assunto. Se eu tivesse destruído aquele papel-moeda, não teria travado essa guerra.”

Napoleão.

Hampden a olhou.

— Quero que sua carta seja semelhante, só que, em vez de falar sobre o esmagamento da Áustria, quero falar sobre o esmagamento da Inglaterra. — inclinou a cabeça.

— Consegue fazê-lo?

Sabine endireitou o corpo.

— É claro. Se algo foi feito à mão humana, pode ser reproduzido. E se alguém tiver talento e paciência - o que eu tenho - isso pode ser feito de modo que ninguém suspeite da diferença.

Escreveu um rascunho da carta, consciente de sua consideração o tempo todo, e o estendeu para sua inspeção.

— Isso bastará?

Ele leu tudo. — Sim.

— Como devo assinar? Napoleão usa vários métodos diferentes. — indicou os documentos que ele espalhou sobre a mesa.

— Neste aqui ele acabou de assinar N. — cutucou outro.

— Aqui ele usou a forma abreviada, Nap. — bateu na carta que estava copiando. — E aqui ele assina integralmente.

— Escreva *Napoleão* para maior clareza. — disse Hampden. — Quero que os conspiradores não tenham dúvidas.

Sabine praticou mais algumas frases em uma folha de papel em branco, tentando imitar o estilo errático do líder francês. As três primeiras letras de sua assinatura correram juntas para que o Nap se parecesse mais com as letras *Nq*. Tomaria o cuidado de copiar isso.

Olhou para cima e encontrou o olhar de Hampden.

— Não tem outra coisa para fazer? Eu trabalho melhor na solidão.

Ele relaxou na cadeira, de pernas cruzadas.

— Ah não. Estou saboreando esta oportunidade de ver a mestra em seu trabalho.

Ela fez uma careta e passou a ignorá-lo, o melhor que pôde. Vinte minutos - e três tentativas malsucedidas - depois, conseguiu criar uma carta da qual se orgulhava. Soltou um suspiro e recostou-se na cadeira. — Agora para os retoques finais. Devemos levar em consideração onde isso deveria ter acontecido. Quantas pessoas teriam lidado com isso? Uma condição perfeita demais levantará suspeitas. Deve parecer que foi aberto e lido algumas vezes. Vai pedir o chá?

Hampden pestanejou ante o aparente *non sequitur*.

— Perdão?

Ela deu-lhe um sorriso sereno.

— Chá. Se não se importa.

— Se desejar. — levantou-se e puxou a campainha da porta. Uma criada apareceu e, para a alegria de Sabine, ele pediu não apenas chá, mas também sanduíches e bolo. Que maravilha poder exigir tais luxos!

— Não tomou o desjejum que lhe mandei? — ele perguntou.

— Sim, comi. Estava uma delícia. Mas eu não recusaria uma xícara de chá agora. E, em qualquer caso, tingir o papel com chá frio é uma excelente forma de envelhecer documentos.

Que garota extraordinária, pensou Richard.

Assisti-la trabalhando foi uma revelação. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha ficado tão impressionado. Ou tão encantado.

Ela girou os ombros em um movimento delicado — o que, naturalmente, chamou sua atenção para a curva de seus seios, sob o tecido tenso de seu vestido. Seu sangue latejava. A chegada oportuna de Hodges com a bandeja de chá forneceu uma distração muito necessária.

Richard pigarreou.

— Aqui na mesa, por favor, Hodges.

Argos entrou logo atrás do servo e, com um breve olhar de desprezo para Richard, trotou e desabou em um emaranhado de longos membros, aos pés de Sabine. *O traidor.*

Sabine, no entanto, atacou os sanduíches assim que foram colocados na mesa. Demoliu um, mal tendo tempo para respirar, e Richard sentiu uma pontada repentina de culpa. Ela estava tão magra. Será que passara fome em Paris? A ideia o fez sentir-se mal.

Ela pegou um dos bolinhos. O cozinheiro enviara seus favoritos, bolinhos em forma de amêndoas, cobertas com glacê. Sabine mordeu um, parou a boca no meio da mastigação e deu um gemido de prazer, que Richard considerou ridiculamente erótico.

Ele afastou os olhos de uma migalha que tremia no canto do lábio superior de Sabine e se concentrou em servir o chá, como uma pessoa normal. Como uma pessoa que não teve a visão de puxá-la sobre a mesa e lamber aquela migalha. Ela terminou o bolo e pegou outro.

— Vai ficar doente se comer tão rápido. — repreendeu.

Ela teve um sobressalto de culpa, apanhada com um bolo inteiro enfiado na boca. Ele suprimiu o desejo de rir. Percebendo claramente que não poderia tirá-lo com qualquer grau de dignidade, começou a mastigar, observando-o com um leve rubor na face. Deu-lhe um olhar desafiador e engoliu. Ele entregou uma xícara de chá fumegante.

— É a primeira vez que vi alguém tentar inalar um desses. — disse suavemente.

Ela tomou um gole apressado de chá — e praguejou baixinho, quando escaldou a língua.

— Nunca comi muitos bolos em Paris.

— Nem bebeu muito chá. — ele provocou.

— Não se embala a xícara entre as palmas das mãos, como se fosse um pássaro que procuramos aquecer. Estou informado de que uma *lady* segura a alça delicadamente com apenas dois dedos e o polegar. Só então, pegou sua própria xícara e demonstrou.

Ela estreitou os olhos, como se estivesse pensando em quebrar o bule na

cabeça dele.

— Eu nunca disse ser uma *lady*.

Ele lhe enviou um sorriso condescendente, que certamente a irritaria.

— É o que parece.

Ela reorganizou as mãos e tomou outro pequeno gole de chá.

— Então, terminei sua carta. E agora?

— Farei com que caia nas mãos de nossos traidores.

Ela escovou inutilmente as migalhas em seu colo.

— Isso é tudo por hoje?

Ele sorriu com a sugestão de desespero em sua voz. Ela queria ficar longe dele. *Sem chance, Srta. De la Tour*. — Não. Desejo discutir seus arranjos de dormir.

Um novo rubor subiu por sua garganta. A mão que ergueu sua xícara de chá tremeu, levemente. — O que quer dizer?

— Quero dizer que não pode ficar publicamente nesta casa, comigo, pelo próximo mês.

Seus ombros cederam de alívio. Deu-lhe um sorriso travesso. — Tem medo de arruinar sua reputação, Lorde Lovell?

— Num certo sentido. Se a instalar aqui, será rotulada como minha mais recente amante, e nenhum de nós quer isto.

Ela enrijeceu em aparente afronta, e ele mordeu o lábio, para se impedir de sorrir.

— Para esse fim, — ele continuou suavemente, — vai se mudar para a casa vizinha.

Ela piscou surpresa.

— Meus pais são donos do número seis. Meu pai ainda está na casa da família, em Dorset, mas minha mãe, nesta temporada, está morando aqui. Pelas próximas quatro semanas vai morar lá, com ela. Digamos que poderá ser uma prima francesa distante, visitando-nos, agora que a guerra, finalmente, acabou.

— Parece ter resolvido tudo. — disse. — Mas sua mãe pode não querer uma estranha morando na casa dela.

— Não será forçada a ela. Sua residência será apenas no nome. As duas propriedades compartilham uma porta de interconexão. Vai trabalhar e dormir aqui, mas, pelo bem da aparência, vai sair pela casa da minha mãe, sempre que sair.

Sabine franziu a testa. — Se está tão preocupado com as aparências, por que, simplesmente, não me coloca em um hotel?

— Porque não tem minha confiança. — disse. — Nem um pouco. Agora venha. — ele se levantou, esperando que ela o seguisse.

Ele a ouviu suspirar. — Não consigo me levantar. Seu cachorro está sentado em minhas saias.

Richard olhou para baixo. Sabine tentou soltar os pés, mas Argos não estava cooperando nem um pouco. Ele deu um bocejo enorme e baixou a

cabeça para trás sobre as patas dianteiras cruzadas.

Richard deu um assobio baixo. — Sai. — repreendeu o cachorro. — Vá ver se o *Cook* tem mais bolos.

Isso teve o efeito desejado. Se havia uma palavra que Argos conhecia melhor do que andar, era bolo. O cachorro deu-lhe um olhar de nojo, como se para indicar seu desprezo por tal suborno flagrante, mas se levantou e saiu trotando.

Richard conduziu Sabine até a porta no corredor, que ligava à casa de sua mãe. Ambos os lados tinham uma chave, mas ele foi o único que a usou. Sua mãe nunca trancou o lado dela, protestando que ele sempre era bem-vindo.

Entraram em um corredor quase idêntico, exceto que as paredes eram de um azul claro, em vez de verde-garrafa. Duas animadas vozes femininas emanaram do salão da frente, e ele se dirigiu naquela direção. Perfeito. Com o canto do olho, pegou Sabine tentando endireitar a saia, alisar o cabelo e esconder um sorriso.

Isso estava ficando divertido.

Duas mulheres ergueram os olhos quando Sabine entrou em uma ensolarada sala de estar amarela, logo atrás de Richard. Ambas tinham expressões educadas, embora surpresas. O estômago de Sabine afundou ao ver como elas estavam lindamente vestidas, mesmo quando estavam apenas relaxando em casa.

— Ah, aí está você! — Hampden disse alegremente. — Mamãe, Heloise, gostaria de apresentar-lhes mademoiselle Sabine de la Tour. — virou-se para ela: — Sabine, minha mãe, Therese Hampden, condessa de Lindsey, e minha irmã, Heloise Ravenwood, marquesa de Ormonde.

As duas mulheres fizeram uma reverência. Sabine copiou o gesto, arrastando a curva de joelho meio esquecida e o aceno de cabeça de uma memória distante. Percebeu, com uma pontada repentina, que não fazia uma reverência assim desde a morte de sua mãe.

Hampden continuou falando enquanto todos se endireitavam.

— A senhorita de la Tour é uma de nossas contrapartes francesas. Uma colega que me ajudará, como minha convidada, pelo próximo mês.

Lançou a Sabine um olhar brando, apenas desafiando-a a contradizê-lo.

Uma onda quente de constrangimento aqueceu suas bochechas. “*Oh, Deus, ele poderia muito bem tê-la apresentado como sua amante*” Que outra conclusão as mulheres poderiam tirar de um arranjo tão ultrajante? Abriu a boca para tentar explicar, mas a fechou. O que poderia dizer? Era uma falsificadora? Uma criminosa? Uma fugitiva de seu próprio país?

Para sua surpresa, nenhuma das duas parecia enojada ou escandalizada. Na verdade, as duas tinham expressões idênticas de intriga divertida. A mais velha tinha os mesmos olhos âmbar calorosos de seu filho. Mal parecia ter suficiente idade para ter um filho da idade dele. Sabine se dirigiu a ela primeiro.

— Perdoe-me, *madame*, pela intrusão. Estou muito feliz em conhecê-la.

A mulher sorriu e estendeu as mãos em saudação. — Bem-vinda, minha querida.

A jovem, Heloise, deu um passo à frente. Tinha uma cicatriz pálida curvada em um lado de sua testa, da linha do cabelo às têmporas, mas que de forma alguma diminuía sua beleza, realçada por um par de olhos cinza-tempestade impressionantes.

— O sujeito de má reputação que conheceu na casa ao lado é William Ravenwood, marquês de Ormonde. — disse Hampden. — O pobre coitado é casado com Heloise, aqui.

— Richard! — A jovem revirou os olhos com a provocação do irmão.

— Acabamos de voltar de nossa lua de mel no Egito — confidenciou a Sabine, com um sorriso — Foi maravilhoso. Agora estamos morando em nossa casa em Londres, *Avondale House*. Uma curta caminhada, em Berkeley

Square.

Sabine assentiu.

— Parabéns.

Hampden se dirigiu à mãe novamente.

— A senhorita de la Tour vai estar extremamente ocupada, trabalhando para mim, durante o dia — lançou a Sabine um sorriso zombeteiro, mas, à noite, estará presente em vários eventos noturnos, como nossa convidada.

Sabine franziu a testa.

— Isso não é o que nós...

Seu sorriso permaneceu no lugar, mas seu olhar âmbar se aguçou em advertência.

— Mesmo assim, é o que exijo, senhorita de la Tour.

Sabine franziu a testa, furiosamente ciente de que não poderia despedaçá-lo na frente de sua família. Sem dúvida, foi exatamente por isso que mencionou isso agora, enquanto tinham uma audiência. Deu-lhe um olhar que lhe assegurava que continuariam a conversa mais tarde, em particular.

Heloise indicou um sofá estofado amarelo.

— Não quer se sentar, Srta. De la Tour? Estou simplesmente desesperada para saber como ajudará meu irmão.

Hampden deu-lhe um olhar divertido e repreensivo por sua tentativa nada sutil de bisbilhotar — Não vamos ficar. — olhou para a mãe.

— Se alguém perguntar, Sabine é uma parente distante de Valette, que veio nos visitar, agora que a guerra acabou.

— É claro. — Therese assentiu, aceitando como se recebesse tais pedidos estranhos diariamente. Talvez, sendo mãe de Richard Hampden, já os houvesse recebido.

Seu olhar voltou-se para Sabine, e sua pele aqueceu quando a olhou da cabeça aos pés, como um jóquei olhando para um cavalo de corrida.

—Ela vai precisar de algo adequado para vestir. — seu olhar voltou-se para sua família.

— Preciso de vocês duas para deixá-la apresentável.

Os olhos de Sabine se arregalaram, mas as duas mulheres começaram a assentir com entusiasmo. Therese bateu palmas.

— Claro que vamos ajudar, Richard! Adoro desafios.

Sabine enrijeceu, sem saber se devia se sentir insultada ou não por uma avaliação tão franca, mas Therese parecia tão genuinamente encantada, que era impossível se ofender. O olhar ávido da mulher mais velha se concentrou em suas tranças desordenadas e em sua testa franzida.

— O cabelo dela precisa de atenção, é claro, mas isso é fácil de consertar. Monsieur Travers pode vir imediatamente. — apertou as mãos de Sabine nas suas, inspecionou-as e estremeceu levemente. — E essas manchas de tinta? Deus do céu! — olhou para Hampden. — Não importa. Podemos escondê-las com um bom par de luvas.

Deu um passo para trás, inclinou a cabeça e submeteu Sabine a um

exame crítico, não muito diferente do de seu filho.

— O resto será fácil. Oh, minha querida, é muito bonita. As mulheres vão arrancar os cabelos quando a virem, prometo. Será um sucesso enorme!

Sabine ficou momentaneamente sem fala. Era razoavelmente bonita, certamente, mas ninguém nunca a havia chamado assim. Ou mesmo insinuado que ela poderia ter o potencial para o ser.

Heloise deu-lhe um sorriso conspiratório.

— Boa sorte. Conheço esse olhar. Mamãe já a escolheu para sua próxima vítima!

—Heloise! — Therese repreendeu-a gentilmente.

Heloise deu a sua mãe um sorriso impenitente.

— Não tente negar. Minha falta de interesse por moda sempre foi uma grande decepção para a senhora. Mas agora tem um novo assunto para tortura. — voltou-se para Sabine com uma risada.

— Não posso te agradecer o suficiente por desviar a atenção dela de mim.

Os próprios lábios de Sabine se curvaram em resposta à provocação. O sorriso de Heloise era contagiante.

Heloise se aproximou de Sabine, para que ficassem ombro a ombro.

— Olha, somos quase da mesma altura. Posso te emprestar alguns vestidos, até que faça os seus. É um pouco mais baixa, mas não o suficiente para significar muito. Emma, minha criada, pode alterar as bainhas. A menos que tenha algum talento particular para costura?

Sabine balançou a cabeça confusa.

— Uma vez tentei cerzir um par das minhas próprias meias e acabei costurando o dedo do pé.

Heloise bufou.

— Posso dizer que seremos grandes amigas.

O coração de Sabine aqueceu com a fácil aceitação das mulheres. Que família extraordinária! Esperava que Richard Hampden apreciasse o que tinha.

Heloise deu tapinhas em seu braço.

— Ter uma nova amiga para exibir em todas as festas vai tornar as coisas muito mais divertidas. Posso te contar tudo sobre todos na alta sociedade. Quem é elegível e quem não é.

— Ela não vai procurar um marido. — Hampden disse bruscamente.

Sabine deu-lhe um olhar malicioso.

— E por que não? Atrair um pretendente não é a principal motivação para sair?

Ele retribuiu o sorriso dela, com um sorriso presunçoso.

— Não precisa procurar um pretendente. Já terá um.

Todas as três mulheres se viraram para ele em uníssono.

— O que quer dizer com isso? — Heloise perguntou, intrigada.

— Quem?

Os lábios de Hampden se contraíram.

— Eu.

CAPÍTULO 16

Richard observou Sabine atentamente, para ver uma reação. Precisava agir com cuidado, mas a ideia que havia tomado forma, enquanto estava deitado, na noite anterior, parecia a solução perfeita para seus problemas com as mulheres.

Sabine piscou.

— Vai ser meu pretendente?

— Precisamente. Não vai apenas me ajudar profissionalmente, mas também vai me ajudar com um pequeno dilema social. Srta. De la Tour, será meu escudo humano.

— Não entendo.

— Vou cortejá-la, publicamente, deixando bem claro que tenho apenas as mais honrosas das intenções.

— Por que, diabos, faria isso? — perguntou, perplexa.

— Para ser franco, sou o que comumente é referido como "uma pegadinha matrimonial". Só preciso olhar de soslaio para uma debutante, para que seus pais escrevam mentalmente um aviso para o Times e se perguntem o que servir em nosso café da manhã de casamento.

Sabine estava olhando para ele, com um olhar de horror mudo. Sua mãe apenas ergueu as sobrancelhas, enquanto Heloise parecia completamente entretida.

— Vamos fingir nosso noivado. Ou, pelo menos, nosso noivado iminente. Vai manter as harpias casamenteiras longe, pelas próximas quatro semanas.

Heloise riu.

— Uma acompanhante? Isso não é uma má ideia, Richard.

Sabine lançou a Heloise um olhar sujo, por concordar tão prontamente.

— Certamente tal movimento não fará com que as meninas se esforcem ainda mais para pegá-lo? Um último esforço concentrado, antes de perder para as algemas do matrimônio.

Richard deu-lhe um olhar divertido.

— É um risco que estou disposto a correr.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— E quando eu for embora, o que acontecerá?

— Eu direi a todos que me rejeitou. — disse. — Já terá partido há muito tempo e terei quatro doces semanas de liberdade.

Claro, depois disso, provavelmente seria inundado com mulheres desesperadas para consolá-lo, mas isso era um problema para o futuro. Observou a testa de Sabine franzir, enquanto ela tentava pensar em objeções.

— Ninguém vai acreditar, nem por um minuto, que vai se apaixonar por mim. — disse ela finalmente.

— Não com essa roupa. — ele concordou docemente. Observou os

lábios dela franzirem em aborrecimento e reprimiu um sorriso.

— É por isso que precisa da ajuda delas, — acenou para sua mãe e Heloise, — para transformá-la em alguém capaz de capturar o coração de um dos solteiros mais determinados da sociedade.

— Isso exigiria muito mais habilidade de atuação do que possuo. — disse irritada.

Ele deu um passo para mais perto dela e gostou da maneira como seus olhos se arregalaram de consciência.

— Está prestando um péssimo serviço a si mesma. — tratou-a com uma reverência zombeteira. — Tenho certeza de que alguém tão adepto do engano quanto você pode fingir qualquer coisa em que se dedicar. Até mesmo um noivado com um canalha como eu.

Encurralou-a em um canto, Richard pensou presunçosamente. Era justo. Fez o mesmo com ele. *Quid pro quo*.

Sua mãe deu um suspiro exasperado.

— A seara não está tão ruim, Richard. Existem algumas moças muito simpáticas por aí. Nunca dá uma chance a nenhuma delas.

Richard suprimiu o desejo de revirar os olhos. Sua incapacidade de se estabelecer tinha sido um refrão constante, desde que ele chegou à maioridade, aos dezoito anos.

A mãe de Richard continuou.

— Mas é claro que ficaria mais do que feliz se a Srta. De la Tour nos acompanhasse durante o tempo que estiver aqui. Será nosso prazer.

Sabine inclinou a cabeça.

— Obrigado, madame, a senhora é muito gentil.

A Sra. Hampden assentiu.

— Me diga, por acaso, é parente do artista Maurice de la Tour?

— Ele era meu avô.

— Ah! Eu o conheci, muitos anos atrás, quando era uma menina em Paris! Pintou meu retrato em tons pastéis.

Sabine sorriu.

— Gostaria de ver isso, madame. Ele era um talento excepcional. Muito parecido com meu pai.

Therese deu tapinhas na mão dela.

— Está pendurado na nossa casa em Dorset. Talvez consiga ver algum dia. — lançou a Richard um olhar astuto e questionador sobre a cabeça de Sabine e ele suprimiu um gemido. Sua mãe estava, claramente, esperando que ele transformasse esse noivado falso em um real. Havia zero chance de isso acontecer. Sabine de la Tour era a última mulher com quem consideraria se casar, por mais fisicamente atraído por ela que pudesse estar. Era tão confiável quanto uma cobra.

A voz de sua mãe o trouxe de volta ao presente.

— Desculpe, o que disse mesmo, mãe?

Ela franziu a testa para ele por sua desatenção, de alguma forma

conseguindo fazê-lo se sentir como um menino travesso de dez anos, em vez dos trinta e dois que, na verdade, tinha.

— Perguntei a quais eventos gostaria que a senhorita de la Tour participasse.

—Lady Carstairs não se entreterá na quarta-feira à noite?

Sua mãe assentiu.

— Sim. Promete ser uma grande ocasião. Tenho certeza de que posso atrair um convite extra, se desejar.

— Faça isso. — Richard sondou Sabine, com um olhar da cabeça aos pés, que sabia que iria irritá-la. Acenou com as mãos, em um gesto arejado, para abranger seu corpo esguio e franziu a testa em dúvida.

— Acha que quatro dias bastam?

A expressão de Sabine escureceu.

Therese lançou ao filho um olhar de repreensão.

— Claro que sim!

—Então vou deixar que providencie um cabeleireiro, modista e quem mais precisar, para deixá-la apresentável. Deixe-me saber quando eles estarão aqui. — Ele se virou para Sabine. — Venha, senhorita de la Tour. Temos trabalho a fazer.

O mordomo dos Hampden estava pairando, quando eles entraram novamente em seu lado da casa.

— O menino está aqui para vê-lo, milorde. — anunciou. — Eu o coloquei no escritório.

Hampden sorriu.

— Obrigado, Hodges. — E gesticulou para que Sabine o seguisse.

Um menino pequeno e desalinhado, de não mais de 12 anos, estava empoleirado no braço de uma das poltronas, boné na mão, perna balançando. Sabine o reconheceu como o varredor do lado de fora.

— Bom dia, William. Traz boas notícias?

O menino deu um sorriso atrevido para Hampden e balançou a cabeça para Sabine.

— Sim, senhor.

Sabine pegou nas mãos sujas do rapaz e na roupa esfarrapada. Ela conhecia o tipo, como os de Paris. Meninos que sabiam se tornar indispensáveis. Savary os usava com frequência, patifes que podiam se misturar nas sombras e deslizar, sem problemas, no meio da multidão. Parecia bastante inocente, como um menino do coro angelical, mas Sabine deu um bufo cínico. Sem dúvida, era um mentiroso talentoso. Assim como ela.

— Skelton concordou com a reunião. Sua loja, amanhã, nove horas da manhã.

— Muito bem, Will. — Hampden passou a mão afetuosamente na cabeça do menino, despenteando-o, exatamente como fazia com seu cachorro desalinhado.

— Tem comido bem?

— Me conhece, chefe. Nunca digo não a um prato quente.

Richard assentiu.

— Vá ver a Cook na cozinha. Ela vai te fazer um bom prato.

— Sim senhor, senhorita. — o garoto saiu pela porta quando Hampden se virou para ela.

— Quem é Skelton? — ela perguntou.

— Um penhorista em Holborn. Um dos homens que temos observado. A maior parte das finanças do conspirador vem de bens roubados, que passam por sua loja. Ele é uma cerca. Um lavador de dinheiro.

— Parece encantador.

— Não é. Mas é nosso caminho para a gangue de traidores.

— Seu plano ainda é oferecer minha fortuna falsa à causa deles?

— Sim. Skelton ficará surpreso ao saber que Lacorte é uma mulher. Terá que trabalhar muito para convencê-lo. — Seu olhar ficou calculista.

— Claro, a melhor maneira de fazer isso seria levar um pouco do seu dinheiro falso para a reunião. Assim, pode mostrar a ele e ganhar sua confiança.

Sabine ergueu uma sobrancelha. Sabia o que ele estava fazendo: tentando descobrir onde havia escondido a maior parte do dinheiro. Bem, teria que fazer melhor do que isso.

— Já te disse, não consigo acessar no momento. — deu-lhe um sorriso tênue, patentemente falso. — Desculpe.

Ele fez um som de decepção entre os dentes.

— Tsk. Isso não é verdade, não é, meu amor? Estou começando a entender como sua mente complicada funciona. Sempre tem um plano de reserva. Então, não posso acreditar que não guardaria um pouco de dinheiro com você. Alguns milhares de libras, digamos? Para emergências.

Sabine reprimiu um lampejo de alarme. Maldito seja. Não poderia saber sobre o estoque que ela havia escondido apenas para tal eventualidade. Foi um palpite de sorte, nada mais. Encolheu os ombros.

— Tenho certeza de que já mandou sua equipe revistar meus pertences, então, deve saber que não trouxe dinheiro comigo. Apenas as notas que mostrei ontem à noite.

— Pode pegá-las, então. — Aquela covinha unilateral apareceu. — Não fique tão preocupada. Não entrará na cova do leão sozinho. Irei com você.

Os lábios de Sabine se torceram em desprezo. Deu uma olhada na imaculada gravata dele. — Tenho certeza de que se integrará perfeitamente.

— Estarei disfarçado.

Olhou para ele em dúvida. Não havia como esconder toda aquela autoconfiança arrogante. Nenhum humilde comerciante ou servo se comportava como ele, como se fosse o dono do mundo e de tudo nele.

Ele caminhou até a porta.

— Pode passar o resto da tarde livre. Sinta-se à vontade para pegar alguns livros emprestados na biblioteca. Te vejo no jantar, às nove.

A ideia de um jantar íntimo fez seu pulso disparar. Não deveria passar mais tempo com ele do que o necessário. Ser atraída por ele, seu inimigo, só poderia levar ao desastre.

CAPÍTULO 17

Precisamente às cinco para as nove, Sabine saiu de seu quarto e encontrou Hampden esperando por ela, na parte inferior da escada. Quando a pegou pelo braço, fingiu um súbito interesse pelo ambiente, para não ter que olhá-lo como uma imbecil.

A mesa de jantar poderia acomodar quatorze pessoas com facilidade. Dois talheres foram dispostos em uma extremidade. Hampden puxou uma cadeira e indicou que ela se sentasse. Pelo menos, não teriam que gritar um com o outro, na extensão de mogno, para conversar, Sabine pensou com um sorriso sombrio.

Dois servos pairaram perto da porta. Ao sinal de Hampden, começaram a descobrir os pratos de prata, em forma de cúpula, sobre a mesa, para revelar uma rica variedade de comida.

— Solicitei serviço *à la Française* esta noite, em sua homenagem.

Sabine assentiu. O estilo francês era apresentar todos os cursos ao mesmo tempo, ao contrário da moda mais recente de serviço *à la Russe*, ao estilo russo, onde os cursos eram trazidos à mesa sequencialmente.

A um aceno de Hampden, os servos desapareceram.

— Agora coma.

Sabine estava com tanta fome, que poderia ter consumido tudo na frente dela, mas Hampden estava olhando para ela com uma expressão de expectativa dolorida, como se estivesse apenas esperando que ela se envergonhasse. Imaginou que não tinha habilidade para usar garfo e faca? Uma pequena parte perversa dela deu-lhe vontade de agarrar uma coxa de frango com as mãos nuas e comê-la como uma selvagem, mas reprimiu o desejo infantil. Pegou o garfo.

Os talheres eram pesados. Fez questão de virá-lo e inspecioná-lo, em busca de marcas registradas. Sim, lá estavam, os pequenos símbolos estampados, que indicavam que a peça era de prata maciça. Nada de liga metálica rústica para Lorde Lovell.

A luz das velas cintilou na peça central, ridiculamente ornamentada à sua frente. Tinha o formato de uma palmeira rodeada de camelos, com três mulheres envoltas em togas, segurando uma tigela de vidro cortado, com frutas pingando. O luxo era intimidante e Sabine sentiu um lampejo de raiva de si mesma. Não deveria estar se sentindo assustada ou desconfortável. Vivera assim, durante os primeiros dezessete anos de sua vida.

Forçou-se a comer devagar, para provar um pouco de tudo. Sopa, carne, peru, presunto, ovos fritos, alguns aspargos. Um pudim coberto com um molho de creme de amêndoa. Um pastelão de nata, coberto com groselhas brilhantes. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha feito uma refeição tão suntuosa.

Hampden a observou. Mesmo que ela mantivesse o olhar resolutamente

fixo em seu prato, estava perfeitamente ciente de sua consideração. Com um esforço consciente, acalmou o tremor traidor em sua mão, pegou sua taça de vinho e tomou um grande gole. Atreveu-se a olhar para ele e seu coração se apertou. Por que tinha que ser tão bonito?

— Este é um vinho muito bom. — conseguiu dizer.

Ele inclinou a cabeça.

— Francês, claro. É do meu irmão mais velho, Nic. É dono de um castelo e de um vinhedo nos arredores de Paris. — estudou-a por um longo momento. — Tenho a sensação de que se daria muito bem com minha cunhada, Marianne. Ela também era uma criminosa.

Não iria morder a isca, não importa o quão provocantes fossem suas declarações. Estava zombando dela, mas sua opinião não significava nada. Era o meio para um fim: o caminho para tirar Anton, com segurança, de Malet. Isso é tudo.

Hampden ergueu sua taça de vinho.

— Um brinde. Para uma missão bem-sucedida.

Ela levantou a sua e tomou um gole.

— Ao *‘entende cordiale.’*

A comida e a suave luz das velas foram planejadas para acalmá-la, é claro - mas tudo bem. Para esta noite, ficara bastante contente em ser embalada. Há muito não se sentia tão calma.

Hampden recostou-se na cadeira e esticou as longas pernas, por baixo da mesa. Seu pé roçou-lhe o tornozelo. Ela recuou os dela para baixo da cadeira.

— Por que escolheu o nome Philippe Lacorte?

Deu-lhe um sorriso irônico.

— Foi uma piada. Inspirado na sua história inglesa de Robin Hood. Seu amigo era um gigante chamado Little John, não era?

Hampden assentiu.

— Bem, parecia uma boa ideia deixar todos pensarem que ‘Philip o baixinho’ era um gigante de um metro e oitenta, com uma barba desgrehada, em vez de uma garotinha francesa de cabelos escuros.

Ele a examinou, uma avaliação breve e fervente que, no entanto, conseguiu catalogar todos os pontos de interesse salientes, da coroa à cintura. Seu sangue esquentou, mas ela treinou sua expressão para permanecer neutra.

— Roubou os ricos para alimentar os pobres? — perguntou levemente.

— Eu era a pobre.

Ela olhou ao redor da sala opulenta. Tanto para roubar, se alguém fosse tentado. Mas não era esse tipo de garota. Anton, no entanto, não teria tais escrúpulos. Ele teria enfiado tantas colheres e caixas de fósforos em seus bolsos quanto possível.

Uma pontada de culpa revirou seu estômago. Aqui estava ela, jantando no colo do luxo, enquanto o pobre Anton estava circulando pelos ensopados de tabernas, frequentadas pelos criminosos de Londres. Seu inglês era terrível. Ensinara-lhe algumas frases simples, mas era improvável que ele se tornasse

popular; afinal era um francês em solo inglês.

Balançou a cabeça para banir o pensamento preocupante. Anton poderia cuidar de si mesmo. Sobrevivera a Savary e Malet em Paris. Ficaria bem.

CAPÍTULO 18

Deus, mas era tentadora com aquele vestido!

Richard observou, enquanto sua "convidada" selecionava uma cereja da fruteira e a mordia. Seus lábios se fecharam em torno da orbe vermelha e seu cérebro ficou um pouco confuso.

— As pessoas sempre fazem o que manda, *milorde*? — ela perguntou atrevidamente.

Richard estreitou os olhos. O uso que ela fez da palavra “milorde” foi mais um insulto do que deferência.

— De um modo geral, sim. O que torna tudo mais irritante, quando minhas ordens são ignoradas.

Os cantos de seus lábios se contraíram.

— Deve ser muito irritante.

—De fato. — ele rosnou.

Ela deu outra mordida na cereja. O suco vermelho escuro manchou seus lábios. Ele orou para resistir.

—Nós, meros mortais, devemos nos conformar com nossos superiores, para sobreviver.

Seu tom zombeteiro indicava o quão pouco o via como melhor, mas ele achou sua falta de subserviência revigorante. — Ainda não vi nenhuma evidência de seu esforço para agradar— disse ele.

— Sim, bem... — ela ergueu uma sobrancelha escura — é a exceção. Está preso a mim, quer eu seja subserviente ou não.

— Sorte minha. — ele falou lentamente. — A obediência pode ser tão cansativa.

Ela ignorou o sarcasmo. — Espero que sim. Foi por isso que escolheu trabalhar como espião, não é? Pelo desafio. Para se sentir vivo.

Richard escondeu sua surpresa com a percepção dela.

— Não espero que alguém como você entenda minha posição. — ela continuou. — O que pode saber sobre as dificuldades? Sua ideia de sofrimento é encontrar um clarete com rolha. Seu colchão provavelmente está cheio de notas reais de cem libras.

Ele riu. — A guerra, certamente, cria alguns companheiros de cama estranhos, não é?

Ele ergueu o copo em uma saudação silenciosa e tentou ignorar a imagem mental dela como sua companheira de cama, seu corpo nu enroscado em seus lençóis.

— Seu sobrenome... — disse, para se distrair. — De la Tour. Literalmente, significa "da torre". Como aquela princesa do conto de fadas. Aquela com os cabelos muito compridos.

— Ah, sim, Rapunzel.

— Essa mesma. Trancada numa torre, ansiando por seu príncipe.

Ela bufou.

— Não estou ansiando ninguém. Nunca ficaria sentada esperando um príncipe me resgatar. Cortaria meu próprio cabelo e escaparia por conta própria.

Ele sorriu pelo espírito dela.

— É claro. Forjaria um convite para o baile do príncipe, apareceria sem ser convidada, mataria seu melhor dragão e fugiria com sua coroa.

— Acredite em mim, tenho um pouco mais de talento do que uma ladra. — fungou. — Além disso, os príncipes são notoriamente duvidosos. Na vida real, eles se distraem com uma taverna, ou uma corrida de cavalos, ou uma garçoneite rechonchuda e se esquecem de resgatar a princesa.

— É jovem demais para ser tão cínica.

Deu-lhe um olhar malicioso.

— *'Tudo o que reluz não é ouro'*, como disse Shakespeare. Os príncipes são mimados e preguiçosos. E acostumados demais a fazer o que querem.

Richard ergueu uma sobancelha.

Deus, amava a maneira como ela o desafiava.

— Está falando de mim, senhorita de la Tour?

Ela cruzou as mãos piedosamente no colo.

— Não cabe a mim julgá-lo, *milorde*.

— E, ainda assim, está aqui. Considera-me tudo o que há de ruim na classe aristocrática: imprudente, preguiçoso, amoral e dissoluto.

Ela encolheu os ombros. — Até o seu nome contém a palavra rico, **Rich-ard Hampden**. — tomou outro gole, lentamente, de vinho.

— Nunca disse que era preguiçoso.

Ele reprimiu uma risada com o insulto velado.

— E já que estamos no assunto de nomes, — ela disse — Richard não combina com você, de jeito nenhum.

— Meus pais vão ficar tão contentes que pense assim. Que alternativas tem em mente? Lúcifer? Belzebu? Mefistófeles?

Ela encolheu os ombros.

— A história não tem sido gentil com pessoas chamadas Richard. Basta olhar para seus reis ingleses. Richard o Segundo estava louco. Ricardo III era um corcunda que matou os próprios sobrinhos.

— E quanto a Ricardo Coração de Leão? — rebateu ele.

Ela acenou, com a mão desdenhosa. — Era corajoso, mas ninguém o chamava de bonito. Homens bonitos nunca são chamados de Richard.



Ele lhe um olhar de arrogância de tirar o fôlego. — Está insinuando que sou feio?

Sabine mordeu o lábio. Afirmar seria um protesto longe demais. Mas negar isso o tornaria ainda mais desagradável. Torceu o nariz.

— Já vi piores. Além disso, não importa qual seja o seu nome. Um

visconde pode ter pé torto, gagueira e tique facial e ainda assim ser considerado bonito. — deu-lhe um olhar avaliador. — É incrível como um homem parece atraente quando visto pelas lentes de uma propriedade desimpedida e vinte mil libras por ano.

Hampden deu uma risadinha. — É mais perto de trinta mil, na verdade. E tenho certeza de que não é no tamanho da minha herança que elas estão interessadas.

Sabine ergueu as sobrancelhas, mesmo enquanto tentava ignorar o rubor que se espalhou por sua pele. Diabo! Como a conversa mudou para algo tão picante?

Felizmente, Hampden esvaziou seu copo e se levantou da mesa.

— Por mais maravilhoso que tenha sido, senhorita de la Tour, devo desejar-lhe boa noite. Estou comprometido em outro lugar, esta noite.

Sabine teve uma sensação de desânimo. Não foi uma decepção. Não se importava onde ele passaria o resto da noite. Olhou para o relógio ornamentado na lareira - dez horas - e escondeu seu ressentimento por trás do sarcasmo.

— E aqui estava eu, rezando por mais uma hora de sua exaltada companhia.

— Duvido que volte antes de que esteja na cama.

Deu a volta na cadeira dela e puxou-a para trás, para que ela pudesse ficar de pé. Havia um brilho provocante em seus olhos quando ele estendeu a mão e acariciou sua bochecha, com um movimento casual de seus dedos. Sua respiração ficou presa na garganta.

— Deveria dormir um pouco, *ma chère*. Precisarás estar no seu estado mais charmoso e persuasivo, amanhã, para Skelton. Se não conseguir convencê-lo de que é Lacorte, as consequências podem ser desagradáveis para nós dois.

Um arrepio a sacudiu quando se desviou e escapou para o corredor. Seu toque a fez estremecer por dentro, mas não tinha ilusão de que ele realmente a achasse atraente. Ele estava apenas jogando jogos de poder, tentando intimidá-la e perturbá-la com seu olhar quente.

Conhecia homens como ele. Adoravam a perseguição, mas ficavam entediados quando capturavam o prêmio. No momento, sua evasão teimosa atraiu seu interesse passageiro, mas ele iria perder o interesse em breve.

Para sua consternação, Hampden acompanhou-a escada acima e pelo corredor, em direção ao quarto. Parou na porta antes dela. Sabine franziu a testa.

— É esse o seu quarto?

Ele adotou uma expressão inocente.

— Sim. Está na suíte da duquesa. É a minha imagem espelhada. Não percebeu a porta de conexão? Está no painel, à direita da lareira. Duvido que possa ouvir algo através da parede, mas tentarei não acordá-la quando voltar.

— Seu sorriso repentino era pura maldade. Durma bem.

Sabine entrou em seu próprio quarto e imediatamente correu para localizar a porta escondida. Lá estava ela, perfeitamente disfarçada no papel de parede e nos painéis de madeira, quase invisíveis, a menos que soubesse para onde olhar. Correu os dedos sobre a costura e sentiu uma pequena lufada de ar frio vazando pela abertura.

Não se atreveu a abri-la, embora, provavelmente, houvesse uma segunda porta, do lado de Hampden. Ele, sem dúvida, estaria esperando, com algum comentário sarcástico, sobre invadir seu quarto.

Não havia maçaneta nem chave, então deslizou uma cômoda na frente dela, antes de se preparar para dormir. Não que isso fizesse muita diferença. Também não tinha como trancar a porta da passagem principal. Claramente, se Richard Hampden quisesse procurá-la, poderia. Foi um pensamento preocupante.

CAPÍTULO 19

Sabine tentou ficar acordada e ouvir o retorno de Hampden, mas a última coisa da qual se lembrou foi o relógio sobre a lareira, batendo uma da madrugada. Acordou com a luz do sol e se perguntou, desanimada, onde ele tinha estado e com quem.

Queria manter as mulheres elegíveis da sociedade sob controle, mas isso não significava que estava evitando as mulheres em geral. Sem dúvida, passou a noite com alguém totalmente inelegível. E aproveitou cada minuto.

Sabine passou a escova com raiva pelo cabelo. Não se importava com o que Richard Hampden fazia em seu tempo livre. Tudo o que importava era que ele lhe pagasse.

Outra roupa lhe fora fornecida. Consistia em uma saia de cânhamo áspera, uma camisa de algodão fina e um espartilho de osso de baleia. Presumivelmente, em Londres, bem como em Paris, agiotas como o Sr. Skelton exerciam seu comércio nas partes menos salubres da cidade.

Enrolou um xale de lã monótono em torno de si e desceu as escadas, para encontrar um estranho esperando no corredor. Pelos ombros largos, casaco marrom e cabelo desgrehado, ela o considerou uma espécie de encarregado ou jardineiro.

— Bom dia. — murmurou educadamente, imaginando se Hampden estaria acordado àquela hora. Talvez ela devesse...

— Bom dia! Respondeu o homem.

O jardineiro ergueu os olhos e Sabine arfou de surpresa quando os olhos risonhos de Hampden encontraram os dela. Ela piscou. Bom Deus! Não teria pensado que ele poderia disfarçar aquele ar arrogante de comando senhorial, que parecia tão arraigado, mas ele conseguiu.

Bagunçou o cabelo e se esqueceu de se barbear; sua mandíbula exibía um formigamento misterioso e intrigante. Sabine enrolou os dedos nas palmas das mãos, contra o desejo de estender uma delas e sentir a textura daquilo. Ele parecia um sujeito de má reputação.

Desceu o último degrau e franziu o nariz. Suas roupas tinham o cheiro adocicado e enjoativo dos estábulos — feno e esterco. Ele deve ter pegado emprestado de um dos cavaleiros. Ela levou a mão ao nariz.

— Quer meu vinagrete emprestado? — brincou ele.

— Perdeu sua vocação. — disse ela sarcasticamente. — Deveria ter subido no palco.

— Gastei minha boa parte do tempo tentando fazer isso. Há momentos em que é melhor não ser Richard, Lorde Lovell, e ser o velho *Dickie 'Ampden*, padrinho de casamento de sua senhoria. Vamos.

Sua carruagem os esperava do lado de fora. Sabine lançou um olhar duvidoso para o brasão de armas estampado nas laterais. Abriu a boca para fazer um comentário sarcástico sobre viajar discretamente, mas Hampden se

adiantou.

— Wilson vai nos deixar a algumas ruas de distância do Skelton's — disse, colocando-a na carruagem. — A partir dali, vamos a pé.

Demorou apenas alguns minutos para mover-se, das ruas largas e bem ordenadas de St. James, para as vielas sinuosas de Spitalfields. Sabine estremeceu enquanto desciam os degraus da carruagem e, imediatamente, tiveram que passar por cima de uma pilha fumegante de esterco. Pelo menos estava com suas botas resistentes.

Hampden dobrou em uma rua lateral suja, e ela teve o cuidado de evitar os canais gêmeos de esgoto, correndo em ambos os lados. Exalavam um aroma pungente que é melhor não se identificar. Os prédios se amontoavam, como se quisessem se aquecer ou se proteger. Os comerciantes gritavam incentivos às compras, ou discutiam com as donas de casa sobre suas mercadorias.

— Meias de seda para a patroa, chefe? Qualidade adorável, venham ver!

— Ostras! Berbigões! Frescos, de hoje!

Um grupo de meninos aprendizes amontoava-se em torno de um jogo de dados em uma esquina, gritando encorajamentos e xingamentos. Algumas pessoas pareciam cambalear para casa, como se nunca tivessem ido para a cama. As mulheres caminhavam no meio da multidão, com cestas fumegantes de panquecas e bolinhos. Uma lançou um sorriso sedutor para Richard, o gesto desfigurado por seus cotos podres como dentes.

— *Dois centavos a trepada*, meu bom rapaz. — ela gargalhou enquanto passavam, agarrando-o pela manga. Hampden, habilmente, se desvencilhou com um encolher de ombros irônico e um sorriso encantador.

— Não posso querida. — brincou, inclinando a cabeça para Sabine.

— A patroa ia me matar. Mas desejo-lhe uma boa caça.

Sabine franziu os lábios. Em sua mente via a puta derretendo-se numa poça nas pedras.

Caminharam rapidamente, passando por barbeiros e fabricantes de perucas, padeiros e armarinhos. Uma placa oscilante proclamava a *Casa de Chocolates Águia Voadora*, e todas as ruas tinham nomes intrigantes como *Travessa das Noivas*, *Vila Paraíso* e *Monte Nevado*.

Estava feliz com a presença dos ombros largos de Hampden ao lado dela. Mesmo vestido como estava, com roupas rudes de trabalhador, as pessoas ainda saíam de seu caminho. E, apesar de toda a sua confiança exterior, estava um pouco assustada com a pressão das pessoas, o barulho e os cheiros quase irresistíveis. Havia um caráter estrangeiro nesse bairro inglês, com sua língua estranha e gutural e suas modas estranhas, que a tornavam consciente de como tudo era diferente de Paris.

Hampden a pegou pelo braço, para ajudá-la a contornar um carrinho de maçãs emborcado no chão, mas em vez de soltá-la, deslizou a mão, até que descansou na parte inferior das suas costas. O gesto foi ao mesmo tempo orientador e estranhamente protetor. O contato leve queimou através das

camadas de sua roupa.

Sabine pigarreou assim que Hampden falou.

—Ah, aqui estamos.

A loja de Skelton estava espremida entre um açougueiro e um sapateiro. O sinal tradicional de uma casa de agiotagem, três bolas de latão penduradas em um suporte, balançava acima da porta. As janelas gradeadas curvadas davam para a rua, seus painéis de vidro mostrando as prateleiras tão abarrotadas, que era impossível ver o interior.

A exibição encardida exibia uma variedade aleatória de itens: castiçais, pratos de jantar, um violino e arco, cortinas de linho, uma cafeteira de cobre, muletas de madeira. Havia até um grande chapéu de pastor balançando.

A campainha acima da porta não soou tão alto como o barulho de um baque interior, desanimador e taciturno. O interior cheirava a poeira e desespero humano. Sabine avançou com cautela, enquanto Richard recuava, guardando a porta, para garantir que ninguém mais entrasse atrás deles. Virou a placa de papelão com orelhas, de forma que se lia “Fechado”.

Um balcão com tampo de vidro percorria toda a extensão da loja. Sabine se inclinou para inspecionar o conteúdo: fivelas de sapato manchadas, joias, relógios de ouro, anéis e caixas de rapé. Se os itens não fossem reclamados, pelo reembolso do empréstimo original com juros, dentro de um ano, seriam vendidos em leilão público.

Uma onda de melancolia a invadiu. Isto a entristecia, esses pequenos vislumbres de coisas antes preciosas que haviam sido entregues em desespero. Um pequeno vinagrete de prata, um anel infantil, de dente em marfim, com três sinos de prata presos a ele. Alianças de casamento e anéis de noivado. Eram de gente morta? Ou uma prova indesejada de um coração partido, um noivado desfeito? Tantas histórias pequenas e tristes.

Ela se virou.

Hampden veio por trás dela e se inclinou sobre seu ombro, para inspecionar o conteúdo da caixa. Tal proximidade enviou-lhe um pequeno arrepio de emoção. Ele indicou uma colher de prata, com um brasão gravado no cabo.

— É o brasão de Conde Gower. — murmurou em seu ouvido. — Ou ele perdeu muito nas mesas de jogo e se viu nas mãos dos agiotas chupa-sangue, ou alguém de sua equipe está roubando a prata.

— Senhor Skelton? — Sabine gritou na escuridão.

Richard recuou quando uma figura apareceu.

CAPÍTULO 20

Skelton era um homem de proporções épicas. Um colete marrom encardido se esticava de forma alarmante sobre sua barriga protuberante e seu cabelo oleoso, com mechas grisalhas, estava amarrado na nuca. Manchas brancas de caspa polvilharam a gola enrolada de seu casaco azul marinho. Sabine sentiu o cheiro de corpo sujo e cebolas velhas, enquanto ele cambaleava em direção a ela, seus olhos redondos suspeitos em seu rosto queixudo.

Imediatamente gesticulou para vários conjuntos de dentes falsos no balcão.

— Estes são os melhores '*dentes de Waterloo*' que o dinheiro pode comprar. Todo mundo quer. Com certeza virá de homens jovens saudáveis, abatidos na flor da idade.

Sabine suprimiu um estremecimento de pavor.

— Não, obrigada. Meus próprios dentes são perfeitamente bons. — ao contrário de Skelton, ela notou. Eram pouco mais do que tocos marrons.

O vendedor deu um grunhido desapontado.

— Bem, o que posso fazer, então? Quer um bom tecido para um vestido? — puxou um rolo grosso de pano escarlate. — Tenho vinte metros do melhor tecido *sarsenet*, aqui. Seis centavos o metro.

Sabine balançou a cabeça.

— Não, obrigada. Estou aqui porque temos um compromisso. Gostaria de conhecer Philippe Lacorte?

Skelton ficou imóvel.

— Talvez — ele se esquivou. Seus olhos estreitos se voltaram para Richard. — É aquele...

Sabine sorriu e aplicou todas as suas habilidades de atuação. Ela era Philippe Lacorte. Poderia fazer qualquer coisa.

— Oh, meu Deus, não. Aquele é apenas um amigo meu, Jacob. — Acenou com a mão desdenhosa para Hampden e balançou a cabeça fingindo tristeza. — Foi atingido na cabeça por um galho quando era pequeno. O golpe o deixou um idiota. — deu um suspiro tempestuoso. — Ele quase não fala. Mal o ouço fazer mais do que grunhir.

Skelton lançou um olhar desconfiado para Hampden. Hampden, para seu crédito, entendeu a deixa e ficou olhando vagamente para a frente, aparentando ser o grande bruto burro, bancando o idiota da aldeia com perfeição.

Sabine reprimiu um sorriso. Oh, isso seria divertido. Um leve sorriso perverso curvou seus lábios quando ela o varreu com uma avaliação lenta da cabeça aos pés, assim como as que ele lhe dava.

Ela se inclinou em direção a Skelton e tentou não respirar seu repelente odor corporal, enquanto elevava sua voz a um sussurro conspiratório, ainda alto o suficiente para ser levado de volta à porta.

— Mas ele tem jeito mágico com os cavalos. — deu um pequeno suspiro feminino. — Acho que devem ser essas mãos. Elas são tão... capazes.

Ela lançou a Hampden um olhar atrevido e gostou da maneira como seus olhos se arregalaram levemente, em choque.

— Ele é grosso como duas tábuas curtas, Deus o abençoe, mas gosto de mantê-lo por perto. É tão decorativo. E forte. Basta olhar para esses braços. Juro, isso me deixa positivamente tonta. — abanou-se com a mão. — Ele é muito popular com as mulheres. Toda aquela exuberância viril. — Seu sorriso era completamente perverso.

— Elas não o procuram para uma conversa estimulante, se é que me entende.

Skelton grunhiu, aparentemente impressionado com os magníficos atributos físicos de Hampden.

— Eu o trouxe para proteção. — continuou — Nestas partes da cidade, nunca se pode ser muito cuidadoso.

Skelton fungou.

— Posso ver por quê. É um bruto.

Ela apertou a mão contra o peito, como se quisesse conter o coração batendo.

— Não é mesmo?

Skelton estreitou os olhos.

— Então onde está o La Corte?

Sabine deu-lhe seu melhor e mais deslumbrante sorriso.

— Está olhando para ele, Sr. Skelton. Sou Philippe Lacorte.

A frase pungente que Skelton proferiu expressou sua profunda descrença.

Sabine suspirou. Assim começou.

— Sem dúvida, esperava um homem, mas posso lhe assegurar que sou a falsificadora que está procurando.

Skelton fez outro som de desprezo.

— Estou bastante preparada para provar minhas habilidades. — disse, otimista.

Ele deu de ombros, mas fez um gesto para que desse a volta no balcão.

— Tudo bem. — Ele inclinou a cabeça para Richard.

— Ele pode ficar ali mesmo e vigiar a porta da frente. Não queremos interrupções agora, queremos?

Ele deslizou seu corpo gordo ao longo do balcão, para abrir espaço para ela. Sabine meio que esperava que ele deixasse um rastro de gordura no tampo de vidro.



Richard parou junto à porta, pernas afastadas, e tentou compor suas feições, em algo parecido com surdo e mudo.

Ainda podia sentir o calor do olhar atrevido de Sabine em seu corpo.

Teve que cruzar rapidamente as mãos na frente das calças, para esconder a evidência humilhante de sua reação. E ele não podia nem mesmo retaliar.

O olhar desavergonhado de Sabine tinha sido inteligente, no entanto. Nenhuma senhora bem nascida exibiria seu desejo em público. Sua apreciação obscena a ele alinhava-a perfeitamente com Skelton como sua igual socialmente, um membro das ordens inferiores. Alguém em quem se pode confiar.

Richard suprimiu um sorriso, quando ela virou o ombro e o dispensou tão casualmente, como se estivesse rejeitando uma massa deformada da bandeja do padeiro.

— Vamos começar a trabalhar, sim, Sr. Skelton? — ronronou.

— Sabe alguma coisa de joias? — Skelton perguntou maliciosamente. — O que acha desse lote? Acabou de chegar. — apontou para uma pequena pilha de joias empilhadas no balcão.

Sabine lançou um olhar desconfiado e apontou para um anel com três pedras brilhantes.

— Espero que não tenha investido muito neste.

— Por quê? — Skelton olhou para ela.

— Porque o diamante do lado esquerdo foi substituído por um *artificial*.

Ele fez uma careta e remexeu no bolso do colete. O tecido estava tão esticado contra sua barriga que teve dificuldade em enfiar os dedos na abertura, mas, finalmente, retirou uma lupa de joalheiro. A lente de aumento teve o efeito infeliz de aumentar grosseiramente seu olho; a pele flácida e os brancos injetados pareciam ainda mais grotescos sob forte ampliação. Sabine suprimiu um estremecimento.

— Vê como a configuração da garra foi movida para fora do lugar? — ela disse. — E aquela pedra tem vários arranhões na superfície superior. Apenas outro diamante é duro o suficiente para arranhar um diamante. Além disso, não brilha como os outros dois. Não há fogo interno.

Skelton deu um grunhido evasivo. Suas unhas compridas e amareladas, descoloridas por anos de fumaça de tabaco, bateram no balcão. — Tudo bem, então conhece pedras preciosas. Mas se é uma falsificadora, deve ser capaz de me dizer qual delas é falsa.

Alcançou debaixo do balcão e retirou um molho de cédulas estrangeiras sortidas. Meia dúzia de moedas foram apresentadas, desde francos franceses até fundos espanhóis.

Sabine os classificou. Inclinou-se para inspecionar um par e, em seguida, alcançou a frente de seu corpete. O olhar lascivo de Skelton acompanhou o movimento com interesse, mas desanimou quando ela simplesmente retirou seu próprio *lorgnette* dourado. A lupa circular era elevada por um pingente com o formato da mão de uma dama. Era um de seus bens mais preciosos, um presente de seu pai, e raramente a tirava.

Tirou uma nota russa do resto da maço.

— Essa aqui é uma farsa muito pobre. Definitivamente não é uma das minhas. O papel está errado, para começar. Está muito azul. E eles imprimiram as assinaturas. — Skelton inspecionou através de sua própria lente. — Elas devem ser assinadas à mão, pelo escrivão.

Skelton fungou. — Humpf.

— Além disso, escreveram incorretamente a palavra russa que significa ‘estado’. Fala russo? — perguntou docemente, já suspeitando da resposta. Skelton mal falava *inglês*.

— Não. — Skelton grunhiu.

— Aprendi sozinha o alfabeto cirílico — disse. — Algumas palavras russas podem ser traduzidas se souber o alfabeto. Teatro, por exemplo. Café. Restaurante. — apontou para uma das palavras mais longas em russo da nota. — Aí, vê o quinto símbolo? Aquele que se parece com um L invertido, de cabeça para baixo? — puxou uma nota russa genuína para comparação. — Neste aqui a letra faz um *loop* completo, como um quadrado.

Skelton assentiu, seu tom questionador. — Vejo agora. Sim. Muito impressionante.

Sabine resistiu ao impulso de lançar um sorriso triunfante para Richard, que ainda estava parado na porta. Baixou os olhos recatadamente e abriu a bolsa.

— Obrigada. Agora, trouxe um exemplo de uma das minhas próprias falsificações, para que inspecione. Para eliminar qualquer dúvida sobre minha identidade ou minhas habilidades.

Skelton colocou a lupa no olho novamente e examinou a nota que ela lhe entregou com cuidado. Grunhiu. Testou o papel entre os dedos. Sabine suprimiu um estremecimento quando ele lambeu o polegar e tentou limpar a tinta. A língua dele, notou, estava branca com pelos. Fez uma anotação, em particular, para queimar essa nota o mais rápido possível. Ele levou o papel ao nariz e cheirou, exatamente como Richard fizera.

Por que as pessoas faziam isso? O dinheiro geralmente cheirava a revolta, passava de uma mão ranhosa para outra. A menos que fosse dinheiro recém-impresso, é claro. Cheirava a tinta fresca e a vitória.

Sabine deu-se uma sacudida mental. Não. Chega de imprimir dinheiro. Essa era a sua antiga vida. Era uma mulher honesta agora. Pelo menos, estava tentando ser. Mostrou a Skelton as iniciais escondidas na vinheta do canto.

— Tudo bem. — Skelton fungou finalmente.

— Acredito que é Philippe Lacorte. Agora, o que quer de mim?

Sabine tentou conter sua exaltação e baixou a voz para um sussurro conspiratório.

— Ouvi dizer que está em contato com um grupo de pessoas que podem ser, digamos, simpáticas à causa do imperador?

Skelton deu um aceno abrupto e se inclinou para mais perto, como se tivesse medo de ser ouvido pelo relógio atrás dele.

— Talvez eu seja.

— Gostaria de conhecê-los. Tenho uma proposta de negócio.

— Que tipo de proposta?

Ela se inclinou ainda mais para frente e Skelton refletiu seu movimento.

— Napoleão pode ter sido exilado, mas ainda tem seus apoiadores — sussurrou. — Amigos leais, que estão trabalhando para resgatá-lo da prisão na ilha, e devolvê-lo ao poder.

Skelton deu um aceno conhecedor.

— Acreditam que a Grã-Bretanha deve ser enfraquecida, para eliminar a chance de outra derrota vergonhosa como a de Waterloo. Já ouviu falar de

Savary? — ela disse. — O chefe de polícia do imperador?

Skelton assentiu.

— Ele me confiou isso. — Ela enfiou a mão no bolso e retirou a nota que havia forjado. Entregou-a a Skelton. Seus lábios se moviam silenciosamente enquanto lia, moldando as palavras; claramente ler era um processo trabalhoso. — Savary ordenou-me que procurasse homens que pudessem ajudar a concretizar o plano do imperador. Sei que há ingleses que desejam ver este país minado tanto quanto meus próprios compatriotas.

Skelton estreitou os olhos.

— Realmente tem essa fortuna falsa? — Os olhos dele percorreram o corpo dela como se, de alguma forma, esperasse que ela o tivesse escondido sobre sua pessoa.

— Tenho. Meio milhão de libras em notas bancárias britânicas falsas, bem aqui em Londres. — fez uma pausa por um instante, para deixar que aquilo penetrasse em sua cabeça dura. — O que proponho é um acordo, senhor Skelton. Tenho as notas. O senhor e seus amigos têm meios de dispersá-las. Sugiro que trabalhemos juntos, para garantir um resultado favorável para ambos os lados.

Skelton assentiu.

— Tudo bem. Vá ao *White Lion, Haymarket* na sexta-feira à noite, às nove horas. Vou providenciar para que as pessoas que deseja estejam lá.

Foi preciso um grande esforço para não olhar para Hampden em triunfo. Poderia se gabar mais tarde. Sabine se afastou da presença avassaladora de Skelton e tocou a nota falsa de dez libras que ele inspecionou.

— Obrigado, Sr. Skelton. Deixarei isso, como um exemplo do meu trabalho. — Certamente não queria tocá-la novamente. — Pode mostrar para seus amigos. Junto com aquela carta.

A expressão de Skelton se tornou maliciosa.

— Mais uma coisa. Para provar que não está mentindo sobre o dinheiro, pode trazer quinhentas libras para a reunião.

Sabine amaldiçoou interiormente, mas assentiu.

— É claro. Se assim desejar. — saiu de trás do balcão e caminhou na direção de Richard. — É bom fazer negócios com o senhor, Sr. Skelton. Até sexta-feira. Venha, Jacob. Vamos.

CAPÍTULO 22

Sabine respirou fundo ao sair, aliviada por estar longe da presença nauseante de Skelton. A demanda dele por quinhentas libras extras foi uma complicação que não havia previsto, mas, pelo menos, conseguiu marcar uma reunião com os outros conspiradores.

Olhou para cima. Nuvens agourentas se acumularam, enquanto estavam na loja; o estrondo de um trovão confirmou a aproximação de uma tempestade.

Hampden também ouviu.

— Maldito inferno. — murmurou. — Vamos!

Agarrou a mão dela e partiu, puxando-a em seu encalço, mas ainda estavam a ruas de distância da carruagem, quando o céu se abriu. Sabine gritou consternada, quando as gotas de chuva começaram a cair.

A avenida ficou vazia. Os vendedores cobriram suas mercadorias e empurraram seus carrinhos de mão para se protegerem, enquanto as crianças se agachavam sob os beirais pendentes e se amontoavam nas portas, para evitar o dilúvio.

Hampden tirou seu sobretudo áspero e o jogou sobre os ombros dela enquanto corriam, esquivando-se de poças que se formavam recentemente. O casaco ainda estava quente de seu corpo. O calor a envolveu como um abraço e apertou seu interior.

A carruagem, finalmente, apareceu. Sabine se jogou escada acima e desabou nas almofadas de veludo com um suspiro de alívio, quando Hampden subiu atrás dela. Deu uma risada de pura alegria, animada com o sucesso que haviam obtido.

Ele se sentou em frente a ela e esticou as longas pernas à sua frente.

— Parabéns. Passou no primeiro teste.

As gotas de chuva ainda escorriam por seu rosto. Sabine puxou o *fichu* de renda de seu decote e o usou para limpar seu rosto e pescoço. Seu cabelo molhado grudava em seu rosto e ela o puxava para trás. Lançou a Hampden um olhar zombeteiro e sorridente.

— Oh céus! Quando foi a última vez que o poderoso Lorde Lovell foi pego pela chuva?

— Não consigo me lembrar. — Sorriu com tristeza. — E é difícil ser senhoril quando se está encharcado até a pele.

Ele puxou a camisa encharcada para desgrudá-la do dorso — o que chamou a atenção dela para o fato de que o algodão fino havia se tornado quase transparente. Moldou-se aos planos rígidos de seu peito e abdômen como uma segunda pele, permitindo um vislumbre tentador de carne morena e cristas musculares abdominais.

Sabine sentiu a boca seca. O cabelo de Richard estava desgrenhado numa desordem natural, caindo descontroladamente sobre a testa. Ele parecia

ainda mais devastador do que quando estava perfeitamente vestido. Desgrenhado combinava perfeitamente com ele, maldito seja...

Ele se esparramou negligentemente no assento, ocupando muito espaço. Sabine dobrou as pernas, para evitar tocá-lo.

Ele bateu duas vezes no teto da carruagem para sinalizar ao condutor para se mover e Deu-lhe um sorriso preguiçoso.

— Então admira minhas mãos grandes e ombros largos, não é?

Ela não conseguiu evitar: olhou para as mãos dele. E as imaginou nela. Seu estômago se revirou em nós, mas conseguiu encolher os ombros com crédito.

— É surdo. Eu nunca disse...

Ele abriu a boca para discutir.

— E se eu o fiz, — disse rapidamente — foi apenas para convencer Skelton de que era um estúpido inútil.

Que mentira. O chiado rítmico e o tamborilar da chuva no telhado e os confins da carruagem fechava-os em seu pequeno mundo. Sabine estava perfeitamente ciente de seu corpo - e categoricamente não era inútil. Era forte, grande e terrivelmente tentador. Estremeceu.

A carruagem balançou para a frente e ela tentou se concentrar nos sons do lado de fora - o barulho das rodas nas poças, os gritos dos pedestres - em vez da tensão repentina que havia engrossado o ar ali dentro.

Respirou fundo para se acalmar. Não podia perder de vista seu objetivo. Agora era o momento perfeito para aproveitar o bom humor dele.

— Acho que mereço uma recompensa por convencer Skelton.

Não era sua imaginação: os olhos dele deslizaram para os lábios por um segundo, antes de olhar para cima e encontrar os olhos dela.

— Merece, não é? — disse ele devagar. — O que tinha em mente?

Não havia dúvida do olhar predatório em seus olhos. Ele a estava observando com uma intensidade que fez seu pulso palpitar na garganta. Todos os tipos de sugestões escandalosas encheram seu cérebro.

Ele se inclinou para frente e ela refletiu a ação sem pensar, atraída para ele como se por algum fio invisível. O desejo vibrou em seu sangue. Estavam apenas a trinta centímetros de distância. Se ela apenas se inclinasse para frente. Não. Não sentia tal reação a ele. Era primitiva e totalmente indesejável.



Richard praguejou baixinho. Sua maldita carruagem era muito pequena. Tudo o que ele podia sentir era o cheiro de mulher quente e molhada. Tudo o que ele podia ouvir era a respiração ofegante de Sabine na semiescuridão.

Seus cílios molhados pareciam estrelas do mar, espetadas contra sua pele pálida. Uma gota d'água escorregou de entre suas sobrancelhas, para o lado de seu nariz, e acumulou-se na pequena reentrância no canto de seus lábios. Seu corpo o lembrava há quanto tempo não tinha uma mulher quente e disposta em seus braços.

Seus pulmões paralisaram. O desejo disparou direto para sua virilha. Ele se imaginou fechando o espaço entre eles e empurrando-a de volta para o assento. Imaginou-se lambendo aquela gota, seguindo-a dentro de sua boca. Ela sentiria o gosto de chuva fria e desejo ardente. Seu coração batia forte no peito.

Sabine olhou para ele, sem piscar. A ponta da língua dela deslizou para fora e coletou a gota, e ele quase gemeu em voz alta. Tinha acabado de enrijecer os músculos do estômago, pronto para ir até ela, quando a roda da carruagem atingiu um sulco na estrada. Ele agarrou a tira de couro na parede, para evitar cair direto no colo dela.

A sanidade voltou. Caiu para trás em sua cadeira, focou seu olhar resolutamente para fora da janela e forçou sua expressão numa de interesse diverso.

— O que tinha em mente? — repetiu rispidamente.

Ela limpou a garganta e se recostou.

— Quero sair.

— Onde?

— Ao Museu Britânico.

Ele se virou e a estudou por um momento tenso, tentando sentir uma pegada. Sua resposta imediata foi recusar, mas não deve ser grosseiro. Ela desempenhara lindamente seu papel com Skelton, e agora ele tinha o que procurava há meses — uma pista legítima para o grupo de conspiradores britânicos. Passar-se-iam mais quatro dias até o dia marcado para o encontro. Não podia mantê-la trancada em seu escritório o tempo todo, por mais que a ideia o atraísse.

Ele assentiu.

— Tudo bem. Suponho que mereça um pouco de liberdade, já que o primeiro estágio de nosso plano foi bem-sucedido. Pode ir amanhã. Mas só se levar um laçao.

Ela inclinou a cabeça, como se fosse ela quem estivesse concedendo um favor.

— Vou. E obrigado, milorde.

CAPÍTULO 23

O Museu Britânico ficava em um belo edifício, que outrora fora a Montagu House, uma mansão do final do século XVII na Great Russell Street. Sua fundação, as coleções do cientista inglês, Sir Hans Sloane, mas as aquisições subsequentes de manuscritos, esculturas e arte o tornaram um rival para o Louvre. Seu pai sempre expressou interesse em visitá-lo.

Sabine suprimiu uma pontada melancólica e se afastou do lacaio, de aparência entediada, que fora designado para acompanhá-la. Retirou um pequeno símbolo de vestiário de marfim de seu bolso e o entregou ao atendente de plantão.

Além de guardar os chapéus e capas dos visitantes, o museu tinha vários armários e prateleiras para guardar as malas dos hóspedes. Quando o balconista localizou o dela e o depositou no balcão, ela soltou um leve suspiro de alívio.

— Ah! Obrigada. Meus materiais de desenho. — disse brilhantemente.

Acreditava firmemente no velho ditado “esconder à vista de todos.” Em sua experiência, colocar um cadeado em alguma coisa era um convite para que aquela mesma coisa fosse roubada imediatamente. Pode-se também postar um panfleto ao lado dizendo “isso contém algo que vale a pena roubar”.

Logo, uma bolsa de couro marrom surrada, em um escaninho destrancado, em um vestiário público mal vigiado, era o lugar mais seguro possível para seu dinheiro falso. Se parecesse que ninguém se importaria se fosse roubado, ninguém prestaria a menor atenção.

Sua teoria se provou correta. Sabine lançou ao lacaio um sorriso inocente, enquanto retirava um bloco de desenho e uma pequena caixa de madeira com instrumentos de desenho. Mal olhou para a caixa de charutos, cheia de dinheiro falso, aninhada no fundo.

Mil libras ocupavam muito pouco espaço. Sabine sabia exatamente o que havia ali: notas de duzentas libras, duas notas de cinquenta, quarenta de dez, quarenta e cinco e cem notas de uma libra. Cento e oitenta e quatro pequenos pedaços de papel, com apenas quase três centímetros de espessura, que representavam sua rede de segurança. Seu plano alternativo.

Deu ao atendente do vestiário um largo sorriso ao devolver a sacola.

— Não vou precisar das minhas tintas a óleo hoje. Por favor, guarde-as até eu voltar.

— Claro, senhora. — O servo devolveu a ficha de marfim com um aceno.

Ciente de que seu dinheiro ainda estava seguro, Sabine enfiou o caderno de desenho debaixo do braço e, consciente do lacaio seguindo cada movimento seu, caminhou por algumas salas, estudando preguiçosamente as exposições. Subiu até a galeria, acomodou-se em frente a um magnífico desenho de Tiepolo e começou a fazer uma cópia. Teria que ficar por algumas

boas horas, pelo menos. Chegar à *Brook Street* muito cedo levantaria suspeitas.

Algun tempo depois, uma sombra escura caiu sobre o papel. Sabine, que estava perdida em concentração, ergueu os olhos e reprimiu um gemido de aborrecimento ao ver Richard Hampden sentado à sua frente.

— Milorde. — conseguiu dizer. — Que surpresa agradável. — seu tom indicava que era tudo menos isso. — Bom vê-lo aqui.

Seus lábios se curvaram quando ele encolheu os ombros casualmente.

— Apenas pensei em ter certeza de que não estava se metendo em confusão.

Sabine ergueu as sobrancelhas e fez um gesto impaciente para o papel e o lápis como se dissesse: “como, exatamente?”

Ele não confundiu o que ela quis dizer.

— Oh, acho que poderia ter problemas em uma sala vazia, Srta. De la Tour — ele riu.

Sabine reprimiu um palavrão. Olhou ao redor, em busca de seu companheiro laçao e descobriu que havia desaparecido. Dispensado, sem dúvida. *Merde*. Ainda assim, pelo menos verificou seu dinheiro. Nunca teria ousado fazer isso sob o olhar de águia de Hampden.

Ela suspirou e voltou ao desenho. Talvez pudesse entediá-lo e fazê-lo deixá-la sozinha. — Este lugar me lembra o Louvre. — disse placidamente — Passei muitas horas felizes lá quando era menina, esperando meu pai terminar o trabalho. Ficava sentada o dia todo, desenhando. Por horas — repetiu, esperando que ele entendesse a dica. — É assim que aprimorei minhas habilidades de desenho.

Ele olhou para o esboço dela. — É extremamente talentosa.

Não havia nenhum traço de ironia em seu tom, apenas admiração. Sabine se preparou contra o formigamento de calor que se espalhou por ela com o elogio. — Obrigada. Estou considerando o retrato como um meio de me sustentar, agora que a guerra acabou.

— O contrário de chantagem? — ele falou docemente.

Ela ignorou a vontade de cutucá-lo no olho com o lápis.

— Há poucas profissões que uma mulher possa exercer sem censura. — repreendeu. — Felizmente, ser retratista é uma delas. Veja a Madame Vigée Le Brun ou Angelica Kauffman. São reconhecidas como entre as melhores em seu campo. Voltarei a Paris e montarei uma pequena galeria, em algum lugar perto do Louvre.

— Pode levar uma vida de virtudes imaculadas. — Hampden concordou, amigavelmente. — Depois que terminar de me roubar dez mil libras, quero dizer.

Ela estreitou os olhos e apertou o lápis com força demais. A guia quebrou em um pequeno sopro cinza, e ela praguejou baixinho.

Hampden levantou a aba de sua jaqueta e se acomodou ao lado dela, no banco de mármore, como se tivesse todo o tempo do mundo. — Hodges

mencionou que há dois pequenos retratos em seu quarto. Pintou-os?

Ela se afastou dele tão sub-repticiamente quanto possível. Ele parecia ocupar uma quantidade excessiva de espaço.

— Sim. São dos meus pais.

Esperava que ele fizesse mais algum comentário, mas ele olhou para a pintura à sua frente e, por um momento, os dois ficaram sentados em um silêncio quase amigável.

— Me ocorre que desenhar é apenas mais uma forma de malandragem. — disse em seguida: — Engana o olho, fazendo-o acreditar que um objeto bidimensional é tridimensional.

Sabine enrijeceu, sem saber se isso era um insulto velado ou não.

— Acho que está certo. Mas não foi Platão quem disse: “*Pode-se dizer que tudo o que engana encanta?*” Não está encantado com essas pinturas? — acenou para as obras-primas ao redor deles.

— É claro. Não tenho nada além de admiração por aqueles que nasceram com tanto talento.

Ele parecia sincero, e Sabine respirou fundo, ligeiramente aquiescente.

— Desenhar o retrato de alguém não é tão diferente de imprimir dinheiro. Em ambos os casos, estou usando minhas habilidades artísticas, para obter lucro.

— Exceto que uma é legal e outra não.

Escolheu um novo lápis de sua bolsa e começou a desenhar novamente, principalmente para evitar olhar para as mãos dele, que estavam descansando nos joelhos, tentadoramente perto das dela. Por alguma razão, achava as veias que corriam ao longo delas particularmente fascinantes. Deu-lhe outro olhar de soslaio por baixo dos cílios.

— Um passatempo inocente, desenhar... ainda assim, foi como entrei na falsificação.

Hampden ergueu as sobrancelhas com a admissão espontânea dela. — Devo admitir, estou curioso para saber como alguém pode se tornar um falsificador notório.

Não deveria dizer nada a ele. Quanto menos soubesse, melhor. Mas uma parte perversa dela queria ver como ele reagiria às suas contravenções adicionais.

— Não tive escolha. Minha mãe morreu de febre quando eu tinha onze anos, meu pai, quando eu tinha acabado de fazer dezessete. Não tinha parentes para protestar, quando o imperador requisitou a casa de nossa família, na rua Saint-Honoré e a concedeu a um de seus generais.

Sabine mordeu o lábio contra a amargura da memória, a terrível sensação de impotência. — Um amigo do meu pai me acolheu. Era dono de uma galeria de arte e gráfica na Rue du Pélican. E, diretamente, encontrou o olhar de Hampden.

— Esteve lá, senhor. Além da restauração de fotos, impressão de panfletos e venda de livros de antiquários, Jacques Carnaud tinha uma

atividade paralela, bastante lucrativa, na falsificação.

Voltou a desenhar.

— Jacques costumava me mandar ao Louvre, três vezes por semana, para melhorar meu desenho. Um dia, fiz uma cópia de um esboço de Bernini em um papel original do século XV que tirei da folha de rosto de um livro antigo. Não com a intenção de enganar, entende. Só um exercício técnico para ver se eu conseguia. Usei a mesma cor de carvão, o mesmo estilo solto do original.

Olhou para ele novamente. Como de costume, não sabia se ele acreditava nela ou não.

— Jacques ficou impressionado. Disse que não conseguia diferenciar o meu do original — e ele era um especialista em lidar com desenhos de antigos mestres. Colocou-o na vitrine da loja, sem assinatura, sem nenhuma reclamação quanto à sua autenticidade, e vendeu-o no dia seguinte, por trinta soldos, ao ministro das Relações Exteriores da França.

Sabine balançou a cabeça. — Para um olho treinado, existem muitas diferenças entre uma cópia e o original. O original é fluido, como o seu Rembrandt. Uma cópia é mais... deliberada, de alguma forma. É difícil explicar, mas os traços são diferentes, restritos, porque está tentando replicar o que vê à sua frente, não simplesmente capturar um momento. — deu-lhe um sorriso cúmplice. — Ah, mas um desenho no estilo de um artista é muito mais fácil. Vendi um bom número deles para os ministros e amigos de Napoleão.

— Não parece particularmente arrependida.

Ela deu uma risadinha. Ele não parecia nem um pouco chocado ou censurador com sua admissão.

— Nenhum desses novatos sem educação distinguiria um Rembrandt da bunda de um rato. — soprou uma partícula de carvão do canto do papel. — Eles não tinham interesse na obra em si. Era apenas algo para se gabar em jantares, para impressionar seus amigos. — Cruzou os braços. — Uma vez até coloquei um bigode em um retrato e o comprador nem percebeu!

Hampden balançou a cabeça.

— É realmente subversiva. — fez a frase soar como um elogio.

Como ele não parecia particularmente escandalizado, Sabine decidiu que poderia confessar o pior de tudo.

— Até enganei Napoleão, uma vez.

Hampden cobriu os olhos com a mão e soltou um gemido profundo. — Vá, me diga.

— Ele mandou um quadro ao Louvre, exigindo que fosse limpo e restaurado. Foi um grande trabalho e, enquanto estava na oficina de Jacques, fiz uma cópia exata. Mesmo tamanho, mesmas cores, tudo. Tiramos o original da moldura e o substituímos pela cópia. Jacques dispensou o cheiro de verniz novo, remanescente do processo de limpeza. Napoleão nunca suspeitou de nada. Até disse que ficou encantado com a restauração e comentou como as cores ficaram brilhantes, depois de ter sido limpo.

Hampden balançou a cabeça.

— É uma mulher perigosa, Sabine de la Tour.

Ela inclinou a cabeça, em um aceno gracioso.

— Ora, obrigada. Acho que é o melhor elogio que já me fez.

CAPÍTULO 24

Hampden se levantou e ofereceu o braço.

— Vamos, preciso esticar as pernas.

Sabine largou o lápis e suspirou em resignação, embora seu traseiro estivesse dormente no assento de mármore.

— Muito bem, vou dar-lhe um curso rápido sobre como identificar os vários artistas. — pousou os dedos no antebraço dele e tentou ignorar o formigamento de consciência que pulsava nas pontas. Começaram um passeio pelas galerias superiores.

Sabine havia passado grande parte de sua vida na presença de grandes obras de arte, mas, até aquele momento, não conseguira avaliar quantas delas apresentavam nus. Para onde quer que olhasse, mamilos apareciam em vestidos diáfanos. Os *putti* nus agitavam seus pequenos traseiros cor de pêssego no ar; ninfas e sátiros perseguiam-se mutuamente, com as mãos estendidas para agarrar nádegas carnudas ou seios balançando. Senhoras seminuas reclinavam-se, sugestivamente, em sofás de veludo ou relaxavam em jardins verdejantes. Mesmo as telas retratando cenas de guerra eram preenchidas com coxas brilhantes e bíceps protuberantes. Abanou-se discretamente.

Hampden diminuiu o passo na frente de um estúdio de bico de pena, que mostrava uma mulher musculosa com um cocar exótico.

— Ah. Michelangelo Buonarroti — disse Sabine, nem mesmo olhando para a pequena etiqueta explicativa abaixo da foto.

— Ele realmente não consegue desenhar mulheres. Sempre pode dizer quais são seus; parecem homens musculosos com seios espetados posteriormente.

Hampden deu uma risadinha.

— Michelangelo era falsificador, sabia? — Enterrou suas próprias estátuas no solo para envelhecê-las e depois as vendeu aos Medici como antigas gregas e romanas. Quando foi descoberto, suas obras só receberam maior aclamação. Isso apenas provou sua habilidade superior.

Ela o puxou para a próxima pintura, uma enorme tela de nus saltitantes.

— Rubens. Suas mulheres são todas gordas e ruivas, com enormes nádegas e quase nenhuma roupa.

Claramente o ouviu abafar uma risadinha e reprimiu um sorriso. Só falara tão livremente com Anton. Fazer isso com Hampden foi surpreendente. Hilariante. Exceto que, realmente, não deveria estar se divertindo tanto com seu perseguidor.

Foram para a próxima tela. — Se tem um fundo escuro e todos os homens parecem mulheres pálidas, doentes, com olhos de vaca, — disse: — é Caravaggio.

Puxou-o mais ao longo da parede. — Se for um fundo escuro, mas todo

mundo tem uma expressão torturada, é Ticiano.

Chegaram a um cenário de jardim espumoso, com uma mulher em um balanço. — Se tem querubins, ovelhas e guirlandas de flores, é francês. Boucher ou Fragonard. Pronto, sua lição está completa.

— Atrevida irreverente. — murmurou Hampden, o que soou mais como um carinho do que uma crítica.

Infelizmente para os batimentos cardíacos de Sabine, a galeria de esculturas não era melhor em termos de carne em exibição; havia também corpos musculosos se contorcendo. Honestamente. *Ninguém usava roupas nos tempos antigos? Não tinham inverno na Grécia Clássica?*

Hampden parou para admirar uma peça particularmente provocativa de Bernini, intitulada '*The Rape of Proserpina*'. Bom Deus. Sabine deu um passo para o lado, para estudá-lo de um novo ângulo, maravilhada com a habilidade surpreendente do artista em capturar tal movimento frenético. As mãos de Plutão envolveram a cintura de Proserpina, no momento em que ela estendeu os braços, na tentativa de escapar.

Havia algo perturbadoramente erótico, na maneira como os dedos de Plutão pressionaram marcas na carne de sua cintura e coxa. Como poderia o mármore frio e inflexível ser persuadido a parecer uma pele aquecida e com covinhas? Até as estrias naturais da pedra lembravam veias tênues. Havia algo na pose que a lembrava de todos aqueles sonhos que ela teve com Hampden perseguindo-a, pegando-a... Beijando-a.

Sabine pigarreou e tentou banir os pensamentos horríveis que nadavam em seu cérebro. Das mãos de Richard Hampden em sua cintura. Suas coxas. Ela arrastou o olhar da estátua para o homem, igualmente provocador, ao lado dela.

— A arte está no meu sangue, sabe? — disse, desesperada para se concentrar em qualquer coisa que não fosse a sensação de embrulho em seu estômago. — Meu avô foi pintor da corte do rei Luís. Pintou Madame Pompadour, Voltaire, Rousseau. Já viu algum de seus retratos? Todos os seus modelos parecem estar prestes a rir, o que é uma maneira adorável de ser capturado para a eternidade, não acha? Existem muitos retratos carrancudos neste mundo.

Hampden inclinou a cabeça. — Eu vi o retrato que ele fez da minha mãe, em Hampden House, Dorset. Ela parece estar sorrindo. Sempre gostei daquele retrato. — Virou-se para encará-la totalmente.

— E o seu pai? Pintou também?

— Sim. Mas seu trabalho principal era ser diretor de aquisições no Louvre, exceto que na época se chamava Musée Napoleon. — Sabine não conseguiu esconder a amargura de seu tom. — O imperador o rebatizara em sua homenagem.

Ela balançou a cabeça e forçou sua voz a ser objetiva. — Meu pai sobreviveu à revolução, sendo insubstituível. Nenhum plebeu teve a formação necessária para trabalhar como diretor de arte, ou teve suas habilidades em

restauração. Tinha muito conhecimento para ser ignorado. Napoleão precisava de homens talentosos como ele.

Foi uma lição que Sabine aprendeu bem cedo. *Aristocratas* sem habilidades pereciam. Os que mancharam as mãos com o comércio, com uma profissão, sobreviveram. Era imperativo tornar-se indispensável.

Permitiu que Hampden a acompanhasse até a entrada e à carruagem que os esperava. Enquanto avançavam pela Bond Street, olhou para as filas de galerias e lojas de antiguidades, todas cheias de itens escandalosamente caros, que apenas alguns poucos sortudos podiam pagar.

Foi o mesmo na França, depois da revolução. O que os *Aristocratas* venderam às pressas, os mercadores recém-ricos arrebataram, ansiosos pelo surgimento de séculos de riqueza herdada. Lojas como essas forneciam retratos de descendentes de outras pessoas, que podiam passar por seus próprios, para esconder o fato de que seu dinheiro não vinha de terras e propriedades, mas de fábricas de munições, impérios marítimos e fábricas têxteis.

O general que recebeu a casa de sua família, em Paris, manteve os móveis e pinturas de sua família. Gerações de De la Tours, hoje em dia, olhavam com desdém para estranhos *mal-educados*. Sabine agarrou a caixa de lápis no colo e se recusou a pensar sobre isso. Fora deprimente.

A voz de Hampden interrompeu seus pensamentos.

— Vai jantar sozinha esta noite. Estarei fora de novo.

Sabine deu de ombros, como se pouco importasse para ela, e voltou seu olhar para a janela. Ele, provavelmente, estaria indo para uma mulher. Homens solteiros como ele sempre tinham uma amante, para cuidar de suas necessidades físicas.

Disse a si mesma que estava grata por ele não estar focando suas atenções nela. Mas sabia que mentia pra si mesma.

Richard não estava, como diria a imaginação lúgubre de Sabine, se divertindo com uma equipe de prostitutas experientes. Sentou-se, em vez disso, em uma das salas privadas menores no White's, seu clube, com Raven e seu superior no Ministério das Relações Exteriores, Robert Stewart, Lorde Castlereagh.

— Alguma notícia sobre Visconti?

Castlereagh balançou a cabeça franzindo a testa.

— Nada ainda. Está se mantendo discreto. Mas ele está aqui. E fará um movimento em breve. — Olhou para Richard, por cima do copo de conhaque meio vazio, o olhar astuto.

— Sei o quanto quer enterrar aquele desgraçado, Richard. Todos nós queremos, depois do que aconteceu em Paris; mas não quero nenhum heroísmo sangrento de sua parte, entende?

Richard reprimiu uma maldição.

— Quando chegar a hora de derrubá-lo, ele será meu.

Castlereagh assentiu.

— De acordo. Mas não deve enfrentá-lo sozinho, está claro? Quando ele surgir, iremos encontrá-lo e eliminá-lo. Mas faremos isso como uma equipe. Não vou permitir que embarque em uma cruzada meio armada, por conta própria.

Richard deu um aceno relutante. Ele, de todos, tinha o maior motivo para querer o assassino francês morto. As cicatrizes daquela missão desastrosa em Paris estavam gravadas em seu cérebro. Balançou a cabeça para banir a familiar bola de tristeza e raiva que se agitava em suas entranhas, sempre que pensava nisso. Oito anos, mas ainda estava tão fresco em sua mente, como se tivesse acontecido ontem. Esse assassino Visconti já vivera muito tempo.

Castlereagh lançou a Richard um último olhar severo, esvaziou o copo e se levantou.

— Irei mantê-lo informado. Enquanto isso, fique de olho na sua convidada. Ela pode ser útil para enrolar Visconti, quando o encontrarmos. — Ele assentiu. — Boa noite, cavalheiros.

Raven se serviu de outro conhaque e se recostou na cadeira.

— Então, como vão as coisas com sua adorável falsificadora? Heloise me disse que a levará ao baile de Lady Carstairs, como sua noiva, a ser anunciada em breve. — Tomou um gole de sua bebida e lançou a Richard um olhar malicioso e provocador. — Foi um trabalho rápido, Dickie, até para você.

— Não é o que pensa — Richard disse irritado. — Só a estou usando para manter as *gatas do beco* longe por algumas semanas, só isso.

O sorriso de Raven estava cheio de descrença cínica.

— É claro! Sendo ela talentosa, fascinante e bonita o suficiente para causar palpitações no coração de um homem, escapa completamente de sua

atenção.

Richard passou a mão pelos cachos já desordenados.

— Ela é perigosa e imprevisível.

Raven sorriu para sua bebida.

— Acho a paz e a tranquilidade muito superestimadas. E você também.

Richard suspirou. Raven estava certo. Trabalhar para Castlereagh proporcionava a ambos o desafio que faltava em suas vidas diárias. Richard se arriscou deliberadamente em tramas e traições, porque precisava de uma válvula de escape para toda a frustração e agressão, que não podia mostrar na alta sociedade. Amava a emoção de espionar, o desafio intelectual de jogar seu juízo contra outros homens competentes. Ou mulheres. Adorava a chance de usar suas habilidades. Não em uma dança, cuidadosamente coreografada como a esgrima, sem nenhum perigo real de se machucar, mas uma luta real, suja, em becos sem saída. Essas brigas eram reais, de uma forma que o artifício da alta sociedade não era.

Trabalhara duro para superar sua relutância cavalheiresca e o espírito de jogo limpo que estava enraizado nele, desde seus dias em Eton. Teve que aprender a lutar. Não uma luta cavalheiresca, formal e elegante, mas o boxe sem barreiras, as lutas de rua, onde o objetivo era a sobrevivência, não a glória. Ele e Raven haviam se envolvido em brigas, em partes da capital que poucos cavalheiros ousavam ir. Já conhecia os pontos fracos da cidade, tendo aprimorado seus reflexos com uma faca e soqueiras. Sabia como lutar sujo. E vencer.

Richard tomou um gole lento de sua bebida, saboreando o calor do conhaque em sua garganta. Ainda não respondera a Raven.

— Eu a admiro, se quiser saber. — admitiu por fim. — A vida a tratou de forma terrível, e em vez de desistir, como a maioria das pessoas faria, continuou jogando, blefando quando necessário, fazendo o que tinha que fazer para sobreviver. — Deu outro gole. — E ela fez mais do que apenas sobreviver. Prosperou.

Raven assentiu, mas seu sorriso era malicioso. — Mas é um homem que adora perseguir, até alcançar. Adora a satisfação de trazer criminosos como ela debaixo de seus calcanhares.

Richard estreitou os olhos. — Onde quer chegar?

Seu melhor amigo riu. — Só que Sabine de la Tour é a coisa mais rara: um inimigo que não conseguiu pegar. — disse, ignorando o brilho nos olhos estreitos de Richard e continuou. — Ela se entregou voluntariamente. Na verdade, se pensar sobre isso, é seu único fracasso oficial. O venceu, meu amigo. Justo e quadrado...

Richard franziu a testa para o líquido âmbar. — Ela marcou pontos nesse primeiro round, mas a luta está longe de terminar.

Raven levantou uma sobrancelha escura.

— Tem certeza de que está no controle? — Zombou suavemente.

Richard fez uma careta. — Sim. Estar no controle é a melhor maneira

que conheço de manter seguras as pessoas de quem gosto. Tony estava além do meu alcance. Não pude salvá-lo. Todo o dinheiro e influência do mundo não puderam evitar sua morte.

Esfregou os músculos tensos da nuca com a mão livre, surpreso com o que acabara de dizer. Raramente discutia a perda de seu irmão mais novo com alguém, mesmo Raven. — A situação em Paris, com Visconti, foi a mesma coisa. Perdemos o controle da situação e pessoas inocentes morreram. Isso é simplesmente inaceitável.

Raven concordou. — Então o que vai fazer com a sua falsificadora?

Richard sabia o que queria fazer com ela: levá-la para a cama e mantê-la lá por uma semana. Ter sexo com ela, até que nenhum dos dois tivesse forças para se importar de que lado estavam. Franziu a testa, irritado consigo mesmo. Poderia usar o sexo como uma arma para prendê-la a ele. O que o impediu foi o quanto ele queria. Não seria bom ficar emocionalmente ligado a ela. Sabine de la Tour não era confiável. Como se levasse uma cobra para a cama.

— Não vou dormir com ela, se é isso que quer dizer. — rosnou.

Raven sorriu, perfeitamente ciente de sua frustração. — Bem, se não está dormindo com ela, já encontrou uma nova amante?

— Não.

— Ah. Isso explica tudo.

— Explica o quê?

— Seu mau humor atual.

— Não estou de mau humor.

Raven o encarou.

Richard suspirou. Ele não queria encontrar uma amante. Ou ir a um bordel. Queria Sabine. Seu pênis doía, só de pensar nela. Ficava duro como um prego, sempre que ela se aproximava. Mas passar mais tempo com ela em sua condição volátil era simplesmente estúpido. Rangeu os dentes. — Diabos de mulheres.

Raven ergueu o copo meio cheio, em um brinde irônico.

— Diabos de mulheres. Como as amamos.

A expressão de leve pena de seu amigo fez Richard querer socar na mandíbula de Raven. Ou jogá-lo pela janela. Seus dedos realmente se fecharam em um punho, enquanto o contemplava.

Estava tudo bem para Raven. Tinha uma esposa para aplacar sua luxúria, sempre que sentia vontade. O fato de a esposa em questão ser sua própria irmãzinha, Heloise, não era algo que desejasse contemplar em detalhes. Algumas coisas eram melhores não imaginadas.

Raven se levantou e ajeitou sua jaqueta, aparentemente satisfeito com sua intromissão.

— Acho que ainda teremos nossa costumeira sessão de treinamento?

Richard mostrou os dentes em um sorriso selvagem. Talvez bater em Raven aliviasse seu estado atual de luxúria fervente.

— Certamente. Vejo-o lá.

Sabine saltou quando a porta oculta de seu quarto se abriu e Hampden entrou, como se tivesse todo o direito de visitar seus aposentos sem ser convidado. Largou o livro que estava lendo e puxou as pontas de seu pesado roupão de veludo.

— Importa-se? — rebateu.

Ele sorriu. — Nem um pouco.

Seu olhar percorreu seu cabelo, que ela havia deixado solto, e sua pele, que, sem dúvida, ainda estava com um rosa impróprio do banho.

Sabine olhou incisivamente para o relógio. Era relativamente cedo para os padrões normais da maioria, apenas dez horas. Não esperava que ele voltasse antes da meia-noite. Não poderia ter passado muito tempo com sua amante.

Ele se aproximou e seu coração se contraiu. Cheirava a uma mistura sutil de colônia e conhaque - sem nenhuma sugestão de perfume feminino. Sabine franziu a testa. Talvez preferisse suas mulheres sem perfume?

Seu casaco escuro criava um forte contraste com sua camisa branca, o efeito dramático como uma tela de Caravaggio. Percebeu, tardiamente, que ele estava segurando uma caixa de madeira, mais ou menos do mesmo tamanho de uma rampa de escrita. Ofereceu-a.

— Trouxe-lhe um presente.

— Sua própria tentativa de suborno?

Richard lhe deu um olhar de repreensão. — Pare de ser tão cínica. É um agradecimento por seu trabalho com Skelton. Uma recompensa por um trabalho bem feito. Aceite com graça, sem questionar.

Era uma bela caixa nova, com materiais de artista. A caixa de mogno tinha cantos de latão inseridos e a etiqueta de papel dentro da tampa dizia T Reeves & Sons, 150 Cheapside. Continha uma série de quadrados de pigmento aquarela e bandejas de cerâmica recortadas. A gaveta abaixo continha vários tubos de tintas a óleo.

Sabine mordeu o lábio. — Obrigada.

Estava tentando comprar sua cooperação? Isso era muito mais pessoal do que dinheiro vivo e frio. Era uma oferta provisória de paz? Um gesto de amizade?

Não querendo olhar para ele, inspecionou as varas finas de giz vermelho, branco e preto, para desenhar e destacar. Havia lápis, pincéis, pequenos frascos com tampa de rosca de óleo de linhaça e terebintina. Era perfeita. Exatamente o que teria escolhido para si mesma. E muito mais caro do que poderia pagar.

— O lojista me garantiu que contém tudo o que um artista sério pode exigir. — arriscou.

Sabine piscou. A ideia de que ele mesmo houvesse escolhido, ao invés

de simplesmente enviar um servo para comprá-lo, a deixou ainda mais inquieta.

— Realmente usa todas essas cores? — ele perguntou.

Sabine assentiu, inexplicavelmente inquieta.

— Ficaria surpreso com a quantidade necessária, para recriar a pele humana. Não apenas rosa e branco, mas também ocre, vermelhão, âmbar.

Ergueu os olhos. Ele estava observando o dedo dela deslizar sobre as tintas.

— Umber vem da palavra latina umbra, que significa "sombra". — arrastou o dedo lentamente ao longo da linha, permitindo que ele mergulhasse nas pequenas ranhuras entre os blocos. Imaginou que o estava arrastando sobre sua pele, sobre as cristas de seu peito, seu estômago. — Sangue de dragão. Vermilion. — Os nomes rolaram de sua língua, sedutores em seu próprio exotismo. Ela umedeceu os lábios.

— *Alizarin carmesim*. — A cor de sangue recém-derramado.

Essa era realmente a voz dela? Esse sussurro ofegante e abafado? De repente, sentiu-se como se estivesse recitando um encantamento, convocando alguma alquimia temível que poderia prendê-lo a ela com nada além de palavras.

— Vermelho veneziano. — A cor do amor.

Sabine ergueu a mão e quebrou o feitiço improvisado.

Hampden pigarreou e piscou, como se saísse de um transe.

— Gosta, então.

Ela sorriu. — Amo. Obrigada.

— Então, vai me desenhar?

Ela ergueu os olhos com surpresa. Havia algo intensamente pessoal em um retrato. Olhar para alguém, com um escrutínio tão próximo, criava um vínculo entre artista e modelo, que não era facilmente quebrado.

Ele viu sua hesitação e um brilho nos olhos.

— Eu pagarei.

Maldição. Ele balançou a insinuação de dinheiro na frente dela, como uma cenoura na frente de um burro. Sabine deu um suspiro interior. Não podia recusar a oferta de mais dinheiro.

— Sou muito cara.

Sua boca se curvou.

— Eu sei. Mais cara do que uma sala cheia de prostitutas no Palais Royale. — disse ele com sarcasmo. — Posso pagar.

Claro que ele poderia pagar, Sabine pensou irritada. Poderia revestir cada prostituta de Londres com diamantes e roupas íntimas de seda, se quisesse.

Ele deve ter sentido sua aceitação silenciosa.

— Onde me quer? Sobre a cama? Na cadeira? No chão? — Seus olhos brilharam de alegria provocante com seu duplo sentido deliberado. — Sinta-se à vontade para me colocar como quiser. Estou completamente à sua mercê.

Qualquer posição que escolher será perfeitamente aceitável.

Sabine deu-lhe um olhar sufocante. — Não a cama.

A última coisa que ela queria era uma imagem de Richard Hampden descansando como um leão bem alimentado em seus travesseiros. Ou o cheiro dele em seus lençóis, para levá-la à distração. Já sonhava com ele com muita frequência.

Deu-lhe um olhar astuto e ela se ocupou em encontrar uma folha de papel em branco na cômoda. Quando olhou para cima, ele já havia tirado a jaqueta e estava tirando a gravata do pescoço. O gesto fez seu pulso acelerar.

— Vou ficar com o resto das minhas roupas, certo? — brincou ele.

Ela o fulminou com o olhar.

— Por favor, fique. Não faça nus. — Apontou para a poltrona perto do fogo. — Aqui está bom.

Ele se acomodou, com um suspiro de satisfação.

Sabine reposicionou uma lamparina para iluminar melhor, escolheu um lápis e começou a desenhar, decidida a ignorar a intimidade aconchegante da cena. Trabalharia rápido. Acabaria com isso o mais rápido possível.

Por um momento, o único som foi o leve arranhar do carvão sobre o papel. Fez alguns contornos iniciais esboçados, traços leves para definir sua forma geral, os planos e as interseções de seu rosto.

— Está acostumada a estudar as coisas com grande precisão. — disse ele calmamente. — O que vê?

— Vejo um chato, autocrático, arrogante...

— Não importa — ele riu. — Apenas desenhe.

Era estranho ter a desculpa para olhá-lo de frente, sem lançar olhares de soslaio, quando pensava que ele não estava olhando. Sabine o estudou da mesma forma que teria estudado um desenho de Leonardo ou Raphael. Tinha um rosto que não pareceria deslocado em um príncipe da Renascença ou em um mercenário italiano: inteligente, astuto, brilhante. Exceto que a linha de seu nariz era irritantemente perfeita. Um mercenário o teria quebrado uma ou duas vezes.

Notou a textura de sua mandíbula, o grão fino e claro de sua pele. A gradação de reflexos e sombras em sua camisa, seu cabelo. As pequenas rugas nos cantos dos olhos, os ossos do pulso, onde ele descansava as mãos levemente no braço da cadeira. Seu lápis fluíu sobre o papel.

Poderia ser uma observadora imparcial e objetiva. Como um médico. Sim, ele era um homem bonito. Obviamente, se alguém fosse suscetível a ombros largos e cintura estreita, mãos grandes e proporções esplêndidas - o quê, *droga*, ela era.

Mordeu o lábio. Não. Poderia permanecer perfeitamente composta. Aprendera na vida. Nunca um homem nu, certamente, mas seus estudos anatômicos lhe deram uma compreensão decente de como os músculos do corpo funcionavam. Eram apenas linhas e ângulos. Osso e tendão. Nada para ficar quente e incomodada.

Exceto que estudar todas aquelas estátuas de mármore lhe proporcionaram uma ideia gráfica do que aquelas calças elegantes e aquela camisa superfina escondiam. Tinha visto sob sua camisa molhada na carruagem - perfeição muscular elegante.

Seu lápis vacilou enquanto desenhava em sua clavícula + apenas um vislumbre da saliência e oco, onde se encontrava, na base de sua garganta. Se ao menos ele tirasse a camisa. Ela o imaginou como um boxeador, despido até a cintura, peito nu, punhos amarrados por tiras de couro, como um antigo gladiador.

Sua garganta ficou seca. Estava muito ciente dele relaxando à vontade, o tom uniforme de sua respiração, na sala silenciosa. Parecia estar roubando todo o ar. Sua mandíbula estava ligeiramente mal barbeada. Como seria tocá-lo?

Segurou o lápis com mais força, uma arma contra a tentação. Não era Pigmaleão, para se apaixonar por sua própria criação. Tinha bom senso para se controlar. Mas seu lápis diminuiu a velocidade, enquanto ela desenhava a curva de seu lábio superior, a curva de seu filtro, a linha suave de seu lábio inferior mais cheio. Seus próprios lábios formigaram em resposta.

Pigarreou e gesticulou para a caixa de tintas.

— A maioria dessas cores vem de fontes menos românticas, sabe. A goma laca, por exemplo, — apontou para um pequeno pote. — É uma resina secretada por um inseto. Os flocos moídos são misturados ao álcool e usados como verniz. E essa cor marrom vem da tinta do choco, parente do polvo.

O sorriso lento de Hampden a fez saber que ele sabia o quanto a afetava. E o quanto ele gostou.

— É uma mulher de conhecimento e talento surpreendentes.

A mão dela tremia ligeiramente ao sombrear as sobrancelhas grossas e diabólicas dele. Mordeu o lábio. Qual a melhor forma de desenhar seus olhos? O lápis não podia esperar capturar sua cor, aquele marrom quente mel, caramelo queimado.

O fato de não conseguir definir a cor exata a incomodava mais do que deveria. Eram mutáveis, dependendo de seu humor, da iluminação e da cor de suas roupas. Quando ela olhou bem de perto, pôde ver um calor perverso: xerez, não exatamente marrom dourado, nem ainda laranja queimado.

E realmente, que homem adulto deveria ter uma covinha? Nem tinha uma em cada bochecha, para equilibrar a perfeição austera de seu rosto, apenas uma, do lado esquerdo. Deveria ser uma falha, mas quando ele sorria, aquele sorriso raro e repentino, era como o sol emergindo de trás de uma nuvem. Fazia as pessoas nas proximidades quererem se aquecer em seu brilho quente.

Sabine fechou os olhos e orou pedindo forças. Não tinha permissão para se aquecer. Este homem era seu inimigo. Não conseguia esquecer o fato.

CAPÍTULO 27

Saber que Sabine o estava desenhando era uma experiência ridiculamente erótica.

Richard lutou contra o desejo de se remexer na cadeira. Apenas sugeriu por um capricho diabólico, um meio de passar mais tempo com ela, de ganhar sua confiança.

Sentiu seu escrutínio intensamente, quase como uma carícia. Ela alternou sua atenção entre o rosto dele e o papel, e cada vez que seus olhos pousavam em alguma parte dele, ficava agudamente ciente daquela área em particular, como se o estivesse tocando ali.

Ele, por sua vez, aproveitou para estudá-la. Os cílios longos e escuros que sombreavam seus olhos. O jeito que ela mordía o lábio em concentração fazia-o se contorcer. Suas mãos eram pequenas, delicadas, mas fortes, e ele se permitiu a indulgência da imaginação pecaminosa. Essas mãos nele, aqueles lábios. E se ele estivesse nu? Ela seria tão imparcial e analítica?

Ela empurrou para trás uma mecha de cabelo com um golpe impaciente e distraído, deixando uma mancha de giz em sua bochecha. Richard se imaginou limpando-a, então despiando-a, cobrindo-a com as tintas. Não as aquarelas fracas e insípidas, mas os óleos escorregadios e com cores intensas. Perfeita.

Em sua mente, mergulhou o dedo indicador na tinta e espalhou um semicírculo de azul brilhante sobre a protuberância de seu seio. Mergulhou o polegar e usou a almofada para descrever uma varredura de amarelo sobre o mamilo. Não. Erro. Se fizesse isso, não poderia colocar sua língua lá. Apagou a imagem mental e a corrigiu para sua satisfação, deixando seu mamilo livre para sua boca.

Fechou os olhos e se permitiu mergulhar na fantasia. Suas mãos deixariam um rastro de cor onde quer que fossem. Marcaria cada centímetro de sua pele. A saliência de suas clavículas, as cristas de suas costelas, a curva de sua cintura, a linha lisa de sua barriga, a parte interna de suas coxas. Respirou fundo, perdido no devaneio erótico. Mãos deslizando para cima, para cima.

Sabine deixou cair o lápis.

Richard abriu os olhos e ajustou sua pose enquanto ela o recuperava do chão, aliviando a dolorosa evidência de suas fantasias extravagantes. Transferiu as mãos para o colo e forçou sua mente a entrar em um território menos perigoso.

Limpou a garganta, mas sua voz saiu mais baixa do que gostaria.

— Não acha irônico que tenha sido necessária uma guerra para revelar a extensão de suas habilidades? — comentou.

Ela inclinou a cabeça.

— Às vezes me pergunto quem eu poderia ter sido, se as circunstâncias

não tivessem me tornado uma criminosa. — disse, encolhendo os ombros delicadamente. — Nunca saberemos. Sou o que sou: uma falsária, uma traidora, uma ladra. — Ela encontrou seu olhar, desafiando-o a contestar isso, e a intensidade de seus olhos azul-marinho enviou um choque através dele. — Sou Philippe Lacorte há tanto tempo, que esqueci como era Sabine de la Tour. — voltou sua atenção para o desenho.

— Por que veio, Sabine? — perguntou suavemente.

Ela não o olhou. — Sempre quis conhecer Londres. Terra de minha mãe. Tenho vontade de visitar a ópera.

— Não. Não sua vinda para Londres, mas por que veio aqui, para mim?



Ah, *essa era a pergunta*, pensou Sabine com tristeza. Talvez devesse contar a verdade: que estava com medo, entediada e solitária. Que queria encontrar outras pessoas como ela, que entendessem o jogo perigoso que jogavam. Alguém que se equilibrava no fio da navalha afiada entre o que era estritamente legal e o que era moralmente certo.

Quando não respondeu, ele preencheu o silêncio.

— Tenho uma teoria de que todos os criminosos querem secretamente ser pegos.

Ela bufou.

— Isso é ridículo! Claro que não. Ninguém deseja a forca. Ou a guilhotina.

Ele ergueu uma sobrancelha incrédula.

— Sério? Não quer que alguém reconheça seu talento? Não é por isso que coloca suas iniciais nas notas falsas? Então, alguém igualmente inteligente notaria e apreciaria suas habilidades?

Era enervante a maneira como ele parecia ler sua mente. Deu de ombros com desdém.

— Talvez esteja certo. Já que o reconhecimento público está fora de questão, um pouco de admiração particular de um colega, que entende a complexidade do que eu faço, pode ser lisonjeiro.

Sua expressão era provocadora.

— Pobre Sabine. Todos os seus sucessos são, por sua própria natureza, não celebrados.

— Não é diferente de ser um espião — rebateu. — Suas vitórias também são particulares. Tem a satisfação de um trabalho bem executado, mas ninguém sabe seu nome.

Ele se recusou a deixá-la desviar o olhar.

— Queria que eu te pegasse? — A voz dele era sinuosa, um encantamento.

Sabine suspirou. Era tão vaidosa? Pode ser. Queria que ele a olhasse com respeito. E com um pouco de medo e admiração também. Queria que ele compreendesse o brilhantismo do que poderia fazer. Forçou a mão a continuar

movendo-se no papel.

— Pensei que, no mínimo, apreciaria a restrição que usei. Teria sido tão fácil gastar a fortuna falsa que ganhei. Poderia ter arruinado seu país.

O conhecimento de que tinha tanto poder fez sua cabeça girar. O fato de que escolhera o caminho moralmente virtuoso deixou-a orgulhosa. Ainda conservava alguma pureza na alma, afinal. Claro que deveria saber que, uma vez que tentasse fazer algo honesto, tudo daria terrivelmente errado. *Nenhuma boa ação fica impune* — diziam. Como era verdade! Agora aqui estava, enredada com este homem, como uma mosca na teia de uma aranha.

Seus olhos se cravaram nos dela e sua voz era um sussurro enfumaçado.

— Ama isso, não é? Aquele arrepio de triunfo quando faz uma falsificação. É como uma droga, não é, Sabine? Sempre quer mais.

Olhou-o zangada.

— Então somos iguais, não somos? Não adora a chance de testar sua habilidade contra um oponente digno? — apontou-lhe o lápis para dar ênfase. — Não me diga que as vitórias fáceis são aquelas que lembra com carinho, porque não vou acreditar. São as batalhas duramente conquistadas que lhe dão a maior satisfação. — ergueu as sobrancelhas, desafiando-o a contradizê-la. Quando não o fez, ela soltou um pequeno bufo. — Molière disse: “*Quanto maior o obstáculo, mais glória em superá-lo.*”

Voltou a colocar o lápis na página e ergueu o queixo. — Admito certo orgulho pelo meu trabalho. Ultrapassar os chamados especialistas tem sido um dos poucos prazeres reais da minha vida.

Era o prazer que sentia que a preocupava. Parecia destacar uma terrível contradição em sua personalidade. Por mais que quisesse começar a fazer a coisa certa, realmente amava ser uma criminosa.

Suas habilidades eram o que a tornava extraordinária, o que a distinguia. Não queria ser como todas as outras garotas insípidas da alta sociedade, sem pensar em nada além de moda e serem cortejadas. O que faria o dia todo, se desistisse da falsificação? Ficaria entediada em uma semana.

Mas também estava cansada de ficar sempre olhando por cima do ombro, de esperar ser denunciada, presa ou até morta. Cansada de dormir com uma pistola debaixo do travesseiro.

Sabine balançou a cabeça e sorriu para sua própria indecisão. Não sabia o que queria. Mas uma coisa era certa: não poderia ser Philippe Lacorte e Sabine de la Tour. Philippe Lacorte era inestimável, enquanto Sabine de la Tour era ... o quê, exatamente?

— Não consigo imaginar como seria ser cega. — meditou em voz alta. — Poderia viver sem olfato, ou audição, ou paladar. Mas e se não pudesse mais ver? E se perdesse o uso de minhas mãos? Tornando-me incapaz de desenhar. Seria como a morte para mim. Quem eu seria, se não tivesse minhas habilidades.

Mordeu o lábio. Não pretendia revelar tanto, mas Richard Hampden tinha um jeito de olhar para ela que a fazia querer desnudar sua alma. Era

assustador. Virou o retrato para ele ver, apressadamente tentando esconder sua confusão.

— *Voilà!* Terminei.

Por um longo e doloroso minuto, ele simplesmente o estudou, sua expressão ilegível. Ela coçou o nariz e resistiu à vontade de perguntar se ele gostou.

— Poderia ter lhe deixado muito menos atraente, sabe? — disse, incapaz de suportar o silêncio por mais tempo. — Só um nariz um pouco maior. Olhos um pouco mais próximos. Poderia ter lhe feito parecer uma das gárgulas, nos cantos de Notre-Dame.

Seus olhos risonhos se voltaram para os dela.

— Em vez disso, sou um verdadeiro Adônis.

Sabine estreitou os olhos. Dificilmente poderia negar; ele era um espécime fisicamente bonito, mas não precisava de ninguém para inflar seu senso de auto importância.

— É o que está dentro que conta. — ela disse severamente.

Ele se levantou e apontou para a borda do papel.

— Não assinou. Quero provas de que possuo um Sabine de la Tour original. Apenas no caso de ficar famosa, por algo que *não seja* falsificação.

Com um suspiro forçado, ela assinou um simples S. de la Tour no canto inferior direito. Foi bom assinar seu próprio nome, em vez de se esconder atrás das iniciais P.L. Talvez este tenha sido o primeiro pequeno passo em sua transformação de criminosa em mulher honesta.

Os dedos de Hampden roçaram os dela quando pegou o papel e um pequeno formigamento percorreu seu braço. Ele se aproximou. — Fique firme.

As pernas de Sabine se transformaram em água, com a intensidade faminta de seu olhar. Mal respirou quando ele firmou seu queixo e roçou sua bochecha com a ponta do polegar.

Seu sorriso era um brilho preguiçoso.

— Tinha uma mancha de tinta em seu rosto.

Seu olhar caiu para sua boca. A consciência engrossou o ar entre eles, uma tensão brilhante e expectante, como o silêncio antes de uma tempestade. Ele se inclinou mais perto. Sabine podia sentir o calor dele contra seus lábios e respirou fundo. Oh, isso estava errado. Tão errado. Teria que se afastar, mas não se mexeu.

Seu polegar pousou na borda externa de sua boca. Sabine fechou os olhos, perdida na escravidão da sensação. Seu corpo parecia cera derretida. Sua respiração se misturou com a dela, quente como o fogo do inferno, tentadora como o diabo. Apenas a espessura de um pedaço de papel os separava.

— Gostaria que eu a beijasse?

Sua voz era um sussurro áspero contra sua boca, mais sensação do que som. *Sim!* - seu coração gritou. *Sim. Sim. Sim.*

— Não.

Ele virou a cabeça e seus lábios deslizaram contra sua bochecha. Ela estremeceu com o leve ruído de sua mandíbula contra sua pele.

— Mentirosa. — ele riu baixinho.

Ela quase fez isso. Quase virou a cabeça e encontrou sua boca, e para o inferno com bom senso e segurança. Mas a sanidade prevaleceu. Recuou e abriu os olhos. Encarou-a por um breve momento, sua expressão ilegível. E então baixou a mão e caminhou até a porta.

— Boa noite, senhorita de la Tour.

O painel se fechou atrás dele com um clique silencioso.

Sabine respirou fundo. Bom Deus. Essa luxúria monstruosa era insuportável. Era uma idiota, querendo beijá-lo. Deveria mantê-lo o mais longe possível, sem se perguntar o quão bom ele seria.

Estaria aqui por apenas mais algumas semanas. Controlaria sua atração.

CAPÍTULO 28

Sabine estava de anáguas, no centro de seu quarto, examinando o novo penteado que recebera. O senhor Travers, o *coiffeur*, acabara de sair, depois de cortar e pentear seu cabelo, em uma confusão de cachos artísticos, ao redor de seu rosto.

Atrás dela, refletidas no espelho, Heloise e Madame Hortense, a modista mais famosa de Londres, acenaram em aprovação.

Madame Hortense, ao que parecia, era tão francesa quanto o próprio Napoleão - ou seja, nem um pouco francesa. Quando Sabine se apresentou pela primeira vez, em sua própria língua, dizendo como era bom conhecer uma conterrânea, a mulher admitiu alegremente que nunca tinha estado mais longe do que Gravesend. Adotara o pseudônimo quando Madame Hortense original, sua ex-empregadora, morreu, depois de perceber astutamente que uma francesa - modista - tinha o dobro da clientela do que a velha Sally-Anne Clackett, costureira.

Pela qualidade dos vestidos que a mulher já havia fornecido para Heloise, ficava claro que suas habilidades como costureira eram tão boas quanto suas habilidades de autopromoção. Sabine aprovou totalmente as táticas astutas da mulher. Uma garota tinha que progredir da maneira que pudesse.

Heloise bateu nos lábios.

— Agora, sobre o vestido para o baile da Lady C? Estou tão feliz que não é uma debutante, Sabine. Pode usar algo dramático, que fará com que todos os homens lutem por sua atenção.

Já haviam selecionado três vestidos de dia e três vestidos de noite. Sabine tentou recusá-los, por serem muito elaborados, mas Heloise nem quis falar disso.

— Prometi a Richard que a ajudaria a conseguir um guarda-roupa adequado. — disse com firmeza.

— Eu tenho a coisa certa. — Madame 'Ortense disse.

— Novo estilo, de Viena. O livro de padrões está lá embaixo. Senhoras, me desculpem por um momento?

E saiu apressada do salão. Heloise se virou para Sabine.

— Precisa me ensinar a xingar bem em francês. Eu amo línguas. Posso falar várias com bastante fluência, mas nada como aprender coloquialismos de uma nativa.

— Não tenho certeza se seu irmão ou sua mãe aprovariam.

— É exatamente por isso que preciso saber! Em quem mais posso confiar? Não posso nem perguntar ao meu próprio marido. Raven é tão perverso que, provavelmente, me diria algo completamente errado, apenas para seu próprio divertimento. Ele me fez dizer, uma vez, a uma pessoa '*eu amo seu chapéu*,' em vez de '*vá para o diabo!*'

— Tudo bem. — Sabine tentou pensar nas frases menos ofensivas que conhecia.

— Se alguém está bêbado, dizemos que está *allumé*, isto é, ‘aceso’.

— Excelente. Prossiga.

Sabine franziu os lábios e quebrou a cabeça, começando a se divertir. Não tinha muitas amigas em Paris. Foi divertido ter alguém com quem rir e compartilhar segredos.

— Bem, os seios de uma jovem, revelado na parte de cima de seu vestido, é seu "*balcony*". Sua "*varanda*". Se ela tem um seio grande, os homens podem dizer: "*Há muitas pessoas em sua varanda*".

— Eu deveria estar fazendo anotações. Heloise deu uma risada maldosa.

— E os termos para o membro masculino? Deve haver muitos deles.

Sabine assentiu, sorrindo também.

— Centenas, mas imagino que a maioria seja igual à do inglês. Os homens não param de falar nisso, não importa a nacionalidade que tenham. Eles chamam de seu '*galho de árvore*', sua '*pá*', seu '*arco*', seu '*charuto*', sua '*vara*'.

Heloise deu um abraço espontâneo em Sabine.

— Oh, eu gostaria de tê-la como irmã! Teria sido muito divertido. Crescer com três irmãos mais velhos, simplesmente, não é a mesma coisa. -

— Três irmãos? — Sabine perguntou, surpresa.

— Richard mencionou seu irmão Nicolas, mas ...-

O rosto de Heloise ficou triste.

— Tony, nosso outro irmão, morreu na França, como prisioneiro de guerra.

O estômago de Sabine se contraiu com um forte nó de culpa e compaixão. Culpa por terem sido seus contrerrâneos os responsáveis por sua morte. Compaixão pelo fio de angústia que ela ouviu na voz da garota. Apertou-lhe o braço levemente.

— Sinto muito.

Seus pensamentos se voltaram para Richard Hampden e ela experimentou outra pontada aguda de culpa. Provocara-o por não ter sido afetado pela guerra. Mas fora tão afetado quanto ela, como milhares de outras famílias que sofreram a perda de um ente querido. Que outras feridas ele escondia dela? Que outras cicatrizes?

Heloise deu um sorriso triste e resignado.

— Não foi sua culpa. Mas todos nós sentimos falta dele. — respirou fundo e se animou, aparentemente determinada a banir o clima piegas.

— Agora me diga algo realmente chocante. E lembre-se, sou uma mulher casada.

— Mas eu não sou. — Sabine disse afetadamente.

Heloise deu-lhe um olhar astuto.

— Bem, não mora em um convento, não é?

Quando a porta se abriu, nenhuma das duas prestou atenção, presumindo

que fosse Madame ‘Ortense voltando.

— Do que estão rindo?

Heloise deu um suspiro de indignação chocada.

— Richard! Saia neste instante!

Sabine fez uma careta e bateu as mãos sobre o peito quase exposto, humilhante e ciente do fato de que não usava nada além da camisola.

Hampden ignorou seus protestos. Caminhou até o centro da sala, como se fosse o dono. O que, tecnicamente era, Sabine pensou irritadamente.

— Vim ajudá-la a escolher um vestido para o baile de Lady Carstairs. Se vamos ser vistos em público juntos, preciso ter certeza de que estará vestida de maneira adequada.

—Mas não preciso de sua ajuda!

— Ora, ora! Sei que tem um olho maravilhoso e artístico, mas até você deve admitir que não está atualizada com a última moda. Desejo que esteja *comme il faut*, isto é convenientemente trajada. — jogou para trás as abas do casaco e se acomodou confortavelmente em uma cadeira. — Não há nada impróprio ou escandaloso nisso. As mulheres permitem que seus íntimos ajudem em sua *toilet* há anos. — lançou a Sabine um sorriso triunfante que dizia que ele não iria a lugar nenhum. — Agora, por que não me conta o que era tão engraçado?

As duas mulheres se entreolharam. Ambas adotaram expressões de inocentes freiras.

— Oh nada. Apenas modas e fofocas.

Heloise cutucou o cotovelo de Sabine e abafou uma risadinha. Sabine cutucou suas costas.

— A senhorita de la Tour estava me ensinando as complexidades da cultura parisiense. — disse Heloise.

— Aposto que sim. — Richard murmurou secamente.

Heloise deu-lhe um sorriso deslumbrante.

— Sim, estava. Foi uma conversa extremamente esclarecedora.

— Acho que foi uma péssima decisão apresentá-las. — Hampden deu a Sabine um olhar duro.

— Não há outro lugar que precise estar, Heloise? Tenho certeza de que Raven está aguardando ansiosamente seu retorno.

Heloise olhou dele para Sabine e suspirou.

— Se quer se livrar de mim, é só falar, Richard.

— Quero me livrar de você.

Ela levantou os braços.

— Ótimo. Vou. Mas não se atreva a ser malvado com Sabine, ou vai ter que lidar comigo.

— Estou tremendo em minhas botas. — Richard falou lentamente. — Além disso, a senhorita de la Tour pode cuidar de si mesma. Adeus, querida irmã.

Heloise lançou um último olhar de desculpas para Sabine.

— Agora entende o que quero dizer com irmãos? Te vejo em breve.

Saiu numa enxurrada de saias.

A alegria anterior de Sabine desapareceu quando enfrentou Hampden, terrivelmente ciente de quão pouco estava vestindo.

— Não preciso de sua ajuda. — disse novamente.

— Não terei companhia minha vestida com algo que não seja o último grito da moda. Inclinou a cabeça e seu olhar permaneceu no rosto dela.

— Nossas pobres debutantes devem definhar em alfazema e cremes. Você, no entanto, deve usar um azul profundo da meia-noite.

Madame 'Ortense escolheu aquele momento para reentrar na sala.

— Eu trouxe o... oh! Deus! Vossa senhoria! — ofegou ao avistar Richard. — Quero dizer, imploro seu ...

— Entre, madame. — disse ele serenamente.

A modista se endireitou. Richard acenou uma mão aérea para Sabine.

— Como tenho certeza de que já imaginou, a Srta. de la Tour é algo fora do comum. Quero um vestido que reflita isso. Algo único. Algo puro e simples. Nada muito óbvio. Nenhum indício de ingênuo. Pegou um dos livros de gravuras de moda que haviam sido deixados na mesinha lateral, folheou-o e bateu em um desenho com o dedo indicador.

— Algo assim. Mas sem todos os laços e babados.

A costureira olhou por cima do ombro e olhou de volta para Sabine. Ela estreitou os olhos, como se tentasse visualizar o produto acabado.

— Sim, milorde. Entendo o que quer dizer.

Lançou a Sabine um olhar perverso. — E abaixe o decote.

— Sim, milorde.

Em seguida selecionou uma amostra de tecido, uma seda escura de cor índigo.

— Nesse tecido.

— Assim será feito, senhor.

Hampden apoiou os cotovelos na cadeira e seus dedos obscureceram sua boca. Aqueles olhos âmbar a estudaram. Sabine rangeu os dentes e tentou manter um semblante impassível, mas por dentro estava fervendo com seu comportamento arrogante.

Ele olhou para a costureira.

— Prepare até amanhã. Pode nos deixar agora. — dispensou-a com um movimento lânguido dos dedos.

Madame 'Ortense fez uma reverência respeitosa.

— Claro, milorde.

E, de repente, ficaram a sós.

CAPÍTULO 29

A pele de Sabine se arrepiou. Tecnicamente, não havia partes de seu corpo em exibição além do que estaria à mostra se estivesse usando um vestido de baile, mas, ainda assim, sentia-se vulnerável, vestida apenas com um vestido de seda e anáguas. O calor lhe floresceu na face enquanto Hampden a contemplava. Podia sentir sua pulsação bater erratically na garganta. Ele se levantou e veio em sua direção, preguiçoso, relaxado. Todos os músculos dela, em contraste, ficaram tensos para uma luta, mas não conseguia se mover, capturada pelo olhar nos olhos dele.

Ela umedeceu os lábios. — Deveria ir embora. Desejo me vestir.

— Acredito que eu não seja um empecilho.

Ela o encarou. — O que quer, Hampden?

— Agora há uma pergunta. — meditou suavemente. — Eu quero tantas coisas. — e sustentou o olhar dela, até que ela desviasse o olhar.

— Sabe dançar?

— Suficientemente bem.

— Valsa?

Ela fez uma pausa.

— Nunca aprendi.

Ela o ouviu suspirar e amaldiçoar a combinação de raiva e vergonha que corou suas bochechas.

— Perdoe-me se não estou à altura de seus padrões exigentes, milorde. — disse com sarcasmo ácido — mas minha vida tem estado carente de saraus elegantes ultimamente. A revolução sangrenta do meu país e a guerra subsequente com o seu me privaram de uma apresentação em Versalhes.

Ele deu mais um passo em sua direção. Seu peito estava a poucos centímetros do dela.

— Ah, mas precisa aprender a valsa. Não foi Molière quem disse: *“Todos os males da humanidade, todos os infortúnios trágicos que enchem os livros de história, todos os erros políticos, todos os fracassos dos grandes líderes surgiram apenas da falta de habilidade para dançar”*?

Sabine tentou pensar em uma resposta inteligente e falhou. Como era irritante que ele fosse capaz de citar Molière — um compatriota francês, entre todas as pessoas.

— Não temos música aqui. — disse com teimosia.

— Eu vou cantarolar.

Claramente não havia escapatória. Se ela estivesse completamente vestida, sua proximidade não teria sido notável. Ou pelo menos mais suportável. Mas não estava. A proximidade aumentou sua aguda consciência dele. Algo escuro e se contorcendo se desenrolou em seu estômago. Ergueu o queixo.

— Tudo bem. Faremos um acordo.

Seu suspiro foi sincero. — Tudo é permuta e troca quando está envolvida.

— É assim que o mundo funciona. É comércio. Nunca consegue algo por nada.

— Exceto quando é dinheiro falso. — disse ele.

Ela inclinou a cabeça ao reconhecer o golpe.

— O que quer? — ele perguntou.

— Já que trabalharmos juntos está se mostrando mais perigoso do que o previsto, acho que devo aprimorar minhas habilidades de autodefesa. Heloise disse que boxeia e esgrima. Vai me ensinar como lutar?

— Concordo. — disse ele abruptamente.

Uma de suas mãos deslizou para a parte de trás de sua coluna, a outra pegou sua mão direita e segurou-a, ligeiramente longe de seu corpo. Sabine não teve opção, a não ser levar a mão livre ao peito dele, para mantê-lo a uma distância respeitável.

Ele a puxou para mais perto, encaixando suas coxas nas dele, fundindo as metades inferiores de seus corpos. Ela fixou o olhar em seu ombro e tentou ignorar o tecido macio de seu casaco sob sua mão, os músculos rígidos abaixo. O calor alarmante e vibrante a aquecendo. Impaciente com ele parado ali, deu o primeiro passo - e, prontamente, pisou em seu dedo do pé.

Ele deu uma risadinha.

— Só pode haver um líder nessa dança, Sabine.

Percebeu que essa foi a primeira vez que ele usou seu nome de batismo. A intimidade disso a fez estremecer.

Ele a girou em um giro improvisado.

Sabine prendeu a respiração. A valsa era positivamente indecente. Suas palmas estavam se tocando; ela podia sentir sua própria pulsação em seus dedos, em sua garganta, nas pontas de seus seios, enquanto eles roçavam contra ele. Seu suave zumbido reverberou em seu peito e dentro dela. A coxa dele se insinuou entre as pernas dela. Poderiam muito bem-estar nus, por todo o espaço que havia entre seus corpos. Era um turbilhão estonteante e intrincado, cheio de giros e arabescos, como as bordas de uma nota de banco. Sabine fechou os olhos e se deixou levar.

Finalmente, Hampden parou, ofegante.

Houve uma batida de silêncio; o fio de algo brilhante e expectante pairava entre eles. Sabine prendeu a respiração quando Hampden se inclinou para frente... e então seus olhos se enrugaram nos cantos da maneira que ele fazia antes de alguma piada.

— Quer que eu te beije? — sussurrou.

Ela quis chutá-lo, por provocá-la. *E por querer dizer sim.* Fixou um sorriso brilhante nos lábios. — Nem um pouco.

Ele inclinou a cabeça, enlouquecedoramente confiante. — Irá querer.

Sabine sugou o ar frio em seus pulmões quando ele se afastou e estreitou os olhos.

— Não pense que esqueci sua promessa. Tem que me ensinar a lutar.

— Amanhã de manhã. Nove horas. Encontre-me no salão de baile, nos fundos da casa.

— Estarei lá.

Ele caminhou até a porta e se virou, a mão apoiada na maçaneta.

— Vou continuar perguntando, sabe.

— Perguntando o quê?

— Se deseja que eu a beije. — seu sorriso era diabólico. — Mais cedo ou mais tarde, dirá que sim.

Antes que ela pudesse invocar uma resposta adequadamente mordaz para aquela declaração arrogante, ele abriu a porta e desapareceu. Sabine orou silenciosamente por paciência. E por força para resistir.

CAPÍTULO 30

O salão de baile ficava na parte de trás da casa. Sabine se aproximou silenciosamente, intrigada com os grunhidos do esforço, a luta de pés e o choque metálico de lâminas que alcançou seus ouvidos.

Olhou pela porta, esperando espiar um pouco, antes de anunciar sua presença. Havia três homens na sala. Raven gritava encorajamento e insultos de lado. Hampden, vestido em mangas de camisa e calças claras, estava lutando ferozmente com outro homem loiro que ela não conhecia. Era tão alto quanto Hampden, mas mais magro.

Seus olhos deslizaram de volta para Hampden e uma onda quente de agitação envolveu seu ventre enquanto assistia à exibição violenta. Seu rosto era a imagem da concentração. Ele cercava com uma determinação implacável que era ao mesmo tempo precisa e totalmente impiedosa.

Era um prazer culpado observá-lo, a maneira fácil com que habitava seu corpo, todo de membros soltos, elegância fluida. Parecia uma das estátuas de mármore de Canova trazida à vida. Podia imaginá-lo como o modelo artístico de algum herói homérico. Aquiles talvez ou Heitor. Lembrou-se vividamente daquele corpo, contra o dela, enquanto dançavam valsa. Levou séculos para adormecer na noite anterior.

Sabine balançou a cabeça com a contradição que ele apresentava. A personalidade pública de Hampden era charmosa e erudita. Era afável com todos - exceto com ela. Mas aqui ele irradiava fúria mal reprimida. Não dava trégua e não esperava nada em troca. Avançou, aproveitando sua vantagem, com o raspar de aço contra aço. Depois de um ataque particularmente brutal, seu oponente tirou uma mecha de cabelo dourado dos olhos e recuou, os braços erguidos em sinal de rendição.

— Pax! — disse ofegante. — É tudo que posso aguentar por hoje.

Virou-se para uma das cadeiras que ficavam em intervalos regulares ao longo da lateral da sala e puxou a camisa úmida pela cabeça.

Sabine ofegou de horror. O homem tinha listras nas costas que a fizeram estremecer de simpatia. Ele foi espancado - torturado - com o que parecia ser uma corda ou chicote de couro. Ou uma corrente. A pele estava levantada e enrugada em vergões permanentes. Pobre homem, a dor que deve ter suportado. Essas eram cicatrizes que ele carregaria para o resto da vida.

Sua respiração ofegante a denunciou. Hampden se virou e a pegou observando. Seu rosto estava corado, parecendo dois cortes vermelhos correndo no alto de suas maçãs do rosto, e seu cabelo estava úmido de suor, enrolado e desordenado, de uma forma que o tornava ainda mais atraente, maldito seja.

Sabine entrou na sala. Um banco de janelas altas ocupava um lado, deixando entrar a luz da manhã. Os espelhos flanqueavam a parede oposta, dobrando o espaço. O efeito era impressionante, como a Galerie des Glaces,

que sua mãe uma vez descreveu, em Versalhes.

Hampden a penetrou com seu olhar âmbar, mas se dirigiu a seus companheiros.

— Isso é tudo por hoje, senhores.

Raven olhou para ela e sorriu. O outro homem acenou educadamente, seus olhos azuis cheios de especulação amigável. Raven deu-lhe uma saudação alegre ao saírem.

— Senhorita de la Tour. Aproveite sua manhã.

Hampden pegou uma toalha de uma das cadeiras e a usou para enxugar o rosto. Em seguida colocou-a em volta do pescoço, segurando uma ponta em cada mão enquanto avançava para ela.

Sabine engoliu em seco. Sua camisa estava aberta na garganta e ela viu uma gota de suor em seu rosto. Queria estender a mão e enxugá-lo, tocar os lábios dele com as pontas dos dedos, provar o sal. Ele parou tão na sua frente que sentiu seu cheiro - não o odor desagradável de odor corporal rançoso, mas o aroma limpo e quente de homem que a deixou tonta de desejo.

Ele jogou a toalha na cadeira mais próxima e estreitou um olhar para o traje dela.

— Com os diabos! Onde conseguiu essas roupas?

Ela deu um giro zombeteiro.

— Camisão e calça. Igual ao que usa. O Sr. Hodges teve a gentileza de pegá-los emprestados do seu porteiro noturno, Minton. Ele e eu somos de tamanho semelhante. Não conseguiria aprender esgrima com saias, não é?

Hampden franziu a testa, mas felizmente não discutiu.

— Então, esgrima ou boxe, qual será o primeiro?

— Esgrima, por favor.

Ele inclinou a cabeça.

— Tudo bem, vamos cobrir alguns termos básicos. — pegou uma das lâminas encostadas na parede e lhe entregou. — Um florete é uma espada cega para a prática.

Ele segurou a arma na frente do rosto e Sabine refletiu a postura, inclinando o corpo para o lado e colocando uma perna atrás da outra.

— *En garde* é a posição a tomar para se preparar para a esgrima. — pressionou sua lâmina contra a dela para que ela sentisse a leve pressão em seu pulso e antebraço. — E isso é para 'engajar'. — Seus lábios se curvaram. — De acordo com o grande mestre de esgrima italiano Morricone, o engajamento é "*um contato firme, mas gentil, sustentado da lâmina do oponente, em preparação para o combate.*" — Seus olhos franziram nos cantos e ela sabia que ele estava prestes a dizer algo perverso. — O contato da minha lâmina é firme o suficiente, senhorita de la Tour?

Sabine respondeu com uma pressão própria e reprimiu um sorriso com sua provocação — Perfeitamente, obrigada, Lorde Hampden.

Ele a empurrou em direção à parede com um avanço lento.

— A esgrima é elegante, mortal, refinada. É como um namoro. Uma

dança.

Ela empurrou de volta contra sua lâmina.

Ele sorriu.

— Seu favorito, Molière, diz ‘*a essência da esgrima é dar, mas de forma alguma receber*’. Prefere dar, Srta. De la Tour? Ou receber?

Sabine ignorou o rubor que aqueceu sua pele.

— Descobri que raramente experimentamos um sem o outro.

A esgrima, descobriu-se, era um esporte repleto de insinuações, cheio de toques e estocadas, golpes e deslizos. Hampden sentia um prazer perverso em girar a língua em torno das várias frases, como se soubesse exatamente as imagens que estava evocando em sua mente febril.

Mostrou-lhe como atacar e aparar, o *passee avant* e o *passee arrière* - dando passos para frente e para trás. O prêmio *du fer*, para prender a lâmina do oponente. Demonstrou cada golpe com uma graça animal, que dificultava a concentração.

Os toques minúsculos e quase inconsequentes que lhe deu enquanto corrigia sua postura ou a tocava com sua lâmina confundiam seus sentidos. Tiveram um efeito cumulativo, uma construção lenta, como um fogo contido. Ela sabia exatamente onde ele estava, em todo momento.

Depois de vinte minutos, ele deu um passo para trás e baixou a lâmina.

— Por mais divertido que seja, é improvável que precise lutar com espadas. Se está falando sério sobre autodefesa, precisa saber como usar seus punhos.

Sabine assentiu. — Sei lutar. Um amigo me ensinou.

— Um homem? — Seus olhos se estreitaram, mas não antes que ela visse um lampejo de alguma emoção primitiva e feroz, rapidamente controlada.

— Sim.

— Por que ele precisou ensiná-la? O que aconteceu?

— Ah, ele era muito perceptivo. — Sabine encolheu os ombros.

— Paris, como Londres, tem áreas que não são seguras. Tive que aprender a me defender sozinha. Isso foi antes de pegar minha pequena pistola, é claro.

Ele a encarou por um longo momento, em seguida, deu-lhe um olhar atrevido. — Nós dos dedos nus, peitos nus? Estou disposto, se quiser.

Ela fez uma careta.

Ele balançou a cabeça e suspirou. — Valeu a tentativa. Tudo bem, me mostre o que tem.

Sabine soltou o primeiro golpe. Ele se esquivou do golpe em um reflexo rápido como um raio e pegou seu punho. Ela tentou se afastar, mas ele apenas desenrolou os dedos e os reposicionou com o polegar do lado de fora.

— Duvido que Tom Cribb ou Tom Belcher ainda estejam tremendo nas botas. — disse secamente. — Incline seu corpo para mim. Cabeça e ombros para frente, punhos para cima, joelhos ligeiramente dobrados.

Sabine assim o fez.

— Use os braços para defender o rosto e o corpo. Mantenha os cotovelos para dentro e os punhos erguidos, perto do nível dos olhos, para bloquear ataques laterais. — apontou algumas batidas leves na cabeça dela para que pudesse praticar o bloqueio.

— Um golpe não é eficaz a menos que julgue a distância corretamente. Perto demais, não terá nenhum poder por trás disso. — demonstrou, depois retrocedeu um passo.

— Está em desvantagem por causa de seu tamanho, então precisará encontrar outras maneiras de derrubar seu oponente.

— Como o que?

— Puxe as orelhas dele, ou melhor ainda, morda. Golpeie seus olhos. Soque sua garganta; se ele não consegue respirar, não consegue lutar. -

Sabine assentiu com seriedade.

— Se conseguir pegar o nariz dele, vire para o lado. Vai sangrar como o diabo. Carimba no peito do pé. Ou dobre seus dedos para trás - pode quebrar-lhe alguns ossos assim.

Sabine estremeceu.

— E use seus cotovelos e joelhos bem perto. Eles são difíceis de agarrar por um oponente e têm muita força. Os joelhos são fáceis de quebrar se os chutar com força suficiente. E um pé na virilha é especialmente eficaz. Chute como se estivesse derrubando uma porta.

— Nunca senti a menor vontade de derrubar uma porta.

— Use a planta do pé. Um chute sólido pode incapacitar seu atacante por tempo suficiente para que possa escapar.

Ela torceu os lábios. — Pensei que aristocratas considerariam essas táticas desleais um tanto pouco cavalheirescas.

Ele balançou a cabeça, seus olhos sérios.

— Não. Tem que se ganhar. Por todos os meios possíveis. — circulou ao redor dela, dando socos para mantê-la em guarda.

— Use o que tiver à mão como arma. Pedras, garrafas, qualquer coisa. Se estiver encurralada num canto, pegue um punhado de terra e jogue nos olhos do atacante.

Rápido como um raio, ele se aproximou, enganchou uma de suas pernas atrás dela e a torceu para trás. Sabine se viu arqueada sobre sua coxa, suspensa desajeitadamente acima do chão, completamente à sua mercê. Apenas o braço dele em volta do pescoço e a coxa dele atrás a impediu de cair. Ela agarrou a frente de sua camisa.

Seu rosto pairou sobre ela, a centímetros. O coração de Sabine estava martelando contra suas costelas, mas ela lhe lançou seu sorriso mais devastador.

Ele estreitou os olhos, com suspeita imediata.

Ela se inclinou para cima, mais perto, mais perto. Tão perto que podia sentir sua expiração. No instante antes de sua boca entrar em contato com a

dele, ela virou a cabeça e tocou seus lábios em sua mandíbula. Sua respiração sibilou. Sua pele era lisa e áspera ao mesmo tempo. O calor percorreu seu corpo.

— Quer me beijar, Richard Hampden? — sussurrou em seu ouvido.

Ele se acalmou. — Sabe o... -

Ela o mordeu na orelha. Com força.

Ele a empurrou como um saco de carvão em brasa.

— O que! Seu demônio!

Bateu com a mão no lado da própria cabeça e fez uma careta. Sabine deu um passo para trás, bem fora de alcance, e deu-lhe um sorriso zombeteiro.

— Eu aprendo rápido.

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

— Eu deveria bater em você por isso.

Seu coração saltou em alarme com a ameaça — ou era uma promessa? — mas conseguiu enviar-lhe um olhar atrevido e provocador.

— Talvez outra hora, milorde. Receio que precise do resto do dia para me preparar para o baile de Lady Carstairs. Disse como é importante que eu esteja no meu melhor e não quero decepcioná-lo. Eu o verei à noite...

Praticamente saiu correndo da sala.



Richard soltou um suspiro longo e frustrado e contou até vinte em grego. Não fez absolutamente nada para reprimir a luxúria latejante que atormentava seu corpo.

Não conseguia acreditar que ficara tão distraído que, realmente, a deixou ganhar a vantagem. *Atrevida a danadinha!* Realmente merecia uma surra. Infelizmente, a ideia de virá-la sobre os joelhos, as saias levantadas, a bunda macia e arredondada se contorcendo sob a palma da mão, o fez respirar fundo e contar até vinte em latim também. Também não funcionou.

Seu sangue latejava em suas veias; seu coração batia furiosamente. Treinou duro contra Kit e Raven, mas em vez de se sentir cansado, sentia-se energizado. Estava excitado, como depois do sexo — todo suado, corado e ofegante. Agradavelmente dolorido em todos os músculos. Só que, ao contrário do sexo, ainda estava insatisfeito.

Que mulher perigosa, essa...

O vestido que Hampden escolheu para ela era surpreendente. Sabine se olhou no espelho em silenciosa descrença. Essa, certamente, era a falsificação definitiva; parecia uma dama da alta sociedade, bem-educada.

A cor dele pairava entre o azul profundo e o negro azulado do índigo. Isso fez sua pele pálida parecer luminosa, seus olhos enormes, seu cabelo mais escuro. A seda dura tinha um brilho prateado, como o toque do luar, e sussurrava misteriosamente quando ela se movia.

Era de tirar o fôlego em sua simplicidade. Não havia babados, laços ou rendas. Apenas algumas pregas sutis no decote, escandalosamente baixo. Era drapeado em seu peito por uma linha de fita abaixo de seus seios, em seguida, caía direto sobre seus quadris para o chão. Sabine nunca havia usado nada tão sofisticado em sua vida.

O espartilho estava apertado. Os duros espinhos de osso de baleia se cravavam em suas costelas. Sentiu-se como uma folha de papel sendo esmagada em uma impressora, mas o efeito valia o desconforto. Madame 'Ortense era um gênio.

Heloise e Therese tinham vindo para ajudá-la a se preparar — sem dúvida sob as ordens de Hampden, para deixá-la apresentável, mas Sabine ainda estava animada com a gentileza delas. Ficou obedientemente parada, enquanto seu cabelo era enrolado e preso em uma espiral intrincada. Heloise emprestou-lhe um colar de pérolas para enfiar nos fios escuros.

Não importava como ela era, no entanto. A noite, com certeza, seria um desastre. O mundo educado e moderno não era para ela. Suas regras eram tão restritivas quanto seu espartilho. Ela se virou para Heloise e fez um último apelo.

— É o que estou dizendo, isso é uma má ideia. Não estou acostumada com a sociedade educada. E, certamente, não sou boa com regras. Basta perguntar ao seu irmão. Vou transgredir uma a cada minuto, quase sem saber.

Heloise deu-lhe um sorriso tranquilizador e entregou-lhe um par de luvas, que iam até o cotovelo.

— Vai ficar bem, prometo. Raven e eu estaremos lá para ajudá-la. E mamãe também. — Então Heloise se virou e foi até uma mesa lateral.

— Ah, quase esqueci! Richard me disse para te dar isso. — E entregou a Sabine uma caixa de joalheria plana.

Sabine ofegou com o conteúdo.

Heloise se inclinou para ver e soltou um assobio baixo de apreciação.

— Agora, isso é espetacular.

Sabine só conseguiu acenar em concordância. O colar era digno de uma princesa. Três enormes safiras, em forma de lágrima, penduradas em um colar de diamantes graduados. Um par de brincos combinando, safiras ovais rodeadas por um anel de diamantes brilhantes, completava o conjunto.

Não havia dúvida de que as pedras eram reais. Ainda assim, Sabine não pôde evitar ter certeza absoluta. Levou o colar à boca, bufou, então rapidamente inspecionou os diamantes.

— O que está fazendo? — Heloise parecia meio divertida, meio horrorizada.

— Testando os diamantes.

— Acha que Richard lhe daria pasta? — Heloise soou quase comicamente insultada em nome do irmão.

Sabine encolheu os ombros, embora soubesse a resposta. Claro que ele não iria. Hampden nunca aceitaria nada além do melhor. Nunca se contentaria com uma imitação pálida e barata.

— Os diamantes dissipam o calor muito rapidamente. Se respirar em um diamante real, não haverá nenhum indício de umidade, nenhuma condensação. Respire em vidro ou pasta e ficará embaçado por muito tempo.

— Aqueles não estão nebulosos. — Heloise disse presunçosamente. — Abaixou-se para ler o nome na tampa forrada de seda. — *Rundell, Bridge & Rundell*. Eles são joalheiros do rei. Direi o seguinte por Richard: ele nunca faz as coisas pela metade.

Sabine fechou os olhos. Certamente não fazia. Suas mãos tremiam quando prendeu o colar em volta do pescoço e as pedras aqueceram sua pele. A safira central combinava perfeitamente com seu vestido, com seus olhos. Aninhava-se entre as curvas superiores de seus seios, onde eram empurrados por seu espartilho. Seu coração disparou. Este conjunto valia uma fortuna. O que Hampden estava pensando, para dar a ela tal coisa? Seria um teste? Será que estava esperando para ver se ela fugiria durante a noite?

Heloise deu uma risada baixa.

— Ele pediu para te dizer que é apenas um empréstimo para esta noite, para que você não o envergonhe em público.

Sabine deu um bufo nada feminino. Burro arrogante.

Heloise deu um breve aperto de mão em encorajamento.

— Não se preocupe com esta noite. Acredite em mim, sei o que é ser um estranho em uma terra estrangeira. Vai ficar bem, prometo. — olhou para o relógio. — Agora, vamos descer para a carruagem. Vou com você e mamãe. Richard e Raven tiveram uma reunião com Castlereagh esta tarde. Eles nos encontrarão lá.

Sabine lutou contra uma pequena pontada de decepção. Richard era a única razão pela qual ela estava indo para esta festa infernal, e ele a abandonou. Sacudiu a cabeça. Bem, enfrentou pior do que uma sala cheia de aristocratas entediados e consanguíneos. Não precisava de seu apoio.



Sabine parou na entrada do salão de baile de Lady Carstairs, enquanto o terror competia com a excitação. Reprimiu o impulso de girar nos calcanhares e correr. Isso fora um erro. Nunca se encaixaria. Essas pessoas não eram tolas;

veriam além de suas roupas finas e joias a fraude por baixo. Saberiam que suas luvas brancas imaculadas escondiam dedos manchados de tinta, adivinhando o núcleo criminoso escondido sob o fino verniz de respeitabilidade. Preferia enfrentar Savary e Fouché juntos, e o General Malet, também, do que essas megeras, que a destruiriam com suas línguas.

Sabine endireitou a coluna. *Non*. Enganou o próprio Napoleão. Fingiria confiança até encontrá-la. Além disso, tinha tanto direito de estar aqui quanto qualquer outra pessoa. Os de la Tour tinham uma linhagem antiga e nobre. Sua mãe pode ter sido uma governanta, mas ela também era filha de um cavalheiro.

Seu texto oriental favorito sobre guerra claramente compreendera a fina arte de fingir. *Pareça fraco quando está forte e forte quando está fraco*. - Agora não era hora de parecer fraco. Exalaria confiança, fingiria ser por dentro o que parecia ser por fora - preparada e totalmente encantada por estar aqui, nesta sala, cheia de olhos brilhantes e inquisitivos e sorrisos frágeis.

Ergueu o queixo. Bah! Importava-se com a opinião deles? Não sabiam nada de perigo, de excitação. Levavam uma vida tão entediante. Tinha pena deles.

Passara metade de sua vida se escondendo nos becos sombrios de Paris, mas aqui não havia nada além de flerte e frivolidade. Centenas de velas brilhavam nos lustres de cristal, nas tigelas de ponche de prata e nas mesas de centro, cheias de frutas. Havia, pelo menos, vinte atendentes, todos vestidos com librés azuis enfeitadas com renda. Sem sua *lupa*, a sala ficou turva em uma grande e vertiginosa varredura de saltos cravejados de diamantes, leques esvoaçantes e turbantes com plumas de penas.

A tensão de Sabine se dissipou. Isso não era real. Era um conto de fadas. Iria aproveitar, como um sonho maravilhoso. Com ou sem Richard Hampden.

Desceu os degraus e permitiu que Heloise a apresentasse a um grupo próximo. Sorriu até doer as bochechas, riu dos cavalheiros, acenou para as mulheres. Grande parte dos boatos girava em torno do casamento real que se aproximava: a filha do príncipe regente, princesa Charlotte, iria se casar com o empobrecido, mas bonito, príncipe Leopold de Saxe-Coburg e Gotha. O consenso geral era que se tratava de um romance famoso — uma garota volúvel, teimosa e impulsiva, domesticada por um príncipe estrangeiro firme e arrojado.

Sabine reprimiu um bufo. Romântico? Ha! Nada havia de romântico em um casamento dinástico. Duas famílias ricas se unindo para ficar ainda mais ricas. Ou talvez, como disseram, tenha sido realmente um casamento por amor? Esperava que sim, pelo bem da princesa. Não poderia imaginar coisa pior do que ser esposada por dinheiro. Não que fosse um problema que ela já houvesse enfrentado, é claro.

Ainda não havia sinal de Hampden e a sala estava excessivamente quente. Sabine se escondeu atrás de um pilar, mais perto das portas francesas abertas, onde uma brisa fresca soprava dos jardins.

Uma série de banquinhos de conversa foram colocados ao redor do salão de baile, para aqueles que optavam por assistir aos procedimentos em vez de dançar. Duas matronas idosas fofocavam alegremente do outro lado do pilar, sem saber da escuta não intencional de Sabine.

— ...a cerimônia em si é em duas semanas. 2 de maio.

— Em Carlton House?

A primeira-dama assentiu.

— Dizem que o vestido de noiva da princesa custou mais de oito mil libras! — deu um suspiro de desaprovação.

— Claro, Prinny adora dar um show. O casamento da filha é a desculpa perfeita.

Sua companheira sorriu placidamente.

— Bem, eu, por exemplo, não posso esperar. Se for algo parecido com as celebrações do Jubileu, há dois anos, será extraordinário. Não se lembra, Lydia? Assistimos àquele combate naval em miniatura que encenaram no Serpentine. Aquele com todas as vitórias de Lorde Nelson.

A primeira viúva assentiu, fazendo com que as penas de avestruz em seu penteado balançassem de excitação.

— O Times relata que mais de dez mil fogos de artifício foram encomendados para as exibições.

A amiga respirou fundo.

— Muito perigoso. Ora, poucas semanas atrás, li sobre um acidente na Westminster Road. Dois fabricantes de fogos de artifício vizinhos explodiram. O telhado de um deles foi arrancado! Foi um milagre ninguém ter morrido.

— Esperemos que esta celebração seja planejada com mais cuidado.

Seus turbantes balançaram em uníssono.

Heloise se aproximou.

— Por que está se escondendo aqui? Vamos lá, todos estão clamando por uma apresentação da minha linda 'prima' francesa.

— Não consigo imaginar por quê.

Heloise sorriu maliciosamente.

— Oh, acho que pode ter algo a ver com o fato de que eu tenho circulado o boato de que não só é bonita, talentosa e doce, mas também uma herdeira.

Sabine ofegou.

— Por que faria isso?

Heloise parecia presunçosa.

— Porque Richard sempre consegue o que quer, é por isso. — disse enigmaticamente. — Ele precisa de um pouco de competição saudável.

Sabine abriu a boca para explicar o quão desnecessário isso era, mas Heloise agarrou seu braço.

— Oh, meu Deus! Está vendo aquele homem vindo em nossa direção? Aquele com o cabelo cacheado? Esse é Edward Hughes Ball Hughes. Eu sei, é um nome ridículo, mas estava em Cambridge com Richard. Está prestes a

herdar uma fortuna considerável. E está implorando por uma apresentação, nos últimos dez minutos.

O jovem parou na frente delas e fez uma reverência. Tinha um rosto agradável e redondo, embora sua pele fosse um pouco rosada.

— Boa noite, Heloise. Está linda. Não vai me apresentar à sua amiga?

— Claro — disse Heloise com um sorriso beatífico.

— Edward, esta é minha prima, senhorita Sabine de la Tour.

Sabine deu-lhe um sorriso encorajador.

Heloise lançou a ambos um olhar excessivamente inocente.

— Ela só estava me contando o quanto ansiava por dançar...

Edward entendeu sua deixa com um sorriso irônico.

— Estava mesmo? Bem, nesse caso, posso ter a honra da próxima, mademoiselle?

Sabine encolheu os ombros internamente. Nenhuma razão para que não pudesse se divertir. Especialmente porque Hampden nem se deu ao trabalho de aparecer.

Ela sorriu e pegou sua mão.

— Senhor, eu ficaria encantada.

CAPÍTULO 32

Richard examinou o salão de baile de Lady Carstairs. Levou menos de um minuto para localizar Sabine, girando no chão com seu antigo colega de escola, Eddie Hughes Ball Hughes.

Claro que era uma valsa horrorosa. Richard a observou deslizar pelo chão tão naturalmente como se tivesse dançado uma centena de vezes e xingou baixinho.

— Tudo o que engana encanta. — murmurou sombriamente. Ela fazia um trabalho muito bom em encantar Eddie. Havia um sorriso meloso e apaixonado no rosto corado.

O humor de Richard piorou enquanto catalogava a transformação de Sabine. Sabia que ia ser ruim. Ela parecia boa o suficiente para comer com os trapos sem adornos com os quais havia chegado. Com roupas decentes então, era deslumbrante.

Seu vestido era uma obra-prima de sugestão: apenas diáfano o suficiente para sugerir o corpo por baixo, sem realmente revelar nada de escandaloso, uma promessa de que, se ela se movesse daquela maneira, poderia proporcionar uma visão irrestrita de algo rosa ou branco.

Richard franziu a testa. Como diabos esse corpete era mantido em pé? As mangas minúsculas não ofereciam nenhum meio visível de suporte. Era um milagre da engenharia estrutural.

A cor azul meia-noite fazia um contraste perfeito com seu cabelo escuro, que estava preso de uma forma que parecia enganosamente casual, mas que, sem dúvida, exigiu um grande esforço.

O efeito era além de tentador. Richard fechou o punho contra o impulso de estender a mão e soltá-lo, para deixá-lo deslizar sobre suas mãos e a pele pálida de seus ombros, em uma onda preto-azulada. A imagem trouxe uma onda de sangue à sua cabeça.

Usava o colar que ele forneceu. Vê-la com algo que ele escolheu deu-lhe uma emoção primitiva de satisfação. Infelizmente, também chamou a atenção para a curva perfeita de seus seios e dava a diabos salivantes, como Eddie, uma desculpa para babar em seu decote.

A dança terminou e Sabine voltou para o lado da sala. Um grupo de jovens estava na vizinhança, claramente esperançoso por uma apresentação. Heloise acenou para alguns deles avançarem, e Richard observou, com uma mistura de diversão e desprezo, enquanto Sabine reduzia os recém-chegados a idiotas perplexos e gaguejantes. Tudo o que ela precisava fazer era sorrir, aparentemente, e a massa cinzenta deles parava de funcionar.

Heloise apresentou Sabine ao reverendo Twiggs e Richard balançou a cabeça. O vigário não tinha qualquer chance.

Com certeza, Sabine sorriu e disse algumas palavras. Twiggs piscou

lentamente, como um boxeador que levou muitos golpes na cabeça. Ficou profundamente vermelho. Seu pomo de Adão desapareceu em sua *coleira de cachorro*, subindo novamente em seguida, como uma boia de pesca.

Richard riu sombriamente. Esperava sinceramente que o homem estivesse se lembrando do pecado da luxúria mortal e dos males da fornicção. Onde estava essa citação na Bíblia?

Mas, digo que todo aquele que olha para uma mulher com intenção lasciva, já cometeu adultério com ela em seu coração.

O vigário era culpado de pecado.

E aquela parte em Provérbios? — Não deseje a beleza dela em seu coração, e não deixe que ela te capture com os cílios.

Era tarde demais para o velho Twiggs. Sabine tinha cílios letais e uma maneira de olhar para um homem, por baixo deles, que o derreteria por dentro.

Raven se aproximou e Richard se sacudiu para fora de seu transe. Estava boquiaberto, como um mero colegial.

— Meu Deus, esses bailes são enfadonhos. — Raven falou lentamente. — Só concordei em vir esta noite, por causa da sua irmã. Meia hora, disse a ela, não mais. Juro, Richard, se não a amasse tanto, a estrangularia com minhas próprias mãos.

— Casou-se com ela — murmurou Richard, antipático. — É sua própria culpa.

Raven sorriu. — Não me arrependo, prometo. Na verdade, vejo minha querida esposa ali, com sua pequena criminosa. O que estão fazendo?

Richard inclinou a cabeça.

— Afastando Eddie Hughes Ball Hughes, entre outros.

Raven ergueu as sobrancelhas escuras. — Até Lacorte teria dificuldade em imprimir dinheiro para rivalizar com fortuna *dele*.

Richard ignorou o sorriso perverso de seu amigo e o desejo súbito e primitivo de ir até lá e jogar Eddie pelas janelas francesas. Lançou um olhar assassino para sua irmã, do outro lado da sala. — Por que, diabos, Heloise a está apresentando a Drummond? O homem é um caçador de fortunas! — observou com crescente irritação quando Sabine jogou a cabeça para trás e riu de algo que Drummond disse. Isso fez seus dentes ficarem tensos. — É um malandro sem um tostão. Sabe que ele não tem boas intenções!

Raven deu-lhe um olhar astuto e conhecedor. — E você tem, suponho?

Richard abriu a boca, mas Raven não lhe deu chance de responder.

— Mentiroso! Está pensando em quantos segundos exatamente seriam necessários para tirá-la daquele vestido. Está contando o número de laços e fitas e fitas e ganchos...

— Não estou. — Richard rosnou.

Raven ergueu as sobrancelhas para ele.

— Dezoito segundos. — Richard concedeu severamente, observando-a. — Vinte e cinco no máximo.

Cinco botões forrados nas costas de seu vestido, duas fitas para desatar

nos ombros, uma amarra lateral segurando sua anágua fechada. O laço frontal em seu espartilho, um chemise de joelho para puxar sobre sua cabeça. E depois a pele. Pele gloriosa, nua e celestial. Mordeu o interior de sua bochecha.

Raven deu uma risadinha.

— Acho que não poderia ser mais óbvio se mostrasse os dentes e batesse no peito.

Richard sentiu uma contração muscular na lateral de sua mandíbula. Era hora de parar com isso. Sabine deveria ser sua noiva falsa. Precisava colocar seu plano de dissuadir as mulheres em ação.



O parceiro de Sabine a devolveu para o lado de Heloise, curvou-se e pediu licença. Heloise entregou-lhe uma taça de champanhe e inclinou o queixo na pista de dança lotada.

Raven e Richard chegaram.

Sabine escolheu os cachos escuros e os ombros largos de Hampden e desejou ter trazido sua *lupa*. Ele inclinou a cabeça para ouvir algo que Raven disse, então sorriu - um sorriso preguiçoso e cínico, que fez sua bochecha enrugar em uma covinha. Seu coração deu um chute irregular. Estava tão cheio de vitalidade, tão ridiculamente bonito, que se sentiu momentaneamente tonta.

O corte simples do casaco e a gravata descomplicada faziam com que os babados e a postura dos homens mais jovens na sala parecessem ridículos. Era fácil ver por que as mulheres o achavam irresistível. Era um homem extremamente confiante. Portava-se como se fosse um príncipe, como o próprio Lúcifer, dirigindo-se a seus companheiros. Sabine invejou sua segurança.

Heloise revirou os olhos para as mulheres agrupadas em torno dele.

— Às vezes — disse sombriamente — tenho vergonha de ser mulher. Olhe para elas. São como um bando de codornizes. As mais novas estão todas desmaiadas e suspirando, e as mais velhas estão tentando chamar sua atenção para marcar um encontro. — balançou a cabeça. — Noites como essa me lembram de quando jogo migalhas de pão para as carpas do lago; é um frenesi alimentar.

Sabine bufou com a descrição apropriada.

Heloise torceu o nariz.

— Disseram que ele terminou com Caro Williams. Estão todas ansiosas para ser as próximas. As elegíveis, claro.

Sabine franziu a testa.

— Elegíveis?

— Richard é famoso, ou melhor, infame, pelas regras de suas amantes: três meses no máximo. Sem virgens. Sem esposas. Sem exceções.

Sabine ergueu as sobrancelhas.

Heloise encolheu os ombros.

— Ele diz que ser tão direto torna tudo mais fácil.

— Meu Deus! — Sabine deu um suspiro horrorizado, presa entre o riso e o desespero.

— Raven disse que os livros de apostas já estão enchendo no White's. O dinheiro está favorecendo a Sra. Winters, a nova cantora de ópera em Covent Garden.

O coração de Sabine deu um pequeno aperto doloroso.

Heloise continuou.

— As que não são candidatas a amantes são tão ruins quanto. As acrobacias que algumas delas fazem! Não acreditaria no que são capazes de fazer para arrancar uma proposta dele.

— Quer dizer que tentam forçá-lo a se casar?

Heloise assentiu severamente.

— Semana passada, Henrietta Tilton atirou em si mesma um copo de água gelada. E Sophia Alwell *acidentalmente* tropeçou na bacia de seu vestido e praticamente atirou-se nos braços dele.

Sabine deu uma risadinha.

— Isso não é um tanto míope? Quero dizer, forçar um homem a se casar resulta em desprezo, não em afeto?

— Só conseguem pensar em serem tratadas como viscondessa Lovell. — disse, tomando um meditativo gole de champanhe e estudando seu irmão com olhar crítico. — Não ajuda ele ser tão rico quanto Crespo. Se fosse um idiota sem um tostão, não seria tão ruim. Mas algum gênio malvado presente em seu nascimento decidiu pregar uma ótima piada para todos, adicionando charme e inteligência à mistura.

Sabine o estudou gravemente.

— Não se esqueça da covinha. — acrescentou ela judiciosamente. — Até eu posso ver o fascínio potencial da covinha.

Heloise suspirou. — Richard pode ficar preso em uma ilha deserta, caminhar para o deserto e voltar um dia depois, com uma linda mulher em seus braços. — lançou um olhar de soslaio para Sabine. — Eu sei o que está pensando - que é imune. Só porque viu uma parte dele que raramente deixa que os outros vejam, ou seja, o lado rabugento, autoritário e insuportável. Mas ainda está em perigo, — acenou. — Acredite em mim, como alguém casada com um belo, arrogante e superinteligente divino. — olhou para Raven, que chamou sua atenção e respondeu com uma sobranceira levantada e um torcer de lábios que fez Heloise abrir o leque e esfriar vigorosamente sua face aquecida. — Ainda está em grande risco.

O sorriso de Raven se alargou quando ele notou a óbvia perda de compostura de sua esposa. Abaixou-se e murmurou para Richard, que também olhou na direção delas. Seus olhos se estreitaram em Sabine e ela prendeu a respiração. Deu-lhe seu olhar mais imperioso.

— O interesse do seu irmão por mim é puramente profissional. —

conseguiu dizer fracamente.

Heloise bufou.

— Tolices! Não tirou os olhos de você o tempo todo que estivemos aqui. Apenas desvia o olhar quando você olha para ele. A coisa toda é altamente divertida, asseguro-lhe. Se eu não fosse uma irmã tão maravilhosa, iria provocá-lo sem piedade.

O coração de Sabine bateu forte de esperança, o que era mais do que estúpido. O homem era seu inimigo.

Heloise bateu nos lábios com o leque.

— Me perdoe, mas Raven me disse quem é.

Sabine se acalmou, de repente cautelosa, mas Heloise deu-lhe um sorriso conspiratório.

— Oh, não se preocupe, seu segredo está seguro comigo. — sussurrou atrás de seu leque. — Eu queria agradecê-la, na verdade. — manteve o olhar no irmão. — Richard está adorando tê-la como adversária. O tem obcecado, ou melhor, Philippe Lacorte, há quase três anos. — Seus olhos brilharam com malícia. — Sempre pensei que seria um anticlímax quando ele, finalmente, encontrasse Lacorte, mas é ainda melhor do que qualquer um poderia imaginar.

Sabine não sabia o que dizer sobre isso.

Heloise apertou seu braço.

— Persegui-la pela Europa deu-lhe um propósito, algo em que se concentrar, após a morte de Tony. — suspirou. — A posição dele como herdeiro o diferencia, sabe. As pessoas o tratam com partes iguais de inveja, respeito e admiração. — seus lábios se contraíram em um sorriso. — Mas vi que não tem absolutamente nenhuma reverência pelo título dele. Não fica intimidada nem impressionada com sua riqueza - porque pode simplesmente imprimir sua própria fortuna, se quiser. — deu uma gargalhada. — É maravilhoso!

Hampden escolheu aquele momento para afastar-se da parede. Endireitou-se e, junto com Raven, começaram a circunavegar a sala, caminhando em direção a elas, como duas panteras graciosas.

Heloise cutucou o braço de Sabine.

— Não olhe agora, mas estão vindo para cá!

Sabine tomou um gole fortificante de champanhe.

Hampden parou bem na frente dela, curvou-se e beijou-lhe os nós dos dedos. O calor de seus lábios queimou através de suas luvas de noite. Sabine tirou a mão.

— Por que olhava para mim com cara feia lá do outro lado da sala?

— Eu não estava de cara feia. Estava apertando os olhos. Qualquer coisa acima de três metros é um borrão. É melhor se eu apertar meus olhos.

Raven deu uma risadinha.

— Posso pensar em várias pessoas aqui esta noite que melhoram dramaticamente se estreitar os olhos.

Heloise deu um tapa no braço dele.

— Shh. sua besta! Alguém vai ouvir!

— Não estava falando de você, minha querida. — Ele sorriu abertamente para ela, depois acenou para uma senhora rotunda, em um vestido prateado e joias pesadas, que estava realizando a corte na outra extremidade do salão.

— Lady Carstairs, nossa anfitriã. — acrescentou, prestativamente, a Sabine.

Sabine ergueu as sobrancelhas em surpresa. Os diamantes dela são falsos!

— É a única aqui que pode dizer. — Hampden deu de ombros. Os verdadeiros provavelmente estão armazenados em um cofre de banco, em algum lugar.

Ela franziu os lábios.

— Do que adianta possuir algo bonito se o trancar? Nenhum artista quer sua criação escondida em um cofre. Deve ser visto e apreciado.

Heloise assentiu em concordância.

Hampden encolheu os ombros.

— O que importa é que todos pensem que são reais. A sociedade gira em torno das aparências. Tudo ao nosso redor é falso, em um grau ou outro. — deu um sorriso maroto para Sabine e Heloise.

— São as piores ofensoras.

— Como assim? — Heloise exigiu.

Deu-lhe o tipo de sorriso que os irmãos mais velhos usam apenas para enfurecer os irmãos mais novos.

— Um cínico diria que nenhuma mulher é verdadeiramente honesta.

Heloise respirou fundo para discutir, mas ele ergueu um dedo admoestador e seguiu em frente, com um brilho malicioso nos olhos.

— Tudo em vocês é artifício. Usam espartilhos para disfarçar protuberâncias feias, preenchimento para dar curvas que não têm naturalmente. Arrancam as sobrancelhas, escondem a pele sob o pó e o ruge. E isso é apenas na aparência. Em conversas, fingem interesse em nós, homens

e em nossos hobbies. Às vezes até fingem ser mais estúpidas do que são, só para não nos intimidar. — ergueu as sobrancelhas, o que lhe deu uma aparência perversa - o advogado do diabo perfeito. — Ora, algumas até fingem inocência, até na noite de núpcias. E quando o pobre marido descobre que sua “noiva *virginal*” é tudo menos isso... é tarde demais.

Heloise deu um soco no ombro dele.

— Tem razão. Isso é muito cínico. E completamente falso. Não acha, Sabine?

Sabine inclinou a cabeça.

— Ah, eu não sei. As aparências externas podem enganar. Por exemplo, ninguém imaginaria que sob o exterior senhorial de seu irmão existe um homem cujo único deleite é atormentar as francesas.

Richard deu uma gargalhada.

— Eu não diria que é meu único prazer, mas sim, atormentar as francesas - especialmente as francesas traidoras e criminosas é um dos meus *hobbies* particulares.

Heloise revirou os olhos.

Hampden deixou seu olhar deslizar sobre o decote de Sabine. A expressão em seu rosto fez seu sangue diminuir e esquentar, como lava derretida.

— Por que está olhando assim para mim? — rebateu ela.

— Estou deixando meu interesse em sua pessoa perfeitamente claro — deu-lhe o sorriso largo e abertamente admirado por todas aquelas mulheres que o consideram irresistível.

— É impossível. — disse ela com tristeza.

Ele ergueu uma sobrancelha divertida.

— Magoa-me. Posso ser irresistível quando quero.

— Acho que agora não é um desses momentos.

Ele riu, imune às agulhadas dela.

— Essas safiras ficam magníficas em você, por falar nisso. Não me diga que são falsas. Foram incrivelmente caras.

Sabine encolheu os ombros com indiferença.

— Elas servem.

Lembrou a si mesma que essa conversa era falsa. Esse flerte era só para mostrar, para enganar o observador casual fazendo-o pensar que havia algo entre eles. Olhou para a multidão, para não ficar olhando para o queixo de Hampden e se perguntando como os lábios dele seriam contra os dela.



Richard deu uma risadinha. A irreverência de Sabine iluminou seu humor. Na verdade, estava gostando da noite, muito mais do que tenha gostado de uma grande festa, em anos. Ela colocou todas as outras mulheres na sombra, como um verdadeiro diamante, comparado a uma pedra falsa. Era cintilante, vibrante, de tirar o fôlego. Bela o suficiente para despertar inveja nos homens

e nas mulheres.

Ele balançou sua cabeça. Era uma mulher surpreendente, sábia e às vezes inocente do mundo. De vez em quando, vislumbrava um olhar perdido e assombrado e certo cinismo irônico, que fazia seu peito doer. Fora magoada, desapontada, intimidada e, ainda assim, conseguia manter seu senso de humor e espírito ininterrupto. Lembrou-o de uma citação de *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare: “*E embora ela seja pequena, é feroz.*”.

Observou-a enquanto ela tomava um gole de bebida. Não era uma garotinha, nos primeiros anos de juventude, não era uma garota que enrubescia ou gaguejava como donzela. Gostava disso - seu controle ligeiramente sarcástico. Era corajosa, engenhosa e teimosa, todas as características que ele admirava imensamente. E sua mente era afiada como uma navalha.

Sua primeira impressão foi compará-la a um duende, mas isso não estava certo. Era mais astuta do que isso, mais perigosa - como uma harpia, com pequenas garras afiadas, ou uma sereia, atraindo os homens para a destruição contra as rochas. Ele certamente não estava imune. Precisava se amarrar ao mastro para não pular no mar e se afogar.

Ela se mexeu e seu cheiro derivou para o nariz dele, acerbo e ácido. Aquela combinação de limões, tinta e pele, que era exclusivamente ela, tudo misturado com o único propósito de deixá-lo louco.

Várias mulheres enviavam olhares convidativos, ou lhe davam espiadas sugestivas por trás de seus leques. Nenhuma delas o atraía. E mesmo que o fizessem, não poderia sair e contratar uma nova amante, enquanto estava ocupado, mantendo Sabine sob vigilância.

Estava mais tenso do que uma mola por causa de sua presença perturbadora. Era sua culpa que ele estava neste estado altamente carregado, sem nenhuma maneira de gastar suas energias. A única solução sensata seria tomá-la como amante.

Richard fez uma pausa, catalogando mentalmente todos os motivos que eram uma boa ideia. Seria uma decisão mutuamente benéfica entre dois adultos. Ela já estava morando sob seu teto, então, isso resolveria seu problema com o mínimo de esforço de qualquer parte. Ela não teria nenhuma expectativa irreal de que ele se apaixonaria por ela. E era muito improvável que ela se apaixonasse por ele. Parecia odiá-lo, na maior parte do tempo. Isso não era barreira para um encontro sexual satisfatório, no entanto. Podia não gostar dele, mas, certamente, o queria. Um pouco de animosidade tornava as coisas ainda mais interessantes.

Não poderia haver dúvida de um desempenho inadequado de si mesmo. Ele a queria com uma intensidade de gelar o sangue, que era absolutamente aterrorizante, se ele se importasse em examinar a fundo. O que não fez. Mais preocupante, porém, era a suspeita de que seu desejo por ela era tão intelectual quanto físico. Amava seu cérebro ardiloso e conivente tanto quanto cobijava seu corpo.

Richard sorriu. Era um plano excelente. É hora de se tornar irresistível.

Sabine prendeu a respiração quando Hampden se aproximou e roubou todo o ar da vizinhança.

— Precisamos dançar.

Sabine abriu a boca para discutir, então congelou quando olhou por cima do ombro e reconheceu um rosto horrivelmente familiar, vindo em direção a eles, com Lady Carstairs. Todo o sangue foi drenado de seu rosto.

Hampden se virou para ver o que havia captado seu interesse.

— Alguém que conhece? — perguntou, com um tom áspero na voz.

Sabine se forçou a falar com os lábios entorpecidos enquanto o casal se aproximava.

— Hã, sim. Quer dizer, já vi aquele homem antes. Em Paris. É o General Jean Malet.

Ela se aproximou de Hampden, assaltada pela sensação de morte iminente. O que Malet estava fazendo aqui? Ele os havia seguido para a Inglaterra? Como? Oh, Deus, iria prendê-la?

Malet estava usando um novo uniforme. Deve ter sido promovido. Provavelmente enfiou uma adaga nas costas de seu antecessor, Sabine pensou descontroladamente. Olhou ao redor, em busca de uma rota de fuga. Malet se aproximou deles, e, por um breve minuto, ela se atreveu a esperar que ele passasse por eles, mas então seu olhar pousou em seu rosto e ele parou no meio do caminho.

— Lorde Lovell. — disse Lady Carstairs, quase sem fôlego, dirigindo-se a Hampden.

— Que bom que pôde vir ao nosso pequeno sarau. Estamos honrados. Apresento o general Jean Malet, um dos principais arquitetos da queda daquele monstro Napoleão.

Sabine mal reprimiu um bufo de escárnio. Politicamente, Malet era tão inconstante quanto o clima inglês, sempre trocando de lado para salvar a própria pele.

Hampden curvou-se e Malet fez o mesmo, embora com mais rigidez. Suas bochechas rosadas falavam de uma predileção por clarete. Seus olhos percorreram o rosto de Sabine enquanto ele se endireitava.

— Não acredito que tive a honra. — disse ele, em um inglês com forte sotaque.

Hampden puxou-a pelo braço.

— Minha prima, Mademoiselle de la Tour.

Malet curvou-se novamente.

— É um prazer conhecer uma cidadã francesa. — estreitou os olhos redondos e a estudou com ar intrigado.

— Já nos conhecemos, minha querida? Parece-me familiar.

Sabine prendeu um sorriso brilhante no rosto enquanto seu pulso batia

contra sua garganta.

— Eu não acho que isso seja possível, monsieur.

— Claro que não. — ele concordou prontamente. E se curvou sobre a mão dela, aproveitando a oportunidade para cobiçar seu decote. Seu bigode estremeceu quando deu-lhe um sorriso jovial.

— Eu teria me lembrado de um rosto tão bonito.

Sabine relaxou quando a ameaça de exposição passou e ela suprimiu o desejo travesso de contar tudo a ele. *“Oh, nós nos conhecemos, Monsieur Malet. Eu sou a assistente que mal notou na galeria de Carnaud, na Rue du Pélican. Sou a garota que lhe vendeu o estudo de Giorgione sobre um nu duas vezes. Sou a falsificadora que trabalhou contigo há oito anos. A ladra que ganhou todo aquele lindo dinheiro em Vincennes.”*

Tratou-o com sua melhor reverência, enquanto ele e Lady Carstairs se afastavam, mas seu coração ainda estava martelando com a proximidade do perigo. Olhou para Hampden, de repente precisando de um momento sozinha.

— Se me dá licença, preciso visitar o toalete.

Hampden inclinou a cabeça.

— Vá em frente. Preciso falar com Lorde Simms, de qualquer maneira. Encontro-a em cinco minutos. — Seus olhos enrugaram nos cantos. — Para aquela dança.



Sabine não foi ao banheiro feminino. Em vez disso, ficou perto das portas francesas abertas e respirou fundo várias vezes para se acalmar, enquanto seu pulso voltava ao ritmo normal. Uma emoção de exaltação aqueceu seu interior. Essa foi por pouco!

Examinou o redemoinho embaçado de dançarinos, depois os convidados na extremidade da sala, mas não conseguiu ver Hampden em lugar nenhum. Talvez ele e o amigo tenham se retirado para a sala de jogos. Com os olhos semicerrados, localizou Raven e Heloise conversando no centro de um grupo animado. Raven observava Heloise enquanto ela falava, seus traços duros se suavizaram ao repousar em seu rosto. Heloise olhou para cima e o pegou olhando, compartilharam um sorriso secreto.

Uma pontada de desejo melancólico se formou no peito de Sabine com a maneira como pareciam capazes de se comunicar apenas com os olhos. Queria isso. Essa proximidade de almas, a capacidade de manter uma conversa inteira sem mover os lábios. Seu coração quebrou um pouco; seus pais também eram assim. Não era surpreendente que também desejasse isso.

Com um suspiro, virou-se para encontrar um servo de libré pairando ao seu lado.

— Senhorita de la Tour?

Ela franziu o cenho. — Sim?

— Há um senhor pedindo sua presença nos jardins. — Seu rosto estava completamente impassível, e ele se curvou e se retirou, antes que pudesse

perguntar mais alguma coisa.

Seu coração começou a bater novamente. Malet havia descoberto quem ela era e armado uma armadilha? Olhou ao redor e o encontrou conversando animadamente com o embaixador russo. Mordeu o lábio. Se não era Malet, poderia ser um de seus parceiros de dança anteriores, tentando atraí-la para o jardim para um beijo? A ideia era bastante lisonjeira, mesmo que, sem dúvida, a estivesse apenas fazendo porque pensava que ela era uma herdeira que valia a pena perseguir, graças à intromissão ridícula de Heloise.

Curiosa, mas cautelosa, escapuliu para os jardins. Havia muita gente no terraço, fugindo do aperto e do calor lá dentro. Algumas mesas e cadeiras, iluminadas por lanternas, foram artisticamente dispostas, para encorajar a conversa no gramado, desceu os degraus rasos de pedra em direção a um mirante decorado com guirlandas.

As sombras escureceram enquanto ela se esgueirava mais para dentro dos jardins; havia vários cantos convidativamente escuros para os inclinados ao amor. Sabine avistou a ponta do vestido de uma senhora desaparecendo atrás de um grande salgueiro e ouviu uma risadinha abafada.

Contornou a massa alta de uma cerca viva de teixo, tentando se misturar às sombras. Pelo menos seu vestido era escuro.

— Psst!

Um braço serpenteou e a envolveu pela cintura. Uma mão cobriu sua boca. Sabine deu um grito abafado, mas, antes que pudesse lutar, foi puxada para trás da cerca viva e puxada com força contra um peito largo.

— Shh! Sou só eu.

Ela cedeu de alívio, com aquela voz querida e familiar. Quando a pressão em sua boca diminuiu, girou e se jogou contra o peito de seu melhor amigo.

— Anton! — ofegou. — Quase me matou de susto! É tão bom te ver. Como tem estado? Estive tão preocupada! Onde está ficando?

Anton tirou os braços de sua cintura com um gemido abafado. Sabine deu um passo para trás, assim que ele mudou de posição, e a luz fraca de uma das lanternas iluminou suas feições deformadas. Ela ofegou de horror.

— Meu Deus! O que aconteceu? — ergueu a mão para tocar o lado inchado de seu rosto, mas pensou melhor quando ele recuou. — Veja o seu olho! — lamentou.

— Quem lhe fez isto?

Anton fora muito espancado; seu belo rosto estava quase irreconhecível. Seu olho esquerdo tinha um hematoma lívido e tão inchado que sua pálpebra mal conseguia abrir. Sua orelha estava protuberante e deformada, como uma repugnante couve-flor cor de carne. Parecia um boxeador que lutara vinte rounds e perdido a luta.

Os olhos de Sabine endureceram de fúria. — Quem te bateu?

Anton encolheu os ombros, então agarrou suas costelas como se até mesmo aquele movimento doesse. Sabine estremeceu de simpatia.

— Cinco rapazes. Ouviram meu sotaque. Estavam torcendo por uma luta com um francês, para vingar todos os seus amigos mortos na guerra. Me seguiram de volta ao alojamento e me atacaram.

— Ah não.

— Isso não é o pior de tudo. — Anton suspirou, dando-lhe um olhar de soslaio de seu olho bom. — Os desgraçados saquearam meu quarto. Pegaram todas as minhas economias e encontraram minha metade do nosso dinheiro para emergências.

Sabine recostou-se na cerca viva e engoliu algumas maldições bem escolhidas.

— Oh Anton!

Anton balançou a cabeça com raiva, claramente frustrado consigo mesmo.

— Eu sei, eu sei. Sinto Muito. Mas não pude lutar contra eles.

Sabine suspirou.

— Bem, o que está feito, está feito. E, pelo menos, não foi morto. Além disso, ainda temos minha metade do dinheiro. — Anton assentiu e ela soltou um suspiro. — Odeio dizer '*Eu avisei*', mas é exatamente por isso que eu disse que deveríamos dividir isso. Em caso de contratempos imprevistos como este.

— Onde está sua metade? — Anton perguntou.

— Escondi em um armário no Museu Britânico.

— Tem certeza de que é seguro?

— Mais seguro do que na residência de Richard Hampden, isso posso te dizer. — Sabine disse severamente. — Tenho certeza de que ele já vasculhou meus aposentos.

— Vou precisar de um pouco. — disse Anton. — Eu não posso viver de nada.

Sabine fez uma careta. Odiava a ideia de colocar o dinheiro falso em circulação, mas que outra escolha tinham?

— Muito bem. Vou voltar ao museu e pegar.

— Não posso ir?

— Não. Está no guarda-casaco, precisa de um pequeno disco de marfim numerado para liberá-lo. Está em meu quarto.

— Pode deixar em algum lugar para eu encontrar?

Sabine balançou a cabeça.

— Na verdade, não quero arriscar que seja pego. Devo ir eu mesma. —
olhou para ele na escuridão.

— Já encontrou algum navio que vá zarpar para a América?

Anton balançou a cabeça.

— Acabamos de perder um que navegou na semana passada. Há outra empresa que estou tentando amanhã, nas docas do Tâmsa, que parece promissora, no entanto.

Sabine franziu a testa.

— Como sabia que eu estaria aqui, afinal? E como entrou?

Ele começou a sorrir, então sibilo quando o movimento quebrou seu lábio partido.

— Entrei pelo portão do jardim. Sabia que você estaria aqui, porque tenho observado a casa de Lovell, no Hyde Park. Eu segui aquela carruagem chique dele. Essas cristas nas laterais são bem distintas.

Uma gargalhada feminina ondulou no terraço e Sabine estremeceu quando outro pensamento aterrorizante a atingiu.

— Oh Deus. Não pode ser visto aqui comigo! Malet está aqui, nesta mesma casa!

Anton franziu a testa. — Malet está aqui? *Merde!* Ele a viu?

— Fomos apresentados. Ele disse que eu parecia familiar, mas não conseguia me identificar.

Anton soltou um suspiro de alívio.

— Não estou surpreso. Quase não te reconheci! — pegou a mão dela e a ergueu, de forma que ela foi forçada a dar um giro nele. Sabine abriu as saias e fez uma reverência profunda e sarcástica. Ele piscou para ela com o olho bom.

— Está extraordinária, *ma belle*. Quem diria que havia uma mulher encantadora sob toda aquela tinta de impressão?

Sabine riu e balançou a cabeça.

— É francês por completo. Mesmo transformado em polpa, não pode deixar de emitir elogios ultrajantes.

Ele não quis dizer nada com isso. Flertar era tão fácil quanto respirar. Flertaria com uma árvore se não houvesse uma mulher por perto. Irônico como seus comentários mais ultrajantes não conseguiram despertá-la, mas o menor sinal de apreciação de Richard Hampden fazia seu pulso acelerar de forma alarmante.

Anton deu um de seus clássicos encolhimentos de ombros.

— Bah. Um homem teria que estar morto para não notar uma bela mulher. — As vozes de um casal que passeava interromperam seu discurso. Sabine olhou com cautela ao redor da cerca. A densa folhagem do teixo o tornava a tela perfeita, grossa e impenetrável, mas qualquer um poderia tropeçar nela.

— Deve ir, antes que Hampden nos pegue.

Anton franziu a testa. — Ele está te tratando bem?

— Tão bem quanto se pode esperar. Mas não confia em mim nem um centímetro. Mal me deixa em paz por um momento.

Ele assentiu. — Tudo bem, já vou. Quando acha que conseguirá o dinheiro?

— Vou amanhã, na primeira oportunidade. Já visitei o museu uma vez, então não há razão para pensar que ele não vai me deixar voltar]. Vamos nos encontrar no Hyde Park amanhã à tarde. O cenário da moda não chega lá até, pelo menos, quatro e meia e, mesmo assim, geralmente apenas desfilam para cima e para baixo em Rotten Row em suas carruagens. — Viu a carranca de Anton e esclareceu. — É o caminho dos cavalos, próximo ao grande lago. De qualquer forma, te encontro no canto nordeste, perto da árvore *Tyburn*, onde ficava a forca. Vou tentar por volta das duas e meia.

— Hampden vai te deixar sair desacompanhada?

Os olhos de Sabine brilharam.

— Provavelmente não, mas não se preocupe, vou pensar em algo. Richard Hampden precisa aprender que não serei contida.

Anton balançou a cabeça, em falsa comiseração.

— Quase tenho pena do homem.

Ela puxou sua manga, meio virando-o.

— Se Hampden te pegar, vai... — não conseguiu nem terminar a frase. Não conseguia imaginar o que ele faria.

Anton se aproximou e deu-lhe um abraço rápido, que ela devolveu, com cuidado para não esmagar suas costelas feridas.

— Até amanhã, *ma chère*.



Richard saiu para o terraço e lançou um olhar irritado ao redor dos jardins sombreados. Onde, diabos, Sabine tinha ido? Ele a viu escorregar para fora das janelas francesas. Teria marcado um encontro com um dos almofadinhas ricos como Eddie, que a bajulavam? A ideia dela com outro homem fez seus dedos se fecharem em um punho. Desceu os degraus para procurá-la, seu humor negro. *Mulher terrível*. O que estava fazendo agora?

Sabine alisou as saias e estava prestes a voltar para o caminho, quando uma sombra alta bloqueou o caminho. O luar iluminou brevemente as feições austeras de Hampden e seu calor deu um começo culpado contra suas costelas.

— Oh! É você. — resistiu ao impulso de olhar por cima do ombro atrás de Anton.

Hampden juntou-se a ela, atrás da tela de teixo.

— Estava esperando outra pessoa? — perguntou laconicamente.

Ela percebeu, com um desânimo repentino, que ele estava furioso. *Oh, merde.* Ele a tinha visto com Anton? Não. Certamente se os tivesse visto juntos, teria passado correndo por ela, tentando pegar seu cúmplice. Sabine recuou, até que as agulhas espinhosas da sebe impediram sua fuga.

— Claro que não. — conseguiu dizer. — Só precisava de um pouco de ar.

Ele a seguiu, uma espreita lenta como um lobo se aproximando de um cervo ferido. A lacuna sombreada entre as sebes formou um túnel de privacidade e Sabine engoliu em seco quando ele se aproximou, invadindo seu espaço. Sentiu o cheiro dele - masculino, quente, coberto com um cheiro forte de licor.

Ele inclinou a cabeça dela para o luar. — Parece corada, meu amor.

Sabine umedeceu os lábios com a língua e observou com um arrepio de alarme enquanto os olhos dele seguiam o movimento avidamente.

— Sim, eu, ah... — ela gaguejou. — É tudo tão ... opressor. Meu primeiro baile de alta sociedade. E está tão quente lá... — parou, com a expressão cética dele.

Seu polegar percorreu sua mandíbula e seu interior derreteu como cera de vela.

— Não deveria estar aqui sozinha. — repreendeu suavemente. — Quem sabe que personagens desagradáveis podem estar espreitando nos arbustos?

Ela não conseguia desviar os olhos dele. A carícia de seu polegar contra seu rosto era uma carícia erótica, mas ele mal parecia ciente de que estava fazendo isso.

Sabine engoliu em seco.

— Sabe que posso cuidar de mim mesma, monsieur. Não há necessidade de me acariciar como uma debutante inglesa. Os homens já tentaram me atrair para cantos escuros antes.

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

— Tentaram? Quem? — a pergunta sedosa tinha um tom distinto de ameaça.

— Oh, não vou citar nomes. Basta dizer que acharam a experiência extremamente decepcionante. — Afastou-se de sua mão e começou a andar,

mas ele se esquivou, bloqueando seu caminho.

— Prometeu-me um baile.

— Em público — ela protestou. — De que adianta dançarmos aqui? Não há ninguém para ver.

Seus dentes brilharam, brancos. — Isso significa que podemos fazer o que quisermos.

Sabine fechou os olhos contra a tentação. Ele parecia tão sedutoramente razoável. A serpente no Jardim do Éden teria falado exatamente assim. Apenas morda a maçã, Sabine. Um sabor minúsculo e proibido.

Ele abaixou a cabeça. — Quem está encontrando aqui no escuro?

— Ninguém.

— Mentirosa!

Ainda estava com raiva. Vibrava entre eles, engrossando o ar, misturando-se com o puxão do desejo. Seus lábios roçaram sua orelha, então acariciaram a pele macia ao lado de seu pescoço.

Sabine ficou imóvel. Sua pulsação bateu forte contra sua garganta e um calor lento e delicioso percorreu seu interior. Queria estender a mão e agarrar seu cabelo e segurá-lo contra sua pele.

— Como estamos fingindo estar namorando, — murmurou — terei que insistir para que fique longe de marcar encontros com outros homens.

Sabine arregalou os olhos. Ele estava com ciúmes? Tinha tanto poder sobre ele? Ou era apenas por que a considerava sua posse, sob seu controle?

A renda branca espumosa de seus punhos roçou suas bochechas quando ele ergueu a cabeça e emoldurou seu rosto.

— Se é um beijo que quer, senhorita de la Tour, é seu noivo quem deve dar.

Sabine mordeu o lábio. Oh, isso estava errado, tão errado!

— Não é meu noivo. — conseguiu dizer com voz trêmula. — Só está fazendo isso porque não tem uma amante para entretê-lo.

Ele inclinou a cabeça, mas seus olhos nunca deixaram seus lábios.

— Isso não é verdade. Há muitas mulheres naquele salão que estariam mais do que dispostas a me acomodar. Mas eu te quero.

— Devo ficar lisonjeada? — rebateu ela. — Não comprou meu corpo com seu dinheiro, Monsieur Hampden. Apenas minhas habilidades de falsificação.

Ele riu sombriamente.

— Oh, eu estou bem ciente disso. Seu corpo, tem que me dar de graça.

Ela abriu a boca para repreendê-lo, mas ele não havia terminado.

— Qual é o problema, Sabine? Não há mal nenhum em jogar. Nós dois somos adultos.

Ele se curvou e pressionou os lábios no canto dos dela. Sua língua estalou para prová-la. Seu estômago deu uma cambalhota.

— Admita. Quer tanto quanto eu.

Oh, ele era um homem perverso, perverso.

— Um beijo — ele zombou. — Vou parar quando disser.

Ela sabia como ele a beijaria - com facilidade praticada e vagarosa. Ele faria o que, sem dúvida, fazia com todas as suas outras mulheres: provocá-la, levá-la à distração - e nunca perder um pedaço de sua própria compostura. Isso era inaceitável. Queria tudo dele. Descontrolado. Irrestrito. Queria que ele pegasse fogo, como uma fogueira feita de dinheiro.

Sabine jogou a cautela ao vento. Era Philippe Lacorte. Ousou tudo. Ficou na ponta dos pés, agarrou as lapelas de seu casaco imaculado e puxou-o para perto.

— Pare de falar, Richard Hampden.

Ela pressionou sua boca contra a dele.

Por um breve segundo ele congelou. E então quebrou. Com um som mudo de necessidade, ele a puxou para si, inclinou a cabeça para o ângulo perfeito e beijou-a de volta. O resto do mundo desapareceu. Esta não foi uma exploração experimentada e experimental. Isso era escuridão, calor e abandono total. Seus lábios moldando os dela, sua língua girando por dentro.

Sabine fechou os olhos de alegria. Encaixam-se perfeitamente, côncavo a convexo, mergulho e curva. Ela o puxou para mais perto, derretendo-se em seu maravilhoso calor. Seu coração batia rápido sob sua palma e ela desejou que suas roupas fossem embora - queria senti-lo, tudo dele, corpo com corpo, pele contra pele.

Em um impulso perverso, ela prendeu o lábio inferior dele entre os dentes e sentiu o choque que o percorreu com uma onda de prazer sombrio.



Maldição, Richard pensou atordoado. Beijar Sabine deve ser a coisa mais estúpida que já fez. E a mais gloriosa.

Seu corpo estava em chamas, o desejo rugindo em sua corrente sanguínea, latejando em sua cabeça, e ele tentou se lembrar de todos os muitos, muitos motivos pelos quais não deveria tocá-la. Eram inimigos. Era uma chantagista, possivelmente uma espiã, e tinha uma alma de francesa — ingovernável, subversiva. Cheia de rebelião e revolução. Pessoas como ela ameaçavam os bastiões da alma inglesa que ele amava: críquete, White's e rosbife.

Mas, Cristo, ela tinha um gosto bom. Nada importava quando ela fazia aqueles pequenos sons suaves de prazer e seu corpo pressionava o dele, como se não pudesse chegar perto o suficiente.

Sua cabeça girou. Ele sabia que seria bom, mas essa intensidade alucinante, essa necessidade palpitante, era inquietante. Odiava querê-la tanto. Ainda assim, sentiu uma onda de satisfação selvagem. Pelo menos o desejo não era unilateral. Esta mulher fingiu tudo, mas mesmo ela não conseguia esconder sua resposta ou fingir indiferença ao toque dele.

O decote de seu vestido expôs as protuberâncias cremosas de seus seios. Ele os traçou com a mão, envolvendo-a através do tecido, encontrando seus

mamilos com os polegares. Ela se arqueou contra ele, com um gemido de prazer, e ele baixou a cabeça e a beijou, onde a safira central se aninhava entre seus seios.

Não era o suficiente. De repente impaciente, empurrou para baixo seu corpete e libertou seus seios, para o ar frio da noite. Graças a Deus, ordenara que seu vestido fosse tão decotado. Ignorou seu suspiro de choque e a segurou. Ela era pequena e perfeita, e seus mamilos endureceram contra as palmas das mãos. Queria devorá-la. Cedendo ao impulso, ele se abaixou e a tomou em sua boca, sacudindo sua língua, e ela se lançou contra ele com um gemido incoerente. O som inflamou seu sangue. O mundo se estreitou em suas mãos, em sua pele, sua boca, chupando, mordendo, lambendo. O cheiro dela: tinta e limões.

Ele queria estar dentro dela. Queria ela no chão, saia para cima, com ele enterrado profundamente entre suas pernas. Em um movimento impaciente, ele puxou a saia dela e juntou-a na cintura, em uma bagunça espumosa. Reivindicou sua boca e puxou sua perna para cima, curvando-a ao redor de seu quadril. Seu corpo deslizou entre suas pernas, um ajuste perfeito, e ele pressionou seu pênis dolorido contra ela, moendo seus quadris para que ela pudesse sentir o efeito que tinha sobre ele.

Ela gemeu e o puxou para mais perto.

Seus dedos foram para os botões de suas calças. Suas mãos tremiam tanto que ele se atrapalhou na pressa e amaldiçoou sua incompetência. Estava quase tonto de desejo. A qualquer segundo ele estaria dentro dela...

Um trinado agudo de riso feminino do outro lado da cerca viva trouxe a realidade, a desabar como um balde de água gelada. Richard congelou. O que, diabos, estava pensando? Ele se afastou, ofegante, seu corpo dolorido protestando pela repentina falta de contato. Seu coração batia forte, como se tivesse acabado de lutar.

Os olhos de Sabine estavam enormes em seu rosto pálido, e, na penumbra, parecia tão atordoada quanto ele se sentia. Sua boca estava toda inchada, seus lábios inchados de seus beijos - o que só o fez querer beijá-la novamente. Com um suspiro atrasado, ela puxou a frente de seu corpete de volta, escondendo aqueles seios perfeitos de vista. Richard percebeu que ainda estava segurando seu quadril e forçou seus dedos a soltá-la. Suas saias caíram até os tornozelos, com um ruído audível.

Ele respirou fundo o ar fresco.

— Não disse *'pare'*. — conseguiu dizer com voz rouca, então se amaldiçoou por soar mais acusatório do que provocador. Não tinha exatamente pensado em parar também. Talvez ela batesse nele. Provavelmente merecia.

Em vez disso, ela inclinou a cabeça, em reconhecimento irônico, e seus lábios se curvaram em um sorriso autodepreciativo.

— Não, está certo. Eu não disse *'pare'*.

Richard sentiu uma onda de admiração relutante por sua justiça, seguida

rapidamente por uma ponta de irritação. Ela parecia estar se recuperando muito rapidamente do que tinha sido — para ele, pelo menos — um evento de abalar a terra.

Inferno! O que havia nessa mulher que o fazia perder todo o senso de controle? Parecia um colegial excitado, encurralando uma leiteira nos estábulos. Uma onda quente de humilhação aqueceu suas bochechas. Para onde foi Richard Hampden, amante consumado?

Sabine alisou a frente de suas saias e começou a prender o cabelo novamente. Ele desalojou vários pinos com as mãos; ela enfiou alguns fios soltos de volta, na bagunça elaborada. Determinado a parecer igualmente imperturbável, Richard arrancou uma folha do cabelo dela, irritado ao perceber que sua mão ainda não estava bem firme.

— Devíamos voltar para dentro. — ela murmurou.

Ele balançou sua cabeça.

— Não juntos. Isso criaria um escândalo. — sem mencionar o fato de que ele ainda tinha uma ereção forte o suficiente para martelar pregos no aço.

Seus lábios deram uma pequena peculiaridade sarcástica.

— É claro. Não queremos arruinar sua reputação, não é, Lorde Lovell?

— Mergulhar mulheres jovens no matagal, certamente, não é meu modo usual de operação. — disse ele sem rodeios. — Mas se voltar para o salão de baile um pouco... desarrumada, — os olhos dele se demoraram em seus cabelos e lábios — só vai ajudar no meu plano. A alta sociedade geralmente fecha os olhos a um pequeno flerte, se houver a expectativa de um anúncio de casamento iminente.

— Não haverá anúncio de casamento. — disse ela friamente.

— Claro que não. Mas já terá partido quando eles perceberem isso. Eu sou aquele que terei que aturar os sussurros e olhares conhecedores, que acompanham um pretendente rejeitado.



Sabine escapou para o lavabo sem encontrar ninguém e se arrumou o melhor que pôde. Encontrou Heloise no caminho de volta para o salão de baile, e a outra garota, prontamente aceitou sua desculpa, de que estava cansada e queria ir embora.

— *Maman* estava falando a mesma coisa. Está mandando trazer a carruagem agora. Gostou do seu primeiro baile? — Heloise perguntou alegremente.

Sabine tinha certeza de que suas bochechas coradas e lábios latejantes traíam exatamente o quanto ela se divertiu. Uma indecente porção...

— Não vejo Richard há um tempo... — os olhos de Heloise brilharam maliciosamente e Sabine teve a desconfortável suspeita de que a outra garota sabia exatamente o que ela estava fazendo. E com quem. Heloise deu de ombros com elegância.

— Acho que ainda está fechado com Lorde Simms. Não se preocupe em

esperar por ele. Mande sua carruagem de volta mais tarde. — Heloise beijou sua bochecha.

— Boa noite, Sabine. Vejo-a em breve.

Sabine não conseguia dormir. Foi além de estúpido tê-lo beijado. Mais estúpido era admitir que queria ainda mais. A vergonhosa verdade era que estava a apenas alguns segundos de deixá-lo levá-la, ali, contra uma árvore, como uma mulherzinha fácil, de beco.

Balançou a cabeça. A única vez que Anton a beijou, anos atrás, foi ardente e gentil. E quando ele tentou deslizar a língua dentro de sua boca, ela se afastou, rindo e protestando ao mesmo tempo. Para seu crédito, ele não a forçou. Ele riu também, embora trêmulo, e passou a mão pelo cabelo. A preocupação momentânea de Sabine de que, talvez, sentisse mais por ela do que ela por ele, ou de que o experimento pudesse afetar sua amizade, foi infundada. Na noite seguinte, ele se deitou com a bela esposa de um oficial do exército e nunca mais mencionou o beijo. Acomodaram-se na familiaridade fácil de amigos.

Sabine enterrou o rosto nos travesseiros com um gemido. O que sentia por Richard Hampden estava totalmente além de sua experiência. Sabia o que era, é claro. Ouviu as fofocas das mulheres nos mercados e nas tavernas, ouviu as risadas e piadas obscenas. Era luxúria, pura e simples. Ou melhor, impura e complexa. Uma atração animal que era natural e altamente inconveniente.

Uma conversa em particular foi uma revelação. Ela tinha dezessete anos e estava sentada no Louvre, embaixo de uma grande estátua de mármore de um guerreiro grego contorcido, lutando contra uma feroz criatura, parecida com uma cobra. Ela estava fazendo um estudo, a bico de pena, de um desenho arquitetônico de Piranesi.

Duas jovens estavam sentadas no banco do lado oposto da estátua. Claramente não tinham noção de sua presença, porque a primeira, que Sabine rapidamente deduziu ser casada, começou a lançar uma ladainha de informações dolorosamente pessoais a respeito de suas relações íntimas com seu novo marido. Sua amiga — também provavelmente casada — tentou aconselhá-la.

Sabine parou de desenhar e prendeu a respiração, ouvindo em silêncio extasiado.

— *Eu lhe prometo, Clara, que decepção foi!* — a primeira garota lamentou. — *Nunca mais quero fazer isso de novo. Foi terrível!*

— *“E eu prometo que vai melhorar, meu amor.”*

— *Os homens sempre estragam na primeira vez. Apesar do fato de que eles, sem dúvida, fizeram o mesmo, muitas vezes antes, com outras mulheres, quando confrontados com uma virgem em sua noite de núpcias, são tomados por algum tipo de insanidade temporária, que os torna completamente inúteis. Meu querido Edouard foi exatamente assim.*

— *Mas o que devo fazer?*

Sim, pensou Sabine, do outro lado do pilar. Diga-lhe. Estou morrendo de vontade de saber.

— *Sabe o que é um clímax? La petite mort?*

— Não. — disse a amiga.

Sabine torceu o nariz. “A pequena morte”?

Clara, a amiga, deu um suspiro. — É o prazer que pode sentir com seu marido na cama. É, simplesmente, a sensação mais maravilhosa que se possa imaginar. É como correr para o topo de uma montanha e se jogar lá de cima.

— *Isso não parece muito bom. — disse a amiga com dúvida. — Parece perigoso.*

Concordo, pensou Sabine, mastigando a ponta do lápis.

— *É muito difícil de explicar. É como uma adorável explosão latejante e formigante, que começa entre as suas pernas, onde está o seu homem, e se espalha por todo o seu corpo. Faz se sentir feliz e radiante, como se suas veias estivessem cheias de manteiga derretida e mel.*

— *Bom, isso soa muito agradável. — a primeira garota admitiu.*

— *E é. Agora vou lhes contar um pequeno segredo. A primeira coisa que deve aprender é que nenhum homem pode te dar um clímax.*

— *O que?!* — gaguejou a amiga. — *Mas acabou de dizer... como, diabos, consegue um, então?*

— *Eu deveria ter dito, nenhum homem pode te dar um, a menos que já saiba como alcançá-lo sozinha.*

— *Isso não faz sentido.*

— *O que quero dizer é que há pouca chance de um homem ser capaz de fazê-la se sentir assim se não souber por si mesma como é antes. Como saberá se está quase lá? É como pedir a alguém direções para Versalhes e depois não saber como procurar um castelo enorme, quando chegar lá. Estou fazendo algum sentido?*

— *Na verdade, não. — disse a amiga.*

Sabine balançou a cabeça, em concordância silenciosa.

— *Ótimo. Então deixe-me dizer uma coisa. Existem inúmeras maneiras de obter prazer na cama. Claude colocou a mão ali, entre suas pernas? Ou a boca?*

A amiga deu um suspiro scandalizado. — O que? Não! Ele meio que caiu em cima de mim e me esmagou e empurrou sua ... sua coisa dentro de mim e ... doeu. E então ele se moveu um pouco e então ele ficou todo rígido, e então ele rolou e adormeceu. Ele bebeu muito na recepção do casamento.

Clara bufou. — Que idiota. Mas nem tudo está perdido, querida. As coisas só podem melhorar a partir de agora. Mas depende de você. Deve assumir a responsabilidade por sua própria diversão. Deve descobrir do que gosta e aprender como obter essa sensação por conta própria e, em seguida, treinar Claude para fazer essas coisas por você. Deixe-me dizer o que fazer...

Pela meia hora seguinte, Sabine ouviu, em êxtase, enquanto sua educação em anatomia feminina aumentava exponencialmente. Lá, aos pés de

pedra de Hércules, ou Aquiles, ou Perseu, aprendeu que um homem pode dar prazer a uma mulher, colocando a mão entre as pernas dela e beijando-a ali.

Também deduziu que uma mulher pode encontrar seu próprio prazer, com os dedos, mesmo sem um homem. O próprio pensamento fez sua pele enrubescer e seu estômago se contrair. Poderia encontrar seu próprio prazer? Deixou o museu em uma espécie de torpor.

A primeira vez que ela foi corajosa o suficiente para tentar, sozinha em seu minúsculo quarto escuro do sótão, ficou surpresa com o que descobriu. Com apenas um toque, ela podia se arrepiar e latejar, ofegar e explodir. Foi uma revelação. Se essa era a sensação que as mulheres tinham ao se deitar com os homens - esse brilho maravilhoso, quente e sem fôlego de plenitude - então estava claro porque o faziam, e continuavam fazendo isso. Mesmo com o homem errado.

Os ruídos que ouvia, emanando do quarto de Anton, de repente, assumiram um significado totalmente novo. Anton nunca teve falta de companhia feminina. As paredes da gráfica eram tão finas que ela, frequentemente, recorria a cobrir a cabeça com um travesseiro, para abafar os sons do amor entusiástico vindo de seu quarto. Ele tinha uma mulher diferente a cada mês - e nenhuma delas parecia capaz de ficar quieta.

Sabine sabia o que seu corpo podia sentir. Mas até conhecer Richard Hampden, nunca sentira o menor desejo de tentar com um homem. Recentemente, no entanto, passou uma quantidade excessiva de tempo se perguntando como o corpo dele seria contra o dela. Seus pequenos contratempos no jardim resolveram essa questão de uma vez por todas: absolutamente maravilhoso.

Agora se perguntava como seria ter algo diferente dos seus próprios dedos familiares entre as pernas. Seus dedos, por exemplo. A boca dele? O próprio pensamento a deixou tonta. Sabine deu um soco no travesseiro.

Por volta da meia-noite, decidiu, simplesmente, fingir que o beijo nunca aconteceu. Foi um momento de loucura que nunca mais se repetiria. Tinha Anton para pensar. Não havia tempo para brincar com Hampden. De agora em diante, ela se concentraria no trabalho que tinha pela frente.

Mmm. Mãos, sussurrou sua mente perversa, mãos maravilhosas, hábeis e talentosas...

Sabine fechou os olhos e se obrigou a dormir.

Quando Sabine entrou na sala de café, na manhã seguinte, foi saudada por uma verdadeira floricultura. Pelo menos sete ou oito ramos decoravam as mesas e a lareira, e o cheiro era quase insuportável.

— *Dieu!* O que é tudo isso?

Hodges, que a seguira desde o vestíbulo, deu-lhe um sorriso de congratulação.

— Para a senhora. Sua senhoria as enviou da porta ao lado. Coloquei o cartão relevante com cada uma.

Sabine pegou a mais próxima e leu em voz alta: “*Encantado por tê-la conhecido. Lorde Hughes Ball Hughes.*” — Ela ergueu os olhos para Hodges, espantada.

— Bondade.

— Parece que a senhora tem uma jangada inteira de admiradores. — Hodges sorriu.

Examinou o próximo buquê e deixou escapar um som de irritação.

— Alguém tirou os espinhos dessas rosas!

Hampden escolheu aquele momento para entrar no salão, parecendo tão elegante como de costume.

— Sinto desaprovação. O que está te deixando tão zangada esta manhã? Seu coração saltou ao vê-lo, mas ela franziu o nariz.

— Uma rosa sem espinhos não é realmente uma rosa.

Aqueles lábios perfeitos se curvaram.

— Shakespeare não disse que *'uma rosa com qualquer outro nome teria o mesmo cheiro doce'*? O que isso importa? São mais fáceis de lidar dessa forma.

— É importante porque alterou o que era para ser. — Sabine disse. — Deixaram a rosa indefesa. — corou ao perceber o quão estúpido isso soava. Nem tinha certeza de que ainda estava falando sobre a rosa. Estava tão abalada com o beijo da noite anterior que mal conseguia olhar para ele. Seu corpo inteiro era uma massa fervente de confusão.

Ele arrancou uma haste lilás de um vaso próximo e cheirou.

— Entendo seu ponto. Talvez a verdadeira razão pela qual apreciemos rosas não seja porque cheiram bem, mas também porque são tão difíceis de agarrar. A sensação de realização quando as domesticamos é ainda maior.

A expressão dele era branda, mas ela tinha a sensação de que estava rindo dela. Fera. Ela encolheu os ombros.

— Flor cortada me deixa triste. Desaparecem tão cedo. O homem que realmente me ama vai me plantar um jardim, não me dar um buquê.

— Terei isso em mente. — disse ele. — Acredito que pode se divertir hoje. Tenho uma reunião com Castlereagh, para finalizar o plano para capturar os conspiradores amanhã.

Ela assentiu para ele se afastar.

— É claro. Pensei em voltar ao museu.

Ele balançou sua cabeça. — Hoje não.

Suas sobranceiras - e seu temperamento - se elevaram.

— Por que não?

— Porque não estou livre para acompanhá-la e mantê-la longe de travessuras.

Sabine fez uma careta. — Bom. Nesse caso, vou fazer uso da biblioteca daqui. Desde que seja permitido — acrescentou, incisivamente.

Ele assentiu. — Vai ficar bem. Vejo-a mais tarde.

Assim que ouviu a porta da frente fechar atrás dele, Sabine entrou na biblioteca. Homem irritante! Honestamente achava que ela faria o que ele mandou? Uma rápida pesquisa nas prateleiras revelou o que ela procurava: *The London Directory and Register* — contendo os nomes, residência e ocupação dos cidadãos etc. Folheou as seções de Bond Street e St. James's, retirou um grosso maço de papel da mesa e começou a escrever.

Um sorriso malicioso pairou em seus lábios. Lorde Lovell estava prestes a fazer algumas compras espetaculares.

Escreveu quinze cartas ao todo e as amarrou com um pedaço de fita. Não adiantava tentar entregá-las aos criados — Hampden, sem dúvida, deixara ordens para confiscar sua correspondência. Então, abriu a janela de guilhotina e assobiou para um dos garotos varredores, que vagavam pela esquina. Felizmente, não era o pequeno aliado de Hampden, Will Ambrose. O rapaz se aproximou furtivamente enquanto ela o chamava para frente, parecendo desconfiado.

— Gostaria de ganhar um xelim? — perguntou.

O rostinho esquelético do menino se iluminou de alegria. — Sim, senhora.

— Só tem que entregar essas cartas. Mas deve ser imediatamente. Pode fazê-lo?

O rapaz assentiu ansiosamente. — Claro, madame.

Ela jogou o maço de cartas para ele.

— Terei seu pagamento esperando quando voltar.

Uma risada alegre borbulhou dentro dela quando ele saiu correndo. As notas foram feitas para uma variedade de comerciantes diferentes e, embora os itens que solicitou variassem muito, todas as cartas tinham especificado o mesmo tempo para entrega. O estimado Lorde Lovell os solicitou precisamente às duas horas daquela tarde.

Agora tudo o que precisava fazer era esperar.

Tinha acabado de ler uma cópia particularmente boa dos *Contos de Canterbury de Chaucer* quando Hodges apareceu na porta.

— Tem uma visita, madame

Sabine se endireitou. — Um cavalheiro francês. — Hodges acrescentou. — Coloquei-o no salão azul.

Seu coração despencou, mas ela colou um sorriso sereno no rosto. — Obrigada, Hodges.

Iria estrangular Anton. Por que, diabos, ele se arriscaria a vir aqui agora? Especialmente porque já combinaram de se encontrar, mais tarde, no parque. Graças a Deus, Hampden já havia partido.

Sabine entrou no salão preparada para dar-lhe uma boa repreensão, mas parou repentinamente quando percebeu que não era Anton se curvando sobre um de seus buquês. Era o general Jean Malet.

Merde.

Malet se endireitou e sua expressão era nitidamente desagradável. O estômago de Sabine se revirou, mas ela exibiu uma expressão de indignação educada.

— Bom dia, senhor. — fez uma bela cortesia.

O sorriso de Malet foi assustador.

— Vamos dispensar as sutilezas. — disse ele, em francês.

— Sabia que te reconhecia ontem à noite, mas simplesmente não conseguia identificá-la. E então me ocorreu: é a garota do Carnaud.

Sabine treinou seu rosto para mostrar uma leve surpresa.

— Não sei o que quer dizer, monsieur. Receio que esteja enganado.

As sobrancelhas do general baixaram.

— Não brinque comigo, garota. Não sei como consegui entrar na casa de Lovell, mas sei quem é. É amiga de Anton Carnaud. O que significa que é amiga de Philippe Lacorte. — Seus olhos brilharam de triunfo. — Ah, sim, sei que o Carnaud é o Lacorte. Ele pensou em esconder de mim, mas ninguém engana Jean Malet por muito tempo. — Seus lábios se apertaram sob o bigode eriçado. — Eu o segui desde Paris, sabe. Falei com alguns de seus antigos contatos, descobri que ele usou um passaporte falso para vir para a Inglaterra, sob o nome de Christian Lambert.

Arrancou uma margarida alta de um dos ramos de flores e girou o caule preguiçosamente entre os dedos.

— E ele não estava viajando sozinho. Não, estava com sua ‘irmã’ Marie. Era você.

As mãos de Sabine estavam úmidas, mas ela ergueu as sobrancelhas como Hampden fazia quando queria expressar uma incredulidade refinada.

— Repito, senhor, está enganado. O que diz é uma fantasia. Nunca conheci esse Monsieur Carnaud. Ou esse Lacorte de quem fala.

O sorriso de Malet teria feito uma cobra recuar.

— Eh... *bien*. Se é assim que quer jogar. Mas deve passar uma mensagem ao seu amigo. Ele tem meu dinheiro e eu o recuperarei. Eu o localizei aqui. Vou rastreá-lo onde quer que vá até que ele devolva o que é meu. Se não o fizer, bem... — A margarida partiu-se ao meio, sob a pressão do seu polegar e Malet mostrou os dentes em forma de sorriso. Deu um pulo fingido de consternação.

— Que descuido da minha parte. Vou ficar no Grillon. Diga a Lacorte

que ele tem dez dias para devolver meu dinheiro, ou vou enterrá-lo. — Curvou-se.

— Sei onde está agora. Não pense que a posição elevada de Lovell irá protegê-la, se Lacorte não cumprir. Bom dia, senhora.

Um arrepio percorreu sua espinha, mas ela apenas inclinou a cabeça, quando Malet passou por ela. Vagamente ouviu Hodges abrir a porta da frente enquanto ela afundava em uma cadeira próxima. Seu estômago embrulhou. *Merde, merde, merde.* Havião subestimado Malet seriamente.

Sabine pressionou a mão na barriga e respirou fundo. Oh Deus. Qual de seus amigos ele havia ameaçado em Paris, para extrair as informações sobre os passaportes? Esperava que estivessem bem.

Teria que contar a Anton sobre este novo e indesejável desenvolvimento, esta tarde. Não havia dúvida de que devolveriam o dinheiro a Malet, é claro, mas agora, era ainda mais imperativo para Anton deixar a Inglaterra o mais rápido possível.

CAPÍTULO 39

Sabine ficou tão perturbada com a visita de Malet que quase eram duas horas e ainda não estava pronta. Faltando cinco minutos para o horário, ouviu o clamor crescente na rua lá fora e seu humor se iluminou. Empurrou o vidro da janela do quarto, inclinou-se para fora e deu um suspiro de prazer.

Ah, doce caos.

A Upper Brook Street estava tão lotada quanto a Place Vendôme, antes de uma execução. Quinze comerciantes variados, todos tentando fazer entregas no mesmo endereço ao mesmo tempo, criaram um emaranhado de tráfego de proporções épicas. A estrada estava cheia de mercadores confusos, se acotovelando, todos desesperados para não irritar seu nobre cliente com o atraso.

As caixas de vinho e a enorme cesta de mantimentos que ela pediu aos Srs. Fortnum e Mason estavam visíveis, na parte de trás do carrinho mais próximo. O condutor tentava passar por um segundo carrinho, pintado por J. Broadwood, contendo um lindo piano novo. Sabine não tinha ideia se Hampden tocava piano, mas notara que o salão de baile precisava desesperadamente de um instrumento, quando estavam esgrimindo outro dia.

O carrinho do viveiro foi imediatamente reconhecível pelas dezesseis laranjeiras grandes projetando-se das laterais. Dois homens de avental — possivelmente os açougueiros de quem havia pedido um grande pernil de veado — estavam tentando fazer sua égua agitada recuar, para permitir que outros representantes, carregando uma variedade de caixas, chegassem à porta da frente.

Sabine deu uma risadinha. Sem dúvida, essas eram as botas de Hoby e a nova jaqueta superfina que encomendou de Weston. Lorde Lovell comprava apenas dos melhores.

Dois aprendizes corpulentos lutavam para descarregar um belo relógio de caixa longa, atrapalhados por vários cães, que se lançavam entre as pernas dos cavalos e latiam animadamente. Quase tropeçaram em um jovem carregando um pacote embrulhado em papel, que Sabine deduziu ser o pequeno, mas requintado, desenho de Raphael que vira na janela de uma galeria na Bond Street no caminho para casa depois do museu. Ficaria lindo em frente ao Rembrandt.

Sentiu uma breve pontada de culpa por gastar tanto do dinheiro de Hampden e a esmagou brutalmente. Ele podia pagar, e isso era merecido por tentar mantê-la sob prisão domiciliar.

A aldrava da porta da frente batia sem parar. Sabine desceu as escadas e encontrou um Hodges incomodado, dirigindo os viveiristas para o jardim dos fundos. Ela se pressionou contra a parede, para abrir espaço para mais dois meninos, carregando rolos cilíndricos de tecido para estofamento — todos em tons deliciosamente femininos de rosa claro e lavanda. Sabine bufou. Só Deus

sabia o que Hampden faria com eles. Adoraria vê-lo redecorar seu quarto senhorial em rosa pastel.

Com o resto dos servos correndo de um lado para o outro, lidando com o fluxo interminável de compras, foi fácil escapar. Usando o emaranhado de carrinhos como cobertura, ziguezagueou por entre a multidão e chamou um coche de aluguel na esquina da Park Lane.

— Museu Britânico, por favor. — disse alegremente.

— Certo, senhorita. — O condutor inclinou a cabeça, em direção ao caos atrás dela. — Que confusão dos infernos está acontecendo aí? Com o perdão. — acrescentou como uma reflexão tardia por sua linguagem pouco cavalheiresca.

Sabine encolheu os ombros inocentemente. — Não tenho a menor ideia.

Demorou apenas dez minutos para chegar ao Museu Britânico, e nenhum tempo para recuperar sua bolsa de material de artista. — disse ao condutor para esperar por ela, e, na viagem de volta, a deixou em Hyde Park Corner. O relógio da igreja bateu duas e meia, assim que ela entrou no parque, pelos altos portões de ferro forjado. No momento ideal.

Sabine respirou fundo, feliz por estar ao ar livre. Era mais fácil pensar com os tons pacíficos de verde ao seu redor. Passou pelo local que antes abrigava a infame forca, agora comemorada por uma pequena placa redonda, e estremeceu. Sem dúvida, penduraram falsificadores naquela forca assassina, bem como salteadores e ladrões.

A essa hora quase não havia ninguém por perto, apenas algumas enfermeiras apressadas, perseguindo seus pequenos pupilos, que, por sua vez, perseguiam os infelizes patos. Anton estava esperando por ela ao longo de um dos caminhos arborizados. Seus ferimentos pareciam ainda mais alarmantes à luz do dia: um arco-íris grotesco de tons, variando de amarelo ictérico à ameixa profundamente machucada. A aparência dele não era nada boa, um efeito aumentado pelo chapéu que usava puxado para baixo sobre a testa, para tentar disfarçar o pior de tudo.

— Encontrei um barco indo para Boston. — disse como forma de saudação.

Sabine retribuiu o abraço amigável e puxou-o para fora do caminho, entre um grupo de árvores.

— A *Black Ball Line* tem um brigue, o Falcon, comandado pelo Capitão Lewis, partindo no dia 8 de maio, das docas de *Pool of London*. Custa cinco libras e leva cerca de trinta dias, dependendo do clima.

Sabine franziu a testa.

— Isso é daqui a doze dias. Precisa estar nele. — contou a ele sobre a visita inesperada de Malet e seu ultimato.

Anton franziu os lábios.

— O velho astuto bastardo. Nunca pensei que tivesse inteligência para nos seguir até aqui.

Sabine vasculhou sua bolsa, em busca da caixa cheia de dinheiro.

— Aqui, pegue.

— Não preciso de tudo. Tem que guardar um pouco para si. — Anton contou cuidadosamente metade do dinheiro e lhe devolveu. Dobrou suas quinhentas libras dentro do colete.

Sabine assentiu. Estava disposta a deixá-lo levar tudo, mas o que ele disse fazia sentido. Não teria nada com que recorrer, até que Richard pagasse de outra forma. Odiava o fato de que estavam sendo forçados a usar o dinheiro falso, mas havia pouca esperança de que Hampden lhe pagasse um adiantamento e Anton não podia esperar até que seu acordo com ele fosse feito. Cada momento que ficava em Londres aumentava as chances de ser descoberto por Malet.

Sabine estudou o perfil de Anton à luz do sol salpicada. Mesmo maltratado e machucado, era bonito. Foi seu melhor amigo por mais da metade de sua vida. Piscou para conter a ardência das lágrimas.

— Não sei o que vou fazer sem que esteja comigo — disse, desolada.

Ele colocou o braço em volta dos ombros dela e ela se lembrou da primeira vez que se conheceram, no Louvre. Tinha dez anos, Anton treze, e os dois foram deixados para desenhar a mesma estátua clássica, enquanto seus pais discutiam uma pintura recém-adquirida em um dos escritórios. Anton comentou ironicamente que o desenho dela era melhor do que o dele. Então a ensinou como assobiar. Foi o início de uma bela amizade.

Sabine engoliu o aperto doloroso em sua garganta. Anton a salvou do menino do açougueiro, naquela noite no beco, e a protegeu de muitas outras maneiras também. Eles estiveram juntos, cuidando um do outro, por oito longos anos.

Anton soltou um suspiro profundo. — Sempre pode vir comigo, sabe. — abaixou o queixo ao ver a expressão dela. — Forjar uma nova vida nas colônias? É uma terra de oportunidades para pessoas como nós. Pense nisso, Sabine. Podemos começar de novo, ser quem quisermos.

Sabine balançou a cabeça com tristeza.

— Não. Ainda tenho coisas para fazer em Paris. Sabe disso. E, além disso — disse ela — dei minha palavra a Hampden de que trabalharia para ele por um mês inteiro. Ainda tenho três semanas restantes.

Anton deu um de seus ombros patenteados, usando os dois ombros para um efeito dramático completo. — Bah. O que ele pode fazer se simplesmente desaparecer? Ele não terá a menor ideia de para onde foi. Você também precisa se afastar de Malet. Se eu sair do país, quem vai te proteger dele, hein?

Sabine fez uma cara de brava. Havia discutido o futuro longamente, na vinda de Paris. Lidar com Malet seria desagradável, certamente, mas ela conseguiria. Se, ao menos, não sentisse como se todos que ela ama a estivessem abandonando. Não era culpa de Anton, é claro, mas não conseguia evitar a onda de desespero que a invadiu.

Ele merecia encontrar a felicidade. Ela sempre suspeitara que uma das razões pelas quais nunca se estabeleceu em Paris era porque não queria deixá-

la. Levava a sério suas responsabilidades, como seu irmão adotivo, e ela não desejava ser-lhe um. Ele precisava de sua liberdade, e por mais que doesse vê-lo partir, não tinha vontade de acompanhá-lo. Em três semanas, estaria voltando para Paris, com suas dez mil libras, mantendo a promessa que fizera à memória de seu pai.

Anton deu-lhe um olhar enganosamente inocente. — Claro que não é porque quer ficar com o Hampden?

Sabine bateu no braço dele com a bolsa. — Claro que não! Só o estou usando pelo dinheiro.

Anton bagunçou seu cabelo. — A vi com ele no jardim, *chérie*. Isso não parecia muito com o trabalho. — balançou a cabeça, fingindo estar escandalizado. — *Oh la la!*

O calor passou por seu rosto. — *Dieu!* Estava nos espionando? Seu perverso!

Anton riu. — Só por um momento. Queria ter certeza de que ele não iria lhe machucar. Mas ele a beijou. Ou melhor, você o beijou — soltou um assobio longo e baixo. — Meu Deus, Sabine, esse homem a quer! Eu podia sentir meu cabelo ondulando com o calor!

Por mais envergonhada que estivesse por Anton ter testemunhado o beijo, Sabine também estava estranhamente satisfeita por ele ter confirmado o desejo de Richard por ela. Não estava imaginando isso.

— Tenha cuidado com ele, pequenina. — Anton avisou, sua voz repentinamente rouca. Deu tapinhas no queixo dela. — Hampden não é um homem acostumado a ouvir '*não*'. Se ele quer algo, consegue. Apenas certifique-se de saber o que está fazendo, certo? Está brincando com fogo e não quero vê-la se queimar.

Não queria discutir Hampden com Anton. O relógio bateu quinze para as três.

— Tenho que ir. Já estou longe de casa há muito tempo. — seus lábios se curvaram. — Eu deveria estar me preparando para o passeio de amanhã — contou-lhe brevemente sobre os conspiradores ingleses e a carta do imperador que ela havia escrito para Hampden.

As sobrancelhas de Anton se juntaram.

— Estes são homens perigosos com quem está lidando, Sabine. Tem certeza de que Hampden pode protegê-la?

Sabine se lembrou da maneira como ele lutou no salão de baile. — Sim — disse. — Ele pode. Mas não será apenas ele. Vários de seus homens também estarão lá. Assim que os conspiradores aceitarem minha oferta, vão prendê-los.

— Tome cuidado. — Anton deu-lhe outro abraço rápido e beijou o topo de seus cabelos. — Isso é um adeus? — disse, suavemente.

Sabine recuou. — Não. Irei para as docas para ver seu barco partir — sorriu severamente. — Mesmo se eu tiver que deixar Hampden inconsciente e amarrá-lo, estarei lá — deu um soco de brincadeira no braço de Anton.

— Tente não ser espancado e roubado de novo, por favor. Isso significa manter um perfil baixo, nada de seduzir mulheres ou resgatar donzelas em perigo. E gaste apenas o quanto precisa.

Anton assentiu obedientemente. — Sim, mamãe. — provocou.

Alcançaram a saída leste do parque. Anton olhou para o outro lado da estrada em Upper Brook Street.

— Teve uma grande comoção lá antes. Seu trabalho?

Sabine assentiu com orgulho.

— Tudo meu. Sabia que praticar a assinatura de Hampden seria útil. — mordeu o lábio. — Vai ficar furioso quando descobrir o que fiz. Vai me proteger ainda mais de agora em diante. Não tenho certeza de como vou encontrá-lo no cais, mas vou pensar em algo. Um atestado médico, uma convocação urgente de seu banqueiro...

— Boa sorte. — Anton riu, e desapareceu entre as árvores.

Com um suspiro, Sabine começou a voltar para a casa. Não estava ansiosa para o confronto inevitável com o irascível Lorde Lovell.

— Há um menino querendo vê-lo, senhor.

Richard ergueu os olhos do jornal, com uma careta de irritação. Fora ao White's para uma hora de leitura ininterrupta - uma façanha impossível em sua própria casa, devido a uma certa irresistível francesa. Mesmo quando ela não estava, fisicamente, assombrando sua biblioteca, sentia a presença dela, em algum lugar da casa, chamando-o, encorajando-o a parar de ler e começar a fazer outras coisas.

— Boa tarde, chefe.

O rosto atrevido de Will Ambrose apareceu em torno do corpo corpulento do porteiro. Richard dispensou o homem com um assentimento e Will ocupou o assento vazio em frente. Olhou ao redor da sala opulenta com interesse.

— Não achei que me deixariam entrar aqui. Mas o seu nome abre portas.

— Nem pense em roubar nada. — Richard deu um sorriso irônico. — Então o que o traz aqui, patife?

— Muita coisa. — Will sorriu. — Apenas achei que o senhor pudesse se interessar em saber que aquela sua senhora passou a tarde no parque. Com um homem... — adicionou presunçosamente.

Richard abaixou seu jornal.

— Qual homem?

— Não o reconheci. — Will encolheu os ombros.

— E eles estavam longe demais para eu ouvir qualquer coisa.

— Como ele era?

O nariz de Will enrugou.

— Suponho que se eu fosse uma menina, acharia ele bonito. Cabelo escuro, figura alegre, ombros largos. Alto — não muito diferente do senhor, chefe. — acrescentou descaradamente.

— Difícil de ver o rosto dele, devido ele estar de chapéu, mas parecia que o sujeito tinha levado uma bruta surra. Todo inchado até o pescoço.

— E o que fizeram? — Richard perguntou severamente.

— Ela tirou da bolsa. Papel. Parecia dinheiro. Conversaram um pouco, depois seguiram caminhos separados.

— Eles se abraçaram?

— Quer dizer, se beijou? — Will balançou a cabeça negativamente. — Não. Deram uns abraços algumas vezes, mas nenhum tipo de beijo. — levantou-se e puxou para baixo a frente do colete desalinhado, com ar de importância. — De qualquer forma, achei que o senhor gostaria de saber.

— Obrigado, Will. — Richard disse severamente. Enfiou a mão no colete e jogou um xelim para o menino, que Will pegou no ar e embolsou em um piscar de olhos. — Estava certo. O paradeiro daquela mulher é de grande

interesse para mim, de fato.

Quando Will saiu, Richard olhou melancolicamente para o fogo, então olhou para o relógio na lareira. Quatro da tarde era muito cedo para começar a beber? Provavelmente.

Atribuiu a repentina turbulência em seu intestino à fome, não ao ciúme. O que ela estava fazendo? Não disse a ela para ficar em casa? Quem ela tinha conhecido?

Não confiava nela estando além da distância que conseguia acertar um tiro.

Isso era apenas uma frase, é claro, mas seu cérebro diabólico começou a imaginá-la literalmente. Para jogá-la, teria que envolver as mãos em sua cintura fina, passar os dedos sob suas costelas e levantá-la. Não iria querer machucá-la, o que significava que ele teria que jogá-la em algo macio, como um sofá. Ou uma cama.

Richard balançou a cabeça para desalojar o caleidoscópio de imagens eróticas que, naturalmente, se seguiram àquele evento imaginário. Acenou para um lacaios. Quatro horas que se danem; precisava de um conhaque. E então voltaria para casa, para descobrir exatamente que jogo a pequena Senhorita Falsificação estava jogando.



O destino sorriu para Sabine. Cook estava tão preocupado em lidar com o conteúdo da cesta de piquenique, que mal olhou para Sabine, quando entrou pela porta da cozinha.

— Parece que temos bastante comida. — Sabine disse inocentemente enquanto se dirigia para a escada de serviço. — Poderia mandar uma bandeja para os meus aposentos, por favor? Acho que vou comer lá esta noite.

Cook sorriu.

— Claro, senhora. — ergueu dois pacotes embrulhados em musselina.

— A senhora pode comer alguns desses adoráveis ovos escoceses e um bom pedaço de queijo. Vou mandar uma garrafa deste novo clarete também. — indicou um caixote de madeira recém-aberto no chão.

— Isso parece adorável, obrigada.

Um grito agudo vindo do corredor acima deles quase fez Sabine largar sua bolsa de ferramentas de desenho — até que ela se lembrou do papagaio. Sufocou uma risada. Oh sim. Hampden iria adorar essa compra.

Encontrou Hodges supervisionando dois lacaios, carregando uma grande gaiola de metal abobadada, o habitante da qual era um belo papagaio cinza, com uma cauda rosa coral e manchas brancas ao redor de cada um de seus olhos redondos. Argos pulava animadamente ao redor deles, oferecendo latidos e rosnados variados e geralmente atrapalhando.

— Devia estar bêbado. — o primeiro lacaios murmurou.

Hodges lançou ao jovem uma carranca de desaprovação. — Tenho certeza de que sua senhoria não é assim, Henry.

O pássaro soltou um grito ensurdecedor e então, com toda a clareza, disse:

— Caíam, rapazes. Pronto! Bebida forte!

As sobranceiras de Hodges se ergueram em direção à linha do cabelo.

O papagaio mordeu as barras de arame, bateu as asas e acrescentou com voz jovial e estrondosa: — Suba a bordo, senhor! Venha a bordo.

Um dos lacaios riu de espanto.

— Seu lambedor de barco com cabeça de boi! — grasnou o pássaro.

Hodges ofegou. Os lacaios riram de alegria.

— Esse pássaro deve ir direto para os aposentos de sua senhoria. — Sabine disse decisivamente. — Lembro-me claramente de Lorde Lovell dizendo que o queria em sua suíte. Como companheiro.

Ela escapou escada acima, para esconder suas risadas.

Uma vez em seu quarto, Sabine olhou ao redor, em busca de um lugar para esconder seu dinheiro. Depois de muito pensar, se ajoelhou na frente da lareira e empurrou-a pelo poço da chaminé. Ele se alojou no comprimento de um braço, onde a chaminé se inclinou para trás em uma pequena prateleira inclinada.

Houve um momento tenso, quando Josie entrou com a bandeja de chá e percebeu a confusão de fuligem que Sabine havia espalhado no tapete, mas Sabine a despistou com uma história sobre pássaros que ouviam na chaminé e implorou que ela não acendesse nenhum fogo, até que tivesse sido varrida por um limpador de chaminés.

CAPÍTULO 41

Com toda certeza era demais esperar que Hampden não tivesse algo a dizer sobre as atividades da tarde. Sabine tinha acabado de terminar o jantar e se serviu de uma segunda taça do saboroso Bordeaux, quando a porta de seu quarto se abriu.

Deu a Hampden um sorriso de boas-vindas.

— Boa noite, milorde. Aceita um copo de clarete?

Ele fechou a porta atrás de si com um clique controlado e estreitou os olhos.

— Não, não gostaria de um copo de clarete. — disse. Ergueu um maço do que ela supôs ser as contas das compras que havia feito.

— Gostaria que explicasse por que agora sou o orgulhoso dono de dois pares de botas novas, uma dúzia de laranjeiras e... — consultou as notas fiscais ... — um piano de pau-rosa? — sua voz estava perigosamente calma. — Eu não toco piano, senhorita de la Tour.

— Sua futura esposa sim. — Sabine disse razoavelmente.

Ele ignorou aquela pequena provocação e folheou as páginas variadas, lendo em voz alta.

— Uma folha de desenhos eróticos da Orme & Co., Old Bond Street?

— Melhorias na sua biblioteca, — Sabine disse — As prateleiras de cima pareciam um pouco vazias.

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

— Uma grande encomenda de chá de folhas soltas da Bennet & Tolson, comerciantes de chá?

— Se eu precisar envelhecer mais alguns documentos.

— Um relógio de ouro maciço de Francis Perigal, relojoeiro de Sua Majestade.

— Não quero que se atrase para todas aquelas festas e jogos que tanto gosta. — deu um sorriso inocente para ele. — As garotas ficariam arrasadas.

— Um conjunto de pistolas de duelo, com estojo de mogno de Charles Grierson. — ergueu os olhos, parecendo extremamente tentado a usá-los nela. — Já tenho um conjunto perfeitamente bom de pistolas da Manton.

Sabine encolheu os ombros.

— Achei que precisasse de um par sobressalente. Mas eu os terei, se não os quiser. Soam muito melhores do que minha pequena pistola de bolso. — deu-lhe um olhar brando, mas por dentro tremia de tanto rir.

Um grito alto e de reprovação ecoou nas salas adjacentes. Hampden fechou os olhos como se sentisse uma dor aguda.

— E o papagaio? — Indagou suavemente, mas com uma ameaça distinta. — Se Importaria em explicar o papagaio? Um pássaro que parece ter sido trazido dos trópicos, na companhia de um bando de marinheiros desbocados e cujo vocabulário consiste em pouco mais do que instruções

marítimas e palavras.

— *Me pega eu morto!* — gritou o papagaio, na hora certa.

Sabine mordeu o lábio.

— Achei que ia achar divertido.

— Apaguem! Seus desgraçados irritantes! — gritou o pássaro.

Ela ofereceu um prato, lutando para manter o rosto sério.

— Experimente um ovo escocês.

Um músculo pulsou na lateral da mandíbula de Hampden. Ele parecia um homem que ultrapassara os limites de sua resistência. Era uma visão maravilhosa. Sabine só podia rezar para que ele cedesse. Queria muito vê-lo perder sua proverbial calma. Infelizmente, porém, ele respirou fundo e pareceu recuperar o controle.

— Falsificou minha assinatura — disse ele calmamente. — Comprou essas coisas fingindo ser eu. Por quê?

O que ela poderia dizer? “Para que eu pudesse escapar e encontrar meu amigo? Para que eu pudesse recuperar um pouco daquela fortuna falsa que tanto quer colocar em suas mãos?” Dificilmente. Encolheu os ombros descuidadamente.

— Estava entediada. As mulheres fazem compras quando estão entediadas.

Seus olhos âmbar se cravaram nos dela e seu coração batia descontroladamente contra suas costelas. Oh, estava gostando de provocar esse lobo imensamente. Estava meio assustada, meio animada. A qualquer segundo ele iria atacar. Tomou um gole de vinho fortificante.

— Eu estava apenas lhe ajudando a enganar a alta sociedade.

Uma sobranceira escura se ergueu. — Como assim?

— Essas são as compras de um homem que está montando uma casa. Talheres extras, copos, tecido para estofamento. Todas as evidências de uma intenção iminente de começar a entreter. Adiciona credibilidade à sua história de que está me cortejando, com o objetivo de se casar.

Ele não piscou. — O mobiliário desta casa deve ser deixado para minha verdadeira esposa, senhorita de la Tour. Não é sua prerrogativa. Está claro?

Sabine reprimiu uma carranca. *Idiota condescendente*. Alguém como ela nunca ocuparia essa posição elevada, evidentemente.

— Muito claro, vossa senhoria. — deu de ombros desamparadamente. — É que odeio ficar sentada o dia todo. Poderia pelo menos ter me dado algo para forjar, enquanto estava fora. Está me pagando dez mil libras, e tudo o que fiz até agora foi escrever uma carta de Napoleão e convencer aquele gordinho Skelton que sou Lacorte. Não está exatamente aproveitando seu investimento em mim.

Seus olhos se estreitaram, de uma forma que fez seu interior esquentar.

— Oh, pretendo fazer meu dinheiro valer a pena totalmente, Srta. De la Tour.

Ele cruzou a sala e ela ficou tensa em antecipação, mas ele apenas

afundou no assento em frente a ela com um suspiro. Ela sentiu um leve cheiro de conhaque e fumaça de lenha.

— Precisamos discutir o plano para nos encontrarmos com os conspiradores amanhã.

— Agora?

Ele olhou incisivamente para a cama e depois de volta para ela. Os cantos de sua boca se contraíram.

— Existe algo que prefere fazer?

Seu olhar permaneceu em sua boca e ela tentou banir todas as sugestões perversas que giravam em torno de seu cérebro. Engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Não. Claro que não. Vá em frente.

Ele assentiu e usou sua taça de vinho para se servir de uma generosa porção de clarete.

— Segundo minhas fontes, dois outros homens deverão estar na reunião amanhã, com Skelton.

Tomou um gole de vinho e grunhiu apreciativamente. Era uma boa coisa que tenha gostado; era um Château Palmer exorbitantemente caro e, a partir desta tarde, era o orgulhoso proprietário de três caixas daquelas “preciosidades.”

— Ambos ingleses. O primeiro é George Levy. Ele é *ex-marinha*, com uma queda por cerveja. Tem falado muito em tavernas há meses, criticando a maneira como nossos veteranos foram tratados após a guerra. Culpa nosso “*príncipe perdulário*” por desperdiçar dinheiro em cerimônias luxuosas, enquanto soldados feridos morrem de fome nas ruas.

Sabine ergueu as sobrancelhas.

— Dificilmente pode culpá-lo por isso.

Hampden assentiu.

— Não, não posso. Mas o que ele sugere, assassinar o príncipe e acabar com a família real por completo, não é a maneira de efetuar mudanças. — franziu a testa. — O segundo homem é John Maynard. Dono de uma loja de apostas em Spitalfields, organiza corridas de cavalos em todo o país. Distribui o produto dos bens roubados vendidos na loja de Skelton. Seu irmão foi morto em Waterloo, e ele está organizando protestos nas províncias, tentando incitar a agitação civil. Está tão ansioso para ver o governo cair quanto Levy. É por isso que tenho certeza de que concordará com a sugestão de usar suas falsificações.

Hampden tomou outro gole de vinho.

— Falando nisso, tem certeza de que não há como conseguir nem mesmo uma pequena quantia em sua moeda falsa? Prometeu a Skelton que pegaria uma amostra para ele.

Sabine nem mesmo olhou para a lareira.

— Já te disse, não tenho acesso. — Seu coração bateu forte com a mentira. Ela teve certeza de que seu rosto ficou corado, mas Hampden pareceu

aceitar sua palavra.

— Pena. Bem, só teremos que pegar algum dinheiro de verdade e esperar que eles não percebam a diferença. Devo ser capaz de engordar cerca de quinhentas libras. Desde que tenha deixado alguns fundos em minha conta depois de sua zelosa maratona de compras. — acrescentou incisivamente.

Sabine ignorou a zombaria e sorriu.

— Será uma mudança interessante, fazer passar dinheiro de verdade por falso.

Hampden terminou seu vinho e se levantou.

— Meus homens vão ficar parados na pousada e do outro lado da rua. Assim que os conspiradores se incriminarem, ao concordar em comprar suas falsificações, darei o sinal e eles invadirão e prenderão os três.

Sabine assentiu. — Tudo bem.

Olhou para ela por um longo momento, seu rosto ilegível.

— Mostra uma perna, seu mendigo! — guinchou o papagaio.

Hampden deu-lhe um olhar exasperado.

— Se me dá licença, devo estrangular aquela coisa. — ofereceu-lhe uma reverência formal. — Boa noite.



Na manhã seguinte, Richard despachou Sabine para visitar sua mãe e deslizou para o quarto dela.

De acordo com Will Ambrose, ela havia trocado algo com seu misterioso amigo no parque ontem e estava determinado a descobrir o que era. Não teria escolhido nenhum lugar óbvio para escondê-lo; era muito sorrateira para isso. Mesmo assim, procurou em sua caixa de tinta, gavetas, sob o colchão e atrás dos pequenos retratos de seus pais sobre a lareira.

Nada.

Estava no centro da sala, as mãos nos quadris, os lábios franzidos. Sua criada relatou ter varrido uma sujeira fuliginosa em frente à lareira. Disse que Sabine havia dado ordens explícitas para não acender uma fogueira, porque suspeitava que poderia haver um ninho de pássaro lá em cima.

Richard bufou. Ninho de pássaro, uma ova. Havia algo naquela chaminé, mas ele apostava que não era aviário. Ajoelhou-se em frente à lareira e espiou pela chaminé; estava escuro como breu. Tirou o paletó, arregaçou suas mangas e enfiou o braço na chaminé. Seus dedos tocaram um grande pacote de couro e ele riu de prazer.

Boa tentativa, pequena *Senhorita Falsificação*.

Com alguns movimentos criteriosos, o pacote foi liberado. Caiu e o atingiu na cabeça, mas sua irritação desapareceu quando abriu a bolsa de couro e descobriu a pequena caixa de charutos de madeira. Um sorriso dividiu seu rosto.

— Peguei!

Depois de uma tarde agradável com Therese e Heloise, Sabine tomou banho e se vestiu com a mesma roupa comum em que conheceu Skelton. Já estava quase anoitecendo quando desceu as escadas.

Richard reprisou o papel de seu primo bruto e burro, Jacob, e embelezou sua roupa com um sobretudo, cujos ombros encapados adicionavam ainda mais volume ao seu tamanho já intimidante.

Virou-se para ela com um sorriso conspiratório.

— Preparada?

— Suponho que sim.

Por um instante, compartilharam um olhar de perfeita cumplicidade; estavam juntos nisso, cúmplices do engano. As entranhas de Sabine aqueceram. Estava bem. Podia

não ter muito em comum com Richard, Lorde Lovell, mas este homem, este vagabundo malandro, oh, ela o conhecia. Seria fácil se apaixonar por um homem como ele.

Balançou a cabeça. Não. Ninguém estava se apaixonando por ninguém. Era apenas a emoção da perseguição que deixava suas emoções à flor da pele.

Passou por ele e entrou na carruagem indefinida, que esperava do lado de fora. Hampden se juntou a ela, colocando uma bolsa de couro no assento ao lado dele e dando tapinhas indulgentes. — Quinhentas libras de dinheiro falso.

Sabine gostaria de ter a capacidade de conjurar esse tipo de dinheiro com apenas algumas horas de antecedência.

Deu-lhe um olhar intenso e vagamente questionador.

— Nervosa?

Ela encolheu os ombros.

— Um pouco. Seria uma tola se não desconfiasse desses homens. — olhou pela janela, principalmente para evitar olhar para o peito dele naquela camisa fina, quase transparente.

— Gostaria que houvesse alguma forma de falsificar a coragem, mas as pessoas parecem ter ou não.

Ela saltou quando ele se inclinou e deu um aperto leve e reconfortante em seu braço.

— Sei que tem. — disse baixinho.

Era uma viagem relativamente curta até Haymarket. Os olhos de Sabine se arregalaram enquanto viajavam ao longo da rua larga e ela viu a multidão aglomerando-se do lado de fora dos vários teatros, cafés, tabernas e hotéis.

Os cartazes anunciavam o esqueleto de O'Brien, o Gigante Irlandês, mais diversas figuras de cera e o Weeks's Museum, contendo figuras - exibindo o espantoso poder dos mecanismos.

Passaram pelo Teatro Haymarket, com seu pórtico de pilares

estendendo-se da frente do prédio, iluminado por lanternas. Parecia estar apresentando “*A Tragédia de Coriolano*”, com o célebre Sr. Kemble como personagem-título.

Hampden bateu no teto da carruagem e quando o veículo parou, ajudou-a a descer na calçada lotada. Olhou ao redor, provavelmente para localizar os homens que ele ordenou que estivessem por perto quando seu sinal chegasse. Sabine esticou o pescoço, mas a multidão tornava impossível ver com quem ele estava se comunicando. Era um tumulto de barulho e sotaques, e tudo o que podia ver era um vendedor de pão de mel, de aparência desleixada e um trio de tortas superdimensionadas penduradas na esquina.

Hampden entregou-lhe a sacola cheia de dinheiro, pegou sua mão livre e conduziu-a em direção a um prédio, cuja placa oscilante proclamava ser o café *White Lion*.

O interior estava extremamente lotado. Sabine torceu o nariz com a forte explosão de corpos quentes e cerveja fraca que agrediu suas narinas. Serragem tinha sido espalhada no chão, para absorver a cerveja derramada - provavelmente sangue e cuspe também - mas seus sapatos ainda grudavam nas tábuas pegajosas. Uma nuvem de fumaça de tabaco pairava como uma névoa cinza entre as vigas de madeira expostas, e o ar estava cheio com o barulho de dados sacudidos em copos de estanho e gargalhadas roucas e bêbadas.

Era um domínio predominantemente masculino. Apenas algumas outras mulheres eram visíveis: uma garçonne de aparência desleixada com cabelo liso servindo os clientes e uma prostituta ruiva empoleirada no colo de um homem, seus seios derramando-se para fora do seu top. Sabine pressionou-se mais perto das costas de Hampden.

— Por aqui.

Skelton apareceu e Sabine respirou fundo. Seu colarinho estava úmido de suor e gotas de suor brilhavam em sua testa e nariz. Ele passou por Hampden e agarrou o braço dela.

— Vamos — disse, puxando-a para frente. — Temos um quarto lá em cima.

Hampden se colocou entre eles, quebrando o aperto de Skelton, e o homem recuou com um grunhido de desculpas.

— Obrigada, Jacob. — Sabine disse docemente. Virou-se para Skelton.

— Ele não gosta de me ver maltratada. Mostre o caminho, Sr. Skelton.

Skelton abriu caminho por entre a multidão e subiu um lance instável de escadas, na parte de trás da taverna. A madeira rangeu a cada passo. No topo, abriu uma porta do patamar e conduziu os dois para dentro.

Dois homens estavam sentados a uma mesa rústica de carvalho. Nenhum dos dois se levantou quando Sabine entrou na sala, mas ambos a olharam com um ar de desconfiança cautelosa. Deu-lhes seu sorriso mais caloroso.

— Esta é ela, — Skelton disse, à guisa de introdução — a falsificadora.

Ele assentiu com desdém para Richard.

— O seu homem pode esperar aí.

Sabine acenou com a cabeça e fez um movimento apontando em direção à janela. Hampden pegou sua deixa. Ele atravessou a sala e se posicionou no local, misturando-se discretamente nas sombras.

— Sim, por favor, ignore meu guarda-costas. — disse ela suavemente.

— Eu o mantenho por perto, porque ouvi que há homens desonestos por aqui.

Skelton bufou em diversão cínica e apresentou seus dois companheiros, George Levy e John Maynard. Hampden estava correto. Os homens acenaram, suas expressões fechadas.

— Levy estava na marinha, até que ficou inválido. — Skelton disse.

— Maynard é cambista.

Sabine assentiu.

— Um prazer, senhores. — puxou uma cadeira e sentou-se à mesa. Skelton sentou-se na quarta cadeira ao lado dela; a madeira gemeu em protesto.

— Vamos começar a trabalhar, certo? Tenho certeza de que o Sr. Skelton mencionou minha proposta, então, não vou fazer rodeios. Ouvi dizer que tem tanto desejo quanto eu de ver a moeda da Inglaterra enfraquecida e seu governo e monarquia envergonhados.

Levy ergueu as sobrancelhas, Maynard apenas grunhiu, mas nenhum dos dois negou abertamente, o que Sabine considerou um bom sinal. Recostou-se e se dirigiu a Maynard.

— Suas corridas de cavalos são o lugar perfeito para distribuir minha fortuna falsa.

— Sim. — disse ele lentamente.

— Mas primeiro quero ver. Skelton diz que é competente, mas eu quero ver por mim mesmo.

— Claro. — Sabine disse alegremente. Abriu a bolsa em seu colo.

— Prometi trazer uma pequena quantia para lhe mostrar, não prometi? — jogou um grosso maço de dinheiro na mesa.

— Se os senhores gostariam de inspecioná-lo, verão que esse dinheiro passa em todos os testes com louvor.

Claro que vai agradecer, ela pensou ironicamente. É dinheiro *real*.

Skelton puxou sua lupa de joalheiro e entregou-a a Maynard, que se curvou para estudar uma das notas.

— Bom, não é? — disse Skelton.

— A única maneira de saber que eles são falsos é por causa das iniciais P.L. escondido no canto. Olhe atentamente. Nas raízes.

Sabine mordeu o lábio em horror. Esqueceu que havia dito a Skelton sobre esse detalhe em particular.

— Não consigo ver nada. — Maynard resmungou.

Sabine lançou a Richard um olhar rápido e em pânico sobre a cabeça

inclinada de Maynard. Como, diabos, iria explicar a ausência de sua marca registrada?

E então, para seu espanto absoluto, Hampden enviou-lhe uma piscadela atrevida e um sorriso.

Sabine piscou. O engano deles estava prestes a ser exposto como uma fraude e aqui estava ele, piscando para ela? O homem estava louco.

— Ah, eu os vejo agora. — Maynard disse triunfante.

Sabine ficou imóvel. Certamente ele estava simplesmente fingindo ver as iniciais para salvar a cara? Não havia iniciais nas notas reais.

Suspeitando de repente, puxou a corrente em volta do pescoço, retirou sua própria lupa e se curvou sobre a nota mais próxima. Ficou rígida. Lá, escondidas nas raízes da árvore, estavam as iniciais P.L.

Fúria e descrença correram por suas veias. Isso não era dinheiro real. Era o dinheiro dela! Aquele porco sorrateiro e traiçoeiro deve ter revistado seu quarto e encontrado seu esconderijo!

Sabine respirou fundo e se amaldiçoou por ser tão estúpida a ponto de confiar naquele trapaceiro e mentiroso filho da... Não podia deixar sua raiva transparecer. Suavizou suas feições em um sorriso e se endireitou. Mas seus olhos se voltaram para Hampden, com um olhar que prometia retribuição. Retribuição extremamente dolorosa.

Ele lhe enviou um sorriso zombeteiro, que fez seu sangue ferver. Iria estrangular o desgraçado enganador - assim que eles saíssem dali. Primeiro, teria que se concentrar.

Maynard terminou sua leitura da nota e entregou a lupa a Levy. — Parece bom, admito. — Recostou-se na cadeira, enfiou os polegares no cós da calça e a observou com ar beligerante. — Então a verdadeira questão é: quanto essa fortuna vai nos custar?

Sentiu-se triunfante. Deu tudo certo

— Bem, a taxa atual para moeda falsa em Paris é cerca de um terço do valor de face, — disse confiante.

— Então eu deveria realmente estar pedindo cento e sessenta mil libras, em troca de meio milhão de falsificações.

Skelton fez um som de balbúcio inarticulado. As sobranceiras de Maynard se juntaram e Levy abriu a boca para discutir, mas Sabine levantou a mão e deu-lhes seu sorriso mais doce.

— Mas é claro que não sonharia em extorquir os senhores dessa maneira. Não quando sua causa é tão digna.

A sobranceira de Maynard se desfez um pouco.

— Tudo o que peço é um pequeno sinal de agradecimento, pelo meu tempo e habilidade inegável.

— Quanto? — Skelton rosnou. — Diga o seu preço, garota.

Sabine inclinou a cabeça.

— Digamos vinte mil libras, certo? Isso parece justo? Obtém os meios para protestar contra seu governo de forma mais eficaz e tenho a satisfação de

ver o plano de Napoleão implementado, além de uma pequena compensação por meus esforços. Então, temos um acordo?

Maynard olhou para Skelton e inclinou a cabeça para Levy.

— Vamos discutir isso, por um momento. — Os três se levantaram da mesa e foram conferenciar no canto da sala.

Enquanto discutiam em voz baixa, Sabine se levantou e se aproximou de Richard.

— Vou te matar, Richard Hampden — sibilou. — Como achou meu dinheiro?

Seu sorriso beatífico era irritante.

— Procurei no seu quarto, claro.

— Esse dinheiro não é seu!

— Não é seu também. — sussurrou.

— Eu preciso dele.

— Não, não precisa.

Os conspiradores voltaram para a mesa, então Sabine deu as costas para Richard e se juntou a eles.

Maynard estendeu a mão.

— Concordamos com seus termos. Como quer ser paga?

O coração de Sabine saltou, mas ela deu um sorriso irônico.

— Não em notas, garanto. São muito fáceis de falsificar. — Sorriu da própria piada. — Gostaria de joias. E estejam avisados - posso identificar um diamante falso com a mesma facilidade com que localizo uma nota falsa. Seu sócio sabe que isso é verdade, não é, Sr. Skelton?

Skelton resmungou.

— Sim.

Sabine apertou a mão estendida de Maynard.

— Nesse caso, temos um acordo. Quando e onde faremos a troca?

Sabine não conseguia ver Hampden de sua posição, mas ele certamente sinalizou para seus homens entrarem e fazerem as prisões. Ouviu a porta atrás dela abrir e ficou tensa, esperando que três ou quatro homens entrassem com as armas em punho, mas em vez disso, um homem que ela não reconheceu entrou na sala. Quando Maynard cumprimentou o recém-chegado com um aceno de boas-vindas, Sabine ficou ainda mais confusa.

— “*Timing*” perfeito, Toulin — Maynard disse com facilidade. Ele se voltou para ela.

— Permita-me apresentar o último membro da nossa alegre banda. — um compatriota francês, na verdade.

O estômago de Sabine despencou. O homem não parecia inglês. Sua pele era morena, quase amarelada, e ele tinha um rosto estreito e inteligente, com lábios finos sob um bigode fino.

— Este é Pierre Toulin. O Sr. Toulin teve alguma experiência em perturbar coisas em seu país nos últimos anos, não é, Toulin?

Um acorde de reconhecimento puxou a memória de Sabine. O nome

Toulin parecia familiar, mas ela tinha certeza de que nunca havia conhecido o homem antes.

O recém-chegado encolheu os ombros modestamente.

— Alguns protestos e motins organizados, só isso...

Seu olhar escuro pousou no rosto de Sabine e ela reprimiu uma sensação imediata de desconforto. Seus olhos vagaram sobre ela, quase como se ele estivesse catalogando cada parte dela para uma futura dissecação. Fez uma pequena reverência e pegou a mão dela. — É um prazer conhecer o infame Philippe Lacorte. É um crédito para nosso país, *madame*.

Seu sorriso era desconcertante. Esticou seus lábios, mas não atingiu seus olhos. Havia algo quase reptiliano nele; talvez fosse a maneira como parecia não piscar. Reteve os dedos de Sabine por uma fração mais do que necessária e ela recuou, inquieta. Sua palma estava suada, mas seus dedos estavam frios.

— Na verdade — disse Toulin suavemente — Agradeço a *Monsieur* Lacorte por minha presença aqui esta noite. Forneceu meus documentos de viagem, *madame*.

Ah. Agora ela se lembrava. Havia feito documentos falsos para Pierre Toulin alguns anos atrás. Seu estômago deu uma guinada de culpa. Era responsável por permitir que esse criminoso entrasse no país. Ainda assim, ele seria preso muito em breve.

Ela queria ir embora. A atmosfera espessa e enfumaçada estava fazendo com que se sentisse mal. Pelo canto do olho, podia ver que Richard havia se retirado para as sombras perto da janela e inclinado a cabeça para baixo, de forma que o chapéu quase cobriu seu rosto.

Sabine respirou fundo para se acalmar. Deve ter dado o sinal aos seus homens através da janela agora. Estariam aqui a qualquer minuto. Ela pigarreou e começou a recolher as anotações da mesa. Toulin observava seus movimentos com interesse.

—Onde gostaria de fazer a troca, senhor Maynard? — ela repetiu.

Por que os homens de Hampden não estavam invadindo e prendendo todos? Olhou para ele e o viu balançar a cabeça quase imperceptivelmente. O que isso significa?

Será aqui — disse Maynard. — Sexta-feira próxima, mesma hora.

Sabine assentiu.

— Excelente. Desejo-lhes boa noite, senhores. — fechou a bolsa de couro e se dirigiu para a porta —Vamos, Jacob.

Toulin estreitou os olhos quando Richard se mexeu no canto, e Sabine percebeu que Richard manteve a cabeça afastada enquanto a conduzia para fora da sala. Assim que voltaram ao corredor, pegou-a pelo braço e a conduziu escada abaixo e pela taberna lotada. Empurrou os corpos suados, puxando-a em seu rastro.

— Qual é a pressa? — Sabine perguntou ofegante.

Ele balançou a cabeça e puxou-a para a rua.

— Não posso explicar agora. Tem que ir. Imediatamente. Deu um

assobio estridente para chamar um coche e praticamente a enfiou dentro dele.

— O que? — exigiu, confusa, quando ele bateu a porta atrás dela. — Não vem também?

O rosto de Hampden estava sério.

— Vá para casa. Te vejo mais tarde.

Ele gritou o endereço para o condutor. Antes que Sabine pudesse protestar por seu comportamento arrogante, a carruagem partiu.

O que, diabos, estava acontecendo? Hampden pode não ter esperado aquele homem extra, Toulín, mas isso não explica por que abortou a missão. Os conspiradores concordaram em trair. Queria tirá-la em segurança do caminho, antes que seus homens invadissem o lugar?

O senso de gratidão de Sabine rapidamente se transformou em raiva quando percebeu que ele mantinha a sacola cheia de dinheiro.

Era o dinheiro dela, o porco ladrão!

Sabine esperou por Richard no escritório, mas duas horas se passaram sem um sinal. Sua fúria justificada aumentava a cada minuto, enquanto se imaginava dando-lhe um sermão sobre como roubar a propriedade de outras pessoas. É certo que soaria um pouco como “*o roto falando do esfarrapado*”, como diria sua mãe, mas era o princípio da coisa. Não roubou. Ela falsificou. Era uma distinção importante.

Recusando a oferta de Hodges de uma xícara de chá, começou a procurar na escrivaninha de Hampden. Estava quase decidida a simplesmente forjar uma nota promissória para sacar no banco dele, mas seus nervos estavam tão agitados que duvidava que pudesse traçar uma linha reta, quanto mais falsificar a assinatura dele.

Chutou a lateral da mesa com fúria e deu uma dolorida topada com o dedão do pé, o que a deixou ainda mais irritada.

Fez exatamente o que ele a contratou para fazer: forçou os conspiradores ingleses a se incriminarem. Não era culpa dela que ele não tivesse aproveitado o momento. E nada o desculpava por reter a posse de suas falsificações. Devia-lhe. Não apenas as dez mil libras que lhe prometeu, mas também a devolução de suas falsificações.

A escrivaninha dele rendeu uma coleção de contas, incluindo as das compras dela no dia anterior. Sabine vasculhou as notas. O quanto ele pagou pelas gravatas? Bom Deus. Ela poderia comer por uma semana em Paris.

No fundo da gaveta, descobriu um livro encadernado em couro, aparentemente algum tipo de livro-razão de pagamentos. Linhas de sua escrita aleatória encheram as colunas verticais pré-alinhadas.

Sabine começou a ler. Ele realmente lidava com algumas somas astronômicas. Presumiu que ele deveria ter um homem de negócios para fazer tudo isso por ele, mas, aparentemente, Hampden preferia manter ele mesmo as rédeas financeiras. Provavelmente não confiava em mais ninguém.

Recebia aluguéis e receitas de várias propriedades - de inquilinos, gado, investimentos e títulos. Tinha ações em alguma ferrovia impronunciável do País de Gales e era coproprietário de uma mina de estanho na Cornualha.

Sabine encontrou uma entrada datada de duas semanas atrás para Rundell, Bridge & Rundell, joalheiros e fez uma careta. Fizeram a safira e o colar de diamantes que ela usou no baile de Lady Carstairs, mas esta entrada era para - um belo diamante e pulseira de pérolas. Presumivelmente um presente de despedida para sua amante anterior. A quantidade surpreendente a fez cerrar os dentes. Certamente era generoso.

Folheou algumas páginas, procurando mais evidências de seus gastos com mulheres. Se Heloise estivesse certa sobre suas - regras da amante - deveria haver um pagamento semelhante aproximadamente a cada três meses. Sabine disse a si mesma que a sensação de raiva em seu peito não era ciúme.

Claro que não.

Um nome francês chamou sua atenção; houve um pagamento de cem libras a Madame Pensol, em Paris. Nenhuma outra explicação aparecia na coluna ao lado. Folheou algumas páginas e franziu a testa. Lá estava ele de novo - mesmo nome, mesma quantia. Mais páginas e sua desconfiança e sensação de náusea aumentaram. O livro datava de apenas dezoito meses, mas os pagamentos ocorriam regularmente, uma vez por mês, durante todo esse tempo.

Sabine recostou-se na cadeira, sua mente trabalhando furiosamente. Por que Richard estava pagando esta mulher? Ela era uma ex-amante? Um sentimento de decepção caiu sobre ela quando a resposta óbvia se apresentou. Hampden deve ter um filho ilegítimo. Por que outro motivo pagaria a essa mulher um estipêndio mensal?

Sabine sentiu uma bola se formar em seu peito. Apesar de toda a sua conversa sobre confiança e honestidade, não era a única que guardava segredos. Toda uma gama de emoções agitou-se por ela. Sentiu-se traída, de alguma forma. Ele a manipulou, roubou seu dinheiro, destruiu sua confiança - e ainda causou estragos em seu coração.

Naquele momento, a porta da frente se abriu e ela ouviu o ruído surdo de sua voz, enquanto ele conversava com Hodges. O clique de suas botas se aproximou do escritório e Sabine se preparou para o confronto.

— Vejo que está se sentindo em casa. — disse ele.

Seu cabelo estava desgrenhado e ele parecia cansado, mas ela endureceu o coração. Não sentiria pena do ladrão podre e furtivo. Encolheu os ombros, sem arrependimento.

— Mexeu nas minhas coisas. Não vejo por que não devo fazer o mesmo.

Ele caminhou para frente, sem pressa, e sua frequência cardíaca aumentou.

— Encontrou algo interessante?

Seu tom suave era irritante. Por que sempre tinha que ser tão composto?

— Na verdade, sim. Por que paga uma mulher em Paris todo mês? É sua amante permanente? Ou está apoiando um bastardo, Lorde Lovell?

Apostava que ele ficaria com raiva, mas ele apenas parecia resignado.

— Acho que está se referindo a Madame Pensol?

Sua calma a fez querer atirar nele. Nas *partes*.

— Tem estado ocupada. Se quer saber, tenho enviado dinheiro a ela nos últimos oito anos.

Sabine piscou. Ele tinha um filho de oito anos? Era um menino ou uma menina? E por que ele deixou a coitada em Paris?

Ele cruzou a sala e afundou em uma das poltronas de couro verde. — Há oito anos estive em Paris, no encalço de um assassino italiano chamado Carlo Visconti. Castlereagh tinha informações de que estava planejando um atentado contra a vida de Napoleão.

Sabine franziu a testa.

— Penso que os britânicos apoiariam tal esquema.

— Não naquele momento particular. Napoleão era mais útil para nós vivo do que morto. — Ele suspirou. — Quer saber quem é madame Pensol?

Sabine assentiu.

— É mãe de uma garota morta por Visconti, quando ele explodiu uma carroça, tentando matar o imperador. Seu nome era Marie-Jean Pensol e ela tinha quatorze anos.

O rosto de Hampden estava marcado com linhas de dor.

— A mãe dela vendia pãezinhos e vegetais em uma barraca da Rue du Bac. — seus olhos tristes encontraram os dela. — Morreu em meus braços.

Sabine sentiu seu próprio rosto exangue.

— Me conte o que aconteceu.

Hampden apoiou os antebraços nas coxas. — Sabíamos que algo estava sendo planejado, mas não tínhamos informações suficientes para impedir. Foi uma trama monarquista, orquestrada por Visconti e quatro outras pessoas. Carregaram um barril cheio de explosivos com fragmentos de metal em um carrinho e colocaram um pavio comprido. O petardo fora projetado para dispersar estilhaços na detonação, de forma que infligisse o máximo de dano. Eles escolheram um local na Rue Saint-Nicaise, ao norte do Palácio das Tulherias, em direção à Rue du Faubourg Saint-Honoré.

Sabine assentiu. Conhecia o local. Não ficava longe do Louvre.

— Napoleão planejava visitar a ópera naquela noite. Sabiam o caminho pelo qual ele passaria. A passagem de sua guarda avançada de cavalaria era a deixa para a explosão da bomba. Mas um pequeno evento frustrou tudo. Josephine estava vestindo uma capa de estilo egípcio, e um de seus assessores disse que ela estava usando incorretamente, então ela teve que prendê-la novamente com um alfinete. Napoleão ficou impaciente e foi sem ela, na primeira carruagem. Ele saiu com tanta pressa, que os guardas cavalgaram atrás dele em vez de na frente.

— A bomba explodiu quando a segunda carruagem estava passando, carregando Josephine e a irmã de Napoleão, Caroline, mas com exceção de alguns cortes de vidro voando e lascas de madeira, as senhoras saíram ilesas.

Ele abaixou a cabeça.

— Os que estavam de fora não tiveram tanta sorte. Chegamos logo após a detonação da bomba. Pelo menos cinquenta pessoas ficaram feridas. Tentei salvar a garota, mas ela estava além de qualquer ajuda. Nada havia que eu pudesse fazer.

Ele fechou os olhos com força, sem dúvida revivendo a carnificina, então ergueu a cabeça e perfurou Sabine com um olhar desesperado. Visconti pagou dez soldos para ela segurar o cavalo que puxava a carruagem — a voz dele falhou — Um homem assim não merece piedade.

A náusea subiu por sua garganta. Sabine queria se levantar e colocar os braços ao redor dele, mas ela não tinha dúvidas de que ele rejeitaria a oferta

de conforto. Ainda parecia perdido no passado.

— A mãe da menina não recebeu nenhuma compensação do governo. Tudo o que tinha era uma escassa pensão de viúva; seu marido havia morrido lutando por Napoleão na Rússia. Não podia nem mesmo enterrar sua única filha. Então, paguei por uma lápide em Sacré-Coeur. Pensei em pagar a alguém para colocar flores frescas em seu túmulo a cada semana, mas flores de corte nunca duram. Não gosto delas tanto quanto você.

A leve curva de seus lábios, enquanto tentava aparentar certa leveza, fez lágrimas quentes queimarem atrás dos olhos de Sabine, que piscou rapidamente, estremeando ao se lembrar de ter feito a mesma reclamação sobre as flores que seus admiradores haviam enviado. Era tão frívolo comparado a isto.

Richard respirou fundo.

— Mande alguém cuidar de seu túmulo e encomendei um jardim ao redor em sua memória. — passou os dedos pelos cabelos e levantou os ombros.

— Pago madame Pensol uma quantia modesta todo mês. Posso me dar ao luxo de fazer isso, e parece a coisa certa a fazer.

A garganta de Sabine doeu. Sentiu-se péssima por duvidar dele, por pular para a conclusão errada. Era um homem bom e decente. Algumas centenas de anos atrás, teria sido um daqueles cavalheiros da corte, que entravam nos torneios e lutavam pela honra de sua dama, em justas com espadas.

As palavras seguintes de Hampden a fizeram engolir em seco, no entanto. Sua expressão endureceu.

— Jurei que faria Visconti pagar pelo que fez. Que tipo de bastardo sem coração paga a uma criança para ficar ao lado de uma bomba? Uma coisa é matar um soldado alistado no calor da batalha, mas matar uma criança indefesa é o pior tipo de covardia.

Olhou para ela do outro lado da sala.

— Havia cinco homens no grupo. Eu os localizei. Eu os peguei. E eu os mandei para a forca. Apenas Visconti escapou.

Sabine mal ousava respirar. Sua expressão era sombria, ilegível.

— Por oito anos, o estive rastreando. — passou a mão pelos cabelos, desordenando-os ainda mais. — O homem que veio à reunião esta noite? Toulin? Era Visconti!

Sabine sentiu todo o sangue sumir de seu rosto.

— Por isso eu tive que tirá-la de lá. Ele é um homem perigoso, Sabine. Um assassino. Um mês antes do atentado contra a vida de Napoleão, ele esteve envolvido no assassinato do bispo de Quimper. No mês anterior, sequestrou o senador francês Clement de Ris em Touraine. Depois de Paris, trabalhou por toda a Europa. Não se importa com quem ele mata. Trabalhará para quem o pagar.

— Acha que é por isso que ele estava lá esta noite? — sussurrou Sabine

—Acha que os conspiradores o estão pagando para matar alguém?

— Esse seria meu palpite. — Richard deu de ombros.

— E estão usando seu dinheiro para fazer isso.

Sua culpa em criar o passaporte do homem dobrou.

— Ele usou papéis de viagem que fiz para chegar aqui. — disse ela baixinho.

Hampden assentiu.

— E também forneceu o passaporte que ele usou há quatro anos. O nome Joseph Berthier lembra alguma coisa?

Sabine assentiu miseravelmente.

A voz de Richard estava áspera.

— Sabe o que ele fez enquanto esteve aqui? — não esperou que ela respondesse.

— Assassinou o conde d'Antraigues, bem aqui em Londres.

Ele a estava forçando a assumir a responsabilidade por suas ações criminosas, mas como poderia ter previsto consequências tão terríveis? - Fazia o menor número possível de perguntas sobre aqueles que solicitavam seus documentos falsos, isso sempre salvava sua consciência, dizendo a si mesma que estava ajudando pessoas inocentes.

Sabine fechou os olhos. Ela era melhor do que Visconti? Também trabalhou para quem pudesse pagá-la. Ambos venderam suas habilidades duvidosas, como mercenários. A miséria e a culpa apertaram seu peito.

Ele olhou para ela.

— Ajudou Visconti a vir para este país, Sabine. O que significa que tem a responsabilidade de me ajudar agora. Pode muito bem me ajudar a localizá-lo.

Ela assentiu, entorpecida.

— Se não impedirmos qualquer assassinato que ele planejou, a Grã-Bretanha mergulhará no caos, talvez até na guerra civil, uma revolução como na França. Já existe muito sentimento antilegalista. Não dou a mínima para a política, mas me importo com todas as pessoas inocentes que serão apanhadas na violência subsequente.

De volta ao quarto, Sabine se jogou na cama em frustração. Queria sua antiga vida de volta. Essa confusão complicada de emoções que Richard Hampden despertou nela era exaustiva.

Como ousava ser bom e ruim na mesma medida? Ela admirava sua determinação inabalável de corrigir os erros, a maneira como defendia e vingava inocentes, mas ao confiscar seu dinheiro, tornou sua vida muito mais difícil. Não queria ter simpatia por ele. Era um bruto ladrão. Deixou-a com nada além de raiva e culpa.

Richard apertou o nariz e recostou-se na cadeira. Nunca contara a ninguém o que aconteceu todos aqueles anos atrás em Paris, exceto Raven, Nic, Kit e Castlereagh.

Hodges bateu discretamente na porta.

— O que foi? — Richard perguntou cansado.

— Lorde Ravenwood para vê-lo, senhor.

Raven entrou sem esperar por um convite. Sua expressão era sombria.

— Encontraram o Anderson.

— Vivo?

Raven assentiu e Richard soltou um suspiro de alívio.

— Por pouco. — Raven qualificou. — Visconti percebeu que estava sendo seguido e o emboscou em um beco lateral. Apunhalou-o na lateral. Por um ou dois centímetros não acertou um dos rins, mas ele vai viver.

Richard praguejou. — Eu lhe disse para ficar para trás. Cristo!

Quando Richard abortou a missão, ordenou que cada um de seus homens seguisse um dos conspiradores. Ele e Anderson seguiram Visconti, mas eles se separaram no labirinto de ruas laterais e becos. Richard acabou desistindo e foi se reportar a Castlereagh. Esperava que Anderson tivesse feito o mesmo.

— Anderson revelou seu nome. — Raven disse cuidadosamente.

Richard praguejou longa e fluentemente. Raven, conhecedor de palavrões, ergueu as sobrancelhas, impressionado.

— Visconti pode estar em qualquer lugar. Pode estar do lado de fora desta casa agora. — disse Richard.

Não estava tão preocupado com seu próprio bem-estar, mas se sentiu culpado por colocar Sabine no caminho daquele louco. A ideia de Visconti chegar perto dela era o suficiente para fazê-lo suar frio. Não que a considerasse incompetente, longe disso, mas ela não era páreo para um assassino.

Raven se sentou à sua frente.

— Acha que sabe qual é o plano dele?

— Matar o Rei? O Príncipe Regente? O primeiro-ministro? Passaram-se apenas quatro anos desde que Spencer Perceval foi assassinado.

Isso era verdade. O primeiro-ministro fora morto a tiros na Câmara dos Comuns, por um homem louco chamado John Bellingham, um veterano que acreditava ter sido injustamente preso na Rússia durante a guerra e tinha direito a uma indenização.

— Os jornais são impressos quando se espera que a família real vá à ópera, ao teatro e assim por diante. Seria fácil alvejá-los, como fez com Napoleão. — disse Richard.

— Acha que ele vai tentar outra máquina infernal, como em Paris?

— Ele gosta de gestos dramáticos, mas não tem uma equipe para ajudá-lo neste momento. É demais para um homem organizar.

— O que então? Um simples assassinato?

— Isso é tudo o que seria necessário. O país está tão instável. — Richard juntou os dedos. — O casamento real é em menos de uma semana. Isso proporcionaria uma cobertura excelente. Multidões onde se esconder.

Raven assentiu.

— A cerimônia está marcada para as nove horas em Carlton House, com fogos de artifício, depois, no St. James's Park e no Green Park. A festa real virá para o terraço da frente da Carlton House, para assistir aos fogos...

Richard fez uma careta.

— Perfeito para um franco-atirador. Muitos flashes altos e estrondos para esconder o barulho de um tiro.

— Além disso, todos olharão para o céu.

— Quem vai ao casamento?

— Quase todo mundo que gostaria de assassinar, se fosse Visconti. A rainha. As princesas reais, o príncipe regente, a noiva e o noivo, a maior parte da Câmara dos Lordes. O arcebispo de Canterbury vai officiar.

Richard assentiu severamente.

— Vamos dizer a Castlereagh para aumentar a segurança. E rezemos para pegarmos Visconti nos próximos cinco dias.

CAPÍTULO 45

Sabine ainda estava com raiva, na manhã seguinte. Prestou atenção até ouvir Richard sair de casa, então se esgueirou escada abaixo e encontrou Hodges radiante no corredor.

— Outro buquê chegou para a senhora nesta manhã. Coloquei-o na sala de estar.

Sabine suspirou. Mais flores cortadas. Este grupo em particular já estava fora da ‘validade’. As cabeças das flores estavam murchas e passadas, além de seu melhor. A sugestão de decomposição marrom na borda das pétalas a fez se sentir um pouco nauseada.

Provavelmente era de Malet, uma ameaça nada sutil para lembrá-la de seu ultimato. Desdobrou a nota que o acompanhava e seu sangue gelou.

M. Toulin pede uma audiência privada com Philippe Lacorte no White Swan, Vere Street, às dez horas desta noite. Venha sozinho e não informe seu amigo Lovell. Não gostaria que nada desagradável acontecesse com ele ou sua encantadora família.

Assinado Toulin.

Sabine amassou o papel na mão. *Merde!* A ironia de que Visconti a estava chantageando, assim como ela chantageara Richard, não passou despercebida. Mas ela nunca teve a intenção de cumprir suas ameaças, enquanto não tinha nenhuma dúvida de que Visconti realmente machucaria alguém, se ela não cumprisse.

Isso lhe serviu bem, pensou miseravelmente.

Deveria contar a Richard imediatamente. Enfrentar um homem tão perigoso quanto Visconti sozinha era além da tolice. Mas se alguma coisa acontecesse com Richard ou sua família por causa dela, nunca se perdoaria. Muito melhor se colocar em risco do que colocá-los em perigo.

Visconti, obviamente, sabia sua localização — veja as flores e o bilhete. Por tudo que sabia, ele poderia ter uma equipe de homens vigiando a casa. Olhou pela janela, procurando por personagens suspeitos à espreita na Upper Brook Street, mas não viu ninguém incomum. Não conseguia nem entrar em contato com Anton; esquecera-se de lhe perguntar onde ficava seu novo alojamento.

Não. Teria que ir sozinha e ver o que Visconti queria. Lidou com personagens desagradáveis em Paris. Ficaria bem.

O resto do dia passou com uma expectativa terrível, o medo se enroscando em seu estômago. Foi quase um alívio quando Hodges lhe trouxe um bule de chá com bolos no meio da tarde e informou-a que Richard enviara suas desculpas, mas não estaria em casa para o jantar.

Ele estava, sem dúvida, com Raven e os outros agentes, tentando

capturar Visconti.

Preparou sua pistola de bolso com determinação implacável. Pólvora primeiro, depois a bola de metal, depois um pedaço de algodão lubrificado. Empurrou-o para baixo do tambor, com a ponta de um pincel, depois abriu o protetor de panela, polvilhou um pouquinho de pó na panela e fechou a tampa. Estava pronto para armar e atirar.

Ainda estava com a roupa que usava para esgrima. Às nove e meia saiu do quarto — e quase tropeçou em Argos, que se postou no chão, do lado de fora da sua porta.

— *Dieu!* Argos! — ela sibilou. — *Vai! Allez!*

O cão a olhou com expectativa. Sua cauda bateu no tapete. Sabine suspirou. — Está me guardando, não é? Oh, venha então. Andar!

O cachorro saltou com um latido de prazer.

— Calma, sua criatura horrível! — repreendeu. Os dois desceram a escada e ela estremeceu com o clique alto das patas do animal nos ladrilhos. Felizmente, o corredor estava vazio - sons do jantar dos criados vinham de baixo das escadas.

Sabine saiu pela porta da frente. Pelo mapa que consultou naquela tarde, era apenas uma curta caminhada da Brook Street até a Vere Street, perto da Oxford Street. Dez minutos no máximo. Partiu, Argos trotando obedientemente em seus calcanhares, a língua pendurada. Apesar dos lampiões a gás que iluminavam a rua, estava feliz com o cachorro. Era proteção e disfarce. Ela era simplesmente um moleque de rua passeando com seu animal de estimação.

Acabara de virar para a Rua Vere e avistou a placa para o *Cisne Branco* à frente, quando um grande corpo bateu nela por trás. Sabine tropeçou com uma maldição, assim que seu agressor a empurrou para o lado, na entrada de um beco escuro.

Por um terrível momento, imaginou que estava de volta a Paris com Guillaume, o menino do açougueiro, e uma onda de furiosa descrença tomou conta dela. O homem a empurrou contra a parede de tijolos e ela levantou a pistola para disparar, mas ele agarrou seu pulso e empurrou seu braço acima de sua cabeça.

— O que, em nome de Deus, está aprontando, sua tola? — Hampden rosnou em seu ouvido.

Sabine cedeu de alívio, embora pudesse sentir a raiva vibrando dele.

— Seu louco! — ela sibilou. — Quase atirei em você.

Um músculo pulsou em sua mandíbula enquanto ele rangia os dentes.

— Sabine, te aviso, estou cansado, com frio e brutalmente sóbrio. Agora me diga, o que, diabos, está fazendo. Quem está encontrando? Um cúmplice? Um amante?

Ela olhou para ele.

— Não! Se quer saber, vou me encontrar com Visconti.

Isso o parou de repente.

— O que? — Seus olhos se estreitaram, em uma combinação de fúria repentina e suspeita. — Conhece-o? Está trabalhando com ele?

Sua falta de confiança doeu, mas supôs que merecia, se ele acreditasse que ela era dissimulada o suficiente para traí-lo.

— Claro que não, seu imbecil! Nunca tinha visto o homem, antes da noite passada. Mas enviou-me uma nota, dizendo-me para encontrá-lo aqui, sozinha, ou ele o machucaria e a sua família.

Houve uma pausa tensa, enquanto ele pesava o que ela disse.

— Não é uma sensação agradável ser chantageada, não é?

Essa farpa doeu, mas, pelo menos, acreditou nela.

— Estava tentando protegê-lo, seu idiota.

— E quem vai protegê-la?

— Estou com minha arma. — disse, erguendo o queixo em desafio. — E Argos.

Hampden olhou para o cachorro com um bufo. — Belo trabalho ele fez. Nem latiu.

— Deve tê-lo reconhecido — disse. — Teria mordido qualquer outra pessoa.

Hampden passou a mão pelo cabelo.

— Deus, Sabine. Por que deve tornar tão difícil protegê-la?

— Ninguém pediu que me protegesse. — ela disse, fumegando.

— Ninguém precisava me pedir. Faz parte da minha equipe. Isso a torna minha responsabilidade.

Era difícil argumentar contra isso.

Seu cabelo escuro estava caindo descontroladamente sobre a testa e seus olhos eram intensos. Ele ainda estava segurando seu pulso, seu corpo quente empurrando suas costas contra a parede. Seu sangue esquentou com a sensação dele, pressionando toda sua frente. Suas tentativas de se esquivar falharam. Ela não era páreo para a força de seu aperto e ambos sabiam disso. Estranhamente, ela se sentia segura com ele. Nunca ofereceria violência contra uma mulher, apesar de sua superioridade física.

— Onde vai encontrá-lo?

— No White Swan.

Seus olhos se arregalaram em diversão.

— Então é por isso que está neste conjunto atraente. — Ele deve ter visto sua confusão porque elaborou. — O White Swan é uma casa de má reputação. Um bordel de classe baixa.

—Ah! — ela ofegou e ele assentiu, gostando de seu constrangimento. Ela estava terrivelmente ciente do cheiro delicioso dele; tornava difícil se concentrar.

— Me deixa ir.

— Não até prometer não fazer nada estúpido. Trabalhará comigo, Sabine, ou não entrará lá de jeito nenhum. — balançou sua cabeça. — Deus, gostaria que tivesse confiado em mim antes. Poderia ter posto meus homens

aqui e o capturado. Do jeito que está, prometi a Castlereagh que não o enfrentaria sozinho. *Putá merda!*

— E agora? — Sabine perguntou.

— Não posso entrar lá com você. Pelo menos, não onde Visconti possa me ver, mas preciso saber o que ele quer. Isso pode nos dar uma orientação sobre seus planos.

Puxou um relógio de bolso e ela percebeu, com um lampejo de prazer, que era o de ouro que ela comprara no outro dia. São dez para as dez. Vou entrar. Espere cinco minutos e me siga. E, quando encontrar Visconti, fique nas salas principais. Não vá sozinha com ele.

Sabine deu-lhe um olhar neutro.

— Conheço todos os truques que homens como Visconti usam.

— Só porque pode cuidar de si mesma, não significa que deva fazê-lo. Não é uma derrota deixar alguém ajudá-la, — disse. — Fazer parte de uma equipe não nos torna mais fracos - muito pelo contrário. Não se fica preguiçoso ou complacente pois não se quer desapontar o resto de sua equipe. São seus homens. Ama-os. Morreria por eles.

Suas palavras apaixonadas pairaram no ar entre eles, como uma promessa. Uma declaração. Então Hampden balançou a cabeça, descartando o momento.

— Não me peça para ficar parado e não fazer nada, se alguém sob minha proteção estiver em perigo. — disse rispidamente.

Estendeu a mão e colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha, um gesto casual que, no entanto, falava de posse.

— Não precisa fazer isso sozinha, Sabine. Estarei lá, mesmo que não possa me ver.

Sua garganta se apertou. Ele sempre estaria lá para ela, percebeu. Conhecia sua tenacidade, sua mente sangrenta. Tais características eram uma maldição quando a estava rastreando, mas, como aliados, eram uma bênção. Era reconfortante saber que ele estava atrás dela.

Curvou-se e a beijou com força na boca.

— Para o que foi isso? — ela respirou.

Ele olhou profundamente em seus olhos e ela sentiu a intimidade e a conexão até os dedos dos pés, em uma flor de prazer doloroso.

— Não sei. Boa sorte, talvez? — encolheu os ombros e recuou.

— Espere cinco minutos, lembre-se.

— E o Argos?

Ele olhou para o cão.

— Vá para casa. — disse, apontando para fora do beco.

— Encontre bolo.

Argos latiu uma vez e saiu trotando rua abaixo.

Sabine observou Richard entrar no Cisne Branco e rezou para que Visconti já não estivesse lá dentro.

O porteiro entediado mal olhou para Sabine. Ela apertou a pistola em seu bolso e olhou ao redor da taberna lotada. Não havia sinal de Visconti, então acomodou-se em uma mesa desocupada, com uma visão clara da porta. Richard havia se posicionado perto do bar, encolhido no canto oposto.

Visconti entrou alguns minutos depois. Viu-a e sorriu levemente em saudação. O estômago de Sabine embrulhou quando ele deslizou para o assento oposto ao dela.

— Boa noite, madame. — disse em francês, mantendo a voz baixa.

Sabine decidiu por um ataque direto.

— Por que estou aqui, monsieur?

Seu sorriso se alargou.

— Porque eu tenho um trabalhinho, *ma chère*. Preciso que me faça um novo passaporte e documentos de viagem.

Sabine ergueu as sobrancelhas.

Visconti continuou. — Não só isso, mas vai me dar a fortuna falsa que prometeu para aqueles idiotas ingleses.

Ah, então era disso que se tratava. Pretendia trair seus aliados ingleses. Sabine quase sorriu. Visconti a lembrava o General Malet; ambos eram previsivelmente consistentes em sua traição.

Visconti recostou-se, totalmente à vontade. Seus olhos mortos percorreram seu rosto. — Vai colocar seu dinheiro falso em duas malas de viagem e tê-lo pronto para mim na quinta-feira, junto com os papéis.

— Aquele é o dia do casamento real. — Sabine esclareceu, na esperança de induzi-lo a dizer mais.

Ele assentiu.

— Sim.

— Vou encontrá-lo em algum lugar, então? — sondou.

Ele mexeu no queixo dela preguiçosamente com o dedo. Ela fez tudo que podia para não recuar. — Não preocupe sua linda cabecinha com os detalhes, *chérie*. Vou encontrá-la quando chegar a hora, não tenha medo.

Sabine suprimiu um estremecimento. Visconti se levantou.

— Até quinta, então. Foi um prazer fazer negócios, Philippe Lacorte. E não se esqueça do que eu disse sobre o seu amigo. Não gostaria que nada acontecesse com ele ou sua família, não é?

Sabine engatilhou a pistola embaixo da mesa. Poderia atirar nele agora. Provavelmente seria presa por assassinato e enforcada, mas, mesmo assim, valeria a pena se sacrificar para deter esse monstro. Pensou na garota que ele matou em Paris. Pensou em Richard, Heloise, mortos ou feridos. Seu dedo sentiu o gatilho.

Mas Visconti se afastou e a chance foi perdida. Sabine o observou partir, com uma combinação de alívio e pesar. Olhou para Richard e o viu

passar por uma porta que dava para a taberna principal. Ela se levantou e o seguiu.

Era uma sala privada. Sabine lançou um olhar interessado para a cama, com sua coleção espalhafatosa de travesseiros e a *chaise longue* de veludo, ambas surradas, que, claramente, tinham visto muita ação. Mal pareciam robustas o suficiente para suportar uma pessoa, quanto mais duas.

Relatou sua conversa com Visconti. Richard assentiu.

— Bem, pelo menos isso confirmou nossas suspeitas. Ele pretende matar alguém no casamento e depois fugir do país.

Aproximou-se e Sabine inclinou a cabeça para olhar em seu rosto.

— Cristo, vê-la com Visconti me deixou doente. — rosnou. — Queria correr até lá e matá-lo com minhas próprias mãos.

O coração de Sabine bateu forte com a ferocidade de sua expressão, a tensão latente tão perto da superfície. Alívio e excitação se fundiram dentro dela, e, de repente, tudo em que conseguia pensar era em beijá-lo.

Quase assim que o pensamento se formou, seus lábios já estavam nos dela. Sabine não sabia se foi ela quem começou ou ele, mas não se importou. Suas bocas se encontraram em um beijo quente e faminto.

Richard puxou seu corpo com força contra o dele, e, sem o peso de suas saias, ela sentiu cada parte dele contra cada parte dela. Seu peito esmagou seus seios. O joelho dele escorregou entre as coxas, vestidas com calça, e se esfregou contra ela em uma fricção enlouquecedora que a fez querer mais. E mais.

Sabine gemeu em sua boca e deslizou a mão por seu corpo, para investigar a frente de suas calças. Ela enrolou os dedos ao redor dele timidamente. Seu palavrão sibilado poderia ter sido uma expressão de agonia ou deleite. Ele se balançou contra a mão dela.

O clique da porta se abrindo fez com que se separassem, como alunos culpados. Uma mulher parou no batente e deu uma risada gutural e conhedora.

— Oh, desculpe, senhores! Não sabia que o quarto estava ocupado.

Ela pensou que tinha perturbado dois homens, Sabine percebeu atordoad.

— Vão em frente. — A prostituta deu uma piscadela atrevida e recuou.

Sabine olhou para Richard, terrivelmente ciente de que sua respiração estava irregular e seu corpo inteiro latejava de desejo. Ele devolveu o olhar dela com outro feroz. Seus joelhos amolecidos.

Ela recuou alguns passos, sua mente agitada. Estava tão cansada de negar seu desejo por ele. Não poderia haver futuro para eles, mas o que a impediria de tomá-lo como amante?

Nunca dormira com um homem. Não porque valorizasse muito sua virgindade, mas porque nunca conheceu um homem em quem confiasse o suficiente para entregar seu corpo aos seus cuidados. Até agora.

Não foi por falta de ofertas. A maioria dos homens que ela conheceu em

Paris estavam no lado obscuro do respeitável, e alguns deles eram completamente vigaristas. Tinha uma queda por um ladino, mas dificilmente teria compartilhado um copo com a maioria deles, muito menos permitido que acessassem suas áreas mais íntimas. Richard era o primeiro homem por quem ela se sentiu verdadeiramente atraída. Era resultado de sua proximidade forçada? A situação ridícula em que estavam? Provavelmente. Mas queria sua mente astuta, sua sagacidade seca e seu belo corpo, além de qualquer coisa.

Ela umedeceu os lábios. — Sou elegível.

Sua sobancelha se franziu em confusão. — O que?

— De acordo com suas regras. Heloise me contou sobre elas. Não sou uma esposa. Ou uma virgem.

Ela nem piscou com a mentira. Se ele pensasse que era virgem, nunca dormiria com ela.

A intensidade de seu olhar a fez prender a respiração. Um potente silêncio se estendeu entre eles, um momento de suspensão, cheio de brilhantes possibilidades não ditas, a emoção mantida selvagemmente sob controle.

— Entende o que estou dizendo, Hampden? — disse, quando ele não respondeu.

— Quero ser sua amante. Agora. Esta noite.



Richard respirou fundo, certo de que seus ouvidos o enganaram. O jeito que ela estava olhando para ele fez sua cabeça girar. Ainda podia sentir o gosto dela em seus lábios. O cheiro dela o envolveu, inebriante e exótico, como ópio. Isso o deixou louco. Apenas a visão de suas longas pernas envoltas naquelas calças o fez coçar para tocá-la.

— Isso nada tem a ver com meu pagamento pela falsificação. — disse, lentamente, precisando esclarecer isso, pelo menos, entre eles. — Isso é apenas nós dois.

Ele prendeu a respiração, incapaz de se lembrar da última vez que estivera tão ansioso para ouvir uma resposta. Deus sabe o que ele faria se ela recusasse.

— Sim. — disse ela.

Ele resistiu ao desejo de uivar como um animal selvagem. A antecipação fez com que o sangue batesse forte em suas veias e ele deu um passo para trás, com medo de não conseguir pensar direito, se a tocasse novamente.

— Não aqui. — rosnou. Uma expressão fugaz de decepção cruzou seu rosto e ele sorriu com um toque de diversão sombria.

— Oh, vou recebê-la de todas as maneiras possíveis, Sabine de la Tour. — esclareceu ele asperamente — mas não vamos fazer isso aqui, nos fundos de alguma taverna decadente.

Caminhou até a porta e a abriu, praticamente levando a maçaneta com ele, e indicou que ela o precedesse. Quando saíram, colocou uns bons sessenta

centímetros de espaço entre eles. — Fique do seu lado da calçada.

Ela o atingiu com um olhar inocente e completamente perverso. — E por que isto?

Sua boca ficou seca. — Porque se eu lhe tocar, estarei dentro de você. — disse ele sem rodeios. — Encostada na parede ou não.

Deus, sua voz era baixa. Tinha caído pelo menos uma oitava, estava grave com a necessidade. Seus olhos se arregalaram em choque e ele teve que desviar o olhar. Estariam em casa em breve. Forçou as pernas a continuar andando.

Um silêncio tenso se estendeu entre eles quando cruzaram a Oxford Street e começaram a descer a New Bond Street. Richard manteve o olhar resolutamente à frente.

— Vamos direto para o meu quarto. — disse ele baixinho. — Te quero, desde o momento em que a vi, e possivelmente muito antes disso. Estou louco por você.

Seu corpo estava rígido de tensão. Ele arriscou um olhar para ela e viu que seu rosto estava rosado de antecipação. Seus lábios ainda estavam inchados de seu beijo. Ele pediu força aos céus.

— São seis minutos até chegarmos em casa. — disse, laconicamente. — Em seis minutos vou deixá-la nua e lambar cada centímetro de sua pele.

Sabine mal conseguia puxar o ar para os pulmões.

— Vou tocá-la. — Richard continuou suavemente. — Por toda parte. Vai me tocar.

Realmente não havia ar em Londres. Ao redor deles, carruagens sacudiam e as pessoas agitavam-se de um lado para outro, alegremente, inconscientes da insuportável antecipação que se contorcia dentro dela.

— Vai gritar meu nome. — ele disse sombriamente e sorriu com o suspiro dela. — E então vai me implorar por mais. — olhou para o final da rua. — Três minutos.

Seus olhos encontraram os dela. Estavam brilhantes, quase febris. Seu próprio corpo estava queimando. Entre suas pernas latejava. Ele sabia disso. Sabia o que estava fazendo com ela, a besta. Estava sem fôlego, mas se era pelo ritmo acelerado ou desejo, não sabia.

Eles entraram na Upper Brook Street.

— Dois minutos.

Chegaram à casa. Ele a agarrou pelo pulso e subiu correndo o pequeno lance de escada, puxando-a com ele. A porta se abriu, mas ele não poupou o olhar do porteiro noturno. Sabine teve um vislumbre do rosto surpreso de Minton e então estava correndo pelo saguão de azulejos, correndo para acompanhar.

Richard subiu as escadas, desceu o corredor, os dedos ainda rodeando o pulso dela. E então estavam em seu quarto. Puxou-a pela porta que fechou com as costas, encostou-se no mogno e puxou-a nos braços.

— Um minuto. — sussurrou.

Em um movimento relâmpago, inverteu suas posições para que ela fosse a única contra a porta. Prendeu suas mãos, entrelaçou seus dedos e se curvou para tomar sua boca.

O beijo quente a arrebatou. Sabine se perdeu na tempestade, desejando o impulso pecaminoso de sua língua. Ele gemeu ao mesmo tempo que ela e soltou suas mãos. Enfiou os dedos nos cabelos dela, prendeu seu rosto entre as mãos e a beijou como se o mundo estivesse acabando. Sabine explorou a inclinação musculosa de seus ombros, as laterais de seu pescoço, o cabelo em sua nuca.

Seu corpo pressionou o dela contra a porta e seu olhar feroz pegou o dela quando ele se afastou. — Não me importo se teve um amante ou cem. — ele respirou fundo. — Vai esquecer cada um deles. Vai pensar apenas em mim. O que estou fazendo com minhas mãos. E minha boca. E meu corpo. Você é minha.

Acima dela havia uma arandela de metal dourado segurando duas velas. Ele passou as mãos pelos braços dela, puxou-as acima da cabeça e entrelaçou ~seus dedos em torno das barras curvas de metal.

— Mantenha seus braços aí. Não se mexa.

Sabine estremeceu quando ele deslizou as mãos para baixo, roçando suas axilas, percorrendo as saliências de suas costelas. Ele moldou sua cintura e seus quadris, como se tentasse memorizar suas formas apenas pelo toque. Ela fez um som baixo de desejo. Seus dedos se apertaram na arandela de metal enquanto resistia à necessidade de explorar seu corpo, da mesma forma gananciosa e desavergonhada.

Ele deslizou as mãos para segurar seu traseiro, indecentemente delineado pelo tecido apertado de suas calças. Agarrou sua cintura e a ergueu, usando a força de seus braços, até que estivessem nariz com nariz.

— Enrole suas pernas em volta de mim.

Era fácil sem saias. Ela soltou a arandela, enroscou os braços em volta do pescoço dele e reclamou sua boca. Seu corpo estava em chamas, dolorido, quente. Podia senti-lo entre suas pernas, os músculos duros de mármore de seu abdômen, a saliência agressiva de sua ereção esfregando entre suas coxas que a emocionaram e assustaram.

Ele se afastou da porta, carregando-a facilmente, e caminhou em direção à cama, mas parou antes que suas canelas batessem no colchão. Abaixou-a no chão, um deslizamento tentadoramente lento de seu corpo.

Tirou a jaqueta e a jogou fora, sem se importar com o tecido caro, depois puxou a camisa pela cabeça, que voou para o chão e Sabine escondeu um sorriso. Sua urgência era estranhamente cativante. Esta não era uma sedução planejada e vagarosa. Ela o deixou louco. Finalmente!

Seus olhos vagaram sobre ele, atraídos para a perfeição absoluta de sua forma. Era ainda melhor do que ela imaginava, um dos guerreiros gregos de Raphael trazido à vida, vibrante. Incapaz de se conter, ela deslizou as mãos sobre as cristas de seu estômago, a protuberância de seus bíceps, apreciando sua inspiração aguda e a forma como os músculos saltavam sob seu toque exploratório. Sua pele era perfeita, fulva e macia, siena crua misturada com ouro. Um pouco de emoção a percorreu ao pensar em quanto poder físico ele exercia. Era muito maior do que ela, mas não tinha medo de que ele a machucasse.

Ele estendeu a mão e desfez a gravata na gola de sua camisa de linho. Abriu em um V profundo e Sabine ficou imóvel, lutando para respirar, enquanto ele a puxava do cóx de suas calças. Ela ergueu os braços para ajudá-lo e ele puxou a camisa sobre sua cabeça. Ela não estava usando um espartilho, apenas um fino chemise de seda, e seus mamilos endureceram com o frio repentino.

— Cristo! — Richard murmurou reverentemente sob sua respiração. — Tem me deixado louco.

Seus olhos permaneceram em seus seios. Sentiu-os cheios, doloridos, clamando por seu toque. Ele estendeu a mão e a segurou, então abaixou a cabeça. A respiração dele endureceu sua pele em uma exalação quente que ela sentiu até os ossos. Sua boca a encontrou através da seda.

Os joelhos de Sabine dobraram.

— Tire as calças. — ordenou com voz rouca, e ela obedeceu, desamarrando a frente para que o tecido caísse por suas pernas. Em um movimento frenético, a despiu do chemise, e antes que ela tivesse tempo de ficar constrangida com sua nudez, ele se curvou e recapturou seu mamilo.

Desta vez não havia nem um pedaço de seda entre sua boca e sua pele. Sabine ofegou quando sua língua fez coisas perversas, girando e sacudindo. Agarrou seu cabelo para mantê-lo ali enquanto ele esbanjava atenção no outro seio, enquanto suas mãos deslizavam pela longa linha de suas costas e descia por suas nádegas e coxas.

Ele fez um som animalesco, de desejo profundo, um gemido de prazer que vibrou contra sua pele. De repente impaciente, ela colocou os braços em volta do pescoço dele e puxou-o para trás, em direção à cama, e ele caiu em cima dela enquanto perdia o equilíbrio. Ela riu contra a pele de seu ombro.

Ele pairou sobre ela, prendendo-a dentro da jaula de seus braços, segurando seu peso sobre ela enquanto saqueava sua boca, com uma sensação de urgência crescente. O gosto dele fez seu sangue correr e girar sua cabeça.

Ele incitou a perna dela a se curvar em torno de seu quadril e ela podia sentir seu pênis pressionando a junção de suas coxas... aquelas outras palavras das quais ela e Heloise riram, vara e charuto, eram totalmente inadequadas para descrever algo tão potente. Um pensamento repentino e desanimador a atingiu. Algo daquele tamanho nunca iria caber.

Sabine tentou pensar, mas era difícil se concentrar com a boca de Richard pressionando beijos de borboleta em seu estômago e sua língua girando em uma dança perversa sobre seu quadril.

Isso doeria? Ela não tinha medo da dor. Não poderia ser pior do que prender um dedo em uma impressora ou colocar suco de limão em um corte ao limpar a tinta de suas mãos. Mas talvez devesse dizer-lhe que era o primeiro.

Presumivelmente, uma das razões pelas quais ele evitava virgens era porque esperava-se que ele se casasse com elas logo depois. Obviamente com ela, não precisava se preocupar com isso. Mas talvez outra razão fosse que ele era simplesmente grande demais para uma virgem acomodar. Talvez apenas mulheres com um pouco de experiência

— Espere. — disse ela. — Sobre todos aqueles ‘outros amantes’. Eu não quero dizer, eu nunca...

Ela não terminou. A mão dele deslizou para baixo entre as pernas dela. Seus dedos deslizaram sobre seu núcleo. E ele a tocou exatamente como ela se tocava.

A boca de Sabine se abriu em um espantado gemido de prazer quando ele encontrou o pequeno botão que a fez estremecer e se contorcer. Ela fechou os olhos e ouviu um profundo som de desejo, então percebeu com espanto que viera de si mesma.

Oh, Deus, ele era um mestre. Provocava e atormentava, e ela rebojava

os quadris, incitando-o a ir mais fundo, para aliviar o corpo, latejando dor, mas com um riso perverso e conhecedor, retirou a mão e deslizou de volta pelo corpo dela.

Em um movimento rápido, ele rolou para o lado, tirou as calças e rolou para trás em cima dela, antebraços segurando sua cabeça. Sabine ofegou ao sentir a pele quente pressionando seu corpo inteiro. Nunca tinha estado nua com ninguém antes.

Ele deslizou contra ela, entre suas pernas, e ela estremeceu tanto em antecipação quanto em ansiedade. De repente impaciente, balançou os quadris, incitando-o. — Por favor. — respirou contra seus lábios.

Com um gemido, ele pegou o rosto dela entre as palmas das mãos e tomou sua boca, no mesmo momento em que empurrou para frente e a penetrou. Sabine ficou tensa, esperando a dor, mas a leve resistência diminuiu quando ele deslizou dentro dela, com uma suavidade que a deixou sem fôlego. Ela se acalmou, em parte por surpresa, em parte por medo de que ele a acusasse de mentir para ele.

— Cristo, tão bom senti-la. — sussurrou ele. — Eu a queria há tanto tempo.

Sabine deslizou a mão pela longa linha de suas costas e sorriu de alívio. Os sulcos de seus músculos eram deliciosos.

— *Eh bien*, me tem, monsieur. Faça o seu pior.

Seu desafio zombeteiro libertou algum demônio dentro dele; começou a se mover.

— Eu a tenho. — ele repetiu, o tom áspero de triunfo em sua voz. Ele se afastou e empurrou novamente. Pequenos arrepios familiares de prazer percorreram seu corpo.

— Estou com você, Philippe Lacorte. Ele deslizou para trás, em seguida, empurrou novamente, mergulhando fundo, e a respiração de Sabine ficou presa na garganta.

— Estou com você, Sabine de la Tour.

Ela não podia negar. Seus dedos pressionaram a carne de suas coxas como os de Plutão haviam feito na estátua de Perséfone. Ele a impulsionou para cima e ela o incentivou, reconhecendo a faísca que conhecia de suas próprias experiências. Quando ele atingiu um ponto particular dentro dela que a fez pular e se contorcer, arqueou as costas e silenciosamente o encorajou.

Não se importava se era isso que deveria fazer. Não se importava se todas as suas outras mulheres tivessem simplesmente ficado embaixo dele, aquiescentes e imóveis. Tinha que se mexer.

— Diga meu nome. — ordenou, com voz rouca.

— Richard! — ofegou.

— Quer mais?

Sabine mal conseguia falar. Cravou as unhas em suas costas.

— Sim!

Ele recuperou sua boca em um beijo que foi selvagem e terno. Sabine

colocou os braços em volta dele e se gloriava na força dele, no sabor de sua pele, no cheiro dele em seu nariz.

Foi maravilhosamente avassalador. Cada sentido estava completo. Queria-o com um desespero feroz, que era quase perturbador. Ela jogou a cabeça para trás, boca aberta, olhos fechados, e estendeu a mão, alcançou aquela faísca que a enviaria em chamas. Tensão insuportável percorreu seu corpo.

— Deus, mal posso esperar. — Ele baixou a cabeça no ombro dela enquanto seus movimentos se tornavam quase agressivos, totalmente incivilizados. Entrou nela, e seu corpo estremeceu com uma paixão profunda e poderosa. — Você me faz...

Ele parecia incapaz de terminar esse pensamento e Sabine mordeu o lábio inferior, fechando-se demais para sorrir de sua confusão, porque a dela correspondia a isso. Ele fez algo para ela também. Louco? Feliz? Apaixonado?

— Agora, Sabine, — ele ordenou asperamente — venha agora.

E ela o fez. Atingiu o pico e tremeu ali por uma fração de segundo antes de se perder — e simultaneamente encontrar. Faíscas explodiram atrás de suas pálpebras fechadas, enquanto seu corpo convulsionava ao redor do dele, o clímax familiar, mas muito melhor com ele dentro dela; mais completo, de alguma forma, abrangente.

No meio de seu próprio prazer, vagamente percebeu que ele estava se afastando dela. Agarrou-se a ele com as mãos, tentando fazê-lo ficar, mas ele se retirou e com um gemido alto e estremecido de conclusão, pressionou-se com força contra seu estômago.

Sabine entendeu a umidade quente contra sua pele pelo que era. Graças a Deus, um deles estava pensando em contracepção. Ela *não* tinha pensado em coisa alguma

Sabine piscou quando sua respiração voltou ao normal e teve plena consciência de onde estava. Richard era um peso maravilhoso em cima dela, mas mesmo enquanto ela tentava saborear a sensação, ele se ergueu em seus braços. Ficou tensa, esperando que ele dissesse algo, mas ele rolou para longe dela, para fora da cama.

Ela olhou para suas belas costas enquanto ele caminhava nu pelo quarto, totalmente sem vergonha. Era incrivelmente bonito. Seu olhar percorreu seus ombros largos, a longa linha de suas costas, os intrigantes recortes sombreados em suas nádegas. Sua boca ficou seca. Não teve tempo de realmente olhar para ele antes — tudo aconteceu muito rápido. Agora o cobiçava descaradamente. Ele era exatamente como havia imaginado quando o estava desenhando: perfeito.

Ele despejou água de uma jarra na tigela sobre o lavatório, mergulhou uma toalha nela e torceu-a, depois a trouxe de volta para ela. Sabine não conseguia desviar os olhos de sua forma nua. Ele olhou para ela, aparentemente divertido com seu olhar.

—Aqui, vamos te limpar.

Sabine estava convencida de que era possível morrer de mortificação. Ele estava, obviamente, acostumado a tal intimidade casual, mas suas bochechas aqueceram como se ela estivesse em um inferno, enquanto ele usava o pano para limpar suavemente seu estômago.

Por que se sentir tímida agora? Considerando o que eles acabaram de fazer, seria mais do que tolice. Fechou os olhos e imaginou que estava acostumada a estar deitada nua na cama com homens o tempo todo. Era mundana, sofisticada. Imaginou ter feito isso centenas de vezes.

Ela deveria voltar para seu quarto agora? Qual era a etiqueta? Estava debatendo para se levantar, quando Richard puxou as cobertas e deslizou para a cama ao lado dela. Ele apoiou a cabeça no cotovelo e a olhou solenemente.

— Isso foi... — disse, e Sabine ficou tensa por sua condenação — há muito esperado. E findou cedo demais. — fez uma careta pesarosa e afastou os cabelos da têmpora dela. — É tudo sua culpa.

Isso soou como uma crítica, mas ele se curvou e colocou o mais suave dos beijos em seus lábios. — Você é completamente irresistível.

Outro beijo, este demorando um pouco mais. Ela estremeceu.

— Da próxima vez, prometo, terei muito mais resistência.

Ela lhe deu um olhar altivo. — Fico feliz em ouvir isso.

Richard a rolou de lado, então puxou suas costas contra seu corpo, encaixando-os juntos, como colheres aninhadas. Sabine mordeu o lábio, maravilhada com a intimidade do gesto, como era certo ser abraçada pelo caloroso círculo de seus braços. Oh, este era um jogo perigoso. Muito fácil esquecer que eles eram apenas aliados temporários. Fechou os olhos enquanto

ele beijava sua nuca. Ela não tinha arrependimentos. Mas agora que a tinha, ele perderia o interesse?



Richard fechou os olhos, confuso, mas estranhamente contente. Fazer amor com Sabine de la Tour foi tão explosivo e satisfatório quanto ele havia imaginado. Mas, ao mesmo tempo, não conseguia acreditar em sua própria perda de controle.

Ele, que normalmente era aquele que extraía o prazer de sua parceira, brincando e provocando com habilidade consumada, mal durou cinco minutos. Nunca antes estivera tão desesperado, tão completamente motivado a ter uma mulher, a levá-la ao auge do prazer e se dar em troca.

Ele se sentiu como se tivesse sido atingido na cabeça por uma pá - atordoado e ligeiramente desorientado. Graças a Deus, o resto de sanidade que ele possuía o forçou a se retirar, antes de chegar ao clímax.

Balançou a cabeça, surpreso por ter conseguido até mesmo aquele pequeno gesto de autopreservação. Sempre usava um invólucro anticoncepcional com suas amantes - embora as odiasse - porque não queria se expor a doenças ou a um filho ilegítimo.

Nem tinha pensado em usar esta noite. Tinha estado tão preso na intensidade do momento, na necessidade selvagem e impulsionadora de possuir Sabine, que era como se seu corpo tivesse sabotado seu cérebro. Foi um prazer primoroso estar dentro dela, sem nenhuma barreira entre eles.

Richard franziu a testa contra o pescoço dela. No entanto, havia barreiras entre eles. Apesar do fato de que a queria de novo, com intensidade quase diabólica - como se seu corpo tivesse estado faminto de seu toque por tanto tempo que queria excessos dela agora - ainda havia barreiras de mentiras e meias-verdades entre eles. Ainda engano e desconfiança.

Ele beijou sua têmpora e gostou do jeito que ela estremeceu.

— Onde escondeu o dinheiro, Sabine? — murmurou.

Ela enrijeceu em seus braços e ele se amaldiçoou por ter falado o pensamento em voz alta. Sua caixa torácica subiu quando ela inalou.

— Acha que estou tão atordoada e confusa, por fazer amor, que perdi o juízo? — murmurou, e ele pôde ouvir o sorriso em sua voz. — É bom, mas não tão bom, Richard Hampden.

Ele deslizou a mão por seu ombro e pelas fascinantes ondulações da cintura e do quadril.

— Suponho que não o depositou em um lugar tão óbvio quanto um banco?

Ela fez um som de escárnio.

— Acha que eu confiaria no Banco da Inglaterra? — riu, um som rico e profundo que ele sentiu nas entranhas. E mais baixo. — Não são nada além de vigaristas de peruca. Eu preferia confiar em um salteador de estrada.

Ele deslizou a mão de volta para cima e segurou seu seio. Ela respirou

fundo e arqueou as costas, pressionando-se contra ele. Ele apertou.

— Claro que não está confusa o suficiente. — provocou —Terei que fazer melhor.

Ela murmurou um ronronar de apreciação. — Pois tente. Mas estou avisando, não sou uma conquista tão fácil.

Ficaria desapontado se ela cedesse à sua pesca nada sutil, Richard admitiu para si mesmo. Gostou do fato de que ela continuou a desafiá-lo, desafiando-o mentalmente, mesmo enquanto derretia em seus braços.

—Bom, se não podemos usar sua fortuna falsa, o que vamos dar para Visconti?

Ela rolou de costas e franziu a testa para ele.

— Certamente não precisará de nenhum dinheiro. Espere até que ele me diga onde encontrá-lo, então vá lá e prenda-o.

— Ele não é tão idiota. Esperará ser enganado. Teremos que preparar algum dinheiro, real ou falso, para ele inspecionar. Não quero nenhum motivo para ele pensar que o está levando para uma armadilha.

Ele suspirou.

— Apesar do que pensa sobre as profundezas ilimitadas dos meus bolsos, mesmo eu não consigo colocar as mãos em meio milhão de libras em tão curto prazo. E duvido que Castlereagh nos permita levar dinheiro de verdade. — passou a mão pelo cabelo. — Quanto tempo demoraria para falsificar tanto dinheiro?

— Para gravar novas chapas de impressão? Pelo menos três semanas.

Richard praguejou baixinho. — Tempo demais.



Sabine mordeu o lábio, enquanto o desejo de ajudar Richard guerreava com seu senso de autopreservação. Um homem tão mau como Visconti, sem dúvida, precisava ser parado, mas se ela confiasse em Richard mais um de seus segredos, ficaria sem um plano alternativo. Indefesa.

Fechou os olhos em desespero. Essa proximidade inesperada, esse desejo de compartilhar não apenas seu corpo, mas também seus pensamentos e problemas, era algo que desejava e desprezava. Estar tão desprotegida e vulnerável foi um erro grave. E, ainda assim, seu coração disse-lhe que era hora de confiar. Abrira seu corpo para ele. Talvez fosse hora de abrir um pouco sua alma também.

— Espere aqui.

Richard fez um som de protesto quando ela saiu da cama, agarrou a camisa do chão e a vestiu. Ela não se sentiria tão confortável quanto ele para correr pelada.

Encontrou a porta perto da lareira que ligava seu quarto ao dele, grata por não ter que se aventurar no corredor e correr o risco de ser vista pelos criados.

Richard franziu a testa confuso quando ela voltou com a caixa de tintas

e os dois pequenos retratos de seus pais, que estavam sobre a lareira.

— Vai pintar meu quadro?

Ela ficou muito tentada. Ele parecia delicioso, esparramado entre os lençóis, seu torso e braços musculosos visíveis.

— Não agora.

Abriu a caixa, tirou um pano e mergulhou-o em terebintina. Ele torceu o nariz com o cheiro. Com uma respiração profunda - e um pedido de desculpas silencioso para sua mãe - ela varreu a superfície da primeira pintura. Bem no rosto de sua mãe. A tinta se dissolveu sob o solvente, manchando as características delicadas em um borrão horrível e raiado.

Richard se sentou alarmado.

— O que está fazendo? — sua expressão horrorizada. — Estragou tudo!

Sabine o ignorou. Aplicou mais álcool no pano e repetiu o processo, esfregando com força a superfície da pintura.

Richard ficou boquiaberto com o aparente ato de profanação. Sabine olhou para ele e sorriu.

— Estes não são originais. Os retratos reais estão armazenados com segurança em Paris. Estas são cópias que eu mesmo pintei, há apenas algumas semanas.

Quase não havia mais tinta na superfície agora. Ela inclinou o painel de madeira em direção a ele para que ele pudesse ver a camada lisa de gesso, o *primer* à base de giz que ela usou para criar uma boa superfície plana para pintar.

Richard ainda parecia perplexo, ainda mais quando ela mergulhou o bloco de madeira na bacia de água e começou a esfregá-lo. A camada de giz caiu gradualmente, para revelar a placa de metal gravada, escondida embaixo. Sabine voltou para a cama.

— É um bloco da impressora.

Richard olhou, então para ela, maravilhado.

— É a capa da sua nota inglesa de dez libras — disse.

— Suponho que seu pai — ele inclinou a cabeça para a outra pintura — esconde o anverso?

Sabine assentiu. Seu coração estava batendo forte.

— Ninguém presta atenção a coisas que ficam desprotegidas. Não sei por que os museus não percebem isso. Não há maneira mais segura de ser roubado, se algo tem uma placa dizendo '*não toque*'. É irresistível para a natureza humana.

— É da sua natureza — disse ele com ironia. — O que a maioria das pessoas normais interpreta como um aviso educado, você traduz como um desafio pessoal direto. — Ele balançou a cabeça. — É o tipo de mulher que vê um aviso que diz '*por favor, não pise na grama*' e imediatamente se senta para um piquenique. Deleita-se em desobedecer à autoridade.

Sabine não pôde deixar de sorrir para isso. Ele a conhecia bem.

Richard inclinou a cabeça e seus olhos de tigre a aqueceram de dentro

para fora. Ela estava apenas imaginando a aprovação e respeito que viu neles?

— Está sugerindo que imprimamos nosso próprio dinheiro, senhorita de la Tour? — perguntou gravemente. — Porque isso seria falsificação. Em grande escala.

Seu rosto estava sério, mas a curva no canto da boca o denunciava.

— Consegue pensar em outra maneira de conseguir meio milhão de libras na semana que vem?

Seu cabelo caiu-lhe na testa enquanto ele balançava a cabeça, e os dedos de Sabine coçaram para alcançá-lo e alisá-lo para trás. Ele desabou sobre os travesseiros, com uma expressão de dor e resignação.

— Tudo bem, sua pequena criminosa. Venceu. Do que mais precisa?

O coração de Sabine gaguejou de alegria.

— Precisamos de uma prensa. Pode obter acesso a um jornal ou gráfica?

— Espero que sim. O que mais?

— Papel e tinta.

— Isso será feito.

Um estranho silêncio desceu entre eles e Sabine pigarreou, de repente estranha.

— Bem, eu, ah, acho que devo voltar para meus aposentos, então.

Se ele ficou desapontado, não demonstrou. Ela esperou que ele negasse, abrisse os braços e a chamasse de volta para a cama. Não fez nenhum dos dois.

— Boa noite.

Ela sentiu o olhar dele em suas costas enquanto cruzava para a porta do painel, mas ele não disse mais nada. De volta à sua cama, enterrou o nariz nos lençóis e tentou assimilar a surpreendente cadeia de eventos da noite. Não era mais virgem. E Richard nem percebeu.

Perversamente, ela não tinha certeza se estava desapontada com isso ou não. Pode ter sido bom para ele ter apreciado o fato de que ela o escolheu como seu primeiro amante. Então, novamente, ele poderia tê-la tratado de forma diferente se soubesse. Ele poderia ter parado completamente, e ela não teria trocado sua pressa apaixonada e desinibida por nada.

Foi mais do que ela jamais imaginou. Comparado aos seus esforços solos, o ato de amor dele foi uma sinfonia de orquestra completa, em oposição a um único violino áspero. Não havia dúvida de que ele poderia ser perigosamente viciante. Seu corpo ainda estava quente, dolorido, agradavelmente repleto. Já queria uma revanche.

— Onde estamos? — Sabine exigiu, enquanto a carruagem balançava e parava. Ela olhou para uma fileira de fachadas de lojas.

— Cheapside. — Richard baixou o degrau e saltou, depois se virou para ajudá-la. Conduziu até a loja mais próxima, cujas vitrines de muitos painéis exibiam uma proliferação de gravuras e cartuns satíricos. A placa pintada dizia Thomas Tegg, Books & Prints.

Tirou uma chave do bolso e destrancou a porta da frente. Sabine o seguiu para dentro e imediatamente se sentiu à vontade. A loja cheirava maravilhosamente familiar, como Carnaud - uma mistura de couro, cola, folha de papel e tinta de impressão, baunilha com um leve mofo sobreposto.

Ignorando as prateleiras de livros e cavaletes exibindo gravuras obscenas, Richard contornou o balcão de madeira e a chamou para a sala dos fundos.

Ele fez uma reverência magnífica.

— Sua oficina, *madame*.

Um sorriso se espalhou por seu rosto quando ela correu para examinar a grande prensa, com moldura de ferro, centralizada na sala.

— Esta é uma nova impressora *Stanhope*!

Richard sorriu.

— Pronuncia-se '*Stannup*', não '*Stan-hope*'. O nome vem do próprio Charles Mahon da Inglaterra, terceiro Conde '*Stanhope*'. A sociedade o chama de "*Cidadão Stanhope*", por causa de sua simpatia por sua revolução.

Sabine examinou a máquina com interesse.

— Ouvi que eles podem imprimir mais de duzentas impressões por hora. — Puxou a alavanca com cabo de madeira na frente, que baixou a placa de impressão superior para a inferior, então se virou e sorriu para ele, encantada com seu novo brinquedo.

Ele tirou a jaqueta e arregaçou suas mangas.

— Agora, o que mais precisamos para começar?

Sabine ergueu as sobrancelhas.

— O grande lorde Lovell está se dignando a ajudar? — brincou. — Tem certeza de que quer manchar essas suas mãos nobres com o comércio?

O olhar que lhe lançou fez seu estômago revirar.

— Oh, estou mais do que disposto a sujar as mãos.

Sabine ignorou a insinuação e tirou as luvas, chapéu e peliça, e os colocou em uma bancada, ao lado de uma guilhotina de braços longos, usada para fatiar várias folhas de papel.

— Muito bem. Mesmo com essa imprensa maravilhosa, ainda há muito que fazer. Isso imprime apenas um lado das notas de cada vez, então precisaremos alimentar cada pedaço de papel na máquina duas vezes. — prendeu a respiração com um pensamento repentino.

— Não temos o papel certo! Deve ser uma combinação muito particular de trapos de algodão e linho. *Merde*. Teremos apenas que usar papel comum e torcer para que Visconti não verifique se há marca d'água.

Richard lançou um sorriso superior para ela.

— Bem ali. — Ele apontou para um pacote retangular embrulhado em uma mesa.

Sabine desamarrou o barbante e ficou boquiaberta com as folhas. Ergueu uma e soltou um leve suspiro de descrença quando detectou a tênue marca d'água.

— Onde conseguiu isso?

A expressão de Richard ficou presunçosa.

— Só uma impressora em toda a Inglaterra tem contrato para fornecer papel ao Banco da Inglaterra. Henri de Portal em Laverstoke Mill em Hampshire.

Sabine enviou-lhe seu próprio olhar presunçoso.

— Ah, outro francês. Somos extremamente bons quando se trata de dinheiro.

Hampden ignorou sua zombaria.

— Castlereagh conseguiu mexer alguns pauzinhos. Não me pergunte como, mas suspeito que o Banco da Inglaterra possa estar perdendo um pacote, na próxima vez que fizerem um inventário.

Sabine ergueu as sobrancelhas.

— Cuidado. Isso soa terrivelmente como perdoar um crime para cometer outro. "*Perdoe uma ofensa e encoraja a prática de muitas.*" — citou.

— *Publilius Syrus* — disse Hampden com um sorriso, identificando corretamente a fonte.

Ela inclinou a cabeça.

— Em seguida, precisamos do tipo certo de tinta. A tinta de impressão é misturada com verniz, o que lhe dá um brilho distinto.

Ele apontou para várias garrafas grandes.

— Bem ali.

Sabine se ocupou em arrumar a sala e depois mostrou a Richard como colocar cada folha de papel em uma das extremidades da impressora.

— Tome cuidado para não prender os dedos — avisou.

Eles se estabeleceram em um ritmo amigável e ela balançou a cabeça com a perversidade do destino. Nunca imaginou que faria isso de novo. E, certamente, não com ele.

Richard descartou sua gravata e desamarrou a gola de sua camisa. Ela tentou não olhar. Vê-lo fazendo trabalho manual a deixou quente e incomodada. O homem realmente era bonito demais para seu próprio bem. Deixou a imprensa e inspecionou uma pilha de novas notas que eles haviam produzido. Richard se juntou a ela.

— O que acha? Vão passar no teste?

Ela correu o dedo sobre a superfície de um e assentiu. — Parecem bem.

— O que quer dizer?

Ela pegou a mão dele e dirigiu-lhe o dedo sobre a nota recém-impressa. Sente essas pequenas saliências e reentrâncias? A placa pressiona o papel com tanta força que não apenas a tinta dos arranhões gravados é transferida para o papel, mas o próprio papel é realmente pressionado para dentro das pequenas lacunas. Ele deixa aquele padrão em relevo distinto.

O dedo de Richard roçou o dela em seu caminho sobre o papel e seu sangue engrossou. Ela sabia que estava balbuciando, mas tudo em que conseguia pensar era no corpo dele, ali ao lado dela. Calor irradiava razoavelmente dele.

— É incrível como se podem detectar as menores variações com o toque — ela observou. — Nossos dedos são incrivelmente sensíveis.

Sabine inalou, imaginando os dedos dele em sua pele, aprendendo as texturas. Pare com isso! Ela se forçou a se afastar dele e apontou para as palavras na nota mais alta.

— 'Eu prometo pagar, '- ela leu em voz alta e balançou a cabeça.

— Eu sempre acho incrível que todo o sistema monetário se baseie em algo tão nebuloso como a confiança. — Olhou para ele, então rapidamente se afastou.

— As promessas são feitas facilmente e facilmente quebradas.

Richard segurou seu queixo.

— Não as minhas promessas. — disse ele suavemente. Virou o rosto dela para ele, forçando-a a encontrar seus olhos. — Se eu fizer um voto, eu o mantenho.

Acreditava nele. Ele não aceitaria uma promessa levianamente. Jurou pegá-la e aqui estava ela. Jurou acabar com Visconti, e ela não tinha dúvidas de que ele iria persegui-lo até os confins da terra, para obter justiça.

E quando ele conseguisse, não precisaria mais dela.

Ela se afastou de sua mão. — Vamos voltar ao trabalho.

Richard se endireitou. — Tempo para uma pausa.

Ele se espreguiçou e Sabine tentou ignorar a forma como sua camisa se apertou sobre seus ombros. Esteve intensamente ciente de sua proximidade durante todo o tempo em que estiveram trabalhando. Achou essa nova faceta dele - o trabalhador capaz - tão atraente quanto o altivo visconde de Lovell. Forçou os olhos para longe da linha convidativa de sua mandíbula e seus lábios perfeitos, e entrou na sala da frente.

Estudou os desenhos que decoravam as paredes. — Os ingleses têm uma grande tradição de cartunistas satíricos. — disse por cima do ombro — Cruikshank, Hogarth. Gillray. — apontou para a imagem de um príncipe de Gales grotescamente gordo na cama com sua amante, Lady Hertford. — Sou uma grande admiradora do seu Sr. Rowlandson. Veja - ele só precisa desenhar duas linhas para fazer algo parecer real.

Richard veio ficar ao seu lado. Ela podia sentir o calor de seu corpo próximo ao dela e sua boca secou. A impressão era um trabalho físico suado. Ele parecia como depois da esgrima, bagunçado e totalmente delicioso.

Esteve nua ao lado desse corpo. Parecia inacreditável.

Queria fazer de novo.

— Aí está — disse Richard com um sorriso. — Sua nova profissão. Em vez de gravar notas, pode causar ruptura social, de forma bastante legalizada, ao se tornar uma cartunista. Tenho certeza de que gostaria de influenciar os pensamentos e opiniões da população em geral.

Sabine torceu o nariz.

— Influenciar o humor das massas parece uma grande responsabilidade. — riu da imagem de três cavalheiros em um salão de baile, todos batendo as cabeças enquanto se inclinavam para pegar um leque feminino. Era intitulado *“Miseries of High Life.”*

— Sua família real fornece uma grande quantidade de material para zombaria, entretanto.

Hampden suspirou. — Eu sei. É quase fácil rir deles. O príncipe regente ficaria bastante sozinho, com suas dívidas, seu jogo, sua bigamia e seus adultérios. Ele pode ou não ter sido casado com a Sra. Fitzherbert, duas vezes viúva, quando se casou com a Princesa Caroline.

Sabine balançou a cabeça.

— Se o comportamento de Prinny já não fosse ruim o suficiente, existem outros dez filhos adultos do rei para proporcionar entretenimento. O Duque de York foi investigado pela venda de comissões militares por sua amante. O Duque de Clarence teve dez filhos de sua amante, a atriz Dorothea Jordan. Diz-se que a princesa Sophia, que não é casada, teve um filho ilegítimo, provavelmente de cavaleiro um idoso. O Duque de Sussex contraiu um casamento que foi prontamente declarado nulo e sem efeito. E suspeitava-

se que o Duque de Cumberland tivesse assassinado seu próprio valete..

— Eu achava que nossa realeza francesa fosse ruim. Mesmo assim, pode ficar tranquilo em sua cama. Se o país ainda não se rebelou em revolução, provavelmente nunca irá.

— Não graças a sua ajuda — disse ele com um sorriso.

Ela sentiu o amolecimento familiar e traiçoeiro de sua provocação e foi inundada por um estranho tipo de desespero. Seria perigosamente fácil amá-lo - e um erro fatal. Sua partida seria inevitável. Franziu o cenho para ele.

— Não consigo me concentrar com você aqui.

A covinha apareceu. — É bom saber.

Ela voltou seu descontentamento para as pilhas de notas bem impressas.

— Qual é o problema? — perguntou quando ela balançou a cabeça.

— São muito novas. Deve haver manchas e marcas, dobras e vincos. Uma nota de banco real foi manuseada centenas de vezes.

— Por que isso é um problema? Visconti espera falsificações, não notas circuladas.

— Não podemos deixá-las assim. São muito visíveis. Precisamos torná-las um pouco ásperas.

— Eu tenho uma ideia. — Richard pegou um punhado e foi até os fundos da loja, onde uma escada estreita subia para o andar superior. Sabine tinha espiado lá mais cedo; continha uma pequena sala de estar, com uma mesa, uma poltrona e uma única cama estreita, presumivelmente para o aprendiz do impressor, ou para o próprio impressor, se estivesse trabalhando até tarde.

Richard espalhou as notas na cama.

— Quer pular sobre elas? — Sabine perguntou duvidosa.

Uma luz perversa apareceu em seus olhos.

— Não exatamente. — Deu-lhe um olhar astuto e questionador. Sabine sentiu as maçãs do rosto ficarem vermelhas ao reconhecer sua expressão atenta. Isso trouxe um flash de calor para sua pele e uma sensação lancinante entre suas pernas.

Ele deu um passo em direção a ela e seus olhos se arregalaram.

— Está no meio do dia!

Olhou para ela, entre irônico e cínico.

— Eu sei que horas são, senhorita de la Tour. Venha aqui.

— É um homem muito perverso — ela repreendeu, recuando. Seu coração batia loucamente em seu peito. Ele tentou agarrá-la, mas ela saltou de lado, fora de seu alcance. Ela disparou para um lado, ele para o outro, cada um deles em um lado oposto da pequena cama.

— Vou te pegar. — ele rosnou. — Eu sempre pego meu homem.

— Ou mulher? — brincou ela.

Ela estava gostando muito desse jogo infantil, a emoção inegável de ser perseguida por um lobo tão atraente. A torção baixa em sua barriga não era medo. Era saudade.

Ela fingiu ir para esquerda, mudou de direção e saltou na cama, tentando passar por ele, mas ele foi rápido demais. Pegou-a pela cintura, levantou-a do chão e a depositou com um salto no colchão estreito.

Algumas das notas voaram e as molas de metal rangeram em protesto. Sabine soltou uma risada estridente. Não conseguia parar de rir, ofegante pelo esforço, a mão na garganta. Ele pegou suas mãos, entrelaçou seus dedos nos dela e os espalmou contra a cama, sobre a cabeça dela, mantendo-a prisioneira. O papel farfalhou embaixo deles.

— Te peguei. — ele riu em sua melhor voz de lobo malvado. Seu tom de barítono profundo causou arrepios em seu corpo. — Agora tem que pagar.

— Quanto quer? — ela respirou.

Seus olhos queimaram os dela.

— Tudo que tem.

Ele se abaixou com uma lentidão tentadora. Sua boca roçou a dela, gentil a princípio, leve como uma pena. Tão suave e doce, como o traço de um pincel de pelos de marta. Sabine moveu-se para ele, pressionando seu corpo contra os duros planos dele, querendo mais.

Sentiu o toque da língua dele e o encontrou com a sua. A risada dela parou, quando a brincadeira ficou séria. Ele a beijou uma e outra vez, beijos intermináveis, embriagadores, agarrando-se e moldando-se, aprendendo os contornos de sua boca com uma concentração dedicada, que a deixou trêmula.

Ela se arqueou, desejando todo o seu peso, mas ele se manteve afastado, acima dela. Prendeu suas mãos e abaixou a cabeça para acariciar seu pescoço, a frente de seu vestido. Quando encontrou o pico tenso de seu seio, permaneceu lá, mordendo-a através do tecido. O prazer a atingiu como fogos de artifício.

Ele soltou suas mãos e se levantou, mas ela engoliu seu protesto instintivo quando ele, rapidamente, tirou a camisa. Em seguida, suas calças.

O sol do fim da tarde entrava pelas janelas encardidas, iluminando seu corpo glorioso. Essas pernas longas e magras, os músculos rígidos de seu peito. A evidência inegável de seu desejo por ela.

Sabine sorriu lentamente.

Seu peito era liso, exceto por uma linha intrigante de cabelo caindo de seu umbigo até sua excitação impressionante. Sabine bebeu bastante dele. Tinha uma cicatriz no peitoral e um novo arranhão no braço. Seu coração se apertou. Não era invencível, apesar do ar de invulnerabilidade que exalava. Ela não queria pensar em quão facilmente ele poderia ter sido morto em suas atividades durante a guerra. Uma bala perdida, um soco de sorte. Chegando ao local de uma bomba poucos minutos antes e sendo pego pela explosão. Ela estremeceu.

Richard estendeu a mão. Colocou-a de pé, então a girou de forma que ela ficasse de costas para ele. Sabine ficou quieta enquanto os dedos dele desabotoavam o vestido, que caiu a seus pés, com um farfalhar de tecido. Seu espartilho curto atado na frente. Ele a virou de costas e abaixou a cabeça, sua

expressão intensa enquanto afrouxava os laços.

O espartilho caiu. Seus dedos roçaram seu braço enquanto ele desatava os laços de seu chemise em cada ombro e ela prendeu a respiração quando a peça desceu, deixando-a completamente nua para seu olhar quente.

Desta vez fora totalmente diferente do borrão apaixonado de antes. Agora fora lento e totalmente deliberado. E tão excitante quanto.

Sua respiração estava saindo em fôlegos curtos e animados. Queria se jogar em seus braços, mas, em vez disso, ela simplesmente ficou ali, suportando seu escrutínio silencioso. Uma onda de dúvida se apoderou dela. O corpo dela provavelmente não era o mais belo que ele já vira na vida; mas afastou o pensamento. *Ela* estava aqui, aquelas outras mulheres não.

Sua lupa ainda estava entre seus seios, suspensa em sua fina corrente de ouro. Richard pegou e usou-a para trazê-la para frente, com um leve puxão. Sua respiração engatou. Ele ergueu a pequena lente e tocou-a na lateral do rosto, roçando a pele em um estranho tipo de carícia. Seguiu a linha de sua mandíbula, então se desviou mais para baixo, para baixo em sua garganta.

Ela mal conseguia respirar por desejá-lo. Sua pele se arrepiou quando ele usou a lupa para descrever círculos preguiçosos ao redor de seu seio, circulando em uma espiral cada vez mais perto de seu mamilo. Seu rosto era um estudo de concentração. Ele pressionou a superfície fria na ponta, e seu estômago se contraiu em antecipação.

— Por favor. — ela sussurrou dolorosamente.

Ele ergueu os olhos.

— Alguém uma vez me disse que aprender a forjar algo é como aprender um idioma. Precisa repetir várias vezes, até que seja fluente o suficiente para conversar em um nível decente.

Sabine franziu a testa em um flash de lembrança. Ela dissera isso.

O canto de seus lábios se curvou.

— É o mesmo com fazer amor. — deixou cair a lupa e deslizou os braços em volta da sua cintura.

— Muito e de novo. Gostaria de conversar comigo, Sabine?

Oh, a besta! Ele certamente era fluente nessa língua em particular. E ela seria uma tola se recusasse. Sabine colocou os braços em volta dele e trouxe-lhe os lábios contra os seus.

Ela não se conteve, beijando-o com todo o ardor de sua alma, e ele respondeu com um entusiasmo gratificante. Com um gemido, ele a apertou contra o peito e a deitou na cama. As notas de libras amassaram-se embaixo deles, mas Sabine mal percebeu. Estava muito preocupada em levar Richard além da razão.

Richard se rendeu à loucura.

Sabine mordeu o lábio inferior, enviando uma onda de sangue para sua virilha, e então se arqueou sob ele. Ele ficou maravilhado com a perfeição dela. Era pequena, muito menor do que ele, mas forte, flexível e vibrantemente viva.

Não conseguia parar de tocá-la - a curva de suas costas, a linha de suas coxas, a textura suave e sedosa de sua pele quente. Fechou os olhos e passou os dedos sobre ela, privando-se da visão, lendo seu corpo com o toque.

Estava certa sobre os dedos, ele pensou vagamente. Sua sensibilidade. Os dedos eram coisas surpreendentes. Explorou cada curva do ombro e clavícula, cada cavidade da costela e curva do peito.

A fome estava crescendo dentro dele e ele se afastou, ofegante, tentando encontrar aquela distância fria. Não estava lá. Ela o encantou, o enganou, o enfeitiçou. Estava viciado no perigo picante dela.

Na noite passada, mal durou cinco minutos. O orgulho exigia que, desta vez, ele mantivesse algum controle. Deslizou pelo corpo dela, determinado a demonstrar pelo menos um pouco de sua perícia.

Ofegou quando ele se acomodou entre suas pernas e tentou puxá-lo pelos cabelos, mas ele simplesmente beijou a parte interna de seu joelho e disse-lhe que se deitasse e se divertisse. Ela quase pulou da cama quando ele beijou seu núcleo, então afundou com um suspiro de felicidade.

Richard reprimiu um gemido de triunfo quando uma onda de feroz possessividade cresceu dentro dele. Esta criatura linda e irritante era dele. Usou sua boca nela, sua língua. E então seus dedos, deslizando e brincando até que ela estava incoerente, torcendo-se na cama, perdida em doce abandono.

Ela gritou seu nome quando seu clímax atingiu e ele se levantou e se afundou nela em um movimento fluido. A sensação era tão intensa que ele se acalmou, precisando de um momento para recuperar o controle que ameaçava sumir em espiral. Os músculos internos dela o agarraram como uma luva, e uma emoção estranha apertou seu peito, algo terno, grato e estranhamente protetor. Este era o lugar onde ele pertencia. Aqui, com esta mulher maravilhosa e impossível.

Richard balançou a cabeça. Não precisava de ninguém. Era luxúria, isso era tudo. Luxúria maravilhosa e gloriosa.

Ele se moveu, com lentidão deliberada, levou-a até a borda, então recuou, sem pressa, acompanhando os dois para intensificar o momento de liberação até que ela implorasse, tremendo de desejo. Cada golpe o trouxe mais perto de explodir e com um gemido baixo de derrota ele mergulhou nela, uma e outra vez, abandonando o controle.

Não havia nada praticado ou restringido sobre isso. Selvagem abandono.

Gratuito. Ele não tinha nenhuma sutileza. Era simplesmente poder e prazer, alegria inimaginável. Podia sentir a escuridão se aproximando, doce e rica, ouviu-a gritar de alegria - estava perdido. Seu próprio clímax o acertou na nuca como o golpe vencedor de um pugilista, e ele deslizou para aquele brilho escuro de escarlate e preto com um gemido abafado de prazer.



Sabine perdeu a conta do número de vezes, nos três dias seguintes, que Richard exigiu que ela contasse onde seu dinheiro estava escondido para poupar o esforço de imprimir o seu próprio dinheiro. Mas ela permaneceu inflexível; não desistiria.

Não o estava ajudando por causa do acordo estúpido de um mês. Queria vingar aquela jovem em Paris, tanto quanto ele.

Raven e Will Ambrose aprenderam a usar a impressora, mas ela ainda tinha que estar lá para supervisionar. Lembrou-se de seu antigo time em Vincennes: Peter, Claude e Mathilde. Sentia falta da camaradagem, da sensação de trabalhar juntos, para algum propósito comum.

Sentia falta de Anton acima de tudo e rezava para que ele estivesse longe de problemas. Ele tinha apenas mais dez dias, até que pudesse escapar para Boston, mas com Malet aguardando seu dinheiro em apenas quatro dias, esperava que seu amigo permanecesse bem escondido.

Considerou tentar imprimir falsificações adicionais para dar a Malet, mas foi impossível, sob os olhos vigilantes de Raven, Will e Richard. Sabiam exatamente quantas notas haviam produzido. E, além disso, era improvável que Malet fosse enganado com nada menos do que a quantia total que haviam roubado dele, o que era impossível. Sabine não tinha ideia do que faria a respeito daquela situação em particular, mas como o encontro com Visconti era iminente, empurrou-o para o fundo de sua mente.

O dinheiro estava pronto, duas sacolas cuidadosamente embaladas com quinhentas mil libras. Nem ela nem Richard dormiram por mais do que algumas horas, trabalhando solidamente para imprimir falsificações suficientes para satisfazer a demanda de Visconti. Quando não estava imprimindo, Sabine se ocupou fazendo os documentos de viagem falsos para Visconti.

Finalmente, ao meio-dia do dia do casamento real, uma mensagem chegou endereçada a Madame de la Tour: *Uma carruagem será enviada às nove horas desta noite. Traga o dinheiro e venha sozinha.*

Sabine devolveu o bilhete a Richard e olhou nervosamente pela janela.

— Acha que ele está vigiando a casa?

Richard encolheu os ombros. — É possível. Por isso que pareceremos fazer exatamente o que ele diz. Entrará na carruagem com o dinheiro e partirá. Raven e eu a seguiremos, longe o suficiente para não levantar suspeitas. Assim que virmos Visconti, vamos agir.

Sabine assentiu. Não queria saber o que Richard queria dizer com “agir”, mas suspeitava que seria algo mais do que simplesmente prender o homem. E depois do que Visconti fez em Paris, não se sentia mal por isso. Ele merecia tudo o que lhe viesse.

Richard passou a mão pelo cabelo.

— Cristo, odeio ter que envolvê-la nisso.

Ela forçou um sorriso confiante, embora seu estômago estivesse embrulhado.

— Quer pegá-lo, não é?

Sua mandíbula se apertou. — Certamente. Mas leve sua pistola, por precaução. Se você se sentir ameaçada, a qualquer momento, use-a. Entendeu?

A carruagem chegou à porta às nove e um quarto. Raven, que estava lá desde o café da manhã, foi preparar os cavalos. Richard segurou o braço dela no corredor. Virou-a para encará-lo, sua expressão severa.

— Estarei logo atrás, mas não tente nada estúpido. Vamos lidar com Visconti. — acariciou sua mandíbula com o polegar. — Isso tudo vai acabar logo, prometo. — puxou o capuz da capa dela em volta do rosto e deu um leve beijo em seus lábios, que fez seu estômago vibrar com mais do que apenas nervosismo. Sabine se levantou, mas ele recuou e acenou para os dois lacaios que esperavam para colocar as malas na carruagem.

Ela estudou o cocheiro atentamente, mas ele não era Visconti. Não tinha pensado que ele se arriscaria vir pessoalmente, mas mesmo se ele fosse um mestre do disfarce, não poderia ter fingido o nariz torto do homem e vários dentes faltando.

— Onde estamos indo? — exigiu imperiosamente.

O condutor deu-lhe um sorriso sabedor e bateu na lateral do nariz com um dedo. — Seu bom amigo me disse Vauxhall. Mas se for Gretna Green, irá para mais além. Precisarás subir na diligência. Nunca vou além de Holborn.

Sabine ergueu as sobrancelhas. O homem pensou que estava participando de uma fuga. Se não estivesse tão tensa, teria rido.

— Pode demorar um pouco para atravessarmos o rio. — o cocheiro tagarelou alegremente.

— Todos estão indo para o mesmo lugar, para ver os fogos de artifício do casamento.

Sua previsão sombria provou ser verdadeira. A carruagem mal havia virado para Park Lane quando ficou engarrafada em uma grande multidão de tráfego e diminuiu a velocidade quase até a paralisação. Um grande número de veículos, de todas as formas e tamanhos, encheram a via pública, todos indo na mesma direção — sul, em direção à residência do príncipe, Carlton House.

Os pedestres se aglomeraram ao redor, passando entre os veículos que se moviam lentamente, como uma grande onda. Os cavalos balançavam a cabeça e empinavam em agitação, enquanto os condutores gritavam maldições e advertências e tentavam acalmar suas parelhas de cavalos. O condutor de Sabine se juntou a eles, lançando xingamentos contra as crianças que se agachavam sob os trilhos e vendedores ambulantes, que se aproximavam para se inclinar na janela a lhe oferecer fitas coloridas ou laranjas com cravos pressionados na casca.

Rastejaram para frente, pouco mais rápido do que um passo de caminhada. Sabine não conseguia ver Richard seguindo-a, mas ele certamente não teria dificuldade em acompanhar sua carruagem, em uma cavalgada tão lenta.

A carruagem balançou de lado nas molas quando alguém pisou. Sabine se virou para repreender o vendedor ambulante, então sufocou um grito quando a figura abriu a porta e se jogou ao lado dela. Seu coração deu um salto quando Visconti se acomodou no assento oposto.

— Boa noite, *madame*.

O rosto de Visconti estava calmo, divertido, mas seu sorriso não alcançava seus olhos. O coração de Sabine começou a disparar. Richard o vira deslizar para dentro da carruagem?

Visconti colocou uma fina caixa de madeira preta no assento, ao lado dele, e retirou uma faca de aparência perversa de sua cintura. Sabine recostou-se no assento.

— Ah, então vê minha linda faca, não é? — ronronou Visconti. — Não se esqueça disso. Vou cortá-la de orelha a orelha se não fizer exatamente o que digo.

A suavidade de sua voz era extremamente desconcertante - e muito mais assustadora do que se ele tivesse gritado. Sabine olhou em seus olhos escuros. No crepúsculo que se aproximava, eram como piscinas sem fundo, totalmente

desprovidas de emoção. Ele realmente não piscaria, se tivesse que cortar sua garganta. Suas palmas começaram a suar.

— Está com meu dinheiro?

Ela pigarreou. — Sim. — apontou para as sacolas a seus pés.

— Abra-as — disse ele asperamente. — Eu quero ver.

Suas mãos tremiam tanto, que foram necessárias várias tentativas para desfazer as fivelas e abrir as travas de latão, mas ela, finalmente, abriu a tampa de uma delas. O dinheiro havia sido amarrado em pacotes organizados; as bordas superiores balançavam com a brisa que entrava pela janela.

Visconti inclinou-se para a frente e os folheou, olhando para cada nota por vez, até o final. Graças a Deus, não tentaram enganá-lo, colocando apenas algumas notas impressas no topo de cada pacote e, em seguida, enchendo o restante da caixa com papel em branco. Todo aquele esforço valeu a pena.

Ele assentiu. — Bom. Agora a outra.

Mostrou-lhe o conteúdo da segunda bolsa e deu um suspiro de alívio quando ele caiu para trás, aparentemente satisfeito.

— Eu a elogio pela qualidade das suas falsificações, *madame*. — estendeu a mão. — Agora os papéis falsos.

Sabine entregou-os. Ele os submeteu a um escrutínio intenso também, mas ela estava confiante em suas habilidades. Ele não teria queixas. Apurou os ouvidos, tentando ouvir qualquer sinal de que Richard estava lá fora, se preparando para atacar.

Uma rápida olhada pela janela mostrou que eles estavam em frente à entrada do Green Park. Um grande número de pessoas se acotovelava para entrar, para ver as diversões.

Visconti pegou a caixa de madeira, mantendo a faca na outra mão.

— Pegue as sacolas. — ordenou.

Quando Sabine obedeceu, ele abriu a porta e gesticulou para que ela sáísse da carruagem ainda em movimento. Sabine deu uma olhada em sua faca e saltou. Tropeçou ao pousar e olhou em volta freneticamente, em busca de Richard, mas Visconti pressionou a lâmina em seu lado e a impeliu para frente, através da multidão.

— Ande. — ordenou em seu ouvido.

O parque era um mar de gente, todos ansiosos para ver a princesa e seu príncipe de contos de fadas. Charlotte, ao que parecia, era muito mais popular do que seu pai gordo e esbanjador. Afinal, as pessoas adoram um romance. Ou talvez fosse apenas uma desculpa para uma festa, Sabine pensou descontroladamente.

Suas pernas pareciam água. olhou por cima do ombro, mas ainda não havia sinal de Richard ou Raven. *Merde!*

Barracas, como tendas listradas, foram erguidas ao longo de todos os passeios e ao redor da margem do grande lago central. Passaram por ciganos que vendiam cachos de rosas brancas da sorte, pés de coelho e lenços. O cheiro de nozes cozidas no mel se misturava ao aroma de vinho com

especiarias e porco assado inteiro, fazendo seu estômago revirar.

Música e risos enchiam o ar da noite, e o ar geral de alegria era um contraste desconcertante com seu próprio estado de pânico. Sabine considerou brevemente tentar correr, escapar de Visconti para a multidão, mas não ousou, com a faca ao lado do corpo.

Centenas de lanternas brilhantes estavam suspensas em estacas altas e penduradas nas árvores. Fileiras delas cobriam a ponte ornamental em estilo chinês, que se estendia sobre a água e iluminava o pagode de cinco camadas que se tinha erguido no centro.

Visconti a conduziu pela ponte. À medida que a multidão diminuía, gesticulava para que ela saísse do caminho, por um pequeno bosque de árvores. O pânico de Sabine aumentou. Richard não a tinha visto. Ela estava sozinha.

Pensou em bater em Visconti com as sacolas de dinheiro que segurava, mas rejeitou a ideia. Eram muito pesadas. Ela ainda tinha sua pistola de bolso, mas como poderia pegá-la e segurar essas bolsas infernais ao mesmo tempo?

Emergiram das árvores ao lado de um prédio que, obviamente, havia sido erguido para as festividades; a grande estrutura de madeira parecia um templo de estilo grego. Sabine olhou para o outro lado do lago e percebeu que estavam em frente à entrada da Carlton House. Uma grande multidão se reunia do outro lado, aguardando o aparecimento iminente da festa de casamento.

Seu coração bateu forte contra o esterno. Visconti pretendia matá-la? Tinha seu dinheiro e seus documentos de viagem. Ela não tinha mais utilidade para ele.

Ele a impeliu para dentro.

Uma única tocha iluminava o interior. Ao contrário do exterior, que estava totalmente decorado, o interior estava inacabado, como o reverso de um cenário de teatro. Ângulos de madeira e vigas cruzadas emaranhadas sustentavam as paredes externas e um conjunto de degraus de madeira, de aparência instável, subia para um nível superior. Cheirava a serralagem nova e tinta fresca.

Visconti gesticulou para que ela largasse o dinheiro e apontou para a escada.

— Para cima.

Sabine estava dividida entre confusão, irritação e terror. Para cima? Por que, diabos, ele queria que ela fosse lá? Se ia matá-la, certamente poderia fazer isso tão bem aqui embaixo. Abriu a boca para dizer exatamente isso, mas ele falou primeiro.

— Deve estar se perguntando por que a trouxe aqui.

Quando ela apenas ergueu as sobrancelhas, ele riu, encantado com a recusa dela em se intimidar. — Não vou machucá-la, *chérie*. — ele repreendeu. — É valiosa demais. Eu seria um tolo se matasse a galinha dos ovos de ouro.

Uma risada histérica brotou no peito de Sabine. Sempre quis ser insubstituível. Agora, parecia que suas habilidades iam salvar sua vida. Enfiou a mão no bolso e engatilhou a pistola.

— Nunca vou trabalhar para você. — disse, friamente.

Visconti a empurrou em direção à escada. — Para cima.

— Não. — Sabine sacou a pistola, se virou e puxou o gatilho.

A *detonação* da arma foi seguida quase imediatamente por um berro enfurecido de Visconti. Sabine mal teve tempo de registrar a descrença por ter perdido, quando o punho dele a acertou em plena face.

A dor explodiu em seu crânio. Ela cambaleou para trás, nos degraus, quando ele torceu a arma de sua mão e agarrou seu cabelo.

— Sua vadia! Levanta!

Sabine soltou um grito de dor quando ele a forçou a subir os degraus. Seus olhos estavam lacrimejando quando emergiram em um nível superior e ela levou alguns momentos para perceber que estava aberto para o céu, como as ameias de um castelo. A respiração de Visconti estava pesada em seu ouvido quando a empurrou contra as grades de madeira. Ela caiu no chão, seus ouvidos ainda zumbindo, furiosa e desesperada ao mesmo tempo. Como conseguiu errar? Ele estava a menos de trinta centímetros de distância!

A lasca perversa de sua faca brilhou diante de seus olhos quando ele puxou sua cabeça para trás. Sabine ficou imóvel.

— Não tem falta de coragem, vou admitir. — disse ele com uma voz curiosamente distanciada. — Mas se resolver se mexer de novo, vou te matar, ganso dourado ou não. Não é a única falsificadora na Europa. — apertou dolorosamente o couro cabeludo dela. — Entende?

Sabine moveu a cabeça apenas uma pequena fração de acordo. Visconti a soltou e se levantou. — Bom. Agora sente-se, enquanto eu cuido dos negócios.

Sabine olhou ao redor. A plataforma estava coberta com uma variedade de tubos de papelão, dispostos ordenadamente em linhas, todos voltados para cima, com o que parecia ser um barbante passando entre eles. Ela apertou os olhos, tentando ler as palavras nas proximidades: Fonte Chinesa, Teixo, Estrela Flamejante.

Nesse momento ela entendeu; eram os fogos de artifício para a exibição, unidos por um único pavio. Cada um acenderia o seguinte. Sabine se perguntou miseravelmente o que Visconti tinha feito com a pessoa que os deveria estar acendendo.

Naquele momento, uma grande ovação subiu da multidão do outro lado da água. Um grupo de figuras emergiu entre os pilares da Carlton House. Sabine conseguiu distinguir os recém-casados: Charlotte com um vestido prateado e Leopold com o uniforme de general britânico. Um grupo de outros dignitários e cortesãos, muitos em cores militares, os flanqueava. E havia o príncipe regente em pessoa. Uma cadeira foi providenciada para sua forma corpulenta e ele se sentou no meio deles - um alvo inconfundível.

Visconti colocou sua caixa de madeira na balaustrada, pousou a faca e sacou um mosquete de cano curto. Acariciou o cabo de madeira como um amante.

— Eu era um atirador, sabe? — disse suavemente, e Sabine estremeceu com o tom razoável de sua voz. Ele não parecia um louco. — Na Rússia. Posso acertar um alvo a mais de trezentos metros de distância.

Ele olhou para os degraus da Carlton House, avaliando a distância. — Só duzentos para o príncipe. — disse, com um sorriso doentio. Carregou o mosquete com uma eficiência assustadoramente rápida.

— A princípio, considere qualquer tipo de explosão. — continuou. — Mas nunca é fácil garantir a precisão. Uma bala é muito mais... pessoal. — Seus lábios finos se esticaram com seu próprio humor enquanto, cuidadosamente, tirava sua jaqueta e a colocava sobre o corrimão.

O estômago de Sabine se revirou com sua ostentação casual de assassinato a sangue frio. Tinha que impedi-lo. Deveria enfrentá-lo? Gritar por ajuda?

— Por que está fazendo isso? — Seu rosto doía onde ele a socou. — Já tem dinheiro. Por que, simplesmente, não sai?

Um sino tocou sobre a água. A música cessou e um silêncio expectante caiu sobre a multidão. Visconti balançou a cabeça.

— Essa é a minha deixa, *chérie*.

Sabine percebeu que toda a multidão se virou para o pavilhão; centenas de rostos pálidos indistintos se voltaram para eles. Ela se preparou para pular, mas Visconti deu-lhe um olhar letal. — Não se mexa.

Colocou a arma carregada ao lado de sua faca na grade, acendeu uma tala de madeira e tocou no pavio do fogo de artifício mais próximo. O fogo correu ao longo da corda fina, em uma efervescência brilhante de faíscas. Houve uma breve pausa enquanto ele desaparecia sob os primeiros fogos de artifício, e então um grito ensurdecedor quando a pirotecnia disparou para o céu.

A multidão rugiu de aprovação.

Seguiram-se os fogos de artifício seguintes, depois os seguintes, uma reação em cadeia sucessiva. Em um momento todo o ar estava em chamas, e Sabine tapou os ouvidos com as mãos, para bloquear o barulho ensurdecedor. A multidão ofegou e aplaudiu quando as faíscas brilhantes formaram coroas, corações, até mesmo as iniciais C e L entrelaçadas para a noiva e o noivo, no céu escuro.

Os explosivos liberaram uma fumaça cinza espessa que se prendeu em seus pulmões e a fez se dobrar, tossindo. Sabine sentiu um breve surto de esperança de que a fumaça pudesse obscurecer o tiro de Visconti contra o príncipe, mas ele parecia imperturbável. Sem dúvida, estava acostumado a compensar condições como essa durante a guerra, pensou desesperadamente.

Através da fumaça, ela o viu se ajoelhar e equilibrar o mosquete na balaustrada.

Não podia deixá-lo atirar. Sabine se levantou e se lançou sobre ele, tentando se lembrar de cada movimento sujo que Richard havia ensinado a ela. Ele tombou de lado, pego de surpresa, e ela o seguiu, arranhando seu

rosto. A mão dela encontrou sua orelha e ela torceu impiedosamente, em seguida, colocou os braços em volta da cabeça para obscurecer seus olhos, enquanto tentava simultaneamente evitar o cano mortal do mosquete.

Quando ele colocou um braço ao redor do pescoço dela, ela mordeu o antebraço dele. Com força. Visconti jurou ferozmente - e sua vantagem momentânea acabou. Ele levantou o mosquete e deu um golpe agonizante em suas costelas com a coroa de madeira.

Sabine desabou e se enrolou em uma bola, enquanto a dor escurecia sua visão. Agarrou seu estômago, mal conseguindo respirar, enquanto seus músculos se contraíam. Visconti levantou-se cambaleando e deu uma série de chutes brutais em suas costas e costelas e ela gritou, tentando proteger a cabeça e o corpo com os braços.

— Cadela! — praguejou amargamente.

Ela tentou rastejar para longe, mas seus membros não obedeceram. Respirou agonizantemente e fechou os olhos, esperando que ele usasse o mosquete nela. Podia detectar os flashes dos fogos de artifício mesmo por trás de suas pálpebras fechadas. Ela os apertou com força e ouviu o clique do martelo do mosquete.

Então veio a explosão.

CAPÍTULO 54

Sabine esperou que a dor a atingisse, mas não houve dor - pelo menos, não mais do que já havia sentido. Ela se desenrolou, bem a tempo de ver Visconti cambalear para trás, uma mancha escura se espalhando no ombro de sua camisa branca. Ele se virou em direção à escada com um uivo de descrença.

Richard surgiu em meio à fumaça e Sabine soltou um gemido de alívio. Ficou horrorizada quando Visconti ergueu seu mosquete e atirou. Richard mergulhou atrás de uma caixa de fogos de artifício ainda explodindo e Sabine esticou o pescoço para ver se ele havia sido atingido. Cambaleando, Visconti jogou a arma no chão e se lançou.

Os dois homens travaram uma luta violenta. Richard desferiu vários golpes brutais nos rins de Visconti, em seguida, concentrou-se em seu ombro ferido. Eles bateram em outra caixa, derrubando-a. Os fogos de artifício continuaram a explodir, gritando no ar como espíritos celtas. Alguns, desalinhados, correram pelo chão e desapareceram escada abaixo ou incendiaram seus vizinhos.

Era como uma cena do inferno. A fumaça subia por toda parte, com o cheiro acre de enxofre e carvão. Flashes de vermelho e dourado iluminaram brevemente uma série aterrorizante de quadros antes de mergulhá-los de volta na escuridão: Visconti, dentes à mostra, em fúria assassina, as mãos em volta do pescoço de Richard. Richard, punhos batendo impiedosamente no corpo do outro homem. Grunhidos de dor e respiração ofegante.

Uma roda *Catherine* falhou ao lançar e girou furiosamente ao longo do solo, acendendo ainda mais a tela. Pequenos incêndios surgiram por toda parte.

Sabine rastejou para longe das chamas ardentes e encontrou a faca de Visconti onde ela havia caído no chão. Cambaleou e se aproximou dos dois homens, procurando uma abertura. Quando Visconti expôs suas costas, ela viu sua chance. Ergueu o braço e cravou a lâmina com força em seu ombro.

Visconti deu um grito agudo de dor e arqueou as costas, o braço balançando furiosamente para afastá-la. Richard aproveitou. Seu próximo golpe acertou precisamente a tâmara de Visconti que cedeu como uma marionete.

Richard empurrou o corpo inerte e se levantou, com o peito arfando. Ele se curvou, as mãos apoiadas nos joelhos, enquanto tentava recuperar o fôlego. Estava respingado de sangue. Seu próprio? Ou de Visconti?

— Está machucada? — exigiu ferozmente. — Me responda, Sabine. Ele te feriu?

Sabine balançou a cabeça, embora suas costelas estivessem doendo e a dor em sua cabeça a fizesse querer vomitar. Ele cedeu de alívio.

— Estou bem. Graças a Deus, chegou a tempo. — respirou fundo e

olhou para a figura caída de Visconti.

— Ele está morto?

Richard deu um passo à frente, seu rosto intenso. — Ainda não.

Sabine segurou seu braço. — Não, — ela tossiu.

Richard olhou para ela como se fosse louca. — Ele merece morrer.

— Eu sei. Mas não assim. Deveria se balançar na ponta de uma corda pelo que fez com aquela garota em Paris.

Richard deu um chute violento no corpo inerte de Visconti.

— Ele deveria queimar no inferno. — disse sombriamente.

— Ele vai.

Richard deu um suspiro furioso, mas Sabine sabia que tinha vencido. Não precisava da morte de Visconti em sua consciência, por mais satisfatório que ele imaginasse que a vingança poderia ser. Isso só o deixaria com mais cicatrizes.

Ela se virou em direção às escadas e soltou um suspiro de consternação. Uma espessa fumaça cinza estava subindo de baixo. — Precisamos ir. — ela pressionou.

Richard teria ficado feliz em deixar Visconti queimar, mas quando ela olhou fixamente para o corpo, ele praguejou, agarrou o outro homem pelo colarinho e arrastou-o sem muita delicadeza em direção à escada.

Era como descer ao inferno; chamas laranja saíam de uma caixa de fogos de artifício não utilizados e a fumaça enchia a pequena sala. Sabine ergueu a mão para proteger o rosto e correu para a entrada, tropeçando na grama. Richard surgiu logo atrás dela. Deixou Visconti a alguns metros de distância, correu para ajudá-la e, juntos, cambalearam para longe da estrutura em chamas.

Fogos de artifício ainda estavam espoucando para o céu, dezenas de cada vez, refletindo na superfície ondulante do lago, um fluxo contínuo de fogo branco. O barulho era uma parede de som que machucava seus ouvidos, uma rajada de estalos que soava quase como aplausos. Cada explosão era tão alta que reverberava em seu peito.

A multidão gritou em agradecimento, presumivelmente acreditando que a intensidade accidental do show era parte de um ato final espetacular.

Talvez fosse assim que a guerra parecia, Sabine pensou atordoada. Fogo pingando do céu, riscando e gritando como cometas. Explosões como cabeças de dente de leão. Algo caiu na grama perto de seus pés, e ela viu que era um dos cilindros de papelão que formavam o corpo dos fogos de artifício.

Richard puxou o braço dela. — Nós temos que...

Uma explosão cegante encheu sua visão periférica, um flash de chama laranja acompanhado por uma vibração que perfurou seu corpo como um punho no peito. Algo bateu em sua cabeça com tanta força que a derrubou. Ou foi Richard quem a derrubou? Ela sentiu os braços dele ao redor dela, sentiu-o empurrá-la para trás em direção ao lago. E então veio um respingo repentino e indesejado quando ela atingiu a água.

No início, ela congelou em descrença. Uma escuridão gelada a envolveu. Ela ouviu o estrondo surdo da explosão, abafado pela água, e entrou em ação. Agitou seus membros e surgiu à superfície, precisando respirar.

O barulho aumentou dez vezes acima da água - os gritos alarmados da multidão, berros para um corpo de bombeiros. Pequenos pedaços de destroços estavam espirrando na água ao seu redor enquanto ela lutava para se levantar. O mundo brilhou e escureceu quando uma grande fraqueza puxou seus membros.

Ela chamou por Richard na escuridão.



A água estava na altura da cintura. Richard tropeçou em seus pés e a tirou de onde estava, se debatendo nos juncos. Ele pegou a mão dela e a trouxe para a borda do lago, vadeando entre os juncos. Foi uma escalada lamacenta até a margem, mas ele conseguiu puxá-la atrás de si.

O templo estava em ruínas; plumas de fumaça cinza escuro subiram do que restou. Seus ouvidos zumbiam e suas roupas encharcadas grudavam em seu corpo, mas uma grande bola de alegria o encheu. Ele soltou um grito de triunfo.

As pessoas corriam em sua direção pela ponte, mas ele arrastou Sabine contra si e a beijou com força. Ela parecia atordoada demais para responder, mas ele se afastou e deu-lhe um sorriso exultante.

— Conseguimos!

O cabelo dela estava grudado em sua cabeça e um filete escuro de lama escorria pelo lado de seu rosto. Ele não achava que ela jamais parecera mais bonita.

Ela levou a mão à têmpora, franziu a testa quando a mão voltou coberta de lama e abriu a boca para dizer algo. Richard se preparou para um sermão sobre como jogar francesas inocentes em lagos lamacentos.

— Não consigo te ver. — disse ela tristemente.

Ela piscou, e se perguntou quando começou a ver sua miopia como uma característica cativante. Ele sorriu.

— Isso é porque é cega como um morcego, querida.

Então ele percebeu que ela realmente estava tentando se concentrar. Suas pupilas estavam enormes e na luz bruxuleante ela estava pálida como a morte. Seus lábios estavam exangues.

— Richard. Minha cabeça.

Toda a sua alegria evaporou quando ele percebeu que a frente de sua echarpe branca era rosa. *Merda!* Isso não era lama. Era sangue!!

Seus olhos reviraram em sua cabeça e ele mal a segurou, antes que ela batesse no chão. Suas veias congelaram quando ele girou seu corpo flácido em seus braços.

— Preciso de luz! — ele berrou.

Um homem com uma lanterna os alcançou, mas Richard mal sabia e

nem se importava com a multidão reunida. Ele puxou o cabelo de Sabine para trás e quase vomitou com a mancha vermelha que cobriu sua palma.

— *Oh, Cristo, não.* — Por um momento horrível, ele foi transportado de volta, oito anos, para Paris. O mesmo cheiro acre de queimado em seu nariz, os gritos e gemidos, uma garota sangrando até a morte em seu colo, sangue quente encharcando suas calças, enquanto ele tentava freneticamente estancar o sangramento, mesmo sabendo que era inútil.

Ele balançou sua cabeça. *Não. Essa era Sabine, não Marie-Jean ne Pensol.* Ele se arrastou para fora da visão de pesadelo e de volta para a mulher à sua frente. Precisava pensar.

— Sabine, querida. Fale comigo. Oh, Deus, está tudo bem. Vai ficar bem.

Estava tentando convencê-la ou a si mesmo? O pânico oscilou em sua voz. Havia sangue nas mãos dele, no rosto dela. Ele limpou o lado do nariz dela, deixando uma faixa obscena em sua face, um crescente de vermelho.

Precisamos amarrar a cabeça dela, — falou alto.

Uma dúzia de mãos ofereceu lenços. Richard agarrou o mais próximo e o embrulhou em um bloco. Não conseguia ver exatamente onde ela tinha se machucado, em algum lugar do cabelo, mas pressionou contra o crânio, puxou a gravata do pescoço e lhe envolveu a cabeça.

Olhou ao redor e viu Raven abrindo caminho no meio da multidão, o cavalo a reboque, o rosto tenso de preocupação. Richard pegou Sabine nos braços e se levantou. Oh, Deus, ela mal pesava nada. Era tão... frágil.

Raven começou a montar, mas Richard balançou a cabeça.

— Não, eu vou levá-la. Entregue-a para mim.

Ele a transferiu com cuidado para os braços de Raven, relutante em deixá-la ir, mesmo que por um momento, então saltou para a sela e se abaixou para pegá-la. Posicionou-a em seu colo, as pernas dobradas de um lado, a cabeça e os ombros aninhados na curva de seu braço. Ela não se mexeu, mole como uma boneca de pano na frente dele, e seu coração se apertou de terror.

— Movam-se!

Confiando na multidão para sair de seu caminho, cravou os calcanhares nas laterais do cavalo e saiu a galope, tentando protegê-la do solavanco do andar do animal. — Não se atreva a morrer! — rosnou para ela.

Sem resposta. Nem mesmo o piscar de uma pálpebra.

A viagem de volta para casa foi um borrão de pesadelo. A parte de seu cérebro que não estava focada em Sabine registrou vagamente a direção que ele precisava tomar. O St. James Park era adjacente ao Green Park — mais rápido para passar por eles do que navegar pelas ruas movimentadas. Richard berrou invectivas para que as pessoas abrissem o caminho; deram uma olhada em seu rosto ferido e pularam para longe.

Depois de Hyde Park Corner e Apsley House, a casa de Wellesley. O vento passou assobiando, esfriando seu cabelo e roupas encharcadas. Combinou com o terror frio em seu coração. Sua respiração em pânico ecoou a batida dos cascos do cavalo enquanto ofegava o mesmo refrão de súplica:

— Não morra. Não morra. Não morra.

O desespero se apoderou dele. Podia sentir o sangue escorrendo em sua camisa e embalou o rosto dela em seu peito. Cruzou o Hyde Park, mandando patos e pedestres correndo para se proteger. Ao subir com estrépito do lado de fora do número cinco, ele desceu da montaria e subiu dois degraus de cada vez, ignorando um borrão de rostos ansiosos, uma enxurrada de perguntas.

— Um médico! Rápido!

Sua voz estava rouca, mas conseguiu fazer o pedido sair. Correu escada acima, entrou em seu quarto e colocou Sabine deitada em sua cama. Seu coração batia em um ritmo irregular. Ela parecia tão pequena.

—Acorde para mim, querida. Por favor. Tem que acordar.

Sua voz quebrou no meio quando ele aplicou mais pressão na ferida. Ela estava tão pálida; sua pele era quase translúcida. Sentiu o pulso em sua garganta e conheceu um momento de terror absoluto quando não conseguiu encontrar, e então de alívio quando o localizou. Estava fraco, tão fraco e errático. Mas lá.

— Onde está o médico? — rosnou.

— Minton foi atrás dele, senhor.

Richard piscou para Hodges, que estava pairando ao lado da cama.

A culpa e a auto aversão surgiram sobre ele. Não deveria ter arriscado que ela chegasse perto de Visconti. Não deveria tê-la deixado chegar a cinquenta milhas daquele bastardo assassino. Vagamente, registrou uma comoção no andar de baixo, o baque de pés apressados.

— Dr. Foster está aqui, milorde.

O homem parecia familiar. Richard franziu a testa e se lembrou de que o médico era seu vizinho. Fez uma careta quando o jovem tentou empurrá-lo para o lado. Moveu-se apenas o suficiente para permitir o acesso à cama, mas se recusou a abandonar a mão de Sabine.

O médico retirou a bandagem improvisada e Richard se obrigou a olhar. Seu estômago embrulhou. Sangue fresco, vermelho brilhante, escorria de um corte feio logo acima de sua orelha.

— Hum. Como isso aconteceu?

— Houve uma explosão. Algo deve ter batido na cabeça dela. Um toco de madeira, talvez? Eu não vi. Ela caiu num lago.

Foster franziu os lábios.

— Isso pode ser um problema de infecção. Os ferimentos na cabeça podem ser notoriamente difíceis. — sondou o cabelo emaranhado e Richard teve que desviar o olhar.

— Não acredito que o crânio esteja rachado, mas ferimentos como este costumam sangrar muito. Há quanto tempo ela está inconsciente?

Richard tentou pensar.

— Dez, quinze minutos?

Foster ergueu a pálpebra de Sabine e olhou em seus olhos.

— Provavelmente é melhor que esteja insensível. Vou precisar costurar.

O estômago de Richard apertou.

— Use láudano. — ordenou. — Certifique-se de que ela não está sentindo nada, está me ouvindo? — Saiu como um rosnado feroz.

— Sim, senhor — disse Foster, aparentemente não ofendido com seu tom áspero.

Richard observou enquanto o médico gotejava láudano pela garganta de Sabine, depois limpava e costurava a ferida. Ele tinha visto centenas de ferimentos, sofreu muitos, mas ver Sabine assim quase o fez vomitar. Seus dedos formigaram desagradavelmente.

— Quando ela vai acordar? — exigiu, com voz rouca.

Foster terminou de amarrar a ponta da bandagem que enrolou na cabeça dela e deu um passo para trás.

— Não posso dizer, milorde. Ela perdeu muito sangue.

Pegue o meu, Richard queria dizer. Corte meu braço e derrame o sangue dentro dela. Ele daria tudo, sua última gota, se isso a salvasse.

Foster suspirou. — Isso é o máximo que posso fazer. O resto está nas mãos de Deus. Ela vai acordar quando estiver pronta. Peça a alguém que tire aquelas roupas molhadas e cuide dela, até que recupere a consciência. Voltarei em algumas horas, se for aceitável, para verificar se há sinais de infecção.

Richard assentiu. Sabine estava tão quieta que o aterrorizou. Normalmente era tão vibrante, tão cheia de vida; o contraste era terrível. Queria que ela acordasse e começasse a implicar com ele. — Vou ficar com ela.

— Posso também sugerir que fique um pouco mais confortável? — O sorriso na voz do outro homem finalmente penetrou em seus pensamentos sombrios. — Está fazendo uma poça no chão.

Olhou para si mesmo. Seus dedos estavam vermelhos por causa da luta com Visconti, mas, com exceção de alguns arranhões e hematomas, saiu praticamente ileso. Ao contrário de Sabine. A água pingava dos punhos de sua camisa e seus calções ensopados haviam deixado uma mancha úmida no

tapete *Aubusson*. Assentiu distraidamente. — Eu cuido disso.

Quando Foster saiu, Hodges avançou apressado com uma das criadas segurando uma camisola de linho branco.

— Milorde, se nos deixar...

Richard pegou a roupa. — Eu faço isso. Vão.

Ele ignorou o suspiro escandalizado da criada. Esta era sua casa. Ele faria o que quisesse. Ninguém tocaria Sabine, exceto ele.

Ele mesmo a despiu, movendo seus membros suavemente para não machucá-la, estremecendo ao descobrir hematomas já se formando em suas costelas e costas.

Uma nova onda de fúria aqueceu seu peito. Aquele bastardo tinha batido nela.

Richard franziu a testa, enquanto tentava se lembrar do que acontecera a Visconti. Lembrou-se de ter jogado o corpo na grama antes da explosão. Talvez o bastardo tivesse morrido afinal. Esperava que sim.

Hodges voltou, alguns momentos depois, com tijolos quentes enrolados em cobertores e Richard os arrumou ao redor da forma imóvel de Sabine, então foi procurar roupas para si mesmo, ressentindo-se mesmo dos poucos momentos que levou para localizar uma camisa limpa e calças secas. Rosnou com uma batida na porta, mas reprimiu sua irritação quando a cabeça escura de Raven apareceu.

— O que, em nome de Deus, aconteceu lá? — Raven perguntou, a título de saudação.

Richard olhou para o amigo e depois para a cama.

— Olhe para ela. — passou a mão pelos cabelos dela, ainda úmido. — A culpa é minha. Eu nunca deveria tê-la metido nisto. Nunca deveria tê-la colocado em perigo. — Sua garganta se apertou ao engolir. — Eu falhei em protegê-la. Assim como falhei em proteger Tony.

Raven se sentou na cadeira, do lado oposto da cama. Suas sobrancelhas escuras se juntaram.

— Não havia coisa alguma que qualquer um de nós pudesse ter feito para salvar Tony — disse ele baixinho. — Ou aquelas pessoas em Paris. Às vezes, simplesmente, não conseguimos chegar a tempo.

Seus olhos verdes se cravaram nos de Richard e seu rosto estava cheio de pesar estoico.

— Tem que parar de se culpar. Não falhou com ela. Visconti a teria matado quando não tivesse mais uso para ela; sabe disso. E ele teria assassinado outra pessoa esta noite, se não o tivéssemos impedido.

Richard sabia que seu amigo falava a verdade, mas olhou para o rosto pálido de Sabine e sentiu toda a esperança se esvaindo dele.

— E se ela não acordar? — sussurrou.

Aparentemente, Raven não estava disposta a discutir essa possibilidade.

— Visconti está sob custódia. — disse, em vez disso. — Eu mesmo cuidei dele. Fez um belo buraco no ombro dele e uma facada nas costas, mas,

fora isso, ele está em perfeita forma para enfrentar o julgamento. Castlereagh está encantado.

Richard acenou para a cama.

— Foi Sabine quem o esfaqueou, não eu.

As sobranceiras de Raven se ergueram.

— Gostaria de ter deixado o bastardo queimar. — Richard disse selvagememente. — Ele bateu nela. Deveria ver suas costelas. Estão escuras e azuladas!

Raven respirou fundo. — Acabou, Rich. Ele vai ser enforcado pelo que fez.

Richard baixou a cabeça. Sempre pensou que sentiria algum tipo de júbilo selvagem quando finalmente pegasse Visconti, mas não havia nada. Nenhum deleite. Nenhum sentimento de realização. Sentia-se apenas vazio. Oco. Sabine havia arrancado seu coração e lhe deixado uma concha vazia.

Raven se levantou. — Vou pegar uma bebida.

Quando ele saiu, Richard levantou a cabeça e olhou para Sabine.

— Isso não é jeito de se comportar, senhorita de la Tour. Não pense que pode deixar de trabalhar para mim, ficando inconsciente pelas próximas duas semanas. Eu ainda tenho coisas para você fazer.

Ela não se mexeu.

— Se não acordar, vou rastrear seu dinheiro. Todo, está me ouvindo? — Vou confiscar o lote. Então vou encontrar aquele seu amante secreto — aquele que encontrou no parque e jogá-lo da Torre.

Nada ainda. Mudou de ameaças para bajulação.

— Não me importo com ele. Sério. Pode ter quantos amantes quiser. Apenas acorde para mim.

Mesmo enquanto dizia isso, ele sabia que mentia. Sabine era sua. Ele não a compartilharia com ninguém. Baixou a cabeça entre as mãos.

— Eu não te culparia se quisesse me deixar, depois disso. É minha culpa que está ferida.

Sua garganta doeu; sua voz estava áspera e dolorida. Deve ter inalado muita fumaça. Seus olhos ardiam também.

— Lamento não ter chegado antes. Mas a multidão nos atrasou e demorei muito para descobrir aonde tinha ido. Eu deveria saber que ele precisaria de algum lugar alto para atirar. — a voz dele falhou. — Eu sinto muito.

Ainda sem resposta. Seus cílios negros contrastavam com a palidez de sua face, mas ele pensou que, talvez, seus lábios estivessem um pouco mais rosados do que antes. Acariciou seu rosto e ao longo de sua mandíbula com o polegar, tentando infundi-la com sua força, seu calor.

— Por favor, acorde. Eu te amo.

Richard prendeu a respiração ao perceber o que havia dito. Era tão claro. Tão simples. Por que não percebeu isso antes?

Ele estudou seu rosto, certo de que ela iria acordar agora, apenas para rir

dele por sua admissão. Nos contos de fadas, a princesa sempre acordava neste momento. Soltou um suspiro entrecortado. *Ah, mas Sabine zombava dos contos de fadas, não é? Confie nela para ser a princesa que se recusou a se conformar. Acordaria quando estivesse bem e pronta.*

Por algum motivo, esse pensamento o fez se sentir um pouco melhor. Sabine nunca obedeceu às regras. Era uma princesa falsa, mas ele esperaria cem anos por ela, desistiria de seu título, seu reino, seu ouro.

Ele amava a irreverência dela, seu andar alegre, a maneira como ela erguia o queixo, apenas assim, quando discordava de algo que ele dizia. Era inteligente e corajosa e ele era completamente indigno dela. Mas ela iria acordar. Porque ele precisava dela, com uma dor profunda em seus ossos.

Richard se posicionou suavemente na cama, ao lado dela, com cuidado para não estragar o trabalho do médico. Ele se virou de lado e a envolveu em seus braços. Falhou com ela, usou-a, intimidou-a e seduziu-a. Não a merecia. Mas ela precisava acordar.

Estava perdido sem ela.

Sabine acordou na escuridão, confusa. Seus olhos estavam abertos, então por que não conseguia ver? Um terror profundo apoderou-se dela. Estendeu a mão em pânico, tentando tocar seu rosto, mas mãos fortes cobriram as suas, parando seus movimentos.

— Shhh, querida, está tudo bem. -

A voz de Richard, segura e baixa.

— Richard? — resmungou. Sua voz soou estranha, sem uso. — Por que não consigo ver? — Oh, Deus, estou cega?

— Está tudo bem. É apenas uma bandagem. Deixa-me ajudar.

Seu pânico diminuiu enquanto a escuridão diminuía, iluminando-se com a remoção das bandagens. Ela piscou quando o rosto de Richard entrou em foco.

— Olá! — disse ele solenemente.

Ela franziu o cenho. Ele parecia horrível — pelo menos para seus próprios padrões, geralmente elevados de indumentária. Sua mandíbula estava mal barbeada com a barba de pelo menos um dia e seu cabelo estava bagunçado e despenteado, como o pelo de Argos.

— O que aconteceu?

Começou a se sentar, mas uma dor terrível cortou seu crânio e ela caiu para trás, nauseada. Flashes de memória vieram e se foram e ela franziu a testa, incapaz de separar um do outro. Um incêndio - mas não aquele em que ela queimou o dinheiro com Anton. Outro, com Richard. E Visconti.

A lembrança completa lhe veio. Os fogos de artifício. A explosão. Visconti. Sangue. Ela gemeu. Os dois sacos de dinheiro que eles imprimiram estavam lá. Eles devem ter queimado também. Sabine fechou os olhos. Que desperdício de boas falsificações!

Estava tão cansada. Richard estava segurando a mão dela, e ela adivinhou que o peso quente sob seus pés era Argos, enrolado na cama. Sorriu e voltou para a escuridão.

Já era dia quando acordou novamente e percebeu um peso em seu braço. Ela virou a cabeça com cautela e viu Richard ao lado dela; ele estava dormindo, a cabeça apoiada nos travesseiros e a mão nas dela.

Ele se mexeu, como se sentisse seu olhar. Seus olhos âmbar se abriram e um olhar de doce alívio vincou seu rosto. A covinha apareceu.

— Está acordada.

Sua voz estava rouca, profunda de sono. Isso fez seu estômago apertar. Ela piscou.

— Há quanto tempo estou dormindo?

— Dois dias, mais ou menos.

Um choque de pânico a fez se sentar. A sala girava em torno dela como uma valsa.

— Dois dias! Que dia é hoje?

Ele a olhou com diversão constante.

— Domingo, cinco de maio. Por que pergunta?

Ela mordeu o lábio. *Merde!* Malet esperava seu dinheiro hoje. Só podia esperar que, se ele fosse até a casa, Hodges o rejeitasse, com a desculpa de que ela não estava recebendo visitas. E o navio de Anton não iria partir até o dia oito - graças a Deus, ela não tinha dormido até esse dia; prometeu estar lá para vê-lo partir.

— O que aconteceu com Visconti? — ela perguntou.

— Julgado, condenado e enforcado. — disse Richard, com uma satisfação sombria. — Com todas as evidências que coletamos sobre ele ao longo dos anos, o júri levou menos de dez minutos para considerá-lo culpado de traição. Nem o príncipe regente nem o chanceler queriam a publicidade de uma execução pública. Foi enforcado ontem de manhã, em Newgate.

Sabine apertou a mão dele.

— Bom. E os conspiradores?

— Presos. Todos estão em busca de longas sentenças de prisão ou transporte. — Richard se levantou da cama.

— Vou dizer a Heloise que está acordada. Ela está me importunando há dois dias para vir te ver. Mamãe também. — gesticulou para a mesinha lateral. — Trouxe alguns livros para você ler. E há um copo com água ali.

Sabine o observou partir, com uma pontada no coração, então inspecionou os livros que ele escolheu para ela. No topo estava “*A Tempestade*”, de William Shakespeare. Ela o abriu e encontrou sua passagem favorita:

*“Nossas folias agora estão terminadas. Estes são nossos atores,
Como eu vos predisse, todos eram espíritos e
São derretidos no ar, no ar rarefeito:
E, como o tecido sem base desta visão,
As torres de nuvens, os belíssimos palácios,
Os templos solenes, o próprio grande globo terrestre,
Sim, tudo o que herda, deve dissolver
E, como este concurso insubstancial, desvaneceu-se,
Não deixe para trás tabuleiros. Nós somos essas coisas
Enquanto os sonhos são feitos, e nossa pequena vida
É arredondada com um sono.”*

Lágrimas quentes arderam em seus olhos. Seu tempo com Richard também estava acabando. Foi um breve interlúdio, uma fantasia sedutora. Mas agora era hora de voltar à vida real. Anton já havia reivindicado sua lealdade. Tinha que ajudá-lo a escapar de Malet.

Richard, de todas as pessoas, deveria entender o poder de tal vínculo; compartilhou o mesmo tipo de ligação com seu grupo de irmãos, Raven, Nic e

Kit. Sua lealdade para com os afortunados, suficiente para merecê-la, era absoluta.

Sabine fechou os olhos. Se, ao menos, pudesse dar dinheiro real a Anton, para que ele não tivesse que gastar o dinheiro falso que lhe deu. Odiava a ideia de permitir que suas falsificações fossem comercializadas. Mas Richard não a pagaria até o final de seu mês de serviço e, pelos cálculos dela, ainda tinha doze dias pela frente. Não poderia pedir-lhe um adiantamento.

E como, diabos, ela iria para as docas do Tamisa para se despedir de Anton como havia prometido?

Sua inquietação foi interrompida por Heloise, que entrou no quarto com um sorriso encantado. Correu até a cama, abraçou Sabine gentilmente, então se acomodou na cadeira ao lado do colchão, em uma enxurrada de saias.

— Oh, que bom que está se recuperando! Estávamos todos muito preocupados. Richard mal saiu do seu lado e Raven me disse como foi corajosa, enfrentando Visconti. E adivinha?

Sabine balançou a cabeça, confusa com a torrente de conversa.

— O que?

— O Príncipe Regente solicitou especificamente a sua presença em um baile que ele está organizando na quarta-feira à noite. Castlereagh lhe falou de seu envolvimento na captura de Visconti e o príncipe quer homenageá-la por sua bravura!

O queixo de Sabine caiu. — Mesmo?

Heloise assentiu.

— O reconhecimento terá de ser secreto, é claro, devido à natureza delicada das circunstâncias. Poucas pessoas estão cientes de que um ataque foi frustrado e o príncipe não quer que isso se torne público. Mas lhe pediu para estar lá. Acha que estará bem o suficiente para ir?

O coração de Sabine afundou. O navio de Anton partirá na quarta-feira. Se tudo corresse como planejado, ela não estaria aqui.

A ideia de deixar seus novos amigos, de deixar Richard, fez seu peito apertar de tristeza, mas se forçou a soar entusiasmada.

— É claro! Foi apenas uma pequena pancada na cabeça. — deu tapinhas no curativo em sua têmpora e sorriu, mas queria chorar desesperadamente.

Felizmente Heloise não percebeu sua palidez repentina.

— Bom. Porque tenho uma ideia maravilhosa para um vestido...



Dois dias depois, Sabine estava se sentindo muito melhor. Mudou-se do quarto de Richard para o seu e, embora ainda tivesse uma pequena bandagem na cabeça, sua dor de cabeça havia diminuído e os hematomas em seu corpo estavam desaparecendo.

Sabine passou a manhã confortavelmente abrigada com Heloise, conversando e rindo, cada momento agradável porque Sabine sabia quando iria embora. Estava também humilhanantemente convencida de que a outra garota

sabia exatamente o quão envolvida havia se tornado, a respeito de seu irmão.

Heloise largou o livro de padrões que estavam estudando e inclinou a cabeça. — Sabia que a etimologia - o estudo das palavras - é um dos meus passatempos particulares?

Sabine fez um pequeno murmúrio de interesse.

— Sério?

— Sim. Na verdade, meu amor por linguagens foi o que me levou a quebrar códigos. As palavras estão todas ligadas, sabe. Todas têm um traço comum em algum ponto da linha. Apenas tem que traçar o caminho certo para encontrar a resposta para o quebra-cabeça, como Teseu seguindo o fio de Ariadne para escapar do labirinto do Minotauro.

Sabine torceu o nariz, sem saber o que Heloise estava tentando fazer.

— Hm mm?

— De qualquer forma, estava pensando na palavra *forjar* outra noite — disse Heloise. — Em sua honra. — deu um sorriso cúmplice para Sabine. — Obviamente, associa-se a palavra com falsificação de dinheiro, ou moedas, ou documentos. Usa-se para significar "fazer algo falso."

Sabine encolheu os ombros.

— Suponho que sim.

— Mas já considerou que a palavra nem sempre é usada de forma negativa? Forjar também significa simplesmente criar, como em "*forjar algo novo*". Da mesma forma que um ferreiro cria algo com seu martelo e bigorna.

Heloise deu-lhe um olhar de soslaio.

— Pode-se forjar uma nova vida, por exemplo. Algo diferente da vida que pensávamos ter planejado.

Sabine estreitou os olhos. O que a outra garota estava insinuando?

— Também para seguir em frente, — Heloise continuou despreocupada. — Para abrir caminho em algo difícil e emergir com sucesso do outro lado. Para fazer algo que ninguém mais fez.

Sua expressão inocente não era muito convincente. Heloise estava se intrometendo.

— Nunca pensei nisso. — Sabine murmurou.

Heloise deu tapinhas em sua mão e deu-lhe um sorriso caloroso.

— Talvez devesse. — disse significativamente.

Uma hora depois que Heloise foi embora, veio Hodges sorridente, com uma bandeja de chá.

— Sua senhoria mandou-lhe isto, senhorita de la Tour — disse. — Para o baile do príncipe amanhã à noite.

Sabine deu um suspiro interior. Tinha visto Richard muito pouco nos últimos dias, e agora, parecia, estavam de volta a '*Lorde Lovell*' e '*Senhorita de la Tour*'. Disse a si mesma que era o melhor.

Hodges pousou a bandeja e entregou-lhe uma caixa forrada de couro. O estômago de Sabine caiu. Quando o servo saiu, ela abriu a tampa e olhou para o colar. Duas fileiras de diamantes perfeitos brilhavam como fogos de artifício

contra o céu noturno, uma chuva de cores e luzes puras. Ela o ergueu do veludo e as pedras pendentes tremeram com o aperto de sua mão. Desdobrou a nota que o acompanhava. O rabisco negligente de Richard assinava a folha.

Sabine,

Estes são para você. Não são “colas”: nunca ousaria lhe dar nada além de pedras genuínas. Sei que pode notar a diferença.

Com o maior respeito e gratidão,

R.

Sabine fechou os olhos, ignorando a beleza do presente. Nunca vira algo tão lindo. A elegante simplicidade do *design* era exatamente o que teria escolhido para si.

Sua garganta estava quente e áspera. Não era digna de diamantes de verdade. Ela era “cola”, uma farsa. Heloise poderia falar sobre forjar um novo caminho e criar uma nova vida para si mesma, mas não havia futuro para ela com Richard. Ele era um membro da alta sociedade, rico, nobre e respeitável. Ela era uma criminosa, com nada além de mentiras e engano em seu nome.

Um nó apertado de infelicidade se enrolou em seu estômago. Lágrimas arderam em seus olhos. Não podia ficar com este presente, por mais que quisesse. Qual a utilidade das joias para uma falsificadora? Ela não iria ao baile do príncipe amanhã. Estava voltando para Paris.

A própria ideia de dá-los ou vendê-los a deixava fisicamente doente, mas que escolha ela tinha? Anton precisava deles muito mais do que ela. Poderia vendê-los, usar o dinheiro. O sentimento não tinha lugar em sua vida. Havia apenas necessidade.

Encontrou papel e tinta na biblioteca e endereçou uma carta aos joalheiros *Rundell, Bridge & Rundell*.

Lorde Lovell respeitosamente pede para devolver essas joias, visto que não encontraram o favor da senhora a quem se destinavam.

Sabine mordeu o lábio ao escrever aquela inverdade terrível, então acrescentou que - *um reembolso em dinheiro, pago ao portador desta nota, seria perfeitamente aceitável.* - Não querendo que os joalheiros pensassem que, de alguma forma, ofenderam seu cliente, ela acrescentou que eles poderiam estar - *totalmente seguros do patrocínio contínuo de Sua Senhoria no futuro etc.* - Ela assinou com o nome de Richard, soprou a tinta para secar e dobrou a missiva com cuidado.

Em quem ela poderia confiar para executar esta tarefa para ela? Olhou pela janela. Will Ambrose estava varrendo, sem entusiasmo, o cruzamento com sua vassoura de graveto, obviamente ali para ficar de olho na rua. Ou nela. Quando a viu na janela, sorriu e acenou. Sabine fez sinal para que ele fosse até a casa.

Quando um laçao conduziu o menino para a sala, alguns minutos depois, Sabine entregou-lhe a carta. — Lorde Lovell gostaria que entregasse isso para ele — disse, feliz por sua voz não tremer. — Ele está confiando em você para coletar uma grande quantia de dinheiro e trazê-lo diretamente para cá.

O menino examinou a parte externa da carta e, aparentemente, aceitou a caligrafia como sendo de Hampden. Seu rosto angelical, embora sujo, enrugado.

— Por que ele não está me mandando fazer isso ele mesmo?

— Ele teve que sair. — Sabine contemporizou. — Eu mesma iria, mas, como pode ver, ainda não estou totalmente recuperada. — Ela apontou para o curativo na cabeça.

Will deu-lhe um olhar calculista.

— O que tem nisso para mim? — Seus dentes eram surpreendentemente brancos quando ele sorriu.

Sabine suspirou, ciente de que estava sendo manipulada por um adolescente criminoso.

— Dez libras. — disse prontamente.

Os olhos do menino se arregalaram.

— Feito! — Ele se dirigiu para a porta.

— Certifique-se de voltar direto para cá. — Sabine gritou. — E traga o dinheiro diretamente para mim.

Will assentiu e se virou, a mão na maçaneta da porta.

— Eu ouvi sobre o que a senhora fez. Esfaqueou aquele francês. Bom trabalho. — E saiu pela porta, antes que ela pudesse encontrar algo apropriado para dizer.

Sabine afundou em uma cadeira e mordeu o lábio, para evitar chamar o menino de volta. Richard iria odiá-la quando descobrisse o que fez. Vender seu presente era a traição definitiva de sua confiança, um insulto a tudo que eles compartilharam, tudo que ela esperava. Odiava ter que fazer isso com ele.

Enxugou as lágrimas. Se nada mais, isso apenas provou a impossibilidade de ficarem juntos por mais tempo. Ele não merecia alguém como ela em sua vida. Não precisava mais dela. Visconti estava morto, os conspiradores presos. Seus mundos podem ter colidido temporariamente, mas agora era hora de se separarem. Melhor sair agora, antes que se cansasse dela, como ele se cansava de todas as outras mulheres em sua vida.

Will voltou, menos de uma hora depois, com trezentas libras, e Sabine reprimiu a pontada de remorso que apertou seu estômago. Estava feito. Daria metade para Anton e ficaria com a outra metade para si mesma. E assim que visse seu amigo em segurança, em seu navio amanhã, voltaria para Paris. Tinha promessas a cumprir, com o coração partido ou não.

Sabine mal dormiu. A noite toda ouviu uma indicação de que Richard estava em seu quarto, esperando que ele fosse até ela, mas o amanhecer chegou sem nenhum sinal dele. Seu coração se apertou de tristeza.

Seu bilhete de despedida foi quase impossível de escrever. Havia tanta coisa que queria dizer que, no final, disse o menos possível. Simplesmente disse a ele que estava terminando o acordo mais cedo e pegando o colar de diamantes no lugar de suas dez mil libras. Ela assinou, Adeus, Sabine.

Escondeu seu dinheiro sob as saias, juntamente com alguns esboços que havia feito de Richard e os documentos de viagem de Marie Lambert. Afastou a agitação preocupada de Josie, garantindo que tudo o que queria era ler, sem interrupções, na biblioteca, por uma ou duas horas.

Com um último olhar ansioso para o retrato de Saskia, abriu a janela de guilhotina. Argos, que a seguira pelo corredor, soltou um gemido miserável, quase como se soubesse o que ela planejava. Sabine se curvou e beijou o topo de sua cabeça peluda. —Cuidará dele, não é? — ofegou.

O cão apalpou suas saias e lhe deu um olhar de decepção, de partir o coração.

— Não posso ficar! — Sabine fungou, sabendo o quão ridículo era estar conversando com um animal que não poderia responder.

Argos baixou a cabeça sobre as patas cruzadas e olhou para ela com ar de reprovação.

Sabine escalou o peitoril da janela, caiu no chão e disparou pela rua.



Richard abriu os olhos para a visão desconcertante de sua irmã mais nova, Heloise. Franziu a testa.

Passara a noite na casa de Raven, determinado a ficar longe da tentação que Sabine apresentava, ao ficar completamente bêbado. Raven, bom amigo que era, combinou com ele bebida por bebida. Em algum lugar perto da terceira garrafa, Richard se recostou na cadeira e olhou tristemente para o fogo. Maldita mulher.

Raven franziu o cenho. — Qual delas?

— Minha única — disse Richard.

— Ah.

Richard tomou outro gole.

— Não havia nada de errado com minha vida antes dela aparecer. — murmurou, irritado. — Era perfeito. Eu tinha um título. Uma fortuna. Qualquer amante que eu quisesse. Não havia necessidade de uma maldita mulher vir e virar tudo de cabeça para baixo.

Raven assentiu sabiamente.

Richard terminou seu copo e serviu outro.

— Isso é o que ela faz, sabe; cria carnificina onde quer que vá. Se não for forjar minha assinatura, está causando estragos em via pública. Ela é como aqueles tufões no mar. Os que sugam um homem e o carregam para longe, depois o cospem a mil milhas de casa, quebrado, desnorteado e exausto.

Raven ergueu o copo em um brinde.

— Eu sei. Ela é maravilhosa.

Richard gemeu, incapaz de refutar.

— Deus, por que ela? É socialmente inepta, mas tão charmosa que envolve todos em seu dedo mínimo. Ainda tem o maldito Príncipe Regente comendo na mão dela!

Raven encolheu os ombros. — Precisa de um pouco de loucura em sua vida, Rich. E, obviamente, considera-a irresistivelmente atraente - nunca encontrou ninguém semelhante. Ela se recusa aceitar seu pedido pontualmente. E é provavelmente a primeira mulher, que não é sua parente, que não se ofereceu em uma bandeja.

Richard fez uma careta para o copo. — Ela não é uma mulher sossegada.

— Ha. Poderá descansar quando estiver morto.

— Toda vez que acredito saber o que ela vai fazer, o que qualquer outra mulher perfeitamente racional faria em seu lugar; ela se vira e faz exatamente o oposto!

Raven tornou a encher seu copo.

— Mulheres comuns não te interessam. É a maldição de homens como nós; estamos fadados a ser atraídos por mulheres extraordinárias. — deu um gole profundo. — Admita. Mulheres normais têm se jogado em você nos últimos quinze anos e nunca sentiu mais do que um lampejo de interesse por qualquer uma delas. Mas essa criatura teimosa e enfurecedora é absolutamente necessária para sua felicidade futura.

Richard olhou para ela.

Raven sorriu. — Está considerando que um mundo sem ela seria desolador e sem desafios. — continuou ele — Está considerando que a única maneira de manter uma criatura tão vexatória perto de você não é com ameaças ou suborno ou força física bruta, mas com algo ainda mais drástico. Ao admitir que a ama. Oferecendo uma opção legalmente vinculativa, sempre e para sempre, até que a morte nos separe: *casamento*.

Richard encostou a cabeça na cadeira.

— *Oh Deus*.

Raven deu tapinhas de brincadeira no ombro dele.

— Acontece com os melhores de nós.

Richard não tinha resposta para isso. Abriu outra garrafa. Depois disso, as coisas ficaram um pouco confusas.

— Levante, seu idiota!

A voz de Heloise o trouxe bruscamente de volta ao presente. Ele fechou os olhos enquanto o *martelo de Thor* batia impiedosamente em seu crânio.

— O que quer?

Sua irmã ingrata deu um tapa no braço dele.

— Will Ambrose acabou de ver Sabine escapando pela janela da sua biblioteca.

Richard se sentou — instantaneamente acordado. — Ela o quê?

Levantou-se de um salto, a fúria esquentando seu sangue. Mulher irritante! Ela não era confiável, nem um centímetro. Onde pensava que estava indo? Para encontrar aquele amante amaldiçoado dela? Não podia sair. Tinham um acordo, raios. Ela ainda tinha dez dias pela frente.

Saiu para o corredor, puxando sua jaqueta amassada, enquanto caminhava. Will estava esperando na porta.

— Para que lado ela foi? — Richard exigiu.

— Chamou um cabriole. — Will disse alegremente.

— Disse ao condutor para levá-la ao Porto de Londres, perto da London Bridge.

Richard praguejou. Ela estava deixando o maldito país!

— Raven, preciso de condução.

Raven apareceu na porta, parecendo tão amarrotado e de ressaca quanto Richard se sentia. Acenou em direção a seus estábulos.

— Claro que precisa. Fique à vontade.

O *Falcon* era um grande veleiro, com dois mastros de cordame quadrado. Sabine agradeceu ao condutor do veículo de aluguel e pisou com cautela no cais, esquivando-se de alguns marinheiros que carregavam engradados de mercadorias secas pela prancha de madeira.

Um grito de cima a fez esticar o pescoço e ela sorriu enquanto Anton corria pela passarela e a envolvia em um abraço sufocante.

— Parece muito melhor. — comentou. Seu rosto havia voltado ao normal, o inchaço havia desaparecido, exceto por algumas pequenas manchas amareladas sob sua mandíbula.

— Você não. — disse ele sem rodeios. Seu olhar preocupado foi para a bandagem que ela ainda usava na cabeça. — O que aconteceu?

Sabine contou-lhe sobre sua aventura com Visconti. Anton assobiou de espanto.

— *Dieu!* — ele respirou. — Poderia ter morrido.

Sabine assentiu. — Sim, mas Richard me salvou.

Ela mordeu o lábio e Anton puxou sua mão, como se sentisse seu desejo de evitar esse tópico em particular.

— Venha ver minha cabine. Não navegamos por, no mínimo, uma hora.

Sabine sorriu com seu entusiasmo juvenil, enquanto ele lhe mostrava seu beliche confortável e bem equipado, no meio do navio, completo com uma claraboia do convés e uma lâmpada de óleo de baleia. Encontraram o capitão, o Sr. Lewis, e vários de seus companheiros de viagem, incluindo um vigário e sua esposa. Anton a apresentou como sua irmã Marie, vindo para desejar-lhe uma boa viagem.

Quando reapareceram no convés, foram até a amurada pintada de verde e olharam para o alvoreço da atividade ao longo da margem do rio.

— Ainda pode vir comigo, sabe. — Anton olhou de soslaio para ela. — Não é tão tarde.

Sabine balançou a cabeça. — Sou a favor de Paris, mas ainda tenho coisas para fazer.

Anton encolheu os ombros. Tiveram essa discussão inúmeras vezes, na viagem da França.

— Ah, tenho isso para você. — Sabine enfiou a mão no bolso da capa. — Cento e cinquenta libras de dinheiro inglês, de verdade. Não deveria ter que usar as falsificações, de forma alguma.

Anton assobiou. — Como conseguiu isso?

— Legalmente. — disse ela secamente. Não queria pensar sobre sua traição; o que fazia seu peito doer.

Anton embolsou o dinheiro e olhou para a água.

— Estou ansioso por um novo começo, sabe. Um novo desafio. A América é uma terra de oportunidades para homens como eu. — Seus olhos

brilharam com antecipação malandra. — Apenas pense. Todo um continente de mulheres desesperadas pelo amor de um bom francês. — riu. — Será uma grande aventura.

Sabine sorriu, mesmo quando sua garganta apertou, com a ideia de ele ir embora.

— Comporte-se, Anton Carnaud!

Ela não conseguia mais segurá-lo. Fizera tantos sacrifícios por ela ao longo dos anos; precisava libertá-lo dessa obrigação. Deveria viver sua própria vida, sem se preocupar constantemente com ela. Ela tinha vinte e quatro anos. Velha o suficiente para ficar sobre os próprios pés.

Sentiria falta de sua amizade fácil, no entanto. Deve ter sido assim que Richard se sentiu quando perdeu seu amado irmão, Tony. Essa tristeza angustiante e dolorida ao pensar que poderiam nunca mais se encontrar.

Anton colocou o braço em volta dela e a puxou para o lado.

— Pare de parecer tão triste, pequenininha. Não é para sempre. Apenas o tempo suficiente para Malet esquecer que eu existo. Estarei de volta a Paris antes que imprima seu próximo milhão.

Sabine piscou para conter as lágrimas que ameaçavam cair. — Eu sei.

— Vou lhe escrever. — disse persuadindo. — No intervalo entre fazer minha fortuna e me acabar com mulheres apaixonadas, claro.

Ela deu uma risada aguada.

— Oh, Anton, vou sentir sua falta.

Uma agitação na doca abaixo chamou sua atenção. Sabine se inclinou sobre a amurada e se encolheu horrorizada.

— Oh, não! — murmurou.

O capitão Lewis correu para o lado para investigar.

— O que acontece? — gritou.

A voz de Richard foi carregada com uma clareza terrível, no ar fresco da manhã.

— Tenho motivos para suspeitar que esteja abrigando uma fugitiva, senhor.

Sabine empalideceu com seu tom autoritário. Os passos de Richard pisaram na prancha de embarque e ela se encolheu quando seu olhar a encontrou infalivelmente do outro lado do convés. Seu coração deu uma cambalhota. Ela pegou a manga de Anton, mas em vez de abordá-los, Richard se virou e se dirigiu ao capitão.

— Permita que eu me apresente, senhor.

— Eu sou Richard Hampden, Visconde Lovell.

O capitão fez uma reverência. — Como posso ajudá-lo, Lorde Lovell?

— Lamento informá-lo, capitão, mas o senhor tem uma mulher a bordo que tenta fugir do país.

As sobranceiras do capitão se ergueram. — É isso mesmo?

Richard acenou na direção dela.

— O nome dela, ou melhor, um de seus nomes é Sabine de la Tour.

O capitão franziu a testa e olhou para ela por cima do ombro.

— Deve haver algum engano, milorde. Ora, esse é Christian Lambert e sua irmã.

— Ela não é mais irmã dele do que eu. — Richard disse secamente.

A face de Sabine queimou de humilhação. O vigário, sua esposa e os outros passageiros agora a olhavam com diversos graus de suspeita e horror.

Richard se aproximou e a agarrou pelo braço. Ela se afastou.

— Me larga!

Ele se voltou para o capitão.

— Esta mulher tem tantos nomes que não fico surpreso que ache difícil lembra-los todos. — disse. — Ela é conhecida como Sabine de la Tour. E Philippe Lacorte. E, mais recentemente, Sabine Hampden — minha legítima esposa.

— Sua o quê?! — Sabine ofegou. — Sua esposa? Não sou sua esposa!

Richard deu-lhe um olhar sufocante e olhou para o capitão.

— Ela levou recentemente uma pancada na cabeça — está vendo o curativo? — apontou para o curativo que ela ainda usava. — Ora, ela parece ter esquecido não só de mim, mas do nosso casamento recente também.

— Mentiroso! — gritou Sabine. — Posso ter um galo na cabeça, mas nunca esqueceria se tivéssemos nos casado! Nunca seria tão louca. E senhor... — virou-se para o capitão. — Ele é o Visconde Lovell. Não acha que se nós fôssemos casados, o senhor teria ouvido falar sobre isso? Os jornais estariam cheios de notícias.

Ela lançou a Richard um sorriso superior.

— Bem, é verdade. — disse o capitão, subitamente em dúvida. E disse, virando-se para Richard. — Que provas tem o senhor de que ela é sua esposa?

Richard ergueu um dedo.

— Ah. — tirou um pedaço de papel do colete, como um mágico. Um mago muito presunçoso e satisfeito - e sorriu para ela de uma forma que só poderia ser descrita como maquiavélica.

— Nós nos casamos com licença especial. — Desdobrou o pergaminho e inclinou-o para ela ver. Seu nome: Sabine de la Tour, solteira, vinte e quatro anos. — deu-lhe um olhar de pena. — E eu, Richard Frederick Montague Hampden, solteiro, trinta e dois. Datado de sexta-feira da semana passada e assinado por ninguém menos que o próprio arcebispo de Canterbury.

Mostrou ao capitão.

— Isso não prova nada — disse Sabine. — Uma licença especial apenas concede permissão para se casar. Isso não prova que as duas pessoas listadas nele realmente cometeram a ação.

Hampden se dirigiu ao capitão novamente. Seu tom calmo e seguro a fez querer chutá-lo.

— A razão do senhor não ter ouvido falar sobre isso é porque era um assunto privado. Eu estava tão desesperado para me casar com ela, que não aguentava esperar as três semanas necessárias para ler os proclamas na igreja,

então comprei uma licença especial.

— É uma farsa! — Sabine disse com firmeza.

Richard fingiu uma afronta insultada.

— Tsk. Está me acusando, um membro honesto da Câmara dos Lordes, de falsificar um documento legal? — Sua covinha reapareceu. — E o que sabe sobre documentos falsos? — acrescentou ele maldosamente.

— Isso é uma mentira monstruosa! — Sabine uivou.

— Ela realmente tem problemas para lembrar que somos casados. — Richard sorriu confidencialmente para o capitão. — Foi uma cerimônia muito pequena. Apenas um punhado de familiares e amigos próximos. — franziu a testa em falsa preocupação e olhou para ela. — Não se lembra, querida? A pequena capela na propriedade rural dos meus pais? Estava tão linda. Usava um vestido prateado, como o da Princesa Charlotte, todo enfeitado com miçangas. Parecia uma estrela.

A esposa do vigário suspirou vigorosamente e lançou a Sabine um olhar de reprovação por ousar esquecer um momento tão mágico.

Os olhos de Richard se encheram de uma risada zombeteira. Colocou o braço em volta da cintura dela, puxou-a para perto, inclinou o queixo dela com os dedos e olhou nos olhos dela. — Posso te perdoar por ter esquecido a cerimônia de casamento, mas, com certeza, lembra da noite de núpcias?

A esposa do vigário ofegou, entre escandalizada e divertida.

Sabine abriu a boca para repreendê-lo, mas ele não deu a ela a chance.

— Talvez isso refresque sua memória. — Ele a beijou. Forte!

Os joelhos de Sabine cederam e, por um momento sombrio e glorioso, esqueceu que estava fugindo e o beijou de volta.

Ele recuou, ofegante. — Traz alguma lembrança?

Ela deu um tapa no braço dele. — Deixe-me ir! Não te quero!

Seus olhos brilharam, e ela percebeu que ele estava totalmente furioso sob seu exterior tranquilo.

— Eu não te quero! — ela repetiu com fervor. — Vim aqui encontrar meu amante! — Apontou para Anton, que estava recuado, curtindo a confusão. — Estou fugindo com ele!

Isso provocou mais suspiros de seu público ávido.

— Agora espere um minuto! — vociferou o capitão. — Eu não tomarei parte numa fuga. Ou ao seu adultério planejado, senhora. Peço desculpas, milorde, por qualquer insulto.

Sabine gemeu em sua reverência obsequiosa a Richard. O idiota bajulador.

— Não há adultério — gritou ela. — Estou dizendo que não sou casada com este homem!

Richard lançou um olhar sufocante para ela. Seus lábios eram uma linha fina e seus olhos brilhavam. Ela estremeceu com as profundidades de emoção que viu lá.

— Nega que pode estar carregando meu filho, agora mesmo?

Todo o sangue deixou seu rosto. — Oh, Deus! — ela nem havia considerado essa possibilidade. — E é...

Sua pausa aflita foi prova suficiente para o capitão.

— Bom Deus, que mentira! — trovejou. — Milorde, por favor, tire essa mulher do meu navio imediatamente!

— Eu não vou! — gritou Sabine, recuando.

Anton entrou na frente dela e interceptou o avanço de Richard. Ele ergueu a mão. — Um minuto, por favor, monsieur. Posso falar com minha amiga?

Richard olhou para ele como se estivesse tentando transformá-lo em cinzas, mas parou. Ele cruzou os braços e deu um aceno de cabeça senhorial.

Anton virou Sabine em sua direção.

— Sabine, é realmente casada com esse homem?

Ele falava rapidamente em francês e ela respondia na mesma língua, rezando para que fosse muito rápido e baixo, para que Richard pudesse acompanhá-lo.

— Não! Não sou, eu juro!

— Ele gostaria que fosse. — Anton sussurrou.

Ela ficou boquiaberta com ele.

— O que? Está louco? Ele não me quer. Não sou nada além de um incômodo.

Anton balançou a cabeça. — Ele cuida de você. Por que outro motivo iria tão longe para te perseguir?

— Não sei! — Sabine sibilou, exasperada. — Ele gosta de perseguir pessoas. Isso é o que ele faz. Mas, uma vez que as tem, perde o interesse, acredite em mim.

Anton deu uma risada irônica e olhou por cima do ombro para Richard.

— Ele não perdeu o interesse por você. Observa-a com uma fome que é quase dolorosa de testemunhar. Ele a quer tanto que dói. Luta consigo mesmo, porque pensa que é o único que está apaixonado — segurou o rosto dela e sorriu. — Mas não é...

Sabine sentiu suas bochechas se encherem de calor.

— Claro que é! Ele me deixa louca. Ele...

— Você o ama, pequenininha?

— Eu não...quero dizer ...

O que quer que Anton tenha visto em seu rosto deve ter respondido a sua pergunta. Ele deu uma risada encantada.

— Nesse caso, deixe-me fazer-lhe um favor.

A próxima coisa que Sabine soube foi que ele a puxou para seus braços e estava pressionando um beijo fervoroso em sua boca atônita.

— O que está fazendo?! — ofegou, enquanto ele a endireitava e dava um sorriso de pirata. Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Não vai pensar assim agora, mas, um dia, vai me agradecer por isso. Acabei de lhe prestar um grande serviço.

Lançou a Richard um olhar arrogante e Sabine, de repente, ficou feliz por estar entre eles. A rigidez da mandíbula de Richard sugeria um desejo de causar danos corporais. Ele começou a avançar, o braço estendido, como se fosse puxá-la para longe de Anton, mas ela enviou a ele um olhar de advertência. Ele parou. Satisfeita, ela aproveitou a oportunidade para dar um abraço forte em Anton.

— Adeus, Anton.

Anton pigarreou, seu tom áspero.

— Já tivemos algumas aventuras, nós dois, hein? — bagunçou os cabelos dela, no mesmo gesto carinhoso de sempre. — Devia ir para casa, chérie.

— Eu vou. —murmurou. — Se conseguir fugir daquele homem horrível.

Ele balançou a cabeça e olhou para Richard novamente.

— Não me refiro a Paris. Lar é onde quer que alguém que te ama esteja esperando.

Seu coração se apertou de tristeza quando ela entendeu o que ele queria dizer. — Não posso, Anton. É impossível...

— Por mais tocante que seja esta pequena cena, — o tom gelado de Richard interrompeu sua despedida. — Está na hora de partir. Madame? — gesticulou grandiosamente para a prancha de embarque.

Sabine se afastou do abraço de Anton e fez uma careta para Richard.

— Estou indo, Lorde Lovell. — disse, saindo majestosa do convés.

Os primeiros dez minutos da viagem de volta a Upper Brook Street foram realizados em um silêncio tenso e furioso. Sabine cruzou os braços, sem confiar em si mesma para falar. Richard se sentou seu lado da carruagem e olhou taciturnamente para fora da janela, como se a simples visão dela o enojasse.

— Não estava indo viajar com Anton, sabe. — ela murmurou finalmente, incapaz de ficar quieta por mais tempo.

Richard se virou e olhou para ela. — Perdão?

— Eu disse que não ia viajar com Anton. Estava prestes a desembarcar, quando nos interrompeu, de forma tão rude. Estava me despedindo. Ele é um amigo querido. Deus sabe quando o verei novamente. — a voz dela tremeu e ela mordeu o lábio, mas Richard ignorou a constrangedora demonstração de fraqueza.

— Não precisava beijá-lo com tanto entusiasmo. — disse ele amargamente. — Tenho muitos ‘queridos amigos’. Não abraço nenhum deles com tanto abandono.

Sabine balançou a cabeça.

— Não entenderia.

O olhar de Richard se estreitou quando ele se sentou para frente abruptamente e ela recuou em seu assento. Seu coração batia forte em sua garganta.

— O que eu entendo, senhora, é que acabo de permitir que um homem que é, sem dúvida, seu cúmplice no crime saísse desimpedido do país. Poderia mandar prendê-lo no local. Sem dúvida é ele com quem tem se comunicado nas últimas três semanas, hein?

O temperamento de Sabine estalou. Ela o amaldiçoou em francês, usando todos os insultos, todas as palavras de sarjeta que conseguia pensar, para menosprezá-lo.

— É um idiota! — ela cuspiu. — *Un bête*. — Estúpido, uma besta. — *Tu me rends fou!* — Me deixa louca.

— *Et tu as la colère de diable!* Tem o temperamento do diabo. — Retrucou.

Seu coração bateu forte e parou. Ouvi-lo falar em sua língua nativa foi um choque.

Ele notou sua surpresa e ergueu as sobranceiras, zombando dela. — Tenho mãe francesa. *Je le parle aussi même que toi, ma chère*. — Falo tão bem quanto você, minha querida.

Ele tinha um sotaque líquido derretedor, totalmente sedutor. O coração de Sabine se contraiu. Era o francês aristocrático de seus pais. Tinha esquecido como era diferente do dialeto parisiense áspero, ao qual ela se acostumara com Anton e seu pai.

E então outro pensamento a atingiu. Oh, Deus, ele ouviu o que ela disse a Anton? Praticamente admitiu que o amava. Que humilhante!

Com um último olhar de frustração, Richard se recostou e voltou a meditar, e Sabine deu um suspiro de alívio. Quando chegaram a casa, ela se preparou para o interrogatório que, certamente, se seguiria, mas foram interceptados no corredor por Hodges.

As sobrancelhas de Richard baixaram em confusão, mas o estômago de Sabine caiu no chão. *Oh, merde.* Ela tinha se esquecido de Malet.

— Eu o coloquei na sala. — Hodges sorriu serenamente.

Sabine abafou um gemido. — O dia pode piorar?

Qualquer esperança de se encontrar com Malet a sós foi anulada, quando Richard a acompanhou até a sala de estar. Sabine se viu dividida entre se ressentir de sua presença e ficar feliz com sua proteção silenciosa. Seus joelhos tremiam.

Malet não perdeu tempo com as preliminares. Ele saltou e apontou um dedo atarracado na direção dela.

— Onde está meu dinheiro? — explodiu. — Minha paciência acabou, *madame*. Onde está Philippe Lacorte?

Sabine se firmou com a mão nas costas de uma cadeira.

— Foi embora. — disse, simplesmente. — Saiu em um navio para Boston, esta manhã.

Fingindo uma frieza que certamente não sentia, ela olhou para Richard.

— Nós mesmos o vimos, não é, Lorde Lovell?

O rosto de Richard estava inescrutável e por um momento ela se perguntou se ele iria jogar junto com sua farsa, mas ele respondeu educadamente o suficiente. — Sim, de fato.

O bigode de Malet se eriçou de fúria. — E meu dinheiro?

— Lacorte queimou. — disse ela.

O rosto de Malet ficou manchado de um vermelho impróprio.

— O que?

— Ele queimou. — Sabine repetiu triunfante. — Três semanas atrás. Em uma fogueira no *Bois de Vincennes*. Eu o ajudei a fazer isso.

Pelo canto do olho, ela viu as sobrancelhas de Richard se erguerem, mas Malet saltou para frente. — Não acredito nisso! Diga-me onde está! — ele berrou.

Richard o pegou pelo colarinho, antes que ele pudesse tocar em Sabine.

— Espero que não esteja pensando em agredir minha noiva, general. — sua voz era suave, mas Malet não perdeu o fio de aço nela.

— Noiva? — balbuciou.

O sorriso de Richard foi puro triunfo. — Oh sim, é um dos primeiros a saber, na verdade. — lançou a Sabine um olhar de adoração. — A senhorita de la Tour aceitou meu pedido. — deu tapinhas nas lapelas de Malet, enquanto o soltava e recuava. — Seja um bom homem e guarde isso por alguns dias, não? Ainda não contamos para a família.

Malet parecia perplexo. Ele abriu e fechou a boca algumas vezes, como um peixe recém pescado. — Desejo-lhe felicidades. — disse por fim.

— E eu espero... — Richard disse suavemente, movendo-se para ficar ao lado de Sabine e entrelaçando seus dedos nos dela, em uma demonstração externa de solidariedade. — Espero que pare de atormentar a Srta. De la Tour, com suas acusações tolas. Sabine não conhece Philippe Lacorte. Ou seu dinheiro. Não perturbará a paz dela novamente.

O rosto de Malet estava quase roxo agora, mas ele percebeu, claramente, que tinha sido contrariado.

— Como diz, — murmurou — Peço desculpas por ocupar seu tempo, senhorita de la Tour.

Ele se curvou rigidamente e saiu.

Sabine quase caiu de alívio. Não sabia se Malet tinha acreditado nela, sobre queimar o dinheiro ou não, mas não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso agora. E, pelo menos, Anton estava a salvo de sua ira.

Richard ainda estava segurando a mão dela. Ela puxou os dedos e se afastou. Ficar tão perto dele causava uma dor física.

— Gostaria que parasse de dizer a todos que sou sua esposa ou sua noiva — disse, irritada. — É ridículo.

O rosto de Richard era de granito. Ele gesticulou em direção à porta do salão.

— Na biblioteca, senhorita de la Tour. Ainda temos alguns negócios inacabados.

Sabine mordeu o lábio. Era hora de acertar as contas.

Ela cruzou o corredor e entrou na biblioteca e se lembrou de seu primeiro encontro. Realmente acontecera há apenas três semanas? Sentia-se como se tivesse vivido uma vida inteira, desde então.

Richard posicionou-se atrás de sua mesa, cada centímetro como o poderoso e autocrático Lorde Lovell, gesticulou para que ela tomasse o assento oposto. Pegou sua caneta-tinteiro.

O estômago de Sabine apertou em pânico. Onde estava o homem apaixonado e provocador, que fez amor com ela? Ela se sentia como uma colegial, puxada na frente do diretor, por alguma infração digna de expulsão.

O olhar de Richard pegou o dela, que não conseguia desviar.

— Posso lembrá-la de nosso trato, senhorita de la Tour? — disse suavemente. — Concordou em trabalhar para mim por um mês inteiro, em troca de dez mil libras. E, no entanto, aqui estamos, com dez dias ainda pela frente, e você parece estar renegando o negócio.

Sua expressão era educada, ilegível. Era um estranho frio. Sabine mordeu o lábio e baixou o olhar.

— Sinto muito. — disse, aliviada por sua voz não ter vacilado. — Mas eu decidi perder o dinheiro e terminar o acordo agora. Atingiu seu objetivo, que era prender os conspiradores ingleses. Se me der licença... — começou a se levantar, mas as palavras seguintes a impediram.

— Não vou te desculpar. — disse ele secamente. — Concordou em revelar a localização de sua fortuna falsa antes de partir.

O coração de Sabine encolheu em seu peito. Então era isso que ele queria. Não se importou com ela indo embora. Só queria garantir que ela não causasse estragos no país, com suas falsificações. Sua falta de fé nela fez seu peito doer. Certamente ele sabia que ela nunca faria tal coisa.

Fechou os olhos. Não havia nada a fazer; era hora de ser completamente honesta.

CAPÍTULO 60

— Tudo bem. Vou te dizer a verdade absoluta.

— Isso seria uma mudança revigorante. — disse ele, com um sarcasmo lancinante.

Isso doeu. Deu-lhe seu corpo, seu coração, sua alma, mas ele ainda não confiava nela. Não que pudesse culpá-lo, é claro. Não tinha feito nada além de mentir para ele por semanas. Respirou fundo.

— Não existe fortuna falsa. Não está escondida em lugar nenhum. O que eu disse a Malet era verdade. Eu realmente queimei. No mesmo dia em que o roubei. Antes mesmo de vir para a Inglaterra.

Ela se atreveu a olhar para ele. Aqueles olhos âmbar queimaram dentro dela, como carvão em brasa, sentiu como se ele estivesse tentando ler sua alma.

Sabine apertou as mãos no colo, para evitar que tremessem. Nunca se sentiu tão vulnerável, tão exposta. Com a verdade revelada, não tinha nenhuma influência contra ele. Não havia ameaças ou promessas que ela pudesse fazer para manipulá-lo. Só podia confiar que ele não a machucaria. Ou aprisionaria

— Tudo foi um blefe. — disse. — Não há ameaça para a Grã-Bretanha. O único dinheiro falso que trouxe de Paris foram mil libras. Quinhentas foram roubados de Anton. Dos quinhentos restantes, dei metade a ele e você ficou com o resto.

Olhou por cima da mesa, relembrando aquele episódio em particular. Hampden também não estava totalmente inocente.

— Também guardei um conjunto de chapas de impressão britânicas, para a nota de dez libras que lhe dei, para ajudar a pegar Visconti.

Não que ele tivesse apreciado o gesto. Ela ergueu o queixo, recusando-se a se intimidar.

— Posso não ter ficado o mês todo, Lorde Lovell, mas me sacrifiquei mais do que o suficiente por você e por seu país.

Sua expressão não mostrou surpresa nem simpatia. Ele acreditava nela sobre destruir o dinheiro? Ou pensava que ela estava mentindo mais uma vez? Não sabia, mas parecia que não conseguia parar de falar, agora que tinha começado.

— Nunca lhe menti realmente. — para seu horror, percebeu que estava à beira das lágrimas. Enrolou os punhos, para que as unhas pressionassem as palmas das mãos. — Posso ter omitido certos fatos pertinentes, mas nunca menti abertamente.

— Espera meu agradecimento? — perguntou ele sarcasticamente.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Mas espero que me deixe ir. Nosso acordo acabou. Desejo voltar para a França.

A caneta tamborilou na mesa.

— Não gostou do colar que lhe comprei?

Ela se acalmou. *Merde*. Então ele sabia disso, não é? Engoliu o nó na garganta.

— Gostei. Muito bonito. Mas Anton precisava mais do dinheiro. Foi a única maneira que pude pensar de levantar algum capital para que ele não tivesse que gastar as falsificações. — parou miseravelmente.

As sobrancelhas de Hampden se ergueram.

— Suponho que nunca lhe ocorreu confiar em mim? Para, simplesmente, me pedir para ajudar seu amigo? — seu tom era leve, como se ele estivesse apenas curioso sobre a resposta dela.

— Poderia ter prendido Anton por traição. Não poderia correr o risco. Ele é meu amigo mais antigo. Salvou minha vida.

Richard assentiu, mas não negou a acusação. Seus longos dedos giraram a caneta várias vezes.

— Tenho uma oferta para você. Uma proposta, se quiser.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Castlereagh quer que fique. O Banco da Inglaterra lançou um inquérito, com o objetivo de encontrar um design "inimitável" para suas notas e eles querem que os ajude a projetá-lo. Quem melhor do que um falsificador, para inventar novas maneiras de impedir a falsificação? Conhece todos os truques, todos os processos.

A cabeça de Sabine girou em descrença. De todas as coisas que ela esperava, não era isso.

Richard pareceu perceber que ela não conseguia formular uma resposta, porque ele continuou. — Seria um crime esbanjar seus talentos extraordinários. Querem oferecer-lhe o cargo de gravador oficial do Banco da Inglaterra. Com sede aqui em Londres.

Milhares de possibilidades passaram por seu cérebro. Oh, ficou tão tentada a aceitar! Ser capaz de usar suas habilidades, sem medo de ser presa, para ganhar a segurança e a estabilidade que desejou por toda a vida, seria um sonho se tornando realidade. Poderia voltar a fazer parte de uma equipe, fazendo algo útil, para levar criminosos como Visconti à justiça.

Mas aceitar o emprego significaria ficar perto de Richard, e isso só poderia levar a um desgosto. Amava-o. Ser relegada a nada mais do que um colega de trabalho seria uma tortura. E a ideia de vê-lo tomar outra amante ou se casar com alguma herdeira adequada da sociedade no futuro, seria além de terrível.

Richard esperava pacientemente a resposta dela. Ela engoliu o aperto quente em sua garganta. — Com pesar, devo recusar.

Ele deu de ombros, como se a recusa dela não significasse mais para ele do que Hodges dizendo que eles estavam sem vinho.

— Tudo bem. Eu prometi fazer a oferta. — disse levemente. — Não achei que aceitaria.

Decepção e miséria se entrelaçaram em seu peito. Não se importava nem um pouco com ela? Começou a se levantar.

— Mais uma coisa, senhorita de la Tour. — disse casualmente. — Antes de sair, gostaria de sua opinião profissional sobre isso...

Enfiou a mão no casaco e tirou a mesma licença especial que havia mostrado ao capitão do navio. Deslizou-o pela mesa e ela o pegou automaticamente.

— Isso lhe parece falso?

Sabine franziu a testa e se curvou para estudar o pergaminho:

“Charles, pela Divina Providência, Arcebispo de Canterbury, Primaz de toda a Inglaterra e Metropolita, pela Autoridade do Parlamento legalmente autorizada para os propósitos dentro da escrita: Para nosso bem-amado em Cristo, Richard Frederick Montague Hampden da Paróquia de Saint Andrew no Condado de Dorset, solteiro, 32, e Sabine de la Tour, de Paris, solteira, 24, graça e saúde. CONSIDERANDO QUE resolveram proceder à solenização do verdadeiro e legítimo Matrimônio...

Um selo fiscal índigo de dez xelins adornava o canto superior esquerdo e o selo impresso do arcebispo estava fechado em uma dobra de papel na parte inferior.

Ela balançou a cabeça. — Omitiu meus nomes do meio.

— Eu não os conheço. — ele disse suavemente.

Seu temperamento aumentou. — Como pode fingir que está se casando com alguém, quando nem mesmo sabe o nome completo? São Marie Louise, se quer saber.

Seus lábios se contraíram. — Terei isso em mente, na próxima vez que tentar falsificar sua assinatura. O que eu fiz. — acrescentou, apontando para o verso da página. Ali.

Sabine virou o papel e seus olhos se arregalaram em choque. Vários exemplos de seu próprio nome adornavam o reverso, ao lado de seu próprio rabisco confiante.

Sabine se afastou da mesa e se dirigiu para a porta. Estava farta de suas provocações. Richard contornou a mesa em duas passadas largas, segurou-a pelo cotovelo e girou-a de costas para encará-lo. Ela tentou afastá-lo com uma mão, mas a parte de trás de suas pernas bateu contra uma das poltronas e impediu sua retirada.

Ele aproveitou a vantagem imediatamente, chegando mais perto, prendendo-a com seu corpo. — Disse ao seu amigo que me amava — ele desafiou beligerantemente. — No navio.

Seu rosto esquentou. — Eu não! Disse que me deixa louca. E essa era uma conversa particular. Não deveria estar ouvindo!

— Ele perguntou se me amava, não negou.

Ela não poderia responder sem perjurar a si mesma, então apertou os lábios em uma linha teimosa.

Seus dedos se apertaram em seu braço e ele deu outro passo, deliberadamente apertando-a, de forma que eles estivessem quase nariz com nariz. Ela podia sentir o calor dele através dos poucos centímetros que os separavam e sua pulsação disparou em resposta. Ela amaldiçoou o fato de que seu corpo se contraiu em consciência, apesar de sua raiva.

— Me ama. — acusou ele baixinho.

Ela olhou para sua gravata, perfeitamente amarrada.

— Isso nada tem a ver com a situação em questão.

— Tem tudo a ver. — segurou o queixo dela e ergueu seu rosto. — Quando eu também te amo.

Esperança e desespero rodaram dentro dela. Mal conseguia respirar.

— Não quis dizer isso. Sério. Sou uma pessoa terrível. Sou como dinheiro falso. Não posso ser confiável. Philippe Lacorte nem existe.

O calor em seus olhos fez seu estômago revirar.

— Não me importo qual é o seu maldito nome. É a mulher que amo.

Ela gesticulou para o esplendor opulento ao redor deles, tentando fazê-lo entender como era impossível, essa coisa entre eles.

— Não pertenço a este mundo. Sou sua inferior social. E francesa.

— É metade francesa, assim como eu. — ele corrigiu calmamente. — E já tem a aprovação do Príncipe Regente. Ele estava inteiramente de acordo quando eu lhe disse que planejava torná-la minha viscondessa. E quando ele aprova, o resto da sociedade o segue. Eles podem ser enforcados se não o fizerem. Acha que me importa o que eles dizem? Irei me casar com quem eu achar conveniente. E essa é você, Sabine Marie Louise de la Tour. — Olhou-a profundamente. — Pertence ao meu mundo. — disse asperamente. — Assim como eu pertenço aonde quer que esteja. Vou morar onde quiser. Aqui em Londres, em Devon. Inferno, de volta a Paris. Não me importo, contanto que eu esteja com você.

— Não tenho dinheiro! — ela lamentou.

— Tem trezentas libras, com a venda desse colar de diamantes. — disse ele secamente.

— Dei metade para o Anton.

Seus lábios se curvaram. — Muito bem, vou aceitar cento e cinquenta libras como seu dote. — Seu polegar acariciou seu queixo, uma carícia hipnotizante, como uma pétala. — Querida, tenho dinheiro suficiente para nós dois. E se casar comigo, metade de tudo o que tenho vai se tornar seu de qualquer maneira.

Sua garganta se fechou com a expressão em seu rosto - feroz e terno ao mesmo tempo.

— Já possuí metade da minha alma. — ele sussurrou. — Parece justo que receba metade de todo o resto também. — a covinha reapareceu. — E talvez dar-lhe acesso a dinheiro de verdade refreie sua inclinação anormal de fazer o seu próprio.

Seu sorriso a aqueceu de dentro para fora.

— Não consigo imaginar outra pessoa como minha esposa. Mostre-me outra mulher que poderia fazer o que fez. Mostre-me uma mulher que eu possa admirar e respeitar tanto quanto você. Não há nenhuma.

Ela abriu a boca para discutir, mas ele a impediu com um dedo provocar sobre seus lábios.

— E não me diga que nunca vai se acostumar a assinar outro nome, porque nós dois sabemos que isso não é verdade. Já tem meu sobrenome reduzido a uma bela arte.

Ela bateu o pé em frustração.

— Richard! Não está ouvindo!

— Não. Não estou, — ele disse amavelmente — porque você está falando bobagem. — abaixou a cabeça para que seus lábios estivessem quase nos dela.

— Adoro o jeito que fala meu nome. Ree-shard. Diga sempre. Bem desse jeito.

Sabine agarrou suas saias para não se jogar em seus braços.

— Vou voltar para Paris — disse, trêmula.

— *Je t'aime*. — ele sussurrou contra sua boca.

— Oh, não. — ela respirou desesperadamente. A maneira como ele falava francês a fez se liquefazer por dentro.

Ele voltou para o inglês. — Não importa em que idioma eu falo. O significado é o mesmo. — deu um beijo em sua mandíbula e Sabine fechou os olhos, mal ousando confiar nas traiçoeiras sensações que se desenrolavam dentro dela. A felicidade fluía por ela como mel quente. — *Ti amo*. — murmurou. — Isso é italiano. — *Te amo*. Isso é espanhol. — suas mãos grandes embalaram o rosto dela. Outro beijo, mais perto de sua boca. — Eu te amo. — gemeu.. — Não consigo identificar o momento exato, mas em algum lugar, no meio de toda essa loucura, deixou de ser falso e começou a ser real.

Não tem nada a ver com meu cérebro e tudo a ver com o que está em meu peito.

— Seus pulmões? — acrescentou ela, prestativa, incapaz de resistir às provocações.

— Meu coração, desgraçado! — ele fez uma careta e inclinou a mandíbula dela para dar um beijo quente logo abaixo da orelha. Ela estremeceu. — Órgão inútil e desobediente que é. Meu coração te quer. Precisa de você. E já que precisa continuar batendo, só vai ter que se casar comigo. Isso é tudo que há para fazer. — a respiração dele aqueceu os lábios dela.

— Sabe como sou implacável quando se trata de buscar algo que quero.

Sabine sentiu que seu coração estava se partindo e se recuperando ao mesmo tempo. A exaltação e uma imprudência selvagem borbulharam dentro dela.

— Acho que se tornar a esposa de um visconde seria uma boa maneira de evitar um processo futuro...

Seus lábios a cortaram. Seus braços a envolveram e sua boca saqueou a dela, exigindo e persuadindo uma resposta, acendendo a necessidade que vinha crescendo entre eles por vários dias. Sabine nem pensou em negá-lo. Todo o corpo dela se ergueu para encontrar o dele, cada tendão doendo para ficar mais perto. A urgência substituiu o langor. Seus lábios formaram os dela e sua língua sondou sua boca, avançando e recuando em um ritmo desesperado, que fez seu sangue esquentar em um instante.

— Diga que sim. — disse ele ofegante, abaixando-se na cadeira e puxando-a para que ela o montasse, em uma confusão de saias farfalhantes. — Diga que vai se casar comigo.

Sabine pegou seu lábio inferior com os dentes e ofegou quando as mãos dele deslizaram por suas costas e deslizaram por baixo de suas saias. Ele segurou seu traseiro e arqueou seus quadris, trazendo-a em contato total e desavergonhado com sua excitação, através de suas calças. Ela revirou os quadris, esfregando-se nele. Ambos gemeram.

Ela passou os dedos pelo cabelo dele e puxou sua cabeça para trás, lutando para se controlar, quando tudo o que ela queria fazer era se render.

— Suas regras para as mulheres de cama precisam mudar. — ela respirou ofegante quando os dedos perversos dele deslizaram por suas coxas.

— Como assim?

Ela mal conseguia falar - ele havia encontrado seu núcleo. Ele brincou e deslizou. — Sem esposas e sem virgens, disse.

— Deixe-me corrigir isso — ele disse. E se atrapalhou com os botões de suas calças, a impaciência roubando-o de sua graça usual. Ele saltou livre, quente e sedoso e duro entre suas coxas, e Sabine se abaixou e o rodeou com os dedos, surpresa com sua própria ousadia. Ele se sentiu maravilhoso.

Uma contradição intrigante de duro e macio ao mesmo tempo. Ela deu um golpe experimental e ele assobiou entre os dentes.

— Deus, isso é bom.

Um lampejo de prazer exultante a aqueceu. Ela fez isso com ele. Ela o fez queimar, perder o controle. — Estava dizendo? — ela incitou maldosamente.

Ele fechou a mão em torno da dela e se guiou até a entrada de seu corpo. Sabine estava tonta, ofegante de antecipação.

— Nada de virgens. — ele prometeu com veemência. — Sem amantes. — apertou-se contra ela. — E apenas uma esposa; minha. — ele rosnou. — Você, Sabine. Só você.

Seus olhos encontraram os dela e Sabine leu a verdade neles, a sinceridade. A adoração.

Ela segurou seus ombros, deleitando-se com a força muscular sob sua jaqueta.

— Então sim. — ela respirou em uma risada irregular. — Sim.

Seus olhos se fecharam em alívio, mesmo quando ele pegou seus quadris e a trouxe para baixo em seu corpo, em um deslizamento lento e delicioso. Sabine ofegou com a sensação dele pressionando-a, a sensação de pertencer, de se encaixar perfeitamente. Suas saias se estufaram ao redor deles, e o conhecimento de que estavam tão intimamente unidos, sob a formalidade de suas roupas, só aumentou o picante do momento. Ela se levantou de joelhos e então se abaixou, puxando outra maldição abafada dele.

Ele puxou a frente de seu vestido e libertou seus seios, então rolou seus quadris e afundou profundamente nela novamente. E de novo.

Sabine fechou os olhos em feliz rendição e jogou a cabeça para trás. Os grampos em seu cabelo perderam a batalha pelo controle e as pesadas mechas caíram sobre seus ombros. Richard o puxou para frente e enterrou o nariz nele, sua língua encontrando seu mamilo pontudo infalivelmente através da massa sedosa.

— Eu adoro seu gosto. — ele gemeu. — Tinta e limões.

Ele parecia decidido a extrair sua resposta. Suas unhas se cravaram nos músculos agrupados de seus braços enquanto ele se balançava sob ela, em um ritmo tentador, projetado para deixá-la louca. Quando ela ofegante disse seu nome, ele riu sombriamente contra sua pele e pegou sua cabeça em suas mãos, puxando-a para um beijo voraz.

— Sempre. — murmurou ele contra os lábios dela. Sua língua sondou sua boca em uma imitação perfeita da maneira como ele dirigia em seu corpo. O prazer brilhou através dela com cada golpe profundo e possessivo.

Ela era sua. Ele era dela.

Estava certo.

— Venha para mim. — ele disse ofegante. Sua mão deslizou entre eles e Sabine sentiu que se afastava em espiral. Ela prendeu a respiração, enquanto a pressão aumentava cada vez mais, e então, com um grito abafado, ela se lançou sobre a borda. Batidas de prazer irradiaram por ela, infinitas e infinitamente satisfatórias.

Richard gemeu quando se juntou a ela no pico e ela pressionou o rosto em seu ombro, amando a sensação de seu corpo poderoso estremecendo sob ela em liberação. Desabou contra ele, deliciosamente cansada, seu coração palpitando com uma alegria que mal podia conter.

Depois de alguns momentos sem fôlego, ela ergueu a cabeça.

— Ai, meu Deus, os servos! — proferiu em um sussurro escandalizado.
— Nem trancou a porta!

Richard deu um sorriso sonolento.

— Está se enganando se pensa que não sabem exatamente o que temos feito. — disse ele. — Nada acontece nesta casa, sem que Hodges saiba.

Seu rosto se inundou de calor, enquanto ela lutava para se desvencilhar de seu colo. Ele riu.

— Não me surpreenderia se eles já estivessem apostando na data de nascimento do nosso primeiro filho.

— Oh, Deus. — ela gemeu novamente, então se acalmou, metade dentro, metade fora de seu colo. — Realmente quer isso? Crianças? Um futuro? Comigo?

Ele encostou a testa na dela e beijou-lhe a ponta do nariz.

— Sim. Realmente quero.

Sabine encostou em seu ombro, com um suspiro. Seus olhos pousaram na pintura da parede oposta. Era apenas sua imaginação ou Saskia estava com uma expressão satisfeita, parabenizando? Richard não era pintor, é claro. Mas se fosse, ela de repente soube que a pintura do jeito que Rembrandt pintou Saskia: linda em suas imperfeições, com amor em cada pincelada. Suspirou novamente de felicidade.

Richard acariciou seus cabelos.

— Vamos, levante-se. Coisas para fazer. Temos o baile do príncipe esta noite.

Sabine gemeu. Ela deveria ter partido muito antes disso. Exceto que agora o mundo inteiro era diferente. Poderia enfrentar isso com Richard ao seu lado.

Ela a ajudou a se levantar — suas pernas ainda estavam decididamente bambas — e levou a mão dela aos lábios.

— Sabe, se não quer um grande casamento em St. George, podemos ir e nos casar hoje. Eu tenho essa licença especial.

Seus olhos encontraram os dela e seu coração inchou com a pequena sugestão de incerteza que ela encontrou em seu olhar.

— O baile do príncipe pode ser seu primeiro baile oficial como Lady Lovell. — ele persuadiu.

Ela apertou os dedos nos dele.

— Sim — disse ela com voz dolorida. — Sim, por favor.

Ele a puxou para seus braços.

— É melhor eu voltar para Rundell, Bridge & Rundell e dizer a eles que mudou de ideia sobre aquele colar.

Sabine sorriu contra seu peito.

— Por favor, faça. Prometo que nunca vou vendê-lo novamente.

Algumas horas depois, Richard abriu a porta de comunicação e a chamou para seu quarto. Sabine reprimiu um suspiro melancólico, ao vê-lo em seu traje de noite. O preto austero de sua jaqueta e camisa branca como a neve o faziam parecer completamente delicioso. Ela ainda não conseguia acreditar que realmente se casou com o homem esta tarde.

Seus olhos se demoraram avidamente em sua figura, enquanto ele observava o vestido que Heloise encomendara da Sra. Triaud e da Sra. Bean, as mesmas costureiras que trabalharam no enxoval da Princesa Charlotte.

Ela sabia que estava bonita: brilhava como fogos de artifício. Uma rede lamê prateada brilhava sobre uma combinação fina, e todo o vestido tinha sido bordado com centenas de minúsculos campanários tridimensionais, feitos de arame, cobertos de seda e decorados com fios de prata.

Richard estendeu uma caixa plana de veludo familiar.

— Espero que mantenha isso um pouco mais do que da última vez. — ele murmurou suavemente. Prendeu os diamantes ao redor de seu pescoço e deu um beijo na cavidade de sua nuca. — Minha linda esposa.

Sabine abriu a boca para agradecê-lo, mas ele a puxou pela porta e para dentro de seu quarto. O fogo estava queimando na lareira, mas seus olhos foram imediatamente para a bolsa de couro ao lado dele. Seus olhos se arregalaram. Esse dinheiro é meu? — ela perguntou com veemência.

Ele abriu a sacola e tirou um punhado de falsificações.

— Nosso dinheiro. — ele emendou com uma risada. — Metade de tudo que possui agora é meu, lembra? — Pressionou o papel na mão dela e gesticulou para o fogo.

— Prossiga. Jogue isso.

Sabine suspirou profundamente.

— Ah, se eu preciso.

Jogou o pacote nas chamas e sentiu como se sua alma estivesse voando pela chaminé, com as cinzas. Uma leveza se instalou sobre ela, um grande peso tirado de seus ombros. O passado estava acabado. Era hora do futuro.

— *Adieu*, Philippe Lacorte. — sussurrou baixinho.

Richard ficou atrás dela e a envolveu em seus braços e beijou seu ombro nu.

— *Bonjour*, Sabine Hampden.

Ela olhou para ele com um sorriso.

— *Bonjour*.



Galerie Carnaud, Rue du Pélican, Paris

— Por que estamos em um porão parisiense empoeirado? — Richard questionou. Abaixou a cabeça para evitar uma grande teia de aranha e olhou ao redor da sombria sala abobadada.

Sua esposa, há precisamente dez dias, deu-lhe um olhar de repreensão por cima do ombro.

— Eu te disse. Para recuperar o legado do meu pai.

Colocou uma sacola de ferramentas em uma mesa empoeirada e ergueu a lanterna. Richard fez o mesmo, e o brilho combinado iluminou a parede posterior da sala subterrânea. Ele ergueu as sobranceiras. Toda a parede estava coberta por um enorme mural, pintado diretamente no gesso: uma grande massa se contorcendo de soldados e cavalos, no meio de uma batalha campal.

Ele franziu a testa.

— Seu pai pintou? Por que ele o fez aqui?

Sabine deu-lhe um sorriso malicioso.

— Não. Eu pinte. É inspirado em uma pintura perdida de Da Vinci chamada A Batalha de Anghiari.

— Mas...

Ela escolheu um martelo de aparência pesada e se aproximou da parede, e ele foi momentaneamente distraído pelo balanço de seus quadris, enquanto ela se movia. Ele achava que nunca se cansaria de observá-la.

— Sabe que gosto de ter um plano reserva. — ela fez a observação. — E como gosto de esconder as coisas à vista de todos. — Ela apontou para um soldado, no alto, no canto superior direito. Ele segurava no alto uma bandeira verde com as palavras *Cerca Trova*.

— *Quem procura, acha*. — Richard traduziu.

— Exatamente. — ergueu a marreta e desferiu um golpe direto na parede.

Richard ofegou em choque.

— Sua louca! O que está fazendo? — estendeu a mão e tentou agarrar o braço dela, mas ela o afastou, rindo, e deu outro golpe no gesso.

— Confie em mim, Richard. Só olha.

A parede desmoronou. Para seu espanto, a cabeça do martelo entrou direto, deixando um buraco enorme.

— Não é tijolo maciço — disse ela, dando outro golpe.

— Apenas gesso e moldura de madeira. A parede de verdade fica cerca de sessenta centímetros mais para trás.

Richard estreitou os olhos. — Uma parede falsa? Muito sorrateiro.

— Ora, obrigada.

Ele tirou o martelo das mãos dela.

— Deixe-me fazer isso. — Ele ampliou o buraco para que tivesse pelo menos alguns metros de largura, revelando um buraco escuro atrás. Sabine empurrou a lanterna e ele se inclinou para frente, intrigado. A borda dourada empoeirada de uma moldura refletiu a luz. Logo surgiu o canto de uma lona pintada - drapeado vermelho e um par de mãos dobradas.

Sabine ergueu a lanterna mais alto e soltou um grito de alegria. — Eles ainda estão aqui!

Richard respirou fundo. Pelo menos trinta ou quarenta pinturas penduradas em pregos na parede real ou repousadas no chão, empilhadas em três camadas.

—O que é tudo isso?

Sabine olhou para ele.

— Eu te disse que meu pai trabalhava no Louvre, não disse? Bem, sempre que sabiam que uma obra de arte enviada para restauração, havia sido roubada, ele ou Jacques a copiavam. Os olhos dela brilharam. — Eles entregavam a cópia e escondiam o original, esperando o dia em que pudesse ser devolvida ao seu legítimo dono.

— Meu Deus.

Seu rosto ficou triste. — Mas papai morreu antes que pudesse completar sua tarefa. Jacques e eu escondemos as obras de arte e eu pintei o mural como uma distração, caso alguém descesse aqui. — enfiou a mão no vazio e retirou um pequeno embrulho quadrado. — Ah, e aqui está o livro.

O pano revelou um diário com capa de couro. Ela abriu com um sorriso agrídoce.

— A letra do meu pai. — sussurrou reverentemente. — Ele arriscou prisão e até morte para manter esses registros. — ergueu os olhos, brilhando com lágrimas não derramadas. — Esta é uma lista dos proprietários originais. Aristocratas que as tiveram confiscadas ou foram forçados a vendê-las por uma ninharia. Era o desejo de meu pai devolver sua propriedade após a guerra. Vai me ajudar a terminar o que ele começou?

Richard se inclinou para frente e deu um beijo carinhoso em seus lábios. — É claro.

Depois de um momento sem fôlego, Sabine se afastou e direcionou sua luz para um dos retratos mais próximos.

— Na verdade, não precisamos devolver todas essas pinturas. Algumas delas pertencem a mim.

Richard, de repente, reconheceu a mulher na pintura. Ela tinha os mesmos olhos brilhantes, a mesma beleza vívida da mulher de pé, ao lado dele. Esse mesmo rosto havia disfarçado as chapas de impressão de Sabine em Londres.

— É sua mãe?

Ela assentiu com orgulho. — Sim. E aquele — ela iluminou o retrato adjacente — é meu pai. Eles foram pintados por meu avô, Maurice de la Tour. Anton e eu os roubamos de minha antiga casa, quando ela foi dada a um dos

homens de Napoleão.

Ela ergueu o queixo daquela maneira desafiadora e impenitente que ele tanto amava.

— Não parecem estar sorrindo? Acho que é porque, finalmente, estão orgulhosos de mim.

Richard riu e a puxou para seus braços.

— Sim. — Concordou suavemente. — Também acho.

FIM.



9786580754441

[Compre aqui](#)

Um mestre espião e uma bela ladra encontram o amor e a intriga nos braços um do outro...

Forçada a fazer a vontade de um ministro corrupto do governo, Marianne de Bonnard concorda em plantar provas incriminatórias nos escritórios do mais notório espião da França. Sob a capa da noite, a ladra que caminha na corda bamba faz bom uso de suas habilidades - até que sua acrobacia aérea é frustrada quando seu alvo aparece na janela e, com uma postura inabalável, ajuda Marianne a sair do arame e entrar em seu covil. Os tremores que atravessam seu corpo não são apenas de medo; há um frisson indesejável de desejo também. Mas será por causa de seu anfitrião elegante, maliciosamente bonito... ou por sua proposta?

Nicolas Valette tem planos para sua graciosa invasora desde que testemunhou suas habilidades únicas no Cirque Olympique. Sinuosa como uma gata, Marianne é perfeita para sua próxima missão, mas ela recusa sua generosa oferta por medo de desobedecer ao atormentador de sua família. Quando seus inimigos mútuos leiloam sua virgindade ao maior lance, Nicolas pula na chance de comprar sua cooperação. Mantê-la será como tentar domesticar um animal selvagem, mas o que é a vida sem um pouco de risco? Além disso, Nicolas e Marianne querem a mesma coisa: vingança - e, talvez, algo mais que seja igualmente delicioso.

[Compre aqui](#)



9786580754731

[Compre aqui](#)

Quando uma estudiosa decifradora de códigos e um espião ardente se reúnem neste romance histórico escaldante da autora de Para Roubar um Coração, suas vidas dependem de sua capacidade de resistir à tentação. Mas o destino é um amante que não pode ser negado...

Inglaterra, 1815.

Na guerra contra a França, Heloise Hampden é um bem de alto valor para a Coroa. Quando ela rompe a mais recente comunicação do inimigo, agentes franceses são enviados para silenciá-la. Mas é o agente designado para proteger Heloise que representa a maior ameaça ao seu coração: William de l'Isle, Visconde Ravenwood. Heloise vem brigando com o homem que chamam de Raven desde a infância, mas sempre mantendo uma distância casta. Ela tem certeza de que isso não mudará, graças à cicatriz que desfigura seu rosto.

Nada mudou. Raven ainda se pergunta como o corpo delgado da megera Hampden se sentiria pressionado contra o dele, mas, para a missão, terá que se lembrar de que a mulher tem mais prazer em línguas antigas do que em sedução.

Sua prisão há seis anos o quebrou de uma forma que torna impossível a perspectiva do amor - é um Hades sombrio que está ansioso por uma Persefone beijada pelo sol. Ainda assim, seu coração bate como louco sempre que está a dez passos de Heloise, e fará o que for preciso para mantê-la a salvo - mesmo que isso signifique levá-la para a Espanha como uma refém relutante.

Protegê-la do perigo será um desafio; protegê-la do seu desejo será pura agonia.

[Compre aqui](#)

SOBRE A AUTORA



Kate Bateman / K.C. Bateman, é a autora best-seller número 1 de romances históricos da Regência e Renascença, incluindo a série Segredos & Espiões e a série Bow Street Bachelors. Seus livros receberam várias resenhas e estrelas do Publishers Weekly e Library Journal, e apresentam heroínas inteligentes e combativas (duronas em corpetes!), brincalhonas maliciosamente inapropriadas, e heróis que queremos estrangular e beijar. Sua brincadeira renascentista O Diabo para Pagar foi indicado ao RITA em 2019.

Quando não escreve, Kate leva uma vida dupla como avaliadora de belas artes e especialista em antiguidades na tela de vários programas de TV no Reino Unido. Ela vive atualmente em Illinois, EUA, com seu marido, amante de números, e três filhos incansáveis, e volta regularmente para sua Inglaterra natal "para pesquisa". Kate adora ouvir os leitores. Entre em contato com ela através de seu website: www.kcbateman.com e inscreva-se para receber regularmente atualizações sobre novos lançamentos, brindes e trechos exclusivos.



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books@](mailto:Leabhar Books@)